

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO
O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME



**UNIDOS
SOMOS UM**

**PITTACUS
LORE**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UNIDOS SOMOS UM

OS LEGADOS DE LORIEN

LIVRO SETE

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2016 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

United as One

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Taís Monteiro

Beatriz D'Oliveira

ARTE DE CAPA

Craig Shields

DESIGN DE CAPA

Ray Shappell

FOTO DO AUTOR

© Howard Huang

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira/Equatorium Design

REVISÃO DE EPUB

Roberta Clapp

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-00816

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Aviso](#)

[Introdução](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

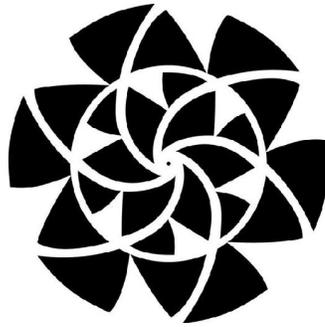
[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Um ano depois](#)

[Sobre o autor](#)



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.
NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS LORIENOS, QUE CONTINUAM
ESCONDIDOS.
OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.
E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

A GAROTA ESTÁ diante de um precipício rochoso, os dedos dos pés curvados sobre a beirada. Um abismo escuro se abre à frente, e alguns seixos rolam sob seus pés e caem, desaparecendo lá no fundo, em meio às sombras.

Antes havia algo ali, uma torre, ou talvez um templo — a garota não lembra exatamente o quê. Ela olha para o buraco sem fundo e, de alguma forma, sabe que aquele lugar um dia já foi importante. Um lugar seguro.

Um santuário.

Ela quer se afastar do declive íngreme. É perigoso ficar ali, de frente para o nada. Ainda assim, não consegue se mover. Seus pés estão grudados no chão. Ela sente o solo rochoso cedendo e ruindo. O buraco está aumentando. Em pouco tempo, a beirada onde se equilibra vai desmoronar e ela cairá, engolida pela escuridão.

Seria mesmo algo ruim?

Sua cabeça dói. É uma dor distante, quase como se fosse em outra pessoa. Começa como um latejar fraco na testa, passa pelas têmporas e desce em direção à mandíbula. A menina imagina o crânio como um ovo rachando, as fissuras na casca se espalhando por toda a superfície. Esfrega o rosto e tenta se concentrar.

Ela se lembra vagamente de ter sido jogada no terreno rochoso. Várias e várias vezes, balançada pelo tornozelo por uma força poderosa demais para ser repelida, a cabeça se chocando com brutalidade contra as rochas implacáveis. Mas é como se tivesse acontecido com outra pessoa. A lembrança, assim como a dor, parece distante.

Na escuridão, há paz. Ela não terá que se lembrar da surra que levou ou da dor que se seguiu, ou do que foi perdido

quando aquele buraco sem fundo se escancarou na terra. Vai poder deixar tudo para trás de uma vez por todas. Basta permitir que seus pés deslizem e a façam cair.

Algo a impede. Uma certeza, bem lá no fundo, de que não deve fugir da dor, mas encará-la. Precisa continuar lutando.

Ela vê um clarão azul-cobalto, uma faísca solitária de luz. Seu coração dispara, e logo ela se lembra do que lutou para proteger e por que está tão ferida. A luz no início é só um pontinho, como se fosse uma estrela solitária no céu noturno. Mas logo o brilho se expande e se amplia, um cometa indo bem na direção da garota, que vacila à beira do abismo.

Logo ele flutua diante dela, brilhando como da última vez que o viu. O cabelo preto encaracolado é uma bagunça perfeita, os olhos verde-esmeralda estão fixos nela. O rapaz está exatamente como ela recorda. Ele sorri daquele jeito despreocupado e estende a mão.

— Está tudo bem, Marina. Você não precisa mais lutar.

Os músculos dela relaxam ao som da voz dele. O abismo que se estende abaixo já não parece tão ameaçador. Ela deixa um pé pender para a frente. A dor em sua cabeça parece ainda mais fraca. Mais distante.

— Isso — diz ele. — Venha para casa comigo.

Ela quase aceita sua mão. Mas algo está errado. Ela desvia o olhar dos olhos dele, do sorriso, e vê a cicatriz. Uma faixa grossa e inchada de pele arroxeadada que envolve o pescoço dele. Ela retrai o braço e quase cai.

— Isto não é real! — grita ela, encontrando sua voz.

A garota firma os pés no solo rochoso e se afasta.

Ela vê o sorriso do rapaz de cabelo encaracolado vacilar, transformando-se em algo maldoso e cruel, uma expressão

que nunca vira no rosto dele.

— Se não é real, por que você não acorda? — pergunta ele.

Ela não sabe. Está presa ali, naquele lugar de transição, com o garoto de cabelo escuro — mas a pessoa à sua frente não é a mesma que Marina amou um dia. É o homem que a colocou ali, que a golpeou impiedosamente e destruiu aquele lugar que ela adorava. E agora está profanando suas lembranças. Ela o encara.

— Ah, mas eu vou acordar, seu desgraçado. E vou atrás de você.

Com os olhos brilhando, ele finge achar graça, mas ela vê que o rapaz está com raiva. O truque perverso não funcionou.

— Teria sido tão tranquilo, sua tola. Você poderia ter simplesmente deslizado para a escuridão. Eu estava lhe oferecendo misericórdia. — Ele começa a recuar para o abismo, deixando-a sozinha. Suas palavras flutuam na direção dela. — E tudo o que lhe aguarda é mais dor.

— Então, que seja — diz ela.



O garoto de um olho só está sentado em sua prisão de travesseiros. Ele se abraça, não por escolha; os braços estão presos em uma camisa de força. Entediado, fita as paredes brancas com seu único olho. Tudo é acolchoado e macio. Não há maçaneta na porta, muito menos uma maneira perceptível de escapar. Seu nariz coça, e ele enterra o rosto no ombro para esfregá-lo.

Quando ergue o olhar, há uma sombra na parede. Alguém está de pé atrás dele. O garoto caolho se encolhe quando

duas mãos enormes apertam ligeiramente seus ombros. A voz grave soa junto ao seu ouvido.

— Eu poderia perdoá-lo — diz o visitante. — Seus fracassos, sua insubordinação. De certa forma, foi tudo culpa minha. Eu não deveria ter enviado você até aquelas pessoas, para começo de conversa. Nem lhe pedido para se infiltrar no grupo deles. Seria natural que você desenvolvesse certas... afinidades.

— Adorado Líder — fala o garoto em um tom debochado, tentando se livrar da camisa de força que o prende. — Você veio me salvar.

— Isso mesmo — confirma o homem, como um pai orgulhoso, ignorando o tom sarcástico do rapaz. — Podemos voltar a ser como antes. Como sempre lhe prometi. Poderíamos governar juntos. Veja o que fizeram com você, como o tratam. Com o poder que você tem, deixar se trancar assim, como um animal...

— Eu caí no sono, não foi? — pergunta o caolho, sem emoção. — Isto é um sonho.

— Sim. Mas nossa reconciliação será muito real, meu rapaz. — As mãos fortes deixam os ombros do garoto. — Só quero uma coisinha em troca. Uma demonstração de lealdade. Basta me dizer onde os encontro. Onde encontro você. Meu povo... *nosso* povo... estará aí antes mesmo de você acordar. Eles vão libertá-lo e restaurar sua honra.

O garoto não dá atenção à proposta do homem. Ele sente a camisa de força afrouxar quando os fechos são abertos. Então se concentra e lembra que é um sonho.

— Você me jogou fora como se eu fosse lixo — diz o garoto. — Por que eu? Por que agora?

— Eu percebi que foi um erro — responde o homem, entredentes. É a primeira vez que o garoto o ouve se desculpar. — Você é minha mão direita. É forte.

O garoto bufa. Sabe que é uma mentira. O homem veio porque acha que o menino é fraco. Ele é manipulador. Procura fraquezas.

Mas tudo não passa de um sonho. O sonho do rapaz caolho. Isso significa que ele dita as regras.

— O que você me diz? — pergunta o homem, o hálito quente junto à orelha do menino. — Para onde o levaram?

— Eu não sei — responde o garoto, com honestidade. Ele não sabe onde fica aquela cela acolchoada. Os outros se certificaram de que ele não visse nada. — Quanto à... qual foi a palavra que você usou? Reconciliação? Tenho uma contraproposta, meu velho.

Ele imagina sua arma favorita, a lâmina em forma de agulha que se prende ao pulso, e logo ela se materializa. Ele a aciona, a ponta mortal perfurando o tecido da camisa de força, e gira para apunhalar o coração do homem.

Mas o homem já se foi. O garoto solta um grunhido amargurado, desapontado com a perda daquela satisfação. Aproveita para esticar os braços. Quando acordar, estará naquele mesmo lugar, só que seus braços ainda estarão presos. Ele não vê problema na cela acolchoada. É confortável, e não há ninguém por perto para incomodá-lo. Ele poderia ficar ali por um tempo. Pensar um pouco. Procurar se recompor.

Mas, quando estiver pronto, o garoto de um olho só vai se soltar.

É o início do inverno, e o rapaz atravessa um campo de futebol. A grama, marrom e quebradiça, estala sob os pés dele. À esquerda e à direita, as arquibancadas de metal estão vazias. O ar cheira a fogo, e uma rajada de vento sopra cinzas em seu rosto.

Ele olha para o placar à frente, no alto. As luzes alaranjadas piscam, como se a eletricidade estivesse falhando.

Atrás do placar, o garoto vê o colégio, ou pelo menos o que sobrou dele. O telhado desabou, atingido por um míssil. Todas as janelas estão quebradas. Há algumas carteiras destruídas mais à frente, arremessadas pela força que destruiu a escola, qualquer que tenha sido, os tampos plásticos encravados no chão como lápides.

Ele a vê no horizonte, pairando sobre a cidade. A nave de guerra. Um imenso escaravelho feito de metal cinza e frio à espreita.

O garoto sente apenas resignação. Tem algumas boas lembranças daquele lugar, daquela escola, daquela cidade. Foi palco de momentos felizes por um tempo, antes de tudo ir pelos ares. Já não se importa mais com o que acontecerá por ali.

Ele baixa os olhos e percebe que está segurando uma página arrancada de um anuário. A foto dela. Cabelo liso e louro, maçãs do rosto perfeitas, aqueles olhos azuis. Um sorriso que parece uma piada interna. Ele sente um nó no estômago ao se lembrar do que aconteceu.

— Não tem que ser assim.

O rapaz se vira ao ouvir a voz — melódica e tranquilizadora, não combina com aquele cenário devastado.

Um homem caminha pelo campo em sua direção. Está vestido de maneira despretensiosa, suéter, blazer marrom, calça cáqui e mocassins. Poderia ser um professor de matemática, não fosse o ar suntuoso em sua postura.

— Quem é você? — pergunta o garoto, alarmado.

O homem para a poucos metros de distância. Ele ergue as mãos, demonstrando que não quer problemas.

— É minha nave lá em cima — diz o homem, calmo.

O garoto cerra o punho. O homem não se parece com o monstro que ele viu de relance no México, mas ali, no sonho, sabe que a informação é verdadeira.

Então, ele corre. Quantas vezes correu naquele gramado em direção a um jogador do time adversário? A emoção de correr pela grama morta melhora o ânimo do garoto. Ele dá um soco no homem, com força, bem no queixo, e em seguida o acerta com o ombro.

O homem cai de costas no chão. O garoto está de pé junto a ele, o punho ainda fechado, a outra mão segurando a foto.

Ele não sabe o que fazer. Esperava uma luta mais intensa.

— Eu mereci — diz o homem, encarando o garoto com olhos cheios de lágrimas. — Sei o que aconteceu com sua amiga, e... sinto muito.

O garoto dá um passo para trás.

— Você... você a matou — dispara ele. — E agora diz que *sente muito*?

— Nunca foi minha intenção! — suplica o homem. — Não fui eu que a coloquei em perigo. Mas, mesmo assim, sinto muito que ela tenha se ferido.

— Ela está morta — sussurra o garoto. — Não está ferida. Está *morta*.

— O que você chama de morta e o que eu chamo de morta... são duas coisas muito diferentes.

A atenção do garoto foi capturada.

— Como assim?

— Toda essa maldade, toda essa dor só acontece se continuarmos lutando. Não é meu estilo. Não é o que eu quero. Já parou para pensar no que eu quero? Que pode não ser tão ruim assim?

O homem não havia tentado se levantar. O garoto se sente no controle. Ele gosta disso. E então nota que a grama está mudando. Está voltando à vida, o verde-esmeralda se espalhando a partir do homem. Na verdade, o garoto tem a impressão de que até o sol está brilhando um pouco mais forte.

— Quero que nossa vida, a de todos nós, melhore. Quero que deixemos para trás esses mal-entendidos mesquinhos — diz o homem. — Acima de tudo, sou um erudito. Passei a vida estudando os milagres do universo. Com certeza você já conhece fatos sobre mim. Mentiras, principalmente, mas é verdade que estou vivo há séculos. O que é a morte para um homem como eu? Apenas um inconveniente temporário.

Sem perceber, o rapaz começou a esfregar o papel entre seus dedos em um gesto nervoso. O polegar roça o queixo da menina. O homem sorri e acena para a página do anuário.

— Por que... por que eu confiaria em você? — pergunta o garoto de luto.

— Se pararmos de lutar, se me escutar um pouco, você vai ver — responde ele, parecendo sincero. — Nós teremos paz.

E você vai tê-la de volta.

— Tê-la de volta? — retruca o garoto, atordado, a esperança crescendo em seu peito.

— Posso reanimá-la — diz o homem. — O mesmo poder que trouxe sua amiga Ella de volta à vida agora é meu. Não quero mais lutar, meu jovem amigo. Deixe-me trazê-la de volta. Deixe-me mostrar a todos que eu mudei.

O garoto olha para a foto em sua mão e percebe que ela mudou. Está se movendo. A garota loura esmurra a fotografia como se estivesse presa lá dentro. O garoto lê seus lábios. Ela está pedindo socorro.

O homem estende a mão. Ele quer que o garoto o ajude a se levantar.

— O que me diz? Vamos pôr um fim a isso juntos?

CAPÍTULO

UM

ESTE QUARTO ME lembra os lugares em que Henri e eu ficávamos no começo. Hotéis velhos de beira de estrada que não mudaram nada desde os anos 1970. As paredes têm revestimento de madeira; o carpete é verde-oliva e felpudo; a cama é dura e cheia de mofo. Há uma cômoda com gavetas cheias de roupas para gêneros e tamanhos diferentes, todas genéricas e antiquadas. Não há tevê, só um rádio relógio antigo com aqueles números de papel que viram a cada minuto, sempre pontuado por um tique seco.

4:33. 4:34. 4:35.

E eu fico sentado na pousada Patience Creek, ouvindo o tempo passar.

Na parede em frente à cama há uma pintura que parece uma janela. Não há nenhuma janela de verdade, já que o quarto fica no subsolo, e imagino que os arquitetos fizeram o melhor que podiam. A paisagem na janela falsa é um dia claro e ensolarado, com uma grama verde e alta balançando ao vento, e o vulto de uma mulher a distância segura um chapéu na cabeça.

Eu não sei por que fizeram o quarto desse jeito. Talvez quisessem que passasse uma sensação de normalidade. Se foi isso mesmo, não está funcionando. O lugar parece ampliar toda emoção ruim que seria de se esperar quando se está sozinho em um hotel decadente como este — solidão, desespero, fracasso.

Eu já tenho tudo isso de sobra.

Mas há diferenças entre este quarto e uma espelunca de beira de estrada. O quadro na parede? Ele desliza para o lado, revelando uma série de monitores que transmitem imagens de toda a pousada, vindas das câmeras de segurança. Uma delas está apontada para a porta da cabana pitoresca que fica em cima desta espaçosa instalação subterrânea; outra mostra um prado que por acaso tem solo bem compactado e grama cuidada com perfeição, além de ter a exata dimensão para a aterrisagem de uma aeronave de tamanho médio; há, ainda, dezenas de outras câmeras instaladas por toda a propriedade e pelo subsolo. Aquele lugar foi construído por pessoas muito paranoicas preparadas para uma possível invasão, um cenário apocalíptico.

Queriam se proteger dos russos, não dos mogadorianos. Mesmo assim, acho que a paranoia valeu a pena.

Embaixo da modesta pousada quarenta quilômetros ao sul de Detroit, perto da margem do Lago Erie, ficam quatro níveis subterrâneos tão secretos que quase foram esquecidos. As instalações de Patience Creek foram construídas pela CIA durante a Guerra Fria para serem um lugar que oferecesse proteção contra um inverno nuclear. Acabaram ficando sem manutenção nos últimos vinte e cinco anos, e, de acordo com nossos anfitriões do governo dos Estados Unidos, todos os que sabiam sobre o local estão mortos ou aposentados, o que significa que a informação não foi vazada para o ProMog. Por sorte, quando as naves de guerra apareceram, um general chamado Clarence Lawson desistiu da aposentadoria e acabou se lembrando do esconderijo.

O presidente dos Estados Unidos e o que resta do Estado-Maior Conjunto não estão aqui, e sim em algum lugar protegido, provavelmente móvel, que não é divulgado nem mesmo para nós, alienígenas aliados. Um de seus assessores deve ter decidido que

não seria seguro deixá-lo conosco, então estamos com o general Lawson, que se reporta ao presidente. Em nossa conversa, o governante me disse que queria cooperar, que tínhamos todo o seu apoio contra Setrákus Ra.

Na verdade, ele disse um monte de coisas. Os detalhes estão confusos na minha memória. Eu estava em choque quando conversamos e não prestei muita atenção. Ele parecia legal. Sei lá.

Só quero acabar logo com isto.

Estou acordado desde... bem, não sei muito bem desde quando. Sei que deveria tentar dormir, mas toda vez que fecho os olhos vejo o rosto de Sarah. Vejo seu rosto no meu primeiro dia na Paradise High School, meio escondido atrás de uma câmera, e então sorrindo, depois de tirar minha foto. Em seguida, minha imaginação assume o controle e vejo aquele mesmo rosto pálido e sujo de sangue, sem vida, como deve estar agora. Não consigo evitar o pensamento. Abro os olhos e minha barriga se contrai de dor, e minha vontade é me encolher todo para controlar a agonia.

Então, só fico acordado. É como tem sido nas últimas horas, sozinho neste lugar estranho, tentando me cansar até o ponto em que dormirei como, bem... como um morto.

Treinar. É a única esperança que tenho.

Eu me sento na cama e me olho no espelho pendurado acima da cama. O cabelo está meio grande, e há círculos escuros ao redor dos olhos. Mas não importa. Fico me olhando...

E então desapareço.

Reapareço. Respiro fundo.

Fico invisível de novo. Desta vez, mantenho por mais tempo. Pelo máximo que consigo. Olho para o espaço vazio no espelho onde meu corpo deveria aparecer e ouço os números de papel no relógio virarem.

Com o Ximic, sou capaz de copiar qualquer Legado que já vi. É só uma questão de aprender a usá-lo, o que nunca é fácil, mesmo quando o Legado vem naturalmente. A cura de Marina, a invisibilidade de Seis, o olhar petrificante de Daniela — essas são as habilidades que escolhi até agora. Vou aprender mais, o máximo que puder. Vou treinar esses novos Legados até serem tão espontâneos para mim quanto o Lúmen. Então, vou repetir o processo.

Todo esse poder, e só um objetivo.

A destruição de todos os mogadorianos na Terra. Principalmente Setrákus Ra, se é que ainda está vivo. Seis acha que pode tê-lo matado no México, mas não vou acreditar nisso até os mogs se renderem ou eu ver o corpo. Parte de mim quase deseja que ele ainda esteja vivo, para que eu mesmo possa acabar com o miserável.

Final feliz? Está fora de cogitação. Eu fui idiota por um dia acreditar nisso.

Pittacus Lore, o último, aquele cujo corpo encontramos escondido no bunker de Malcolm Goode, também tinha o Ximic, mas não fez o bastante. Não impediu que os mogadorianos invadissem Lorien. E quando teve a chance de matar Setrákus Ra, séculos atrás, também não aproveitou.

A história não se repetirá.

Ouçõ passos no corredor, que param bem em frente ao meu quarto.

Mesmo que falem baixo e eu esteja do outro lado de uma porta de aço reforçado, com meus sentidos aprimorados escuto cada palavra que Daniela e Sam dizem.

— Talvez fosse melhor a gente deixá-lo descansar — sugere ela.

Não estou acostumado a ouvi-la falar em um tom tão gentil. Daniela costuma falar de um jeito meio abrasivo, meio empolgado. Em poucos dias, ela deixou sua antiga vida para trás e se juntou à nossa guerra. Só que ela não teve escolha, já que os mogs destruíram sua antiga vida.

Outra humana arrastada para nossa guerra.

— Você não o conhece. É impossível que ele esteja dormindo — responde Sam, a voz rouca.

Sentado naquele quarto bolorento, refletindo sobre o passado e os danos que causei, eu me pergunto: como seria a vida de Sam se Henri e eu tivéssemos escolhido ir para Cleveland ou Akron, ou para algum outro lugar, em vez de Paradise? Será que ele ainda teria conseguido seus Legados? Eu estaria muito pior, talvez até morto, sem ele. Isso é certo.

Mas Sarah ainda estaria viva se nunca tivéssemos nos conhecido.

— Hã, bem, não estou falando que ele está dormindo que nem pedra. O cara é um super-herói alienígena; até onde sei, ele dorme três horas por noite pendurado no teto — responde Daniela.

— Ele dorme do mesmo jeito que nós.

— Que seja. É que talvez ele precise de espaço, sabe? Para digerir tudo. Ele vai nos procurar quando estiver pronto. Quando estiver...

— Não. Ele gostaria de saber — interrompe Sam, e então bate de leve à minha porta.

Eu me levanto da cama num pulo para atender. Sam está certo a meu respeito, é claro. O que quer que esteja acontecendo, preciso saber. Quero que me distraiam. Quero um empurrãozinho.

Sam pisca quando a porta se abre e olha através de mim.

— John?

Levo um segundo para perceber que ainda estou invisível. Quando apareço do nada na frente deles, Daniela dá um passo para trás.

— Credo.

Sam parece indiferente. Seus olhos estão vermelhos. Ele parece cansado demais para ficar surpreso.

— Desculpa. Estava praticando invisibilidade.

— Os outros estão a cerca de dez minutos daqui — diz Sam. — Eu sei que você gostaria de estar lá quando pousarem.

Assinto e fecho a porta atrás de mim.

A ilusão de um hotel se desfaz assim que saio do quarto. O corredor adiante, que mais parece um túnel, tem paredes brancas austeras e luzes frias de halogênio. O local me lembra as instalações embaixo de Ashwood Estates, mas este lugar foi construído por humanos.

— Tenho um videocassete no meu quarto — comenta Daniela, tentando puxar assunto enquanto nós três atravessamos um dos vários corredores idênticos naquele complexo labiríntico.

Como nem Sam nem eu reagimos de imediato, ela insiste: — Vocês também têm videocassetes? Que louco, né? Eu não vejo um há anos.

Sam me olha antes de responder.

— Encontrei um Game Boy enfiado debaixo do colchão.

— Droga! Quer trocar?

— Está sem pilha.

— Deixa pra lá, então.

Ouçõ o zumbido distante de geradores, o barulho de ferramentas e os grunhidos de homens trabalhando. A única desvantagem de Patience Creek estar tão fora do radar é que vários dos seus equipamentos não foram atualizados. Por razões de

segurança, o general Lawson decidiu que devíamos operar com discrição aqui. Com tudo o que vem acontecendo, não é um bom momento para contratar funcionários civis. Ainda assim, deve haver quase cem engenheiros do exército trabalhando sem parar na modernização do local. Quando chegamos, na noite anterior, bem tarde, vi que o pai de Sam, Malcolm, já havia chegado e estava ajudando uma equipe de eletricitas a instalar alguns equipamentos mogadorianos recuperados de Ashwood Estates. Para o exército, Malcolm é basicamente um especialista em assuntos extraterrestres.

Sam e Daniela param de falar, e eu logo percebo que é por minha causa. Estou em silêncio, o olhar fixo à frente, e muito provavelmente com uma expressão vazia. Eles não sabem o que fazer.

— John, eu...

Sam coloca a mão no meu ombro, e deduzo que ele vai falar alguma coisa sobre Sarah. Sei que o que aconteceu também o deixou arrasado. Eles cresceram juntos. Mas não quero ter essa conversa agora. Não quero ceder ao luto até tudo acabar.

Forço um sorriso nem um pouco entusiasmado.

— Eles arrumaram alguma fita para ver no videocassete? — pergunto a Daniela, ansioso para mudar de assunto.

— *WrestleMania III* — responde ela, e faz uma careta.

— Maneiro! Vou passar lá mais tarde para pegar essa, Danny — diz Nove, surgindo de um dos muitos corredores, sorrindo.

De todos nós, Nove parece o mais descansado. Há mais ou menos vinte e quatro horas, ele e Cinco lutavam por toda a cidade de Nova York. Eu curei o grandalhão lá mesmo, e, ao que parece, seu poder sobre-humano fez o resto. Ele dá uns tapinhas firmes nas minhas costas e nas de Sam e se junta à nossa procissão. Nove

age como se nada tivesse acontecido, e, sinceramente, eu prefiro desse jeito.

Enquanto andamos, olho para o corredor de onde ele veio. Há quatro soldados armados até os dentes montando guarda.

— Tudo resolvido? — pergunto a Nove.

— Claro, Johnny — responde ele. — Eles têm umas celas muito doidas neste lugar, inclusive uma com paredes acolchoadas até o alto. Como o gorducho está trancado lá dentro e em uma camisa de força, não vai a lugar algum.

— Que bom — diz Sam.

Assinto. Cinco é um psicopata e deve ficar trancafiado. Mas, se eu precisar ser extremamente prático para vencer esta guerra, não sei por quanto tempo poderemos nos dar ao luxo de mantê-lo ali.

Dobramos uma esquina e avistamos os elevadores. Acima de nós, as luzes de halogênio zumbem alto, e vejo Sam apertar a ponte do nariz.

— Cara, sinto falta da sua cobertura, Nove — comenta ele. — Foi o único esconderijo que tivemos onde a iluminação era suave.

— É, eu também sinto falta — responde Nove, um tom de nostalgia em sua voz.

— Este lugar já está me dando enxaqueca. Devia ter uns dimmers aqui, para combinar com os videocassetes.

Ouve-se um crepitar de eletricidade vindo do teto, e uma das lâmpadas se apaga. A iluminação do corredor de repente fica muito mais tolerável. Todos, menos eu, olham para cima.

— Nossa, que sincronia estranha — diz Daniela.

— Mas está bem melhor, não é mesmo? — retruca Sam, com um suspiro.

Aperto o botão para chamar o elevador. Os outros se reúnem atrás de mim.

— Então, eles, hã... estão trazendo ela pra cá? — pergunta Nove, a voz baixa, da forma mais cuidadosa que consegue.

— Sim — respondo, pensando na nave lórica que está vindo para Patience Creek trazendo nossos amigos, aliados e meu amor perdido.

— Que bom — diz Nove, e depois tosse de leve. — Quer dizer, não é bom. Mas assim podemos, sabe, nos despedir.

— Nós entendemos, Nove — responde Sam, em tom gentil. — Ele sabe o que você quer dizer.

Faço que sim com a cabeça, ainda incapaz de fazer qualquer outro comentário. As portas do elevador se abrem diante de nós, e então as palavras começam a escapular.

— Esta é a última vez — falo, sem me virar para ver os outros. As palavras parecem gelo na minha boca. — Chega de dar adeus às pessoas que amamos. Chega de sentimentalismo. Chega de ficar de luto. De hoje em diante, mataremos até vencer.

CAPÍTULO

DOIS

OUÇO METAL RETORCIDO ranger acima de mim. Pedacos de terra e cinza batem no meu rosto, o vento parece açoitar a cem por hora, e lanço tudo o que tenho nele. Disparos de arma a laser passam pelas minhas pernas. Eu os ignoro. O pedaço afiado de um Escumador mogadoriano que explodiu desaba no chão, perto de mim. Mais alguns metros e eu teria sido empalada.

Ignoro isso também. Eu vou morrer aqui, se necessário.

Do outro lado de um buraco vazio, onde o Santuário ficava, Setrákus Ra sobe cambaleando a rampa da sua nave de guerra. Não posso deixá-lo voltar à *Anúbis*. Arremesso os detritos com minha telecinesia e não ligo para as consequências. Jogo nele tudo que posso, e ele rebate. Sinto seu poder contra o meu como duas ondas invisíveis que se chocam, pulverizando metal, areia e pedra.

— Morra, morra, morra...

Sarah Hart está a meu lado. Ela grita no meu ouvido algo que não consigo escutar por causa do barulho. Ela agarra meu ombro e começa a me sacudir.

— Morra, morra, morra...

— Seis!

Arquejo e acordo. Não é Sarah sacudindo meu ombro. É Lexa, nossa piloto, sentada atrás dos controles. Mal vejo os campos tranquilos que passam depressa sob nós. O brilho do painel realça a preocupação em seu rosto.

— O que foi? — pergunto, ainda grogue, enquanto afasto a mão dela com delicadeza.

— Você estava falando enquanto dormia — responde Lexa, e volta a olhar para a frente, para nossa trajetória de voo traçada na tela diante dela.

Meus tornozelos estão apoiados no painel, os joelhos dobrados junto ao peito. Os dedos do pé estão formigando. Abaixo as pernas e me sento direito, depois tento ver alguma coisa na noite lá fora. É bem nessa hora que os campos saem de cena e são substituídos pela água escura do Lago Erie.

— Estamos perto das coordenadas que Malcolm nos passou? — pergunto a Lexa.

— Estamos — responde ela. — A uns dez minutos.

— E você tem certeza de que os despistamos?

— Tenho, Seis. Eu me livrei do último Escumador no Texas. A *Anúbis* foi embora antes disso. Pareceu que a nave não queria acompanhar a perseguição.

Passo as mãos pelo rosto e pelo cabelo grudento e embolado. A *Anúbis* parou de nos perseguir. Por quê? Será que tinham que levar Setrákus Ra para algum lugar? Ele estava morrendo? Ou talvez já estivesse morto...

Eu sei que o feri. Vi a barra de metal perfurar o peito do miserável. Poucos sobreviveriam àquilo. Mas estamos falando de Setrákus Ra. Não dá para saber a velocidade com que ele se cura ou que tecnologia tem à disposição para se tratar. Mas sei que entrou bem no coração. Eu vi. Sei que o acertei.

— Ele tem que estar morto — falo, baixinho. — Tem que estar.

Solto o cinto do banco de copiloto e me levanto. Lexa me segura pelo braço antes que eu saia da cabine.

— Seis, você fez o que tinha que fazer — diz ela, com firmeza. — O que você pensou que era melhor. Não importa o que aconteça, se Setrákus Ra está vivo ou morto...

— Se ele ainda está vivo, então Sarah morreu por nada — respondo.

— Não foi por nada — corrige Lexa. — Ela tirou você de lá. Sarah a salvou.

— Ela deveria ter salvado a si mesma.

— Não foi o que ela considerou mais importante. Ela... Olha, eu mal conhecia a menina. Mas me pareceu que sabia o que estava em jogo. Sabia que estamos em guerra. E numa guerra há sacrifícios. Baixas.

— É fácil para a gente falar. Estamos vivas... — Mordo o lábio e desvencilho o braço. — Você acha... que merda, Lexa! Acha mesmo que esse papo furado pragmático vai deixar as coisas mais fáceis para os outros? Para John?

— E alguma coisa já foi fácil para qualquer um de vocês? — pergunta Lexa, me olhando. — Por que seria agora? Chegamos ao fim, Seis. De um jeito ou de outro, estamos nos aproximando do fim. Primeiro a gente faz o que tem que ser feito, *depois* se sente mal.

Saio da cabine com as palavras de Lexa ressoando nos ouvidos. Quero sentir raiva. Quem ela pensa que é para me dizer como agir? Não foi perseguida pelos mogs. Ela se escondeu por anos sem tentar contato conosco. E só apareceu porque percebeu que nossa situação havia se tornado desesperadora, que toda ajuda seria mais do que necessária. E agora quer me dizer o que devo sentir.

A questão é que ela está certa. Está certa porque a verdade é que eu não faria nada diferente. Eu arriscaria matar Setrákus Ra mesmo sabendo o que aconteceria com Sarah. São bilhões de vida em risco.

Eu tinha que tentar.

Na cabine principal, alguém usou o touchscreen das paredes para fazer camas surgirem do chão. São as mesmas camas em que dormimos anos atrás, quando chegamos à Terra. Gravei meu número em uma delas.

O corpo de Sarah repousa nessa cama, porque o universo tem um senso de humor doentio.

Mark está sentado ao lado da cama de Sarah, dormindo com o queixo junto ao peito. Seu rosto está inchado, e ele está coberto de sangue seco, como todos nós. Não saiu do lado de Sarah desde que tudo acabou. Para ser

franca, estou feliz por ele enfim ter dormido. Não aguentava mais seus olhares acusadores. Sei que ele está com raiva e sofrendo, mas estou ansiosa para sair desta nave apertada e ir para longe dele.

Bernie Kosar está deitado no chão, ao lado de Mark. Ele me vê sair da cabine e se levanta em silêncio. O beagle se aproxima e esfrega o focinho na minha perna, ganindo baixinho. Eu me abaixo e coço atrás das orelhas dele.

— Obrigada, garoto — sussurro, e BK solta mais um ganido suave.

Sigo em frente. Ella está encolhida em uma das camas, o rosto voltado para a parede. Eu a observo por um segundo, apenas para me certificar de que ainda está respirando. Ella foi a primeira pessoa que vi morrer ontem, só que, de alguma forma, voltou à vida. Quando se atirou naquele pilar de energia lórica no Santuário, ela quebrou o encantamento que Setrákus Ra havia lançado sobre ela. Ao que parece, há alguns efeitos colaterais em se banhar em energia lórica e morrer por um tempo. Ella voltou para nós como... hã, não sei muito bem.

Nos fundos da nave, encontro Adam sentado na beirada de outra cama. Ao ver as olheiras e a pele cada vez mais pálida, percebo que ele não dormiu. Em vez disso, ficou ao lado de Marina, que está amarrada nessa mesma cama. Os olhos dela estão fechados, o rosto terrivelmente ferido, o sangue ainda encrostado em torno das narinas. Setrákus Ra esmurrou a menina no chão várias e várias vezes, e desde então Marina permanece inconsciente. Mas está segurando as pontas, e com sorte John poderá curar o que há de errado com ela, seja o que for.

Adam abre um sorriso fraco quando me sento à sua frente. Outro amigo ferido está embrulhado em seus braços. Poeira quase foi morto no Santuário. Embora ainda esteja fraco e tendo alguns espasmos, recuperou parte dos movimentos e pelo menos conseguiu mudar sua forma para a de um filhote de lobo. Nada muito feroz, mas um passo na direção certa.

— Ei, doutor — chamo, mantendo a voz baixa.

Ele bufa.

— Você ficaria surpresa com quão pouco treinamento médico nós, mogadorianos, recebemos. Não é uma prioridade quando a maioria dos soldados é descartável. — Adam vira a cabeça para Marina. — Mas o pulso dela está forte. Isso eu posso dizer.

Assinto. É exatamente o que eu queria ouvir. Estendo o braço e acaricio o focinho de Poeira. Uma de suas patas traseiras começa a se agitar em resposta, mas não sei se é de satisfação ou apenas um efeito prolongado do eletrochoque.

— Ele parece um pouco melhor.

— Sim. Logo, logo, vai voltar a uivar para a lua — responde Adam, me examinando. — E você? Como está?

— Uma merda.

— Sinto muito por não ter ajudado mais.

Quando a batalha no Santuário chegou ao fim, Adam e Mark carregaram Marina para a nave de Lexa antes que Setrákus Ra a massacrasse. E foi assim que Sarah e eu acabamos enfrentando Setrákus Ra sozinhas.

— Você fez o bastante. Salvou Marina e a trouxe de volta para cá. Eu...

Meu olhar involuntariamente vaga em direção a Sarah. Adam limpa a garganta para chamar minha atenção. Seus olhos, grandes e firmes, encontram os meus.

— Não foi culpa sua — diz ele, com segurança.

— Ouvir isso não deixa as coisas mais fáceis.

— Ainda assim é necessário dizer. — Adam interrompe o contato visual. Ele observa o corpo encolhido de Ella e franze a testa. — Espero que você o tenha matado, Seis. E sei que você teria parado se soubesse das consequências.

Não interrompo Adam, mesmo sabendo que o que diz a meu respeito pode não ser verdade. É estranho eu torcer para ter matado Setrákus Ra ao mesmo tempo em que sinto culpa pelo que aconteceu com Sarah, tudo isso agravado pelo medo latente de não ter conseguido. Estou péssima.

— Respeito isso em vocês — continua Adam. — A maioria de vocês, Gardes, parece ter sido feita para ter força e compaixão. Meu povo é o oposto. Eu... eu teria ido em frente, sem me importar com mais nada.

Quando estávamos no Santuário, Adam teve uma chance de atacar Setrákus Ra. Isso foi antes de Ella quebrar o encantamento que ligava sua vida à do bisavô maligno. Mesmo sabendo que isso mataria a menina, ele foi direto na jugular de Setrákus Ra.

— Seu povo... — prosseguiu Adam depois de um instante. — Avalia os custos, lamenta as perdas, tenta fazer o que é certo. Eu invejo isso. A capacidade de saber o que é certo sem... sem ter que lutar contra a própria natureza.

— Você é mais parecido com a gente do que imagina — digo a ele.

— Eu gostaria de pensar assim — responde Adam. — Mas, às vezes, não sei.

— Todos nos arrependemos de algumas coisas. Não é questão de natureza. É uma questão de seguir em frente e tentar ser melhor.

Adam abre a boca para responder, mas as palavras não saem. Ele está olhando para além de mim. Um suave brilho azul emana por cima do meu ombro.

Eu me viro e vejo que Ella se sentou na cama. Ainda crepita energia lórica, os olhos castanhos substituídos por globos opacos azul-cobalto. Quando fala, sua voz ainda soa com aquele eco estranho, como quando Legado falava através dela.

— Você não deve sentir culpa — diz a Adam. — Eu sabia o que você ia fazer assim que saí da *Anúbis*. E estava torcendo por você.

Adam olha para Ella.

— Eu não... Não sabia o que ia fazer quando você saiu da *Anúbis*.

— Ah, sabia, sim.

Adam desvia o olhar, obviamente desconfortável. Se está aliviado por não ter sido culpado pelo que aconteceu no Santuário, não demonstra.

— E, Seis... — continua ela, se voltando para mim. — Ao deixar este mundo, Sarah pensou em muitas coisas. Principalmente em John e na família dela. Mas também pensou em você e em como ficava feliz por você continuar aqui para cuidar de John e de todos nós.

— Você estava na mente de Sarah quando ela morreu? — pergunto a Ella, ainda tentando compreender seus novos e aprimorados Legados.

A garota aperta a ponte do nariz e fecha os olhos, o que faz a sala ficar um pouco mais escura.

— Ainda estou me acostumando com o que posso fazer. Às vezes é difícil... me desligar.

— Ela só pensou nisso?

A pergunta veio de Mark. Não sei há quanto tempo ele está acordado, ouvindo nossa conversa. Ele olha para a menina como quem se agarra a uma esperança, e noto que seu lábio inferior treme. Ella o encara friamente, e me pergunto se parte do seu emocional sofreu um curto-circuito durante seu encontro com Legado.

— O que você de fato quer me perguntar, Mark? — indaga Ella, em tom calmo.

— Eu... nada. Não é importante.

— Você também passou pela mente dela — declara Ella.

Mark engole em seco ao ouvir isso e assente, tentando não demonstrar qualquer emoção. Analisando Ella, não sei se está dizendo a verdade ou só tentando fazer com que Mark se sinta melhor. Seus olhos elétricos são indecifráveis.

— Chegamos — anuncia Lexa pelo intercomunicador. — Vou aterrissar.

Ela pousa a nave em um campo aberto ao lado de uma pequena cabana de madeira. Quando vejo o local pela janela, acho difícil acreditar que é ali que o governo planeja seu contra-ataque aos mogadorianos. Deve ser esse o objetivo. O sol está começando a se erguer sobre o Lago Erie, e uma luz rosada se estende pela superfície da água. É uma cena tão tranquila que seria

fácil acreditar que estamos em um retiro hippie de ioga, se não fosse pela presença de soldados armados e Humvees camuflados junto às árvores.

Há dois grupos à nossa espera em frente à cabana e, mesmo no meu estado, entendo rápido a situação com base na distância entre as facções. O primeiro grupo é o meu — John, Sam, Nove, Malcolm e uma garota que reconheço da conferência telepática de Ella, mas cujo nome não sei. Atrás deles, afastados cerca de trinta metros, há um grupo de militares que observa nossa nave com grande interesse. Minha impressão é que, embora os militares estejam trabalhando junto com a Garde, eles continuam nos vigiando. Juntos, mas separados.

Reconheço a agente Walker. Ela está apagando um cigarro, inquieta, e se virando para responder a uma pergunta feita pelo homem mais velho ao seu lado. É óbvio que ele está no comando. O cara tem cabelo grisalho, cortado em estilo militar, e pele bronzeada ao ar livre, como se vivesse em campos de golfe. Ele parece um daqueles senhores que ainda ficam por aí correndo maratonas, cheios de músculos e sempre empertigados. Usa um traje militar formal repleto de uma quantidade absurda de medalhas. Está cercado por meia dúzia de soldados com fuzis de assalto — para nossa proteção, tenho certeza. Dois rapazes se destacam no grupo; são gêmeos, se não me engano, e parecem ser da minha idade, jovens demais para terem se alistado, embora usem o uniforme engomado azul-claro dos cadetes.

Observo tudo isso nos poucos segundos que Lexa precisa para baixar a rampa e desligar a nave. Examinar os arredores é uma boa distração, uma maneira de evitar olhar para John. Seu rosto é uma máscara, com um olhar frio, e ainda não sei o que vou dizer a ele.

Nosso grupo, devastado pela batalha, desce a rampa devagar. Ouço murmúrios dos militares e não posso deixar de notar os rostos contraídos de nossos amigos. Estamos cobertos de sangue e sujeira, abatidos, exaustos. Além disso, Ella emite aquele brilho tênue de energia lórica. Nossa aparência é péssima.

Malcolm empurra uma maca pela grama até Adam, que está com Marina nos braços. Levo um segundo para perceber que Mark não saiu da nave; ele continua com o corpo de Sarah.

Antes que possa detê-lo, Sam me envolve em um abraço. E é apenas quando os braços dele estão ao meu redor que percebo como estou tremendo.

— Está tudo bem agora — sussurra ele, junto a meu cabelo embolado.

Eu me controlo, tentando não desabar, apesar de querer muito, e me solto dos braços de Sam. Olho para John, mas ele já está diante de Marina, as mãos reluzindo um pouco ao segurar a cabeça dela. Enquanto a cura, ele mantém um olhar de profunda concentração, e o processo demora tanto que começo a prender a respiração, com medo de que o dano infligido por Setrákus Ra tenha sido grande demais. Após um longo tempo em que todos observam em total silêncio, John dá um passo atrás com um suspiro exausto. Marina se mexe um pouco na maca, mas não acorda.

— Ela...? — começa Adam.

— O estrago foi grande, mas ela vai ficar bem — responde John, a voz neutra. — Só precisa descansar um pouco.

Então, John se afasta do grupo e sobe a rampa da nave.

— John, espera — falo, antes mesmo de saber como continuar.

Ele para e me olha, mas não nos olhos.

— Sinto muito por não termos conseguido... por eu não ter conseguido protegê-la — digo a ele, minha voz ficando trêmula e, mesmo que eu deteste perceber isso, um pouco desesperada. — Juro que o matei, John. Perfurei o maldito coração dele.

John faz que sim com a cabeça, e vejo uma veia de seu pescoço se contraindo, como se ele estivesse tentando se controlar.

— Não podemos nos culpar pelos atos de nossos inimigos — responde, e a frase soa artificial, ensaiada, como se ele soubesse que aquela conversa aconteceria.

Sem dizer mais nada, ele sobe a rampa e desaparece na nave de Lexa.

Um silêncio sombrio se segue. Os militares retornam à cabana, que deve ter níveis subterrâneos bem maiores para acomodar todo mundo, e Nove nos mostra o caminho. Olho na direção em que John sumiu. Sam permanece comigo.

— Sinto muito, Seis, mas você não conseguiu.

É Ella. Está ao meu lado, me olhando com aqueles olhos destituídos de tudo, mas cheios de energia lórica. Devo parecer abalada outra vez, porque Sam passa o braço em volta de mim, me segurando.

— Não consegui o quê?

— Matá-lo — responde Ella. — Você o machucou muito, mas... ainda o sinto. Setrákus Ra está vivo.

CAPÍTULO TRÊS

ASSIM QUE ENTRO na nave, Bernie Kosar aparece. Sua cauda está entre as pernas, e ele estica as patas dianteiras, arqueando a coluna, a cabeça baixa. É como se estivesse me reverenciando, ou esperando que eu batesse nele com um jornal enrolado. Então solta um uivo baixo e lamurioso.

Demoro um instante para perceber por que ele está fazendo isso. Quando estávamos em Chicago, na última vez em que vi Sarah, deixei BK com ela. E lhe disse para mantê-la em segurança.

Ah, meu Deus, BK, não é culpa sua, digo a ele por telepatia. Então me ajoelho, passo o braço por seu pescoço peludo e o abraço. BK lambe meu rosto e solta um ganido. Lágrimas deslizam pelos cantos dos meus olhos, as primeiras desde que ouvi a voz de Sarah ficando cada vez mais fraca pelo telefone via satélite.

As lágrimas não são por mim. Primeiro foi Seis, e agora BK — a culpa que estão sentindo acaba comigo. Sarah era amiga deles também. Eles estão sofrendo essa perda tanto quanto eu, mas a dor deles é agravada por acharem que me decepcionaram, que vou culpá-los. Eu devia ter falado com Seis, devia ter dito algo mais, mas não encontrei as palavras certas. Devia ter dito a ela que só culpo duas pessoas pelo que aconteceu com Sarah.

Setrákus Ra.

E a mim mesmo.

Nunca fui bom em expressar meus sentimentos, em falar sobre mim, sobre meus medos e fraquezas. Só havia uma pessoa com

quem eu me sentia confortável de verdade para me abrir.

Sarah.

Eu me levanto, avanço pela área de passageiros e a vejo. Na iluminação fraca da nave, deitada em uma cama, com um lençol indo até o queixo, ela poderia estar dormindo. O cabelo louro está espalhado sobre o travesseiro. A pele está muito pálida; os lábios, sem cor. Vou até lá como um autômato.

Mark James também está ali, sentado ao lado da cama. Ele se levanta quando me aproximo, e percebo vagamente um olhar assassino em seu rosto. Por um segundo, acho que ele vai se colocar no meu caminho. Mas, ao olhar para mim, ele deve ter pensado melhor, porque se afasta depressa. A raiva em seus olhos é substituída pela curiosidade, como se eu fosse um animal estranho.

Ou como se fosse um alienígena, capaz de coisas que ele não entende.

Ele não diz nada quando me ajoelho ao lado de Sarah. Puxo o lençol, que gruda na lateral do corpo dela, onde o sangue das feridas secou. Ela está destruída.

Imagino que eu deveria chorar. Ou gritar. Mas tudo o que sinto é um vazio.

Então estendo as mãos, sem pensar, agindo por uma combinação de instinto e desespero. Pressiono as feridas, a pele fria sob meus dedos, e deixo a energia de cura fluir para ela.

Quando Sarah e Ella foram atingidas por vários disparos de arma a laser na base de Dulce, eu as curei. Elas estavam quase morrendo, e eu as trouxe de volta. Talvez... talvez ainda haja esperança.

Minhas mãos esquentam. Elas brilham. A pele pálida de Sarah de repente fica rosada, e meu coração quase para.

É um truque da luz. Meu Legado não está funcionando. Não restou nenhuma fagulha em Sarah para eu reacender.

Deixo o poder se apagar. Agora que vi pessoalmente as feridas dela, as visões terríveis que me assombraram durante as horas de espera desapareceram. Aquilo tudo se tornou realidade. Com as mãos trêmulas, cubro o corpo de Sarah com o lençol.

Não foco nos detalhes mórbidos. Não são o que vai ficar comigo. Prefiro me concentrar em seu rosto, meio azulado sob a luz fraca. Ela não parece estar sofrendo; não há nenhuma linha enrugando a pele, os olhos estão fechados. Os lábios de Sarah ficarão para sempre contraídos em um sorriso de quem está quase curiosa. Eu me curvo e dou um beijo leve naquele sorriso, e não me surpreende que os lábios estejam frios. Em seguida, abaixo a cabeça, descansando-a no peito dela. Talvez pareça que estou tentando ouvir seu coração, mas só estou me despedindo.

Não choro. Ela não ia querer isso. Mas a insônia que eu sentia antes foi embora. Sinto como se pudesse enfim descansar, bem ali, com Sarah.

— É só isso?

Mark. Eu tinha me esquecido de que ele estava ali comigo.

Levanto a cabeça e me viro devagar, ainda ajoelhado. Ele está com a cabeça inclinada, me encarando, abrindo e fechando os punhos.

— O quê? — pergunto, surpreso pelo cansaço em minha voz.

— Eu disse: “é só isso?” — repete ele, com mais rispidez. — É tudo o que você vai fazer?

— Não posso fazer mais nada, Mark — respondo, com um suspiro. — Ela se foi.

— Você não pode ressuscitar os mortos?

— Não. Eu não sou um deus.

Mark balança a cabeça como se já esperasse essa resposta, mas ao mesmo tempo estivesse desapontado.

— Merda — diz para si mesmo, e em seguida olha bem nos meus olhos. — Para que você serve, então?

Não vou fazer isso com ele. Não ali. Nem nunca. Levanto-me devagar, lanço um olhar para Sarah e, em silêncio, caminho em direção à rampa de saída da nave.

Mark se coloca na minha frente.

— Eu fiz uma pergunta.

Por um momento, sua entonação me leva de volta a Paradise High. Sei que ele não é o mesmo valentão que atormentava a mim e a Sam — seu olhar selvagem e assombrado, o cabelo despenteado e as roupas sujas matariam o antigo Mark James de vergonha. Mas ele ainda é um mestre da voz de macho alfa, que o faz parecer maior do que realmente é.

— Mark — digo, em tom de aviso.

— Você não pode ir embora assim.

— Saia do meu caminho.

Ele me empurra. O contato me surpreende e me faz cambalear. Olho para ele.

— Você está com raiva, está sofrendo... — Mantenho a voz sob controle, embora queira gritar com ele. Como se eu não estivesse me sentindo do mesmo jeito. Como se eu não quisesse socar uma parede. — Mas nós dois... brigando sem motivo? Isso não vai acontecer.

— Ah, não vem com essa pose de homem maduro para cima de mim, John — diz Mark. — Eu estava lá quando ela morreu. *Eu*. Não você. E ela passou os últimos momentos no maldito telefone com você, encorajando *você*. O cara que a mandou para a morte.

Dói ouvir Mark dizer o que já estava na minha cabeça.

— Nós nos amávamos — justifico.

Mark revira os olhos.

— Talvez. Talvez se amassem mesmo. Mas... ah, dá um tempo. O misterioso garoto novo chega à cidade pequena e, ah, ele tem superpoderes. E está tentando salvar o mundo. Que garota não ia cair nessa, não é mesmo? Mas, merda, olha para mim, bem aqui. Olha para o idiota do Sam Goode. Todos nós fomos sugados para esse seu turbilhão de sofrimento.

— Ela não caiu em coisa nenhuma. Eu não a enganei. — Minhas palavras soam mais duras. Ele está começando a me tirar do sério. — Nós nos apaixonamos antes... antes mesmo de ela saber sobre mim e o que sou.

— Mas você sabia! — grita Mark, dando um passo em minha direção. — Sempre soube o que significava ficar perto de você e... mesmo assim, deu em cima dela! Com quantas garotas você esteve em todas essas cidades por onde passou, hein? Quantas?

Balanço a cabeça, sem entender aonde Mark quer chegar.

— Nenhuma...

— Exatamente! Você se comportou porque sabia que acompanhar você é uma sentença de morte. Até conhecer Sarah. Não podia deixá-la em paz? Começou a se sentir egoísta, solitário, sei lá, e... acabou causando a morte dela. Sarah estaria viva e feliz se você tivesse ido para outra cidade, John. Sim, toda esta invasão ainda estaria acontecendo, mas tenho a sensação de que as naves de guerra mogadorianas não teriam o menor interesse em Paradise. Sem você, sem sua carência idiota, pelo menos ela teria tido uma chance.

Não sei como responder. Parte do que Mark está dizendo é verdade, mas ele não sabe tudo o que Sarah e eu compartilhamos. Talvez tenha sido egoísta da minha parte envolvê-la, mas toda vez

que eu a afastava, ela voltava. Tomou as próprias decisões. Era forte e me tornou mais forte. E foi a primeira pessoa na Terra que me deu a sensação de que eu poderia levar uma vida normal, de que poderia haver algo além de correr e lutar. Sarah me deu esperança. Mas não encontro palavras para explicar isso a Mark, e tampouco quero. Não preciso me defender.

— Você está certo — digo, com frieza, esperando que seja suficiente para encerrar o assunto.

— Eu estou... certo? — indaga Mark, incrédulo, arregalando os olhos. — Acha que é *isso* que eu quero ouvir?

Suspiro.

— Mark, a verdade é que não ligo para o que você quer. Nunca liguei.

Então, ele me acerta. Vejo o soco vindo, mas não me dou ao trabalho de me defender. É um gancho que me atinge bem no estômago e me deixa sem ar. Não é a primeira vez que Mark me bate, e o murro vem com força — talvez com um pouco mais do que eu me lembrava. Mas tenho recebido vários golpes de uns meses para cá, alguns bem mais potentes do que ele poderia imaginar, e mal sinto esse.

Como não reajo ao primeiro soco, Mark tenta outro, mas não está se empenhando muito. Ele se prepara para acertar minha cara com tudo, mas parece mudar de ideia no último instante, e seu punho só resvala em meu maxilar. A força do próprio soco o faz cair para o lado, e ele tropeça em uma das camas vazias, aterrissando de um jeito meio estranho, sentado.

Ele fica lá parado, olhando para o chão, arfando. Percebo que está tentando não chorar.

— Está se sentindo melhor? — pergunto, esfregando o peito.

— Não — responde ele. — Não, não estou.

— Quem sabe quando acabarmos com esta guerra e destruímos todos os mogs que aparecerem no caminho? Será que assim vai se sentir melhor?

Mark olha para mim e o que vejo em seu rosto me surpreende. É pena. Percebo que minha pergunta não foi exatamente para ele. Foi para mim. E estou com um pouco de medo de descobrir a resposta.

— Isso não vai trazê-la de volta — diz ele.

Não respondo. Olho uma última vez para Sarah e volto a andar em direção à saída da nave. Na porta, paro e me viro um pouco.

— Você me faria um favor? — pergunto, baixinho, deixando meus sentimentos transbordarem.

Mark passa o polegar pelos nós dos dedos machucados.

— O quê?

— Vou pedir aos nossos amigos militares para nos emprestarem um veículo. Estamos a apenas algumas horas de Paradise. Você...? — Minha voz falha, e coloco a mão sobre o metal frio da porta. — Você a levaria para casa?

Mark bufa. Quando responde, a amargura está de volta em sua voz.

— Claro, John. Sei que anda ocupado, então farei a parte difícil para você. Devo dizer à mãe dela que você mandou lembranças?

Fecho os olhos, respiro fundo e deixo para lá.

— Obrigado, Mark — digo, sem entonação, depois deixo Mark e o corpo de Sarah para trás.

Desço a rampa da nave e atravesso o gramado, voltando para a cabana sem graça que abriga a maior chance de sobrevivência da humanidade. O sol está nascendo, um luminoso rasgo laranja no horizonte, aquecendo o lago. Penso no rosto pálido de Sarah, nos lábios frios, então lembro como o sol faria seu cabelo louro reluzir

e ela olharia para mim e apertaria minha mão daquele seu jeito, e aproveitaríamos o momento.

Afasto as lembranças. Enterro-as lá no fundo. Entro na cabana com um único propósito.

Antes eu pensava que poderia haver algo para mim além de correr e lutar.

Agora tudo o que resta é matar.

CAPÍTULO

QUATRO

QUANDO ACORDO, LEVO um instante para perceber onde estou. Um quadro de hotel barato me encara da parede com revestimento de madeira. Estou enroscada em um lençol áspero. Devo ter me revirado a noite toda. Parece que só dormi algumas horas.

A pousada Patience Creek. Um velho ponto de encontro de espões da Guerra Fria. Sam me atualizou com as informações enquanto praticamente me carregava pelos corredores. Estava tão exausta e delirante que me surpreende ter guardado alguma coisa do que ele disse.

Sam.

Ele está ali comigo. Do outro lado da cama. Já acordado e sentado, os pés no chão, de costas para mim. Ainda não viu que despertei. Sam coça o pescoço e boceja. Ele dormiu sem blusa, e o vejo estender a mão em direção à camisa cinza e surrada pendurada no espaldar de uma cadeira. Ele se concentra para usar a telecinesia e fazer a peça de roupa flutuar em sua direção.

Sorrio, ainda sonolenta. É difícil acreditar que este é o mesmo garoto que quase morreu cambaleando pelos corredores da Paradise High na noite em que nos conhecemos. Não faz tanto tempo assim, mas muita coisa mudou. Sam ainda é magro e um pouco desajeitado, mas já tem alguns músculos. E agora tem cicatrizes, marcas ainda rosadas nos pulsos e braços, resultado da época em que foi torturado por Setrákus Ra.

Coloco a mão em suas costas e passo o dedo pela coluna. Ele se assusta, perde a concentração e a camiseta cai.

— Bom dia — digo, em voz baixa. — Já amanheceu, não é?

— Há um tempinho — responde Sam, virando-se para mim com um sorriso.

Seus olhos me observam por um instante, mas logo ele fica sem graça, o rosto corado, e timidamente desvia o olhar.

Então percebo que estou sem roupa.

É quando me lembro do que aconteceu. Depois que Ella me contou que não matei Setrákus Ra, tive uma crise nervosa. Sam me levou para seu quarto e me encorajou a tomar um banho. Aceitei a sugestão, lavando a poeira cinza-esverdeada do que um dia foi o Santuário junto com o sangue seco de Sarah. Eu me lembro com clareza da forma como a sujeira ficou presa em meus pés e depois desceu pelo ralo. Inspirei o vapor e pressionei a testa nos azulejos frios, até a pele se enrugou e ficou vermelha por causa do calor.

Em algum momento, me arrastei para a cama. Sam até que tentou ficar acordado, mas não conseguiu. Como ele não havia separado nenhuma roupa limpa para eu vestir...

— Deixei algumas roupas em cima da mesa — diz Sam com cautela.

— Ah, é verdade — respondo.

Uma túnica florida bem folgada e uma calça jeans que, para meu pavor, parecia ser boca de sino, esperavam por mim do outro lado do quarto. Acho que vamos ter que usar qualquer roupa deixada no esconderijo. Pelo menos estão limpas.

— Eu, hã, bem, você acabou dormindo aqui... — continua Sam, sem jeito. — Não queria acordá-la. Desculpe se... Hã, enfim, podemos arrumar um quarto para você...

— Está tudo bem, Sam. Relaxa — respondo, e me sento, nem um pouco constrangida.

Deslizo até ficar ao lado dele, passo um braço pelo seu ombro e o outro em torno da cintura, abraçando-o com força. Sinto sua pele quente junto à minha.

— Depois do que aconteceu, achei que você ia... Sei lá. Me afastar de novo — diz Sam, em um tom calmo e meio distraído, provavelmente por causa dos beijos que dou em sua nuca.

— Não — respondo.

— Que bom.

Ok, talvez este não seja o momento mais apropriado. Ainda tenho muitas questões na cabeça e na consciência, mas, se aprendi algo com John e Sarah, é que você tem que aproveitar esses momentos, e não fugir deles. Nunca se sabe quando será a última chance.

É claro que somos interrompidos uns dois minutos depois por uma batida na porta. Sam pula da cama como se estivesse encrocado, veste depressa a camisa e vai até a porta. Ele olha para mim e eu sorrio, puxando o lençol até o queixo.

Sam abre uma fresta da porta. Fico surpresa ao ver os gêmeos com cabelo em estilo militar que notei quando chegamos, os que estavam com o tal general Lawson, que parece estar no comando.

Um deles encara Sam, o rosto inexpressivo. O outro, um pouco mais amigável, mas ainda de poucas palavras, anuncia: — Vamos ter uma reunião.

— Tudo bem — responde Sam. — Estaremos lá em um minuto.

Os gêmeos erguem juntos a sobrancelha ao ouvirem Sam falar no plural. Ele fecha a porta na cara deles.

— Acho que temos que ir — anuncia ele.

— De volta para a guerra — respondo, com um sorriso amargo.

Já me vestindo, aponto com a cabeça em direção à porta. Ainda tem muita coisa que não sei. Melhor tirar minhas dúvidas antes de irmos para a reunião com os militares.

— Quem são os gêmeos?

— Caleb e Christian — diz Sam, depois dá de ombros. — São alunos do colégio militar. São os TALs.

— Como assim? Eles são importantes?

Sam ri.

— Não, não é isso. TALs. Não sei por que falei como se você conhecesse essas siglas novas inventadas pelo governo. Significa "Terráqueos Afetados por Legados".

— Afetados? — Faço uma pausa, vestindo a camisa. — Dito assim, parece uma coisa ruim.

— Sim, eles usam "aprimorados" em vez de "afetados" quando vocês, da Garde, estão por perto, mas meu pai viu um dos e-mails internos. — Sam dá de ombros, se desculpando, como se fosse o embaixador de toda a humanidade. — Acho que o pessoal no comando não tem certeza se um bando de adolescentes humanos desenvolvendo Legados é uma coisa boa. Eles têm medo de que possa haver inconvenientes ou efeitos colaterais.

— Sim, um dos efeitos colaterais é que fica muito mais difícil os mogs acertarem sua cara.

— Eu sei disso — responde Sam. — Mas e a maior parte da população? É muita coisa para absorver. Quer dizer, eles precisam aceitar a existência de duas novas formas de vida inteligente, e depois ainda têm que entender como vocês, lorienos, provocaram nossas mutações.

Levanto uma das sobrancelhas.

— Mutações no bom sentido — acrescenta Sam.

— E o que aqueles gêmeos fazem? — pergunto, voltando ao assunto. Ele dá de ombros.

— Só telecinesia, pelo que sei.

Já terminei de me vestir, mas ainda tenho outras perguntas. Fico parada em frente à porta, com as mãos nos quadris.

— E aquele Lawson? Qual é a dele?

— Acho que era o chefe do Estado-Maior conjunto na década de noventa. Aposentado.

Olho para Sam sem entender nada.

— O chefe do Estado-Maior conjunto é, tipo, o maior posto militar dos Estados Unidos. Ele responde direto ao presidente e tal. — Sam esfrega a nuca. — Eu também não sabia o que era, e olha que nasci neste planeta.

— Tá, então o que houve com o chefe atual?

— Era ProMog. Trouxeram Lawson de volta porque ele já se aposentou há tanto tempo que ninguém se preocupou em corrompê-lo. Ele é tipo a versão humana deste lugar.

— Por falar em ProMog, também vi a agente Walker ontem à noite — digo, com um pouco de irritação na voz. — Você confia nela? Confia nesse tal de Lawson?

— Na Walker, sim. Ela lutou ao nosso lado em Nova York. Quanto ao Lawson... — Sam franze a testa. — Eu não sei. Acho difícil confiar em qualquer organização depois do ProMog, mas eles teriam que ser loucos para se voltar contra nós agora...

Enquanto Sam fala, uma tevê antiga em um móvel junto à parede oposta de repente ganha vida com uma explosão de estática. Nós nos viramos na direção do aparelho.

— Que merda é essa?! — digo.

Sam esfrega as têmporas.

— Este lugar velho tem algum problema na instalação elétrica. A tevê deve estar cheia de aranhas.

— Ou de câmeras escondidas.

Sam sorri para mim.

— Espero que não. De toda forma, não acho que eles já tenham se organizado a ponto de nos espionar.

Sam vai até a tevê e aperta o botão para desligá-la. Nada acontece.

— Está vendo? Com defeito — declara ele, e depois bate na lateral do aparelho. — Vamos!

Quando Sam fala, tudo o que está ligado à eletricidade no quarto — a tevê, o abajur da mesa de cabeceira, o antigo telefone de disco — ganha

vida por um segundo. Uma explosão de estática da tevê, um lampejo da lâmpada do abajur, um toque estridente do telefone. Sam não nota. Ele está ocupado demais desplugando a tomada da tevê, que enfim desliga.

— Viu só? Muito louco. Este lugar é uma loucura.

Eu o encaro.

— Sam, não é a fiação. É você.

— Eu?

— Foi você quem fez isso com os equipamentos eletrônicos. Acho que está desenvolvendo um novo Legado.

Sam ergue as sobrancelhas e olha para as mãos.

— O quê? Já?

— Sim, eles aparecem rápido depois que a telecinesia se manifesta — explico. — Você viu aquele rapaz no sonho compartilhado de Ella. O alemão.

— Bertrand, o apicultor — lembra Sam. — Daniela também desenvolveu outro. Não imaginei que aconteceria tão rápido comigo. Ainda estou me acostumando com a telecinesia.

Não sei quem é Daniela, mas assinto mesmo assim.

— A Entidade sabia que o mundo precisa de proteção, e rápido.

— Hã — diz Sam, ponderando a respeito. — Então tem algo a ver com os equipamentos eletrônicos.

Ele vira para a tevê e encosta as palmas das mãos nela. Em seguida, emite uma onda telecinética que faz o aparelho cair no chão com um estrondo.

— Opa!

— Bem, pelo menos você usou a telecinesia.

Sam se volta para mim.

— Se você estiver certa, como faço para usar esse novo poder?

Antes que eu diga a Sam que não faço ideia, somos interrompidos por outra batida na porta. Um segundo depois, ouvimos a voz abafada de um dos gêmeos.

— Hã, seja lá o que vocês estiverem fazendo aí dentro, será que podiam adiar? O general Lawson disse que, se não reunirmos todo mundo às nove em ponto, estamos fritos.

Troco um olhar com Sam.

— Falamos sobre isso mais tarde.

Ele faz que sim, e abrimos a porta para nos juntarmos aos dois cadetes mal-humorados. Enquanto atravessamos o corredor, Sam olha para cada luz no teto como um inimigo que precisa ser vencido.

CAPÍTULO

CINCO

NÃO MUITO SIMPÁTICOS, os gêmeos nos guiam pelos corredores sinuosos do subsolo. Logo estamos em frente à sala de conferências. Malcolm chega ao mesmo tempo vindo de outro corredor e acena para a gente. Os gêmeos entram depressa, provavelmente com medo de se atrasar, enquanto os Goode e eu ficamos do lado de fora.

Malcolm coloca a mão no meu ombro com delicadeza.

— Como você está, Seis?

Tento abrir um sorriso.

— Estou indo. — Olho para Sam, e o sorriso já não parece tão forçado. — Seu filho está me ajudando a manter o equilíbrio.

Sam fica vermelho e se vira para o outro lado. Malcolm lhe dá um tapinha nas costas.

— Que bom — diz ele. — Em tempos como estes, precisamos apoiar uns aos outros.

— Como está Marina? — pergunto a Malcolm.

Na última vez em que a vi, ela estava sendo levada em uma maca.

— Os médicos disseram que os sinais vitais estão fortes, e ela acordou faz algum tempo para comer um pouco — responde Malcolm. — John a curou, claro, mas quando os ferimentos são graves assim, é melhor não apressar as coisas. Ela está em repouso.

— Seis estava me perguntando sobre Lawson — conta Sam ao pai, baixando a voz, depois olha para mim. — Meu pai estava com a equipe de Walker em Ashwood até todos terem que evacuar o local. Então foram... para onde mesmo?

— A base Liberty. Eu conheci o presidente — responde Malcolm, com um sorriso divertido. — Ele me disse que é um grande fã das minhas pesquisas sobre comunicação intergaláctica. Um belo enrolão, aquele cara.

— O presidente está aqui agora? — pergunto.

— Não, deixei a base às pressas para me reencontrar com vocês, mas a última notícia que recebi foi que Jackson não ficaria parado em um lugar. É mais seguro assim.

— Sei bem como é.

— Um fato interessante que pesquei... — Malcolm baixa a voz, ainda que estejamos sozinhos. — A filha do presidente, Melanie, é uma de vocês.

Ergo as sobrancelhas.

— Mentira! E quando ela vai se apresentar ao serviço?

O sorriso de Malcolm se desfaz.

— Não acho que isso vá acontecer. Mas pelo menos significa que temos o presidente do nosso lado.

— E Lawson responde diretamente a ele...

Sam puxa o pai de volta para o assunto inicial.

— Ah, certo. Bem, é difícil saber qual é a dele — diz Malcolm, pensativo.

— Parece ser um cara honesto, embora brutalmente pragmático. É bem conservador, como dizem. Mas, no fim das contas, todos nós queremos a mesma coisa.

— É. Queremos ver os mogs mortos — respondo, apontando com a cabeça na direção da sala de conferências. — Vamos ver o que ele tem a dizer.

Quando entramos, a maior parte do nosso grupo já está sentada em torno de uma mesa longa e oval. John está em uma das pontas, meio largado. Lexa está sentada ao seu lado, e os dois conversam baixinho. Ela estende algo para que ele veja, e reconheço o objeto: é um dos dispositivos de camuflagem que recuperamos no México. Aquele é o segredo para passar pelos escudos que cercam cada nave de guerra mog.

O olhar de John se fixa em mim quando entro, e eu quase congelo. Mas ele acena e volta à conversa com Lexa assim que respondo ao gesto. Acho que o plano é focarmos primeiro na tarefa que temos em mãos e deixar o luto para depois.

Melhor assim.

Nove está sentado do outro lado de John, e ao lado dele está Ella. Seus olhos ainda brilham, o que atrai a atenção dos militares reunidos na sala. Quando nos acomodamos perto deles, Nove se inclina para Ella.

— Então, chaveirinho de led, isso é permanente ou dá para desligar?

Observo a reação de Ella. Fico feliz em ver um discreto e constrangido sorriso se formar em seu rosto. A menina tinha uma queda por Nove, e a reclamação dele sobre o perpétuo show de luzes parece mexer com ela. Então ainda há um pouco da antiga Ella lá dentro. Antes de responder, ela se concentra, e a energia azul-cobalto que faísca em torno do seu corpo diminui um pouco.

— Melhor?

— Só me lembre de trazer óculos de sol quando você estiver por perto — responde Nove.

Ella sorri, desta vez de um jeito mais descontraído, e se inclina em direção a Nove.

— Seis. — Sam me cutuca. — Esta é Daniela. Nós a conhecemos em Nova York.

Do outro lado da mesa está a menina esguia e de tranças que vi pela primeira vez na conferência que Ella realizou durante nossos sonhos e depois de novo na noite passada. A garota acena sem jeito, parecendo bem desconfortável por estar naquela sala.

— Prazer em conhecê-la — digo. — Sam me contou que você já desenvolveu um Legado além da telecinesia.

— Eu lanço raios pelos olhos que, pelo visto, transformam coisas em pedra — explica Daniela, com cautela. Ela mexe a cabeça, as tranças

balançando. — Eu teria dado um jeito no cabelo se soubesse que vocês iam me dar esse superpoder estúpido.

— Entendi — diz Nove, apontando para Daniela. — Por causa da Medusa.

— É, idiota — retruca ela, revirando os olhos. — Você entendeu.

— Gostei dela — digo a Sam.

Embora ninguém tenha nos forçado a escolher assentos em lados opostos da mesa, há uma divisão bem clara entre nós e os militares, que têm o triplo de representantes. Estão todos perto da cabeceira à qual Lawson está sentado. Quem está mais perto do nosso lado da mesa é Walker, uma divisa humana, pois os lugares dos seus dois lados estão vazios. Ela olha para as anotações à sua frente, e nenhum dos outros funcionários do governo faz qualquer esforço para puxar assunto.

Os gêmeos estão sentados um pouco mais para trás, um de cada lado de Lawson. Parecem guarda-costas. É claro que a maioria das pessoas nesta sala está armada e priorizando a proteção de Lawson. Além dos oficiais sentados à mesa, há um grupo de soldados próximo às paredes, os fuzis apontados para baixo, mas, ainda assim, carregados. Tenho certeza de que daríamos conta de todos eles, com armas e tudo, mas isso não significa que não fico um pouco preocupada por estar tão perto de todo esse poder de fogo.

Na parede atrás de Lawson há um enorme monitor touchscreen, com um mapa-múndi. Em vermelho, há áreas destacadas por assinaturas térmicas ameaçadoras: Nova York, Los Angeles, Londres e cerca de outras vinte cidades. Devem ser os locais em que as naves de guerra da Setrákus Ra estão posicionadas. Além disso, apenas nos Estados Unidos, há um monte de pontos verdes, muito menores que as naves de guerra, mas numerosos. Quando observo com mais atenção, percebo que aqueles sinais formam círculos em torno das áreas ocupadas pelos mogadorianos. Devem ser os grupos de que se falava, pequenos, mas organizados, e prontos para contra-atacar.

Quando desvio o olhar do monitor, vejo Lawson me examinando. Ele me observava enquanto eu estudava seu mapa. Acena discretamente com a cabeça para mim antes de voltar a atenção para o restante da sala.

— Acho que já podemos começar — anuncia, a voz casual, mas potente, com um ligeiro sotaque sulista.

Todas as conversas paralelas se encerram na mesma hora.

Olho em volta. Mark e Adam ainda não apareceram. Abro a boca para comentar isso, mas o militar já está falando.

— Para aqueles que ainda não me conhecem, eu sou o general Clarence Lawson. — A parte do "general" foi claramente direcionada ao nosso grupo, já que não tenho dúvidas de que todos os lacaios militares e do governo o conhecem muito bem. — O presidente me concedeu total autoridade para coordenar a reação do país à invasão mogadoriana.

Lawson faz uma pausa e espera uma resposta. Nenhum de nós diz nada. Particularmente, não sei bem o que ele espera. Que a gente também se apresente? Viro para o restante da mesa e vejo que John não tira os olhos do general, esperando que continue.

Lawson cruza os braços e limpa a garganta.

— Por favor, me avisem se eu estiver indo rápido demais — diz ele, com um sorriso seco. — Não sou um homem de desperdiçar palavras e não costumo discutir questões de estratégia com adolescentes civis, sejam extraterrestres ou não.

— Entendemos tudo, não precisa se preocupar — diz John, com o olhar inabalável.

O general assente, em seguida se dirige aos humanos sem poderes na sala.

— Quanto ao restante de vocês, tenham em mente que estes jovens provavelmente mataram mais alienígenas hostis do que todos os setores das nossas forças armadas juntos. Respeitem isso e respeitem a presença deles.

Não sei o que pensar do general. Começa nos provocando por sermos jovens e em seguida nos exalta em detrimento dos próprios subordinados. Talvez seja mais um desses caras que tenta manter todos na linha com uma postura sempre negativa.

Lawson pega um tablet e aperta um botão. Um cronômetro aparece na tela atrás dele, destacado em vermelho e com os números em negativo.

— Passamos cerca de dez horas do prazo que Setrákus Ra ofereceu para a rendição incondicional, que incluía entregarmos todos os Gardes tidos como "renegados", assim como os TALs. Que saibamos, só Moscou obedeceu ao ultimato. O governo russo já prendeu dezenas de jovens desde a noite passada. Nossos agentes relataram que muitos deles nem sequer manifestaram Legados e provavelmente são baderneiros, de quem o governo viu uma oportunidade de se livrar ao mesmo tempo que acalma os inimigos.

— Precisamos fazer algo quanto a isso — interrompe John, com a voz fria e enérgica.

— Concordo. Mas abusos humanitários cometidos por outros governos terão que ficar para depois — responde Lawson. — Para ser franco, devemos considerar um sinal de sorte o fato de somente os russos terem se submetido aos inimigos. Já nos comunicamos com vários de nossos aliados internacionais e os encorajamos a evacuar as cidades ameaçadas por naves de guerra, enquanto organizam em sigilo tropas de contra-ataque, para o caso de descobrirmos como passar pelos escudos mogadorianos. No entanto, se Setrákus Ra de fato cumprir suas ameaças e atacar da mesma forma como fez em Nova York ou Pequim, não sei como os outros países vão reagir. Acho que todos concordamos que esta é uma luta contra o tempo. A questão não é se Setrákus Ra vai agir, mas *quando*.

Ao ouvir falar em Nova York, Daniela pigarreia alto. John olha para ela, em seguida de volta para Lawson.

— Qual é a situação em Nova York? — pergunta ele.

— A mesma — responde Lawson. — Tropas mogadorianas controlam Manhattan no solo, e nossas forças continuam fazendo triagem para evacuar a população dos bairros mais afastados. Também não é uma prioridade no momento, a menos que a nave de guerra volte.

A informação deixa Daniela inquieta. Depois de ouvir Lawson, ela contrai os lábios e tamborila na mesa, como se precisasse extravasar parte da agressividade. Eu me pergunto se ela perdeu a família na cidade. Ou se seus parentes ainda estão presos lá.

— Vocês estão rastreando a *Anúbis*? — pergunta John.

— Estamos. Depois de atacar seus amigos no México, a capitânia mogadoriana não retornou a Nova York. Nosso pelotão de reconhecimento diz que está em West Virginia, sobre uma montanha no Parque Estadual Hawks Nest. Alguns agentes ProMog que interrogamos afirmam que o lugar é...

— Aham, aham — interrompe Nove, entediado. — A maioria de nós teve o azar de ficar preso lá uma vez ou outra. É a grande base deles.

Quando Nove acaba de falar, o general deixa o silêncio se estender. Atrás dele, os gêmeos parecem irritados com a quebra de decoro. Lawson observa Nove como encararia um cadete rebelde, mas ele nem percebe. Já voltou a desenhar explosões em um bloquinho do exército americano.

— Sabemos sobre a base — diz John, em tom diplomático, ou talvez apenas sem emoção. — Já nos infiltramos lá antes, mas nunca tivemos recursos para atacá-la com eficiência até agora.

Lawson faz que sim com a cabeça e está prestes a falar. Mas, antes que ele comece, me inclino e olho para Ella. Talvez ela saiba por que o bisavô está parado em West Virginia e não cumpriu nenhuma das ameaças.

— Ella, por que Setrákus Ra parou a *Anúbis* lá? O que... o que ele está esperando?

Todos os olhos se voltam para Ella, embora vários dos militares não pareçam muito confortáveis por obter informações de uma pré-adolescente

que faísca energia sobrenatural. Ella parece igualmente desconfortável com toda a atenção e, quando abre a boca para responder, emite um clarão inofensivo de energia lórica.

— Você quer...? Quer que eu faça contato com ele?

— Ei, peraí... — falo.

— Você consegue fazer isso sem ele saber? — pergunta John. — Sem se colocar em perigo?

— Acho que sim. Se for rápida — responde Ella, e então, antes que alguém argumente, fecha os olhos.

O brilho que emana de sua pele volta a se intensificar.

Todos na sala ficam em silêncio, observando Ella com cautela. É quase como estar em uma sessão espírita.

— Ela é telepata — explica Sam, meio sem jeito, olhando para os rostos perplexos.

Arfando, Ella abre os olhos. Várias pessoas se assustam, inclusive eu. Não dá para evitar. A menina anda um pouco esquisita.

— Você está bem? — pergunta John.

Ella faz que sim, respirando fundo.

— Ele quase me sentiu — responde, uma ponta de orgulho na voz. — Sua mente está ocupada. Ele foi gravemente ferido. — Então olha para mim, e sinto um aperto no estômago. — Seus assistentes nascidos naturalmente o colocaram em um tonel para acelerar o processo de cura.

— Eles usam os tonéis para criar soldados... — John começa a explicar a Lawson.

— Nós já sabemos sobre os tonéis — interrompe Lawson, balançando a mão. — Você tem ideia de quando ele vai terminar... o que quer que esteja fazendo? Quando os ataques vão continuar?

Ella balança a cabeça.

— Os ferimentos que sofreu foram quase fatais — responde. — Teriam matado alguém sem seus aprimoramentos.

Sinto um pouco de orgulho por isso. Orgulho e uma dor enorme pela oportunidade perdida. Se eu o tivesse acertado com um pouco mais de força...

— Estamos falando de horas? Dias? Uma semana? — insiste Lawson.

— Não sei dizer com certeza. Mais do que horas, acredito, mas talvez não dias... — Ella inclina a cabeça, lembrando-se de outro detalhe que com certeza a preocupa. — Há *outros* lá embaixo com ele.

— Nos tonéis? — pergunta John.

— Sim — responde Ella.

Nove faz uma careta.

— Tipo, flutuando na gosma juntos? Que nojento!

— Os tonéis funcionam de outra forma, agora que são energizados pelo... pelo que ele roubou de nós — continua Ella. — Enquanto se cura, Setrákus Ra também está trabalhando. Ele está... Não sei ao certo. As pessoas ali... ele os está transformando em algo novo.

Não gosto nada disso. A julgar pelas expressões ao redor da mesa, os outros também não. Lembro-me da visão sobre o passado de Setrákus Ra que compartilhamos — como estava decidido a dar Legados às pessoas. Deve ser o que ele anda fazendo.

Antes que eu diga qualquer coisa, Lawson se intromete, a cabeça inclinada.

— O que Setrákus Ra roubou de vocês?

Ella olha primeiro para mim, depois para John, como se pedisse permissão para contar a Lawson que Setrákus Ra extraiu um monte de energia lórica do terreno no México. Não sei até que ponto devemos ser honestos com essas pessoas; meu instinto diz que não muito. Tenho certeza de que todos do nosso lado da mesa já imaginam o que aquele cretino está tramando, mas não me parece sensato passar a informação para os militares. Não há necessidade de deixá-los ainda mais desesperados. Ou dar ideia das

possibilidades que se abrem ao se explorar um recurso de um modo tão horrendo.

Fico aliviada ao ver John balançar sutilmente a cabeça.

Em seguida, Ella se volta para Lawson.

— Algo precioso para nosso povo — afirma ela.

Lawson parece entender que a história não para por aí, mas não insiste no assunto. Em vez disso, acena para um dos guardas de pé junto à porta. O cara sai de imediato para buscar algo para o chefe. Não gosto nada disso. Acenos misteriosos são sempre um mau sinal.

— Tudo bem, então. Se estamos prontos para discutir oportunidades de contra-ataque... — começa o general.

— Finalmente — murmura Nove.

— ...todas as nossas fontes de informação devem estar disponíveis — conclui Lawson.

O oficial que Lawson mandou sair da sala volta. Ele vem à frente de dois guardas, ambos armados com fuzis e vestidos com traje completo de combate. Eles não tiram os olhos do prisioneiro que está entre os dois, mãos e pés algemados, com cara de quem está à beira de um colapso.

É Adam.

CAPÍTULO

SEIS

POR ALGUNS MINUTOS, achei mesmo que aquela reunião transcorreria sem dificuldades e que eu logo poderia voltar a meus planos de derrotar Setrákus Ra. Acho que subestimei o tamanho da estupidez do governo.

Seis é a primeira a ficar de pé quando trazem Adam para a sala, as correntes retinindo. Ela se levanta tão rápido que sua cadeira tomba. Alguns dos soldados armados nos cantos da sala erguem ligeiramente as armas, preocupados. Quando ela se levanta, Sam e Nove fazem o mesmo.

— Que merda é essa? — grita Seis para Lawson, apontando para Adam.

— Está tudo bem, Seis — diz Adam, cansado, de olho nos guardas armados. — Estou bem.

Nove se vira para os guardas com um sorriso. Ele acena para um soldado cujo dedo paira sobre o gatilho do fuzil.

— Ele está conosco, cara — rosna Seis para Lawson, ignorando a tentativa de Adam de acalmar a situação. — É nosso *amigo*.

Lawson nem sequer se mexeu na cadeira. Na verdade, parece se divertir com a situação. Eu me pergunto se ele está tentando nos irritar de propósito, querendo ver até onde pode nos pressionar, sondando que tipo de aliados seremos.

— Seu amigo — diz Lawson, com calma — é membro de uma raça alienígena hostil que está determinada a subjugar este planeta. Vocês o trouxeram para cá, para o lugar que é a maior

chance de defesa da humanidade, e esperavam o quê? Que o deixássemos andar por aí em liberdade?

— Exatamente — responde Nove.

Quando Seis entrou na sala, notei a maneira como avaliou o poder de fogo dos militares. Reconheci aquele olhar. Ela estava calculando nossas chances de derrotá-los. Embora eu não esperasse que as coisas dessem errado, tenho que admitir que também fiz meus cálculos. É um instinto de sobrevivência que provavelmente nunca vamos abandonar.

A julgar pelos olhares apreensivos de diversos soldados, eles também fizeram uma avaliação. Não conhecem Seis ou alguns dos outros, mas tenho certeza de que viram gravações ou ouviram rumores sobre o que fiz em Nova York.

Sabem que não podem vencer.

Penso em Sarah. Sei que ela me diria para ficar calmo, e teria razão. Não quero machucar ninguém. Precisamos cooperar com essas pessoas se quisermos salvar o planeta. Eu sei. Mas eles também precisam saber do que nós somos capazes, principalmente o general Lawson. Ele precisa saber que não somos seus *recursos* na guerra contra Setrákus Ra.

Ele é que é um dos nossos.

Eu me levanto bem devagar para ninguém ficar ainda mais nervoso. Olho ao redor e uso minha telecinesia para ejetar o cartucho de cada arma de fogo da sala. Os soldados arregalam os olhos quando a munição cai no carpete.

Todos estão olhando para mim. Ótimo. Contorno a mesa e me aproximo dos dois guardas que seguram Adam.

— Afastem-se — digo a eles.

Eles obedecem.

Adam me encara, e percebo que ele balança a cabeça de um jeito quase imperceptível, como se não quisesse piorar a situação. Mas preciso deixar a mensagem clara.

Acendo o Lúmen, e minha mão se ilumina em uma questão de segundos. Estendo o braço e, com cuidado, derreto as correntes de Adam, libertando suas mãos.

Feito isso, me viro para encarar os presentes. Os funcionários do governo estão todos com a mesma expressão, algo entre raiva e medo. Alguns dos nossos — como Daniela e Sam — parecem apreensivos. Outros, como Nove e Seis, têm um ar diabólico de incentivo. A agente Walker, surpreendentemente, esconde um sorriso com a mão.

Concentro-me em Lawson. Sua expressão continua neutra e controlada.

— Você poderia ter pedido as chaves — diz ele.

— Nós não respondemos a você — retruco, colocando minha mão já fria no ombro de Adam. — Você não toma decisões a nosso respeito. Entendido, *senhor*?

— Eu entendo, e isso não vai acontecer outra vez — responde Lawson, sem parecer nem um pouco contrariado; sua tranquilidade é quase preocupante. — Compreenda, tínhamos que ter certeza de que seu... seu amigo é de confiança.

— E você precisa entender que nós vamos atrás de Setrákus Ra assim que meu grupo estiver bem — declaro.

E assim que eu estiver forte o bastante, quase acrescento. Assim que eu tiver reunido o máximo de Legados que puder ao meu arsenal.

— Vamos matá-lo e enterrá-lo naquela montanha dele — continuo. — Isso se alinha aos seus planos de contra-ataque?

— Parece ótimo — concorda Lawson, e faz sinal para que eu volte a me sentar.

Em vez de me sentar, deixo que Adam ocupe minha cadeira na cabeceira da mesa.

Com a situação relativamente sob controle, Seis e os outros voltam aos seus lugares. Os soldados não fazem menção de pegar os pentes ejetados. Enquanto todos se acomodam de novo, Seis se debruça na mesa para falar com Adam.

— Você está bem?

Ele assente num gesto rápido, tentando esquecer a situação toda, mesmo que ainda tenha as argolas das algemas em torno dos pulsos.

— Eles só me fizeram algumas perguntas, Seis. Nada de mais.

Cruzo os braços e olho para Lawson.

— Então, o que mais vamos discutir?

Lawson limpa a garganta, ainda imperturbável.

— Oferecemos todo o apoio ao assassinato do líder mogadoriano, mas precisamos resolver algumas questões relacionadas ao tempo. E temos outras perguntas e preocupações.

— Questões relacionadas ao tempo — repito. — Perguntas e preocupações.

— Por exemplo — continua Lawson —, sei que recentemente vocês usaram um tipo de percepção extrassensorial para se comunicar com o que acreditamos ser centenas de TALs ao redor do mundo.

Ele está falando da conferência telepática para a qual Ella nos arrastou. Por um segundo, fico meio confuso, sem saber como Lawson poderia saber disso. Então, olho por cima do ombro dele, para os dois gêmeos impassíveis — Christian e Caleb —, que ficam rondando Lawson desde que chegamos ali. Eles têm

Legados, então é óbvio que estavam na sala em que conheci todos os humanos que receberam poderes. Eles devem ter relatado os detalhes para o general. Se não eles, talvez a filha do presidente.

— E daí? — pergunto.

— Bem, John, você está recrutando centenas de menores de idade de todo o mundo. Ficamos preocupados com a segurança dessas crianças.

Lanço um olhar acusatório para os gêmeos ao lado de Lawson antes de responder, esperando que ele entenda a ironia.

— Em pouco tempo, não haverá nenhum lugar seguro neste planeta — digo a Lawson. — Eles precisam de um treinamento que apenas nós podemos dar.

— Eu sei — responde Lawson. — Mas você entende que isso pode deixar algumas pessoas nervosas, não é? Reunir um exército formado por jovens?

Balanço a cabeça, incrédulo, e espero que meu rosto mostre como acho ridícula essa burocracia absurda. Quase me faz sentir saudade dos meus tempos de fuga.

— Não estamos reunindo nada — digo, então olho para os gêmeos. — Vocês dois. Eu exigi que vocês viessem aqui? Por acaso forcei os outros?

Os gêmeos parecem surpresos por eu me dirigir a eles. Trocam um olhar, e em seguida se viram para Lawson em busca de permissão.

— Podem falar à vontade — diz ele.

— Não. Você não fez nada disso — responde Caleb na mesma hora, enquanto seu irmão continua impassível. Então aponta para Nove. — Mas aquele ali nos chamou de covardes.

Nove dá de ombros. Olho para Lawson.

— Satisfeito?

— Por ora — responde ele. — Pelo menos nos avise se for voltar a fazer algo assim.

Eu suspiro.

— E o que você disse sobre ter preocupações relacionadas ao tempo?

Lawson aponta para o mapa atrás dele, aquele que mostra a posição de cerca de vinte naves de guerra mogadorianas.

— Como eu disse, somos todos a favor de cortar a cabeça dessa serpente. Vou mandar o máximo de reforços que puder para West Virginia com você — começa Lawson. — Mas, no momento, o inimigo pensa que estamos impotentes. Quando atacarmos, o que acontecerá com essas cidades? A evacuação está em curso em cada uma delas, mas não é fácil deslocar milhões de pessoas. Um ataque a Setrákus Ra poderia iniciar batalhas em toda parte.

Lexa se pronuncia: — Como a única sobrevivente da invasão mogadoriana ao nosso planeta com idade suficiente para lembrar como tudo aconteceu, deixe-me dizer que as táticas deles mudaram. Devastaram nosso planeta em questão de horas...

— Encorajador — rebate Lawson.

— Eles querem ocupar a Terra, não destruir — continua Lexa. — Saber disso não nos dá alguma vantagem?

— Será que Setrákus Ra estaria blefando? — pergunta Lawson.

— É verdade que meu povo quer ocupar — diz Adam, franzindo a testa, pensativo. — É certo que a frota não tem capacidade para fazer outra viagem intergaláctica. Eles precisam ficar aqui. Mas, se você acha que isso vai impedi-los de destruir até mesmo dezenas de cidades, está subestimando os mogadorianos.

— Então voltamos à contagem regressiva para o fim do mundo — retruca Lawson. — Quando vocês atacarem Ra, temos que

presumir que a contagem regressiva acabará e a destruição começará.

— O que você pensa que vai acontecer quando ele se recuperar e perceber que o prazo que deu acabou enquanto lambia as feridas? — indaga Seis. — Vai atacar de qualquer maneira.

— Exatamente — concorda Lawson, assentindo. — Os ataques são inevitáveis nos dois casos. Mas isso não significa que devemos apressá-los. Queremos estar tão preparados quanto possível. E levar o máximo de civis que pudermos para um lugar seguro. Aproveitar cada minuto desse atraso que vocês proporcionaram.

— Você quer que a gente espere — digo, rangendo os dentes. Embora eu ainda precise de tempo para aprender novos Legados, estou louco para lutar. É para isso que estou vivendo. Aguardar o final da reunião já está sendo bastante difícil. — Quanto tempo mais?

— Não é fácil coordenar uma série de ataques internacionais contra um adversário de tecnologia superior — responde Lawson. — Recebemos os dispositivos de camuflagem que sua equipe conseguiu no México, e nossos cientistas estão tentando usar a engenharia reversa.

O pessoal de Lawson deve ter passado mais tempo com esses dispositivos de camuflagem do que eu. Lexa — que só conheci pessoalmente hoje de manhã — logo me mostrou a tecnologia mogadoriana. Não parece assim tão impressionante. São caixas pretas sólidas com algumas entradas e fios, mais ou menos do tamanho de um livro, e são fundamentais se os exércitos humanos querem ter alguma chance. Entregamos a maioria delas para Lawson algumas horas antes da reunião. Ficamos com a que já está instalada na nave de Lexa, e eu separei uma para mim.

— Posso ajudar com isso — oferece Adam a Lawson. — Conheço bem a tecnologia.

— Eu agradeço, sr. Mog. Mas, mesmo que consigamos entender como esses dispositivos funcionam e sejamos capazes de produzi-los, ainda será necessário levar essa tecnologia até nossos aliados por todo o mundo. Depois que descobrimos a aparência dos dispositivos, outros países, especialmente a Índia, conseguiram derrubar alguns Escumadores e retirar os dispositivos de camuflagem. Partindo do princípio que conseguiremos passar pelos escudos, ainda estamos avaliando se seria melhor tentar invadir as naves de guerra ou confiar nos mísseis balísticos.

— Nenhuma das duas abordagens será fácil — alega Adam.

— Não dá para jogar uma bomba nuclear neles? — pergunta Nove.

Lawson semicerra os olhos.

— As cidades sob ameaça estão sendo evacuadas, jovem, mas ainda há pessoas lá embaixo. Uma guerra nuclear está fora de cogitação aqui, nos Estados Unidos. Não posso dizer o mesmo pelos outros países...

— Já vai ser bastante ruim explodir essas naves gigantes sobre as cidades — murmura Daniela.

Lawson levanta a mão.

— Um problema de cada vez. Independentemente da abordagem, os dispositivos de camuflagem continuam a ser nosso maior obstáculo. Estamos trabalhando com um estoque muitíssimo pequeno, e precisamos de um por nave ou por míssil. Ainda há a questão de fazermos os dispositivos chegarem às mãos dos nossos aliados. — Lawson faz uma pausa para respirar. — Quanto tempo vai levar para termos dispositivos suficientes para organizar um ataque às naves de guerra?

— Todas? — pergunto. — Ao mesmo tempo?

— É assim que essas operações se desenrolam, John. Atingimos todos ao mesmo tempo para maximizar nossa única vantagem: o elemento surpresa. Se permitirmos que saibam que podemos passar pelos seus escudos cedo demais, os parâmetros mudam. Eles podem intensificar os ataques. No momento, estão com a faca no nosso pescoço; pensam que estamos encurralados, fora de combate. Não sabem que ainda temos uma carta na manga. Mas precisamos dessa tecnologia. E estamos lutando contra o tempo. A menos que vocês saibam por quanto tempo Setrákus Ra ficará naquele tonel... — sugere Lawson, olhando para Ella.

Ella nega com a cabeça.

— Portanto, vocês entendem como nossa situação é precária — conclui ele. — Provavelmente teremos uma única chance, e precisaremos ser rápidos.

Procuro absorver tudo aquilo, um pouco chocado. Lawson não pintou um quadro muito animador. Talvez eu não esteja em condições de ajudar a coordenar um contra-ataque internacional. Felizmente, não estou sozinho.

Seis olha para Ella.

— Há novas pedras de loralite crescendo por toda a Terra, certo?

— Isso — diz Ella. — Posso senti-las.

Seis estala os dedos.

— Aí está. Nós as usaremos para distribuir os dispositivos de camuflagem pelo mundo.

Lawson olha para mim.

— Você falou dessas pedras para os TALs na sua... hã... reunião psíquica, não foi?

Faço que sim.

— Hum. — Lawson olha para o mapa. — Quando ficamos sabendo dessas pedras, incentivamos nossos parceiros internacionais a encontrar o maior número delas que pudessem.

Inclino a cabeça, confuso.

— Vocês já fizeram isso?

— Sim, John, é claro que fizemos. Alguns líderes riram de mim quando lhes pedi para destacarem soldados para vigiar pedras mágicas. Isso sem falar que só sabemos onde está uma parte dessas pedras.

— Quantos Gardes humanos foram interceptados? — pergunto, a voz fria.

— Alguns — responde Lawson, com cautela. — Para a proteção deles. A maioria ainda está no exterior. Supondo que sobrevivamos aos próximos dias, talvez possamos discutir como você irá treiná-los. Com supervisão adequada, é claro.

Não gosto disso. Parece que estamos entregando muita coisa sem resistir, revelando a localização das loralites para Lawson, sem mencionar os Gardes humanos inexperientes nos quais ele está tão interessado. Mas temos outra escolha? Em termos práticos, usar as pedras de loralite é a única forma de preparar um contra-ataque a tempo.

— Vamos ajudá-lo a localizar o restante das loralites — digo a Lawson. — Assim que os dispositivos de camuflagem estiverem prontos.

Lawson sorri para a minha concessão relutante, mas logo segue em frente.

— Assim resolvemos o problema do transporte. Mas não o da quantidade.

— Se não é possível produzir rápido o bastante, vamos ter que conseguir mais para você — afirmo, o início de um plano

começando a tomar forma na minha cabeça.

Nove abre um sorriso malicioso.

— Talvez a gente devesse ir a algum lugar onde sabemos que há um monte deles.

— E onde seria? — indaga Lawson.

— Uma das naves de guerra — respondo.

— Eu não acabei de explicar...? — dispara Lawson, a frustração estragando sua encenação de avô paciente por um instante. Ele logo se controla. — Se nós os atacarmos... qualquer ataque... corremos o risco de vê-los devastar outra cidade.

— E se pudéssemos entrar e sair de uma dessas naves de guerra sem que eles notassem? — pergunto a Lawson, mas olhando para Seis. Ela sorri para mim. Sorrio de volta. — E se pudéssemos arrumar dispositivos de camuflagem para um batalhão inteiro antes que os mogs dessem falta deles?

— Bem... — Lawson esfrega o queixo, pensativo. — Não me parece uma má ideia.

CAPÍTULO

SETE

ESTA É A lista de tarefas: Entrar às escondidas em uma nave de guerra mogadoriana.

Roubar todos os dispositivos de camuflagem que houver sem chamar a atenção dos mogs.

Armar os governos do mundo para um grande contra-ataque.

Enquanto isso, aprender todos os Legados que eu puder.

Matar Setrákus Ra.

Não necessariamente nessa ordem. Ainda mais a parte de “aprender todos os Legados”. Porque se é para entrar escondido em uma nave de guerra mog do jeito que estou planejando, preciso aprender primeiro um Legado em particular.

Tenho que aprender a voar.

A reunião termina depois que prometo ao general Lawson que até o fim do dia teremos um plano para atacar uma nave de guerra mogadoriana sem alarde. Com sorte, Ella estará certa, e Setrákus Ra ficará fora de ação pelo menos durante o tempo necessário para agirmos. Ainda nem é meio-dia, mas já parece que perdemos muito tempo.

Enquanto todos andam apressados pelos corredores de Patience Creek para agilizar seus afazeres, chamo Adam num canto. Ele está pálido como sempre, mas com círculos escuros ao redor dos olhos. Todo mundo na reunião estava um pouco assim, o cansaço da invasão se manifestando.

— Você está bem? — pergunto a ele. — O que fizeram com você?

Adam olha para mim, balançando a cabeça.

— Estou bem, John. Não foi nada. Eu é que deveria perguntar como *você* está.

Já esperava por isso. Todo mundo que conhecia Sarah — de Sam a Walker — olha para mim como se eu fosse desmoronar a qualquer momento. Odeio isso. Não quero ser protegido. Quero lutar. Imaginei que pelo menos com Adam eu fosse escapar do sentimento de pena. Nunca pensei que desejaria ter um pouco da fria lógica mogadoriana.

— Estou levando — digo a ele, e fico surpreso com a aspereza na minha voz.

— Está certo — retruca Adam, entendendo a deixa. Ele levanta as mãos para me mostrar os pulsos ainda algemados. — Você se importa de tirar o resto?

— Ah, claro que não. Acabei esquecendo.

— O mais importante era passar uma mensagem para aquele tal de Lawson. Eu entendo.

— Bem... — respondo, com um sorriso discreto. — Você parecia mesmo desconfortável.

— Assim como todos aqueles soldados — comenta Adam, rindo. — Foi uma boa jogada. Você mostrou força.

Acendo meu Lúmen de novo, desta vez concentrando-o na ponta do dedo indicador. Com cuidado para não queimar Adam, derreto os fechos das algemas até abri-las.

— Que tipo de pergunta eles fizeram? — questiono, enquanto Adam esfrega os pulsos.

— Como eu disse, não foi tão ruim. Eles queriam saber mais sobre o funcionamento das armas e das naves. Sobre a estrutura

do governo e das forças armadas mogadorianas, o que é fácil, porque são basicamente a mesma coisa. E queriam saber o que acontecerá com a sociedade mog se Setrákus Ra for morto. — Adam dá de ombros. — Eu teria contado tudo isso mesmo que não tivessem me prendido e me mantido acordado a noite toda.

— Ah — digo, refletindo por um momento. Na verdade, eu nunca havia pensado em fazer alguma dessas perguntas. — E o que vai acontecer quando matarmos Setrákus Ra?

Adam sorri para mim, gostando da confiança na minha voz. Em seguida, passa a mão pelo cabelo preto oleoso, pensativo.

— Bem, não me lembro de uma época em que não havia um... “Adorado Líder”. Não tenho noção de como nosso mundo era antes. Duvido até mesmo que meus pais se lembrariam. Setrákus Ra reescreveu nossos livros de história, então, de acordo com eles, não passávamos de animais quando ele chegou e nos fez “evoluir”.

— Acho que seria pedir demais que desistissem e fossem embora.

— Sem minerar a Terra como fizeram em Lorien, a frota não tem combustível suficiente para ir a lugar algum. — Adam faz uma pausa, ponderando. — Mas depois de algum tempo eles podem desaparecer...

— Como assim?

— Apesar de toda a arrogância no tal Grande Livro, Setrákus Ra nunca corrigiu os problemas de fertilidade que os nascidos naturalmente enfrentam. Ele pode criar um número infinito de soldados nascidos artificialmente. Isso não muda o fato de que a taxa de natalidade dos nascidos naturalmente estagnou.

— Então os nascidos naturalmente vão morrer aos poucos — concluo, tentando manter a voz austera em respeito a Adam, mas

sem qualquer compaixão pela lenta extinção dos mogadorianos.
— E os nascidos artificialmente?

— Até onde sei, o segredo para criá-los vai morrer com Setrákus Ra. — Adam vê meu sorriso e ergue a mão em advertência. — Você precisa entender algumas coisas sobre o meu povo, John. Em primeiro lugar, a grande maioria apoia a visão distorcida de Setrákus Ra sobre o Progresso Mogadoriano, e todos acreditam que seu líder não pode ser morto. É a única coisa que os manteve na linha todos esses séculos. Quando matá-lo, você vai acabar com a criação dos nascidos artificialmente e talvez convencer os mogs como eu a largar as armas...

— Acha que pode haver outros como você? — pergunto, interrompendo-o.

Sempre imaginei que Adam fosse único e considerava o fato de ele ter visto a luz um efeito colateral do seu contato com a Número Um.

Ele desvia o olhar.

— Eu... não sei. Conheci outros que eu achava que... talvez... Nem sei se ainda estão vivos. — Adam balança a mão, como se quisesse deixar o assunto para lá. — A questão é que, mesmo sem Setrákus Ra, há um exército fortemente armado de fanáticos que acreditam ter o poder de consertar as coisas. Imagino que vá acontecer assim: primeiro, os nascidos naturalmente vão se atacar para decidir quem é o mais forte, usando a Terra como campo de batalha. Então quem sobreviver vai tentar continuar do ponto em que Setrákus Ra parou. Há vários generais, como meu pai, que se veriam como os próximos na linha de sucessão.

— Eles não conseguirão — digo, sem prestar atenção.

Na verdade, estou pensando nos mogs se matando. Se ao menos pudéssemos acelerar essa parte do processo...

— A longo prazo, não. Mas ainda teremos anos de conflito, John. Aqui na Terra.

— A humanidade sofreria os danos colaterais — reflito, considerando os efeitos de uma guerra civil mogadoriana.

Aconteceria o mesmo que em Nova York, com milhares de mortes. A menos que os mogs lutassem em cidades já evacuadas...

— De toda forma, primeiro teríamos que de fato matar Setrákus Ra, certo? — comenta Adam, me dando um tapinha nas costas. — Não vamos nos adiantar.

— Vou atacá-lo com tudo o que eu puder. E com tudo o que não puder também.

— E terá ajuda. Você tem amigos.

Faço que sim com a cabeça.

— Claro. Sei disso.

Adam começa a caminhar em direção ao elevador e faz sinal para que eu o siga.

— Você ainda tem tempo? Tem mais uma coisa que eu queria mostrar...

Ergo as sobrancelhas e vou atrás dele. Os militares, indo e vindo pelos corredores bem-iluminados, mantêm distância. Eu me pergunto de qual dos dois eles têm mais medo.

Fiz um reconhecimento superficial das instalações de Patience Creek quando cheguei, me familiarizando com as áreas importantes — a área dos oficiais, onde estamos ficando, os alojamentos, as celas, a academia, a garagem — e dando uma olhada rápida nas áreas onde os militares estavam trabalhando. Não sei o que mais Adam poderia ter descoberto no curto tempo em que foi mantido prisioneiro. Por outro lado, um lugar construído para ser esconderijo de espiões deve ter muitos segredos.

— Depois que me interrogaram, eles me trouxeram aqui para baixo — explica Adam, enquanto descemos dois níveis. — Acho que não tinham grande esperança que este projeto fosse dar certo, então o deixaram de lado.

O andar em que saímos é basicamente um depósito. Passei rápido por ele durante minha averiguação. Metade das lâmpadas do corredor precisa ser trocada. Adam me leva por algumas salas lotadas de caixas empoeiradas com mantimentos e a um espaço abarrotado de cadeiras de praia estilo anos 1970 e uma rede de vôlei comida por traças. Então, dobramos uma esquina, e Adam abre uma porta que revela uma sala com pilhas e mais pilhas de livros. Uma biblioteca. De relance, percebo que a maioria daqueles livros de capa dura e amarelados é dedicada a assuntos úteis para um espião em um mundo pós-apocalíptico: jardinagem, conserto de eletrônicos e procedimentos médicos.

Estremeço. A pequena sala é preenchida pelos sons ásperos e guturais de mogadorianos berrando uns com os outros.

Em uma mesa no meio da sala, há um grande equipamento eletrônico que parece vagamente familiar. As vozes mogs vêm de lá. É mais ou menos do tamanho de um painel de carro, com estranhos botões e medidores. Parece que alguém ateou fogo àquela coisa e depois a jogou da janela de um prédio. Está ligada a um emaranhado de fios e baterias, e deduzo que precisa de muita energia.

Então, a ficha cai. O que estou vendo é o painel de controle de um Escumador mogadoriano, arrancado da nave. Está ligado graças a uma fiação complexa, e isso significa que o comunicador está ativo.

Sentado em frente ao console solto está um cara de pele morena que eu diria que tem uns trinta e poucos anos. Seu cabelo

é escuro e curto, e suas bochechas estão perdendo terreno para uma barba de alguns dias. Acho que já o vi antes, embora não lembre muito bem onde nem quando.

— Adam, você voltou — diz o homem, balançando a cabeça, cansado. — Tem andado muito quieto por aqui.

Olho para Adam e ergo a sobrancelha.

— Este é o agente Noto. — Adam o apresenta. — Ele era do ProMog.

É daí que o conheço. Ele fazia parte do grupo que Walker levou para Ashwood Estates depois que dedurou os mogs.

— Pensei que talvez você não fosse mais voltar depois que os soldados o arrastaram mais cedo — comenta Noto. — As coisas ficaram bem orwellianas.

Adam sorri para mim.

— Viu? Eu disse que minha detenção não foi tão ruim. Eu fiz um amigo. Tenho ajudado Noto a praticar a língua mogadoriana.

— Você fala a língua deles? — pergunto, observando o homem com atenção.

— Eu era responsável pelo contato com os mogs nos meus dias de ProMog — explica Noto. — Decorei algumas frases aqui e ali. Consigo entender, desde que falem devagar e com um vocabulário bem jardim de infância.

Adentro mais a sala, espiando os cadernos abertos espalhados na mesa. Estão cheios de símbolos que reconheço como letras mogadorianas, cada um deles representado por uma tradução fonética.

— Estamos monitorando a comunicação entre as naves de guerra mogadorianas — conta Adam. — Eu criptografei este módulo, assim eles não vão saber que estamos na escuta.

— Com os programas de segurança que você instalou, poderíamos transmitir de volta para eles, e ainda assim não nos encontrariam — observa Noto, com admiração.

Entendo por que Adam parece tão exausto. Não foi só o interrogatório que o manteve acordado a noite toda. Ele tem ficado aqui, ouvindo todas as transmissões dos mogs, sabendo que é o único que pode traduzi-las.

— Quanto tempo leva para aprender mogadoriano básico? — pergunto a ele, olhando de relance para Noto.

Noto recita uma série de ruídos ásperos e diz: — Não é tão difícil.

Adam ri.

— Seu sotaque está melhorando, mas você acabou de dizer que gostaria de um estômago cheio de sanguessugas.

Noto faz uma careta.

— Achei que estivesse pedindo café.

— Ajudei Noto a fazer uma lista de palavras-chave às quais deve ficar atento — explica Adam. — “Adorado Líder”, convocações de naves de guerra, “Garde”... Sempre que ouve essas palavras, ele marca a transmissão.

— Estou gravando tudo para o caso de precisar ouvir de novo — conta Noto. — O que costuma acontecer.

— Isso é bom. Vai ser muito útil saber o que os mogs estão falando entre si — falo, colocando a mão no ombro de Adam. — Mas não vá se cansar demais. Também precisamos de você.

Adam assente.

— Eu sei. Não vou exagerar.

Eu me despeço do agente Noto, e depois vou com Adam para o corredor, onde podemos conversar em particular.

— Então, pelo que tem ouvido até agora, o que os mogs andam tramando?

— Eles estão surtando por causa de Setrákus Ra — responde ele. — Bem, surtando tanto quanto mogs nascidos naturalmente conseguiriam. Estão muito preocupados por não saberem por que ele ainda não ordenou o ataque ou fez qualquer anúncio para a frota, mas não vão questioná-lo, porque seria quase uma blasfêmia. A maioria das transmissões é do tipo: “Esta é a nave de guerra *Delta*, aguardando ordens, pedindo orientação do Adorado Líder.”

— Só isso já mostra que eles estão surtando?

— Mogs não ficam por aí *pedindo* ordens, John. Eles fazem o que mandam. Falam quando falam com eles. Não provocam seu Líder de maneira passivo-agressiva.

— E não houve resposta da *Anúbis* ou da base em West Virginia?

— Nada — confirma Adam. — Silêncio total.

— Hum...

O plano que venho formulando é meio maluco, muito perigoso, e, bem, isso não me incomoda, ou incomoda menos do que deveria. Penso em tudo que Adam me contou sobre a cultura mogadoriana, em especial sobre a probabilidade de acontecer uma guerra civil quando Setrákus Ra morrer. Se eles matarem uns aos outros, as coisas ficarão bem mais fáceis para nós. E se houver algo que possamos fazer para acelerar o processo? Para levar os mogs a atacarem uns aos outros antes mesmo de Setrákus Ra virar cinzas? Algo como uma guerra psicológica.

Antes que eu tenha tempo de elaborar mais o plano, Noto põe a cabeça para fora da biblioteca e chama Adam com um aceno.

— De repente começaram a falar muito — avisa ele.

Adam e eu voltamos correndo para a sala. Eu me aproximo para ouvir melhor do transmissor, mas parece apenas um monte de rosnados raivosos. No entanto, dá para perceber que o mogadoriano que está transmitindo está bastante empolgado.

Ao ver os olhos de Adam se estreitarem, sei que as notícias não são boas. Depois de alguns segundos, ele se vira para mim.

— John, precisamos chamar os outros. Alguém cometeu um erro terrível.

CAPÍTULO

OTTO

NUNCA POSTAR NADA na Internet. Essa é tipo, a Regra número 1.

Tudo bem que todos nós, em algum momento, já quebramos essa regra e acabamos sendo caçados por mogs. Às vezes o desespero supera a vontade de não ser idiota. Acontece. Não estou julgando.

Mas, cara, é burrice postar coisas na internet.

O vídeo, obviamente feito com um celular, começa com uma queda d'água violenta. Uma imensa cachoeira, que logo reconheço como as Cataratas do Niágara, aparece na tela. Quem quer que esteja filmando isso está de pé em uma área gramada no nível da queda da cachoeira.

— Minha nossa, é muito barulhento!

A câmera balança enquanto a pessoa que segura o telefone se afasta da cachoeira correndo. Naqueles poucos segundos em que a imagem fica sacudindo, capto alguns detalhes: uma menina loura — que parece uma modelo de embalagem de cerveja importada — está na beira do penhasco, bem ao lado de uma saliência irregular com uma pedra de um azul inacreditável.

Loralite. A pedra voltou a se desenvolver, como Ella disse que aconteceria.

Antes que eu examine o mineral com mais atenção, a câmera é estabilizada e virada, mostrando o rosto espinhento de um adolescente. Ele é magro, com um moicano descolorido, quase branco, e uma barba bem rala e esparsa. Usa um colete de brim coberto de remendos de outros tecidos, uma camiseta surrada, e, embora eu não veja seus pés, aposto que está de

coturno. Eu o reconheço da conferência telepática realizada por Ella. É um dos garotos que pareciam mais ansiosos para ouvir o chamado de John.

Mesmo depois de se afastar da beirada, o garoto ainda tem que berrar para ser ouvido por causa do barulho da cachoeira.

— Olá, John Smith e superamigos! Vocês estão aí? Aqui é Nigel Rally. Nós nos conhecemos naquela... hã. Na coisa. Encontramos suas pedras, e, sabe, tem sido muito divertido passear pelo mundo e tal, mas quando vocês vão aparecer para nos buscar?

Não me surpreende nem um pouco que esses Gardes de outros países estejam confusos. John disse a eles para virem nos ajudar e Ella explicou que poderiam usar as pedras de loralite para se teleportar ao redor do globo só pensando em um local. Mas Setrákus Ra interrompeu nossa reunião antes que lhes déssemos alguma pista concreta sobre como nos encontrar, o que não é exatamente uma tarefa fácil, levando em conta que estamos escondidos.

— Encontrei alguns outros enquanto dava a volta ao mundo — continua Nigel, e vira a câmera para mostrar os arredores. — Deem um tchauzinho para John Smith, protetor do mundo e irmão mais velho ausente que, pelo que parece, esqueceu de nos buscar.

Atrás de Nigel, a garota loura que eu tinha visto antes acena. Ao lado dela está um rapaz atarracado de cabelo castanho, que dá tchau sem jeito. Logo o reconheço: é o alemão que falou na conferência, Bertrand, o apicultor que controla insetos. Além disso, um pouco afastada dos outros, está uma garota asiática de aparência frágil que olha inexpressivamente para a câmera antes de fazer um tímido sinal de paz.

— Esses são Fleur e Bertrand — narra Nigel. — E ali... bem, acho que ela se chama Ran. Não fala nada de inglês, ainda mais depois que aquela pirralha megapsíquica de olhos brilhantes parou de traduzir.

Nigel vira a câmera de volta para ele.

— Então, olha, estamos nas Cataratas do Niágara, se você ainda não percebeu. Decorei o máximo de lugares que pude naquele mapa que você nos mostrou por cinco segundos, mas nunca estive nos Estados Unidos, por isso tive que rodar um pouco pela Europa até encontrar o bom Bertrand aqui. E acabamos nos juntando a outros no caminho... — Nigel suspira. — Quantos lugares estranhos naquele seu mapa, hein, John Smith! Novo México? Que droga de lugar é esse? Bertrand esteve aqui uma vez para passar as férias com a família, então...

Nigel baixa a voz.

— Se você estiver me vendo, major John, estamos esperando uma carona. Se não, bem, acho que vamos na direção da nave de guerra alienígena mais próxima e torcer para dar tudo certo. Falou!

E assim termina o vídeo no YouTube. Está anexado aos comentários do vídeo que Sarah fez para apresentar John ao mundo, e já tem uma tonelada de curtidas e visualizações. Nigel postou o vídeo há cerca de três horas. Eu, John, Ella, Adam, Nove, Sam e Daniela estamos todos ao redor de um celular que Daniela pegou de um dos soldados.

Estamos no quarto de John. Antes de iniciarmos o vídeo, não pude deixar de notar alguns detalhes sombrios no cômodo. A cama estava intocada, e havia marcas chamuscadas no papel de parede cafona, como se John tivesse socado a parede com o Lúmen aceso. Ninguém comenta nada sobre isso, embora Sam erga uma sobrancelha quando percebe que estou observando o local.

— A Fleur é minha, falei primeiro — diz Nove assim que o vídeo termina. Dou uma cotovelada nas costelas dele, e Daniela faz uma careta.

— Você é nojento.

— Estou muito solitário — responde Nove.

— O vídeo foi postado há três horas — explica Adam, ignorando Nove.

— Tenho monitorado transmissões mogadorianas, e parece que eles

acabaram de descobrir isso. As naves de guerra mais próximas das Cataratas do Niágara estão em Toronto e Chicago. Eles vão mandar Escumadores.

— Postar na web — retruca Nove, com um tom repreensor. — Erro de amador.

— Todos já fizemos isso — digo. — Então os Mogs estão com uma vantagem. Vamos pegar alguns jatos e ir para lá.

— Não devemos chamar atenção, por isso nos escondemos aqui — afirma John. — É melhor fazermos isso sem o pessoal do Lawson ficar sabendo.

Lanço a John um olhar confuso.

— Não sei bem quais são os planos dele para os Gardes humanos — continua ele. — Até concluirmos que ele é confiável, quero que *a gente* os traga para cá. Não quero deixar para Lawson a decisão de quem está pronto para lutar e quem precisa da sua "proteção".

— Ei, pera, o que você acha que vai acontecer? — pergunta Daniela.

— Não sei — responde John, com um suspiro. — Alistamento forçado em uma organização militar secreta? Quem sabe?

— Você aprende a não confiar muito nas pessoas que estão no poder quando passa por tudo o que já passamos — digo a Daniela.

Ela assente.

— Não parece mesmo boa coisa.

— Já falei com Lexa por telepatia — avisa Ella, os olhos ainda faiscando energia lórica. — Ela está preparando nossa nave.

— Maravilha! — exclama Nove, e bate palmas. — Vamos salvar alguns novatos.

— Preciso que você fique aqui comigo — diz John a Nove, que não consegue esconder a decepção.

— Ah, fala sério — retruca ele. — Para que você precisa de mim?

— Acha que eu não preferia estar lá fora lutando? — pergunta John, o tom resignado. — Vamos ter que ajeitar algumas coisas se quisermos entrar

escondidos em uma nave de guerra. Preciso da sua ajuda. Seis pode cuidar dessa situação nas cataratas.

— Deixa comigo. — Sorrio para John, tão ansiosa quanto Nove para voltar a lutar. Olho para os outros. — Vocês estão dentro?

— Acho melhor eu ficar para monitorar as comunicações dos mogs. Eles não sabem que estamos ouvindo, então poderei informar a situação deles a vocês — explica Adam. — Também tenho uma reunião com Malcolm e alguns engenheiros para pensarmos em uma forma de copiar os dispositivos de camuflagem.

— Eu vou com você — diz Sam para mim.

— Eu também, se não tiver problema — acrescenta Daniela.

— E eu — completa Ella.

Ao ouvir isso, todos ficamos em silêncio. Vi Ella morrer ontem. Não sei se já está pronta para o combate. Acho que ela sente esse clima — provavelmente porque pode ler nossas mentes — e nos encara com as mãos nos quadris.

— Se os mogs chegarem lá primeiro e esses outros Gardes tiverem que fugir, posso rastreá-los por telepatia — declara ela, um tom desafiador permeando sua voz, que continua ressonante e parecida com a de Legado. — Vou ficar bem.

— Tudo certo por mim — digo.

— Por mim também — acrescenta John. — Levem os Chimæra com vocês.

— Vamos levar uns dois — respondo. — Vou deixar vocês com reforços aqui também, caso aconteça mais alguma coisa.

John concorda.

— Apenas se certifiquem de levar armas suficientes para derrubar qualquer coisa que os mogs enviem.

— Ah, não se preocupe — garanto a ele. — Vamos fazer mais do que derrubá-los.



Quinze minutos depois, estamos na garagem subterrânea de Patience Creek. Assim como o restante deste esconderijo empoeirado, a garagem não é tão sofisticada quanto as das outras instalações militares em que já estivemos, ainda mais as aprimoradas por tecnologia mogadoriana, como Dulce e Ashwood. Ainda assim, a garagem é grande e tem o pé-direito alto, com espaço suficiente para abrigar um comboio de Humvees blindados e alguns tanques. Eu esperava que o teto abobadado fosse se abrir, com uma rampa se estendendo até a saída, mas os espiões que construíram este lugar não o planejaram assim. Só há um enorme túnel escavado em uma parede, mal-iluminado e nada elaborado, resumindo-se a madeira grossa apoiada na terra batida. O túnel é largo o bastante para um tanque passar, e leva a uma caverna discreta a alguns quilômetros de Patience Creek. Se a pequena pousada que esconde tudo isso fica no meio do nada, então a saída da caverna está à direita do nada. Em resumo, ninguém nunca nos veria indo ou vindo.

Lexa passou a nave pelo túnel na noite anterior. Ela conseguiu, mas não sem alguma dificuldade. Ela já havia descido a rampa e embicado a frente da nave para a saída quando entramos na garagem.

A caminho dali, pegamos dois Chimæra no pequeno laboratório de Malcolm Goode. A maioria dos militares acha que ele é um gênio excêntrico. Talvez seja, de certa forma. Os animais aleatórios que andam com ele como se fossem bichos de estimação não contribuem muito para as pessoas pensarem diferente. Mesmo que Walker e sua equipe tenham ficado sabendo sobre os Chimæra depois das lutas em Ashwood Estates, ainda estamos tentando manter a existência deles em segredo. Nunca se sabe o que alguns desses malucos do governo seriam capazes de fazer se tivessem a oportunidade de realizar experiências com uma forma de vida alienígena.

Pegamos Regal, cuja forma preferida é um gavião, e Bandit, que anda por aí como um guaxinim. Os outros Chimæra ficaram com o pai de Sam, observando-o realizar uma série interminável de testes com o dispositivo de

camuflagem mogadoriano, para tentar descobrir uma maneira de copiar sua frequência. Adam está com ele, sugerindo quais tecnologias terrestres seriam capazes de igualar o sinal. Até agora não tiveram sorte, assim como a equipe de engenheiros militares que trabalha na sala ao lado.

Na garagem, Lexa desce a rampa para nos encontrar.

— Podemos ir? — pergunto a ela.

— Acabei de checar tudo — responde Lexa. — Forçamos muito a nave ao sairmos do México, e ela foi atingida por alguns disparos da *Anúbis*. Mas a garota está pronta para voar.

Daniela balança a cabeça e olha para a nave.

— Estou prestes a entrar em um óvni — diz ela.

— É — confirma Sam.

Ele abre um sorriso gentil para mim, depois leva Daniela e os Chimæra até a nave.

Assim como eu, Ella não entra logo atrás deles. Ela respira fundo, um pouco trêmula, me encara com seus olhos faiscantes e se arrasta pela rampa. Só consigo me mover quando Lexa toca meu cotovelo.

— Está tudo bem — diz ela, baixinho. — Eu... limpei tudo lá dentro.

Assinto.

— Tenho muitas lembranças ruins nessa nave.

— Eu sei — fala Lexa. — Quando a guerra acabar, você pode me ajudar a destruí-la.

Sorriso diante dessa dupla visão: destruir a nave e pôr um fim à guerra. Subo a rampa, alguns passos atrás de Lexa.

No topo, paro e dou uma olhada geral na garagem. Vejo alguns soldados andando ali por baixo, certificando-se de que os veículos estão todos funcionando. Sei que nos viram. Alguns estão até nos encarando abertamente. No entanto, nenhum deles faz qualquer menção de nos impedir.

Lá no elevador, noto Caleb e Christian. Eles não estavam ali quando entramos. Alguém deve ter relatado nossa presença, e os dois vieram para nos observar. Eles olham para mim, os rostos impassíveis. Sorrio e aceno, embora eles me deem arrepios. Os gêmeos me ignoram.

Isso quer dizer que Lawson sabe que algo está acontecendo e que estamos deixando a base. Bem, isso é um problema para John.

Na nave, a área de passageiros está impecável. Usando os controles touchscreen que cobrem as paredes, Lexa faz alguns assentos saírem do chão, e todos se acomodam e colocam o cinto. As camas estão escondidas sob o piso — incluindo aquela em que Sarah Hart deu seu último suspiro. Minha boca de repente fica seca. Detesto estar aqui outra vez.

Sento no banco de copiloto ao lado de Lexa enquanto ela liga a nave. Sam chega por trás de mim e se abaixa, com a mão no encosto do meu assento.

— Você está bem? — pergunta ele, baixinho.

— Estou — respondo de pronto.

Sam olha por cima do ombro como se estivesse tentando imaginar a cena horrível que se passou ali no dia anterior. Então, balança a cabeça.

— Ainda não consigo acreditar. Continuo esperando que ela, sei lá, apareça em algum lugar. Viva...

Quando a voz de Sam falha, dirijo-me a Lexa.

— Os mogs ficaram sabendo antes de nós. Precisamos ir às cataratas depressa.

— Ah, não se preocupe — responde ela enquanto aumenta lentamente a potência dos motores. — Chegaremos lá bem rápido.

Lexa olha para Sam e acrescenta: — É melhor você se sentar e colocar o cinto.

Toco a mão de Sam.

— Vamos nos concentrar nas pessoas que ainda podemos salvar, está bem?

Sam olha para mim uma última vez antes de ir para a área de passageiros e colocar o cinto de segurança. Assim que ouve o clique do cinto, Lexa empurra a alavanca de aceleração.

— Lá vamos nós!

A nave entra no túnel. Exceto por uma lufada de ar, a decolagem é silenciosa, o zunido dos motores quase inaudível mesmo quando aceleramos. Não deve haver mais do que dois metros de distância entre nós e as paredes que passam depressa. Posso jurar que ouvi a nave arranhar o túnel algumas vezes. Lexa se concentra à frente, lidando com as curvas como se já tivesse feito isso uma centena de vezes.

— Ah, merda, merda, merda... — ouço Daniela murmurar atrás de mim.

Fazemos uma curva suave, e lá está o céu, um ponto branco que fica cada vez maior à medida que nos aproximamos velozmente. Então, com uma sensação quase física de projeção, estamos ao ar livre, ganhando altitude, sobrevoando primeiro uma estrada de terra e, em seguida, o Lago Erie. Não consigo conter um suspiro de alívio quando o túnel claustrofóbico fica para trás.

— Rápido o bastante para vocês? — pergunta Lexa, com um sorriso.

— Sim! — grita Daniela lá de trás.

— Você poderia ter esperado sairmos daqui para acelerar tanto — digo, ainda que abrindo um sorriso para Lexa.

— E qual seria a graça? — responde ela.

Mesmo voando a toda velocidade com Lexa, ainda estamos a cerca de uma hora das Cataratas do Niágara. Quando fica claro que o curso já foi definido e estamos no caminho certo, solto o cinto e vou lá atrás checar os outros.

Assim como na viagem de volta do México, Ella está com o corpo encolhido, os braços em volta dos joelhos e os olhos fechados. É curioso, mas os Chimæra parecem atraídos por ela, os dois estão aconchegados ao

seu lado. Eu me pergunto se é por causa da energia lórica emanada ou simplesmente porque ela parece precisar de consolo.

Do outro lado do corredor, Daniela observa Ella como se estivesse tentando entendê-la. Então me olha quando me aproximo e aponta com a cabeça para a garota.

— O que há com ela? — pergunta, com cautela.

— Ela...

Ella abre um olho e me interrompe.

— Eu morri ontem. Por um tempinho.

— Ah — responde Daniela.

— E então me liguei a uma entidade que ainda meio que está em mim.

— Ok, isso é normal.

— Leva algum tempo para se acostumar — admite Ella, e em seguida fecha os olhos de novo.

Daniela me encara com os olhos arregalados como se perguntasse se aquilo tudo é real. Eu dou de ombros, e ela suspira, recostando-se no assento.

— Cara, eu devia ter ficado em Nova York. Tudo bem, lá tinha alienígenas. Mas não eram alienígenas zumbis.

— Não sou um zumbi — retruca Ella, sem abrir os olhos.

Ao lado de Daniela, Sam tira um videogame portátil antigo do bolso.

— Liga — sussurra ele para o aparelho com insistência. — Liga.

Ele ergue o olhar quando sente que Daniela e eu o observamos.

— O que foi?

Inclino a cabeça de lado.

— Por que você está com isso?

— Essa coisa é dos anos 1980, não é acionada por voz, cara — acrescenta Daniela.

Aponto para o aparelho.

— Tem um botão para ligar do lado.

— Achei que você tivesse dito que estava sem pilha — comenta Daniela. Sam parece um pouco incomodado com todo o falatório.

— Encontrei algumas — responde Sam para Daniela sem lhe dar muita atenção, mas olhando para mim. — E não o trouxe para, tipo, passar o tempo antes de salvarmos pessoas. Trouxe para tentar recriar o que aconteceu antes. No nosso quarto.

Daniela ergue as sobrancelhas.

— E o que aconteceu no seu quarto?

— Sam estava cheio de energia — conto.

— É mesmo? — diz Daniela, sorrindo para Sam até ele corar um pouco.

— Literalmente — responde ele. — Acho... bem, Seis acha que eu posso estar desenvolvendo outro Legado. Como se eu pudesse controlar equipamentos eletrônicos ou algo assim.

Daniela cruza os braços.

— Cara, isso é muito melhor do que ter olhos de pedra.

Sento ao lado de Sam, de modo que ele fica entre mim e Daniela, então me debruço para conversar com a garota.

— Como você soube que estava recebendo um Legado? — pergunto, querendo saber se é diferente com os humanos.

— Parecia que minha cabeça ia explodir se eu não... sei lá... colocasse aquilo para fora? — responde Daniela. — A adrenalina estava a mil. Tudo aconteceu muito rápido.

— Faz sentido. Costuma ser assim. Os Legados aparecem quando você precisa muito. Os instintos tomam conta. Depois, você aprende a controlá-los melhor.

Daniela me ouve, então se recosta e começa a massagear as têmporas. Ela olha fixamente para a parede à nossa frente.

— É, dá para sentir agora. Eu poderia fazer aquilo de novo, se quisesse, sem sentir tanta dor.

— Por favor, não transforme a nave em pedra enquanto estamos voando — pede Sam, então se vira para mim. — Minha telecinesia apareceu quando John estava prestes a ser atacado por um piken. Seria bom se eu pudesse desenvolver um novo Legado sem essa coisa toda de enfrentar uma situação de vida ou morte. Quer dizer, se os Legados se manifestam quando precisamos deles, eu diria que agora seria um excelente momento. Considerando a situação do planeta, nós precisamos de verdade.

— Então, continue tentando — digo, fazendo sinal para Sam voltar a atenção para o Game Boy antigo. — Quem sabe se você imaginar que algo horrível está prestes a acontecer?

Ele franze a testa.

— Não deve ser difícil.

Sam volta a falar sem parar com o videogame. Nada acontece. De tempos em tempos, ele fecha os olhos e range os dentes, como se estivesse tentando se convencer de que está enfrentando uma situação de pânico e terror. Gotas de suor se formam em sua testa. Ainda assim, ele não consegue ligar o aparelho. Encosto a cabeça, fecho os olhos e fico ouvindo seu mantra.

— Liga, liga, liga...

— Estamos a cerca de dez minutos do destino — diz Lexa da cabine, algum tempo depois.

Abro os olhos e observo a cabine. O assento do copiloto está ocupado por Regal, o gavião empoleirado no encosto da cadeira, encarando o caminho à frente enquanto voamos depressa por entre as nuvens. Ella ainda está descansando ou meditando, não sei bem. Bandit, por sua vez, anda de um lado para outro no corredor, ansiando pela aterrissagem. Daniela está de olho no guaxinim, e parece um pouco nervosa também, conforme nos aproximamos do que pode ser uma batalha. Então me ocorre que tudo aquilo ainda é extraordinariamente novo para ela. Não faz nem uma semana que Daniela tem Legados e já precisa se acostumar a se lançar em situações perigosas ao lado de animais alienígenas que mudam de forma.

— Não se preocupe. Podemos cuidar disso — digo a ela, me inclinando por cima de Sam, mesmo sem fazer ideia do que vamos enfrentar quando chegarmos às cataratas.

— Estou bem — afirma Daniela para me tranquilizar.

Eu me viro para falar alguma coisa com Sam, mas paro quando noto seu olhar de profunda concentração. As sobrancelhas estão arqueadas, e ele encara o Game Boy inerte como se fosse seu pior inimigo.

— *Liga* — diz ele, entredentes.

Dou um pulo quando o jogo de repente ganha vida. Sam se atrapalha com o aparelho quando se vira e sorri para mim.

— Você viu isso?! — pergunta ele.

— Aham — responde Daniela, curvando-se sobre o aparelho. — Seu dedo estava no botão.

— Não estava, não!

— Você conseguiu, Sam! — digo, apertando sua perna.

Estou tão eufórica quanto ele.

Ela abre os olhos e observa a cena com um sorriso discreto.

— Parabéns, Sam — diz ela.

— Foi diferente? — pergunto. — Você lembra como fez isso?

— É difícil explicar — diz Sam, encarando o videogame como se ainda não acreditasse no que acabou de acontecer. — Tentei imaginar o circuito. No início, era só uma figura que criei na cabeça. Não sei como é um Game Boy por dentro ou como ele funciona. Mas, então, sei lá, a imagem começou a ficar cada vez mais nítida. Como se um diagrama estivesse se formando na minha mente. No começo, era tudo uma bobagem inventada, mas aos poucos foi virando... sei lá. Algo lógico? Como se eu estivesse aprendendo como era a máquina. Ou a máquina estivesse me dizendo como funciona. Faz sentido?

— Não — responde Daniela na mesma hora.

— Parece um pouco com a forma como eu uso a telepatia — comenta Ella.

Dou de ombros para Sam.

— Bem, o que funcionar está valendo. Consegue fazer de novo?

— Acho que sim — responde Sam, e mais uma vez se concentra no videogame.

Desta vez, ele levanta a voz como se estivesse repreendendo um animal de estimação por mau comportamento.

— *Desliga.*

O Game Boy pisca, desligando.

— Legal — diz Daniela. — Você está fazendo de verdade.

Em vez de dar meus parabéns a Sam, inclino a cabeça para o lado. Algo não está certo. O vento fora da nave de repente ficou muito mais forte. Levo um instante para entender por quê.

— Estamos caindo — observa Ella.

Os motores da nave pararam de zumbir.

— Gente! — Da cabine, vem a voz de Lexa, um pouco em pânico. — A nave está com algum problema! Os sistemas simplesmente desligaram!

Ouçõ Lexa acionando alavancas e apertando botões na cabine, depois xingando cada um deles quando nada funciona para religar os sistemas. Entendendo a situação, Bandit corre para baixo de um assento e coloca as patas sobre a cabeça. Um rápido olhar pela janela me mostra que estamos perdendo altitude rapidamente. Voamos por um campo de golfe, uma pequena cidade, um rio.

Daniela e eu nos viramos para Sam ao mesmo tempo. Os olhos dele estão arregalados. Ele engole em seco.

— Ops.

CAPÍTULO

NOVE

— TEM CERTEZA DE que a gente deveria estar fazendo isso? — pergunta Nove.

— É a única opção.

Caminhamos por um dos muitos corredores idênticos de Patience Creek. Embora a maioria deles esteja em constante atividade com a presença dos militares, esta parte das instalações parece quase abandonada. Estamos na pequena área destinada a deter os presos e, no momento, há apenas um ali.

— Com todos esses novos Gardes surgindo pelo mundo, é provável que um deles tenha o Legado de voar — sugere Nove.

— Talvez um deles tenha — respondo. — Mas não temos tempo para encontrá-lo.

— Tudo bem, tudo bem — aceita Nove, por fim, balançando a cabeça. — Mas que fique registrado que sou contra.

— Sim, já entendi. Você enfiou uma placa de rua no peito dele há alguns dias.

— Ah, essa sim é uma lembrança agradável.

— Sua cautela já ficou bem clara.

— Vou matá-lo se ele tentar alguma coisa.

Olho para Nove.

— Eu sei. Por que acha que fiz você vir junto?

Nove e eu paramos de falar quando chegamos à cela acolchoada onde mantemos Cinco preso. A porta de aço reforçado só tem uma pequena escotilha para servir como janela e abre por

meio de uma roda pesada, parecida com um volante, como em um cofre de banco ou um submarino. Há dois guardas na frente, fuzileiros navais de aparência austera com rifles de assalto automáticos, que seriam inúteis se Cinco escapasse. Os dois parecem surpresos de nos ver.

— Preciso dele — digo aos guardas, apontando para a porta trancada.

Eles trocam um olhar.

— É um prisioneiro — afirma um deles.

— Eu sei. É *nosso* prisioneiro — respondo.

— Nós não temos intenção alguma de deixá-lo solto por aí — acrescenta Nove.

Um dos guardas se afasta e murmura algo em um rádio comunicador. Não faço nada. Melhor dar a entender que respeito a autoridade de Lawson.

O guarda volta, dá de ombros e pega o chaveiro.

— O general gostaria que você fosse falar com ele... sobre outra questão — diz o guarda enquanto destranca um mecanismo que mantém uma roda de três pinos no lugar.

— Ih, você está encrencado — comenta Nove.

— Pode avisar que vou falar com ele assim que terminarmos aqui — respondo ao fuzileiro.

Imagino que Lawson já tenha ficado sabendo que Seis e os outros deixaram a base sem notificá-lo. Não tenho qualquer intenção de perder meu tempo explicando nossos passos para o general; se ele quiser saber das novidades, pode vir me procurar. Tenho mais o que fazer. Mas é claro que não digo nada disso para o guarda.

A roda range quando o soldado a gira, a porta se abre e os dois guardas se afastam depressa.

— Eu estava me perguntando quando você viria.

Cinco está sentado de pernas cruzadas no chão da cela acolchoada e sorri para mim e para Nove. Ele está com os braços presos em uma camisa de força, com uma calça de pijama folgada e descalço. O chão é como uma grande almofada. Não há nada naquele espaço que Cinco possa tocar para ativar seu Externa. O pior que poderia acontecer seria ele transformar a pele em algodão.

Não supervisionei a prisão de Cinco. Não estava em condições emocionais de me preocupar com ele, então Nove e Sam cuidaram disso. A cela acolchoada parece ter sido projetada especificamente para detê-lo. Sorte que os espões que construíram aquele lugar estavam preparados para todas as possibilidades, até mesmo a de que um dos colegas perdesse a cabeça em um cenário pós-apocalíptico.

O rosto de Cinco ainda está machucado e inchado no ponto onde Nove o acertou logo após a batalha na Ilha da Liberdade. Ao prenderem o traidor ali, Sam e Nove tiraram o pedaço sujo de gaze que cobria seu olho. A órbita vazia me encara.

— Preciso de sua ajuda — digo, e as palavras deixam um gosto amargo na minha boca.

Cinco inclina a cabeça para focar o olho bom em mim.

— Você salvou minha vida, John. Sei que nunca mais vai confiar em mim. Não depois de tudo o que aconteceu. Mas estou ao seu dispor.

Ao meu lado, Nove geme.

— Ai, acho que vou vomitar.

Cinco se vira para Nove.

— Sabe, eu assumo a responsabilidade pelas minhas ações, Nove. Sei que o que fiz foi... *equivocado*. Mas quando você vai

assumir sua parte?

— Minha parte?

— Sempre falando um monte de besteiras — rosna Cinco. — Se você calasse a boca de vez em quando...

— Então, minhas piadas transformaram você em um traidor psicótico — diz Nove.

Vejo que seus punhos estão cerrados. Ele olha para mim.

— Vir aqui foi má ideia, John.

Balanço a cabeça.

— Olha, quando tudo isso acabar, se vocês dois quiserem se trancar em uma jaula para resolver seus problemas de uma vez por todas, por mim tudo bem. Mas não podemos perder mais tempo.

Nove franze a testa e fica em silêncio. Cinco continua me encarando, como se pudesse ver dentro de mim. Depois de um segundo, ele estala a língua.

— Quanta coisa mudou de um dia pro outro — retruca Cinco. Em seguida, se dirige a Nove, como se eu não estivesse na cela. — Ontem ele estava fazendo tudo o que podia para nos impedir de nos matar, lembra? O bonzinho. Agora está tudo diferente.

Ele me dirige um sorriso que parece quase orgulhoso.

— Conheço esse olhar, John. Você não estava pronto antes, mas agora está.

— Pronto para quê? — pergunto, me repreendendo por morder a isca tão fácil.

— Para a guerra — responde Cinco. — Pronto para fazer o que for necessário para vencer. Talvez pronto para fazer mais do que o necessário. Será? — Ele olha para Nove outra vez. — Você também vê, não é? Ele é como nós dois agora. Sedento por sangue.

Nove não reage de imediato. Seu olhar parece meio incerto, mas percebo que, apesar do ódio que sente por Cinco, concorda com ele. Como eu poderia não ter mudado, depois do que aconteceu? Se estou sedento por sangue, se estou disposto a fazer o que for preciso para acabar com Setrákus Ra, bem, não sinto vergonha por isso.

Ignoro toda a conversa e olho Cinco em seu único olho.

— Preciso que você me ensine a voar.

Cinco se concentra por um instante e então flutua. De pernas cruzadas e com a cabeça raspada, pairando a um metro do chão, ele parece uma versão distorcida de um monge.

— É isso que você quer? — pergunta ele.

Observo a maneira como ele flutua.

— Não é o bastante.

Ele franze a testa.

— Você pode copiar os outros Legados, como Pittacus Lore, não é? Vi o que fez em Nova York, com a garota nova, a dos olhos de pedra. Só teve que observar o Legado dela. Portanto, observe.

Não foi tão simples como Cinco pensa. Em primeiro lugar, eu estava desesperado. Parece que isso sempre ajuda na hora de dominar Legados. Também senti o poder aumentando enquanto tentava curar a dor de cabeça de Daniela. Meu Ximic se ligou diretamente ao poder em desenvolvimento, e eu de fato senti como funcionava. Acho que foi por isso que consegui copiar o Legado de cura de Marina, sem nem mesmo saber o que estava fazendo, e fui capaz de recriar a invisibilidade de Seis sem problema. Eu já havia sentido esses Legados antes, pois eles foram usados em mim, experimentei os poderes. Ver Cinco flutuar como um Buda sociopata não chega nem perto do contato de que preciso.

— Copiei o Legado de Daniela no calor do momento. Além disso, pude sentir como funcionava — explico a Cinco. — Olhar para você não vai me ajudar.

— Já fiz você voar antes — lembra Cinco. — No dia em que nos conhecemos. Não lembra como foi?

— Provavelmente como ser carregado por um cretino gorducho — dispara Nove.

Ignorando a piadinha, fecho os olhos e tento lembrar como foi voar com Cinco. A sensação de ausência de peso, minhas pernas balançando, o pensamento de que ele poderia me deixar cair a qualquer momento...

Olho para meus pés e não me surpreendo quando vejo que ainda estou no chão.

— Lembro como foi ser carregado. Isso é muito diferente de me lançar no ar por conta própria.

Cinco parece pensativo. Quase nostálgico. Nunca vi algo assim em seu rosto, que costuma estar cheio de raiva.

— Voar parece muito com telecinesia — descreve Cinco, após um instante. — Como quando se visualiza um objeto que se quer mover pelo ar. Basta imaginar que acontece, e acontece. Vocês já fizeram essa bobagem um milhão de vezes, assim como eu, não foi?

Nove e eu concordamos.

— Bem, imagine que você está fazendo isso com o próprio corpo — continua Cinco. Ele se mexe na camisa de força e franze a testa. Estava tentando abrir os braços e esqueceu que estavam presos junto ao peito. — Estenda os braços e imagine cordas passando por baixo deles, puxando-o para cima.

— Como um fantoche — sugere Nove.

— Como um ator em uma peça — rebate Cinco, irritado. — Elevando-se acima do palco. Gracioso.

— Ainda mais idiota — retruca Nove.

— Tente, John — diz Cinco, em um tom gentil. — Estenda os braços. Imagine que está preso com firmeza a cabos. Imagine que sua telecinesia pode manipular esses cabos, depois pare de imaginar e *faça*.

Mesmo não me sentindo confortável por ter aulas com Cinco, estendo os braços para os lados. Eu me concentro e tento imaginar cordas sendo passadas em torno de mim, me prendendo ao teto, como fui instruído. Puxo essas cordas com minha telecinesia. Imagino meus pés saindo do chão, meu corpo sem peso no ar.

E então acontece. Algo se encaixa, e sinto meus tênis deixarem de tocar o chão. Flutuo a apenas alguns centímetros, mas ainda assim... está acontecendo.

— Vá com calma — diz Cinco, sua voz como um sussurro. — Isso. Concentre-se em manter o corpo reto. Continue puxando as cordas.

Mesmo ouvindo o conselho, não consigo deixar de conferir meu progresso. Há uns trinta centímetros separando o chão e meus pés, e ver isso é desorientador. Meu instinto é mover os braços como se eu estivesse perdendo o equilíbrio. De repente, meu corpo volta-se para a frente, ainda flutuando, mas horizontalmente, virado para o chão.

— Concentre-se! — dispara Cinco. — Lembre-se das cordas!

Os gritos não ajudam. Eu me lembro das cordas imaginárias, mas, em vez de movê-las devagar para voltar a ficar de pé, as puxo mentalmente com força demais, me sentindo frustrado. Disparo como um foguete e sinto minha coluna bater com força no teto, e

em seguida caio de cara no chão. Para minha sorte, o piso da cela de Cinco é acolchoado.

Atrás de mim, ouço Nove tentando abafar o riso. Começo a me levantar e olho para ele.

— Você poderia ter me pegado.

Nove ri e me imita, balançando os braços no ar em busca de equilíbrio.

— Ah, cara, isso foi muito bom. Eu nem me toquei.

Fico de pé. Cinco ainda flutua sem esforço à minha frente. Pelo menos ele não acha meu fracasso hilário, como Nove.

— É um começo — diz ele, e dá de ombros. — Por sinal, não recomendo praticar onde há um teto. Eu costumava treinar sobre a água, assim as quedas não machucam tanto.

— Quanto tempo? — pergunto. — Quanto tempo você demorou para dominar o voo?

Cinco bufa.

— Não é como atirar bolas de fogo, John. É mais como reaprender a andar. Levei uns meses.

— Não tenho tanto tempo. Preciso voar até uma das naves de guerra o mais rápido possível.

Ele ergue uma das sobrancelhas.

— Nossa, isso parece interessante.

— Você não foi convidado — diz Nove na mesma hora.

Cinco suspira.

— Se você está determinado a fazer isso sozinho, há outra técnica de treinamento que poderia tentar.

— Qual?

Mal termino a pergunta e Cinco me acerta na barriga com o ombro. Fico sem ar na mesma hora. É como uma bala de canhão. Sem poder usar os braços para me agarrar, é pura força que

mantém Cinco pressionado contra mim. Nós caímos para fora da cela, passando direto por Nove, que não reage rápido o suficiente. Os fuzileiros gritam de surpresa.

Baixamos a guarda por um segundo e é isto o que acontece. Como fomos estúpidos!

Cinco me joga contra a parede oposta à cela, bem alto, e minha cabeça chega a roçar o teto. Ouço os gritos dos soldados e o barulho das armas sendo engatilhadas.

— Não! — grita Nove. — Vão acertar John!

Cinco voa para longe de mim, e eu começo a deslizar pela parede. Mas ele não me solta; só está procurando uma posição melhor. Enquanto caio, ele passa as pernas em torno do meu peito. Um dos meus braços está preso junto à lateral do corpo, mas consigo soltar o outro.

Acendo o Lúmen com a mão livre e agarro a perna de Cinco, tentando me soltar. Queimo a calça de pijama, ouço a pele de sua perna crepitar e então...

Vuush!

A pele de Cinco se transforma em fogo, seu Legado entrando em ação. Mesmo que eu seja imune a queimaduras, pulo para trás, surpreso. A camisa de força incendeia e se desfaz, pedaços em chamas caindo no chão do corredor. Ele não precisa mais das pernas para me agarrar. Então se abaixa e aperta meu pescoço com as mãos chamuscantes.

— Obrigado pelo fogo, John, seu idiota arrogante e previsível!

Ele nos leva para cima e bate meu corpo com força contra o teto. Em seguida, volta para baixo depressa, me arremessando no chão. Nove salta para nos alcançar, e Cinco me usa como escudo. Ouço Nove grunhir quando minhas pernas acertam sua cabeça.

Começo a subir outra vez, e Cinco me leva pelo corredor a toda velocidade.

— Sabe aquela primeira vez em que voei com você? Deus do céu, como eu queria soltá-lo! Você nem imagina. Hora de realizar o desejo!

É vertiginoso. Vamos batendo em portas, entrando em celas vazias e chegando a novos corredores, onde somos recebidos por gritos de pânico. Cinco aproveita todas as oportunidades de me esmagar em uma parede, no teto ou no chão. Às vezes é difícil saber em que superfície minhas costelas estão batendo, de tão confuso. Vejo Nove correndo atrás de nós e percebo que ele caminha pelas paredes, usando seu Legado antigravidade para não precisar se desviar das pessoas. Cinco deve tê-lo visto também, porque volta e meia disparamos em direção a ele como um meteoro. Nove tem que mergulhar para fora do caminho para não ser esmagado ou queimado, e, antes que possa se recuperar, Cinco já dobrou outra esquina.

Estou por conta própria.

Como sou à prova de fogo, não me preocupo com a pele flamejante de Cinco. O que de fato me assusta é a maneira como suas mãos apertam minha traqueia. Toda vez que Cinco me atira em uma nova superfície, afrouxa um pouco as mãos, e isso me dá uma chance de respirar. Sendo jogado para todo lado daquele jeito, é um esforço constante buscar oxigênio.

— O Adorado Líder veio até mim em um sonho! — grita Cinco na minha cara, e sua órbita vazia está preenchida pelo fogo. — Ele disse que me perdoaria se eu lhe contasse onde encontrar você. Eu garanti que faria ainda melhor e o mataria com minhas próprias mãos!

Um grunhido de raiva escapa da minha garganta dolorida. Já chega!

Bato com os punhos nos braços de Cinco, tentando fazê-lo me soltar. Ele geme, mas não larga meu pescoço. Começamos a trombar na parede, depois, no teto, e em todas as vezes Cinco me coloca na frente, para amortecer o impacto.

Inclino a cabeça para trás, me certifico de estar mirando bem nos olhos de Cinco e lanço a petrificação de Daniela.

Ele é rápido demais. Assim que o raio sai de meus olhos, Cinco levanta a mão para impedir que acerte em cheio seu rosto. Mas pelo menos me livro dessa garra no meu pescoço. Cinco solta uma risadinha assustadora quando a mão vira pedra, então cobre meu rosto com esse novo apêndice poderoso. Ele mantém a pressão, cobrindo meus olhos para que eu não tente usar o Legado novamente.

Ainda assim, é um alívio. Com apenas uma mão apertando minha garganta, consigo respirar um pouco. E não só isso: agora estou em vantagem. Agarro Cinco pelo pescoço e giro, tentando garantir que ele se machuque na próxima queda. Atingimos alguma coisa — deve ser o chão, ainda não posso ver — e logo procuro me certificar de que estou prendendo Cinco. Assumindo o controle, jogo todo o meu peso contra ele, acertando-o no chão várias vezes.

Ele tira a mão de pedra dos meus olhos, e vejo a dor em seu rosto. As chamas que cobriam seu corpo se apagaram, deixando para trás somente a pele normal e frágil. Eu não paro. Continuo atirando seu corpo no chão. Agora é Cinco quem está com dificuldade para respirar.

— John... John... olha para baixo! — diz ele com esforço.

É provável que seja só outro truque. Mas noto algo na maneira como Cinco fala isso, como se toda a maldade em sua voz tivesse desaparecido.

Olho para baixo e vejo o chão a cinco metros de nós. Não estou batendo com Cinco no piso, e sim no teto.

Estou voando. Estou no controle.

— Você disse... disse que foi no calor do momento — geme Cinco. — Achei que um pouco de motivação... pudesse ajudá-lo a aprender. A fazer... fazer por instinto.

Não sei o que responder. Solto o ar e minha fúria se dissipa, mas ainda estou pressionando Cinco contra o teto. Devagar, mantendo o controle, nos levo flutuando até o chão. Olho ao redor. Estamos em um corredor da enfermaria da base. Está deserto aqui. Ao longe, ouço passos apressados em um corredor próximo. É provável que sejam Nove e os soldados tentando nos alcançar.

— Havia jeitos melhores de fazer isso — digo, virando para Cinco.

Ignoro o fato de que ele está nu, pois toda a roupa foi queimada quando ele transformou a pele em fogo.

— Os resultados são inquestionáveis — responde Cinco, encurvado.

Ele ergue a mão que transformei em pedra diante do rosto. Vejo pela maneira como os músculos do braço se flexionam que ele está tentando mexer os dedos, mas não consegue.

— Que esquisito.

Cinco transforma o corpo em pedra para igualar tudo. Quando volta ao normal, a mão continua transformada. Ele franze a testa.

— Que merda. Isso é permanente?

— Não sei — respondo. — Posso tentar curá-la.

— Por favor — diz ele, estendendo a mão.

Seguro o braço de Cinco e deixo meu Legado de cura correr para ele. É preciso um pouco mais de esforço do que o normal; o Legado tem que passar pela pedra fria e encontrar algum tecido vivo para reconstruir. Por fim, a rocha começa a se desintegrar, revelando a pele lisa por baixo.

— Você podia deixar só meu mindinho assim — pede Cinco de repente, como se tivesse acabado de ter uma ideia. — Não preciso dele.

Faço uma careta. Ele quer que eu deixe o dedo assim para que possa se transformar em pedra sempre que quiser. Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Qual é, John! — diz ele, e sorri para mim, com sangue nos dentes. — Você não confia em mim?

Em resposta, curo o restante da mão. Mas ainda não solto o braço.

— Quando estávamos lutando, você disse que Setrákus Ra apareceu para você em um sonho. Era só provocação?

— Não, isso aconteceu — afirma Cinco. — Mas não aceitei a oferta. Cansei de acreditar no que aquele velho cretino diz.

Antes que eu o pressione mais, Nove dobra a esquina a toda velocidade. Com minha audição aprimorada, identifico outros dez pares de pés correndo um pouco atrás. Também ouço os cliques de armas automáticas. Imediatamente estendo as mãos em direção a Nove e me coloco entre ele e Cinco. Depois desse método de ensino maluco, não quero que a situação saia ainda mais do controle.

— Eu estou bem! — grito. — Foi apenas um mal-entendido!

Nove derrapa até parar, os punhos fechados. Ele está ofegante, e em seguida ergue uma das sobancelhas, olhando para um ponto atrás de mim.

Cinco solta um grunhido de surpresa.

— Hã, John... — diz, com esforço.

Eu me viro e o vejo parado como uma estátua. Ele mal respira. Um pedaço de gelo paira no ar, bem à frente de seu rosto. A ponta brilha no corredor bem-iluminado, afiada como um punhal. O fragmento está a um fio de distância de seu olho remanescente.

Marina está a poucos metros de distância, o bastante para Cinco não conseguir pegá-la. O cabelo dela está completamente embolado e tampando um dos lados do rosto. A aparência é a de quem acabou de acordar, a não ser pelos olhos — eles brilham, arregalados, focados em Cinco.

— Marina, calma — começo a dizer.

Ela não ouve.

— O que eu lhe disse, Cinco? — pergunta ela, a voz fria. — O que eu disse que aconteceria se visse você outra vez?

CAPÍTULO

DEZ

— A GENTE DEVIA estar salvando o mundo de alienígenas do mal, mas vamos morrer em um acidente de avião! — geme Daniela, o rosto pressionado na janela mais próxima. — Merda!

— Nós não vamos morrer — dispara Lexa da cabine. — Posso aterrissar esta coisa mesmo sem energia. Só não vai ser agradável.

"Não ser agradável" deve ser um eufemismo. Olho pela janela e vejo que ainda estamos muito alto, as copas das árvores parecendo lanças verdes lá embaixo. Lexa faz a nave deslizar em círculos preguiçosos, tentando desacelerar a descida o máximo possível. Sem a propulsão do motor, balançamos a cada rajada de vento, e sinto Lexa mexer os controles para impedir que o nariz da nave aponte para baixo. Até então, ela tem nos mantido relativamente estáveis. Mas, quando acertarmos aquelas árvores, vamos ser jogados de um lado para o outro.

Sam está parado no meio do corredor. Parece em pânico. Não posso censurá-lo, já que ele foi o responsável pela descida abrupta.

— Esta nave de merda está amaldiçoada — murmuro para mim mesma.

— Liga! — grita Sam pela vigésima vez. — Nave! Ordeno que você ligue agora!

— Não está dando certo. Os sistemas ainda estão desligados, e não consigo acessar nada — berra Lexa da cabine. — Talvez você deva pedir com mais gentileza.

Sam limpa a garganta, e sua voz fica mais aguda, como se estivesse falando com um bebê.

— Nave? Pode voltar a ligar, por favor?

Nada acontece.

— Droga, liga de uma vez!

Seguro Sam pelos ombros e o faço olhar para mim.

— Não adianta gritar. Já percebeu isso, não é? Precisa se concentrar. Pare de surtar e use o Legado.

— Eu não sei como, Seis. É sério. Gritar funcionou até agora.

— Tente o que fez antes com o videogame. Só tem que... sei lá. Visualizar?

— Vou matar todos nós — geme Sam.

— Vi pouquíssimos futuros em que isso acontece, Sam — interrompe Ella, completamente calma e ainda sentada.

Sam olha para ela.

— Viu só? Pouquíssimos futuros — digo a Sam.

Sam engole em seco.

— Isso não está ajudando.

A nave de repente dá uma guinada para a direita. Lexa xinga e bate na coluna de direção, tentando corrigir o curso. A velocidade de queda está aumentando, disso não há dúvidas.

— Seis, será que você pode me ajudar com o problema do vento? — pede Lexa por cima do ombro.

— Boa ideia — respondo. Faço menção de me afastar de Sam. Os olhos dele se arregalam na mesma hora, como se eu estivesse abandonando-o. Então aperto seus ombros. — Relaxa. Você consegue. Só vou retardar um pouco a queda para você ter mais tempo.

Vou até a janela e me concentro no clima lá fora. O céu está bem azul. Eu me concentro no vento; está soprando muito forte, mas não tão forte que eu não possa controlar. Faço o vento mudar de direção, e em vez de açoitar a lateral da nave, ele passa por baixo dela, suavizando a descida. Com isso e a navegação cuidadosa de Lexa, logo estamos fazendo círculos suaves no ar, como uma folha apanhada pela brisa.

Desacelerei a queda. Mas ainda tem o peso da nave, quase meia tonelada. Não tenho como nos manter deslizando no céu para sempre, não sem a ajuda dos motores. É só uma questão de tempo.

Tenho certeza de que Sam sabe disso. Ele não para de tentar diferentes tons de voz, ordenando que os motores voltem a funcionar. Mas nada acontece.

Com a visão periférica, noto que Ella se levanta da cadeira. Pequenas faíscas de energia azul saem dos cantos de seus olhos. Ela segura Bandit debaixo do braço; o guaxinim surtou quando começamos a cair. Assim que Ella o pegou, ele ficou mais calmo. Não sei por que ficou tão preocupado... ao contrário do restante nós, ele pode criar asas.

Ella observa Sam por um momento. Então assente uma vez, como se tivesse chegado a uma conclusão.

— Mais cedo, você disse que imaginou o funcionamento interno do videogame e isso ajudou, não foi?

— Eu disse que isso apareceu do nada na minha mente — responde Sam, e passa as mãos pelo cabelo. — Não sei como aconteceu.

— Tudo bem — diz Ella. — Me dá um segundo.

Sam pisca e tenta umedecer um pouco a boca. Observa Ella caminhar casualmente em direção à cabine. Inclino o corpo para olhar também, ainda concentrando quase toda a minha atenção em controlar o vento.

— Essa coisa tem paraquedas, não tem? — Daniela me pergunta.

— Não se preocupe — respondo, olhando para Ella. — Acho que sabemos como resolver isso.

Daniela olha para mim como se eu fosse louca. Ela não está acostumada com essa coisa de escapar por um triz.

— Sabe como esta nave funciona? — pergunta Ella a Lexa, de pé junto à piloto. — Você poderia, digamos, imaginar o motor?

— O quê? Sim, acho que sim — responde Lexa, embora esteja mais concentrada em nos levar até uma área plana avistada no horizonte.

O espaço não será suficiente para um pouso tranquilo, mas pelo menos não seremos atirados entre as árvores.

— Você poderia fazer isso agora? — pergunta Ella, com paciência. — Só... visualize o motor ou o sistema de propulsão ou... sei lá. O que quer que você ache que Sam estragou.

— Estou meio ocupada com... — retruca Lexa, mas então pensa melhor. Ela deixa os controles apontando para a direção certa, se recosta no banco por um segundo e fecha os olhos. — Ok, estou imagi...

Lexa para de falar de repente e estremece, como se sentisse um arrepio subir pela espinha.

— Obrigada, entendi — diz Ella.

Lexa abre os olhos. Aperta a ponte do nariz por um instante antes de voltar a se concentrar nos controles.

— Que estranho — murmura.

— Sam, vou mandar esta imagem para você — avisa Ella.

— Mandar para mim como? — indaga ele, embora a resposta devesse ser óbvia: telepaticamente. A cabeça de Sam balança para trás, e suas sobrancelhas se erguem. — Ah. Ah, sim.

— Tente seu Legado agora — sugere Ella.

Ela se apoia na entrada da cabine e acaricia o pelo de Bandit. Parece tão confiante que acabo me distraíndo e perdendo um pouco do controle sobre os ventos. Nossa nave faz um mergulho abrupto para a esquerda. Daniela é a única que nota, deixando escapar um gemido baixinho de desespero. Todos os outros estão focados em Sam.

Seus olhos estão vidrados, como se houvesse algo flutuando lá fora que só ele visse. Seus lábios se movem rapidamente e sem emitir som, como se estivessem contando até mil em silêncio.

— Nave, ligue e estabilize, devolva o controle à piloto — diz ele, confiante.

Na mesma hora, sinto a vibração sob nossos pés. Os motores da nave voltam a funcionar, e ouvimos um coro satisfatório de apitos e zumbidos vindo da cabine. Estabilizamos e começamos a ganhar altitude.

— Está tudo bem! — grita Lexa. — Problema resolvido.

Eu me afasto depressa da janela e abraço Sam com força.

— Você conseguiu!

Sam sorri para mim, perplexo, como se não tivesse certeza do que fez.

— Eu consegui — repete ele.

— Você não nos matou, u-hu! — acrescenta Daniela, com sarcasmo.

— Senti como se estivesse na potência máxima ou algo assim — diz Sam, seu olhar vagando em direção a Ella. — Como se estivesse ligado à máquina. Eu podia entender o funcionamento todo...

Ella dá de ombros.

— Só peguei o que estava na mente de Lexa e passei para você. Simples.

— Então parece que você precisa entender a máquina antes de ser capaz de controlá-la — digo, pensando alto.

— Mas com o Game Boy bastou ficar ali sentado, pensando nele, e uma hora o funcionamento do sistema me ocorreu — rebate Sam. — E desligar a nave foi um completo acidente. Como algo além do meu alcance.

— Você também falou engraçado dessa última vez — comenta Daniela. — Como um robô.

— Falei? — pergunta Sam, e levanta uma sobrancelha para mim.

— Falou — respondo. — Pelo visto, ainda temos que conhecer melhor esse seu Legado.

— Cara, eu preciso de um Cêpan — diz Sam, esfregando a nuca.

Lexa limpa a garganta.

— Gente, atenção. Estamos nos aproximando das Cataratas do Niágara, e eu já avistei dois... não... três Escumadores.

Imediatamente, todos na parte de trás da nave ficam sérios e em silêncio. Vemos as majestosas cataratas lá embaixo quando Lexa passa depressa por

elas. Como era de se esperar, não vemos nenhum turista. Com o mundo em guerra, ninguém tem tempo para passeios.

Noto um brilho azul-cobalto na encosta ao lado das cataratas. É a pedra de loralite, a que o grupo de adolescentes usou para se teleportar até aqui.

E, parados ao redor, os três Escumadores que Lexa viu.

— Está vendo as naves? — pergunta Lexa.

— Estou — respondo. — Mas não vejo nenhuma movimentação.

— Espere um pouco, vou melhorar a imagem.

Ouçõ Lexa apertar alguns botões no painel de controle. Um instante depois, a vista da janela fica borrada e, em seguida, se amplia. Passamos a ver de perto a pedra de loralite e as naves que a cercam. A câmara, que deve ficar na parte inferior da nave, acompanha a pedra com facilidade enquanto flutuamos no alto.

— Uau! — exclama Daniela. — Maneiro!

Vejo os três Escumadores com mais detalhes. Apenas um deles parece intacto, com a rampa estendida e as portas da cabine abertas. O segundo tem uma nuvem de fumaça negra serpenteando a partir do motor, como se algo tivesse explodido ali pouco tempo antes. E o terceiro está virado de lado, caído no rio que corre em direção às cataratas. A nave não está estável; a qualquer momento a correnteza vai levá-la até a beirada.

Parece que os mogadorianos colheram mais do que plantaram. Mas não vejo qualquer sinal de vida lá embaixo, e isso me deixa nervosa.

— O que você quer fazer? — pergunta Lexa.

Penso por um segundo.

— Desça até a clareira. Nossa aproximação não foi lá muito sutil. Qualquer um com olhos já nos viu.

— Era de se esperar que os mogs já estivessem atirando em nós a uma hora dessas — comenta Sam, olhando para a tela com o cenho franzido enquanto Lexa procura um lugar para pousar.

— Pode ser uma emboscada — digo.

— Ou talvez houvesse mais naves. Talvez a gente tenha chegado tarde demais. Eles já devem ter prendido aqueles adolescentes e voltado depressa para uma das naves de guerra — sugere Daniela, em um tom de voz sombrio.

— Vamos torcer para que não seja nada disso — respondo.

Lexa desce com a nave o mais perto possível da pedra de loralite e do Escumador que não foi danificado. Uma vez no solo, faz as janelas voltarem ao normal. Ela olha fixamente para a pedra brilhante, parecendo hipnotizada.

— Precisamos ajudar o governo a manter lugares como este em segurança — diz ela, depois de um tempo. — Se os mogs os encontrarem primeiro, os novos Gardes podem acabar se teleportando direto para as mãos dos inimigos.

— Você consegue fazer contato com todos eles de novo? — pergunto.
— Se estão vindo lutar, talvez pudéssemos dizer a todos eles para se teleportarem para cá.

Ela balança a cabeça.

— Meu alcance já não é tão grande — explica ela.

— Poderíamos postar no YouTube — retruca Sam, sarcástico.

— Nunca — respondo. — Teremos que confiar em Lawson e seu pessoal para cuidar bem deles.

— Que bom que estou com vocês, e não detida — diz Daniela.

Lexa aterrissa em um ângulo que permite que a rampa de saída se abra na direção da queda-d'água. Isso significa que nenhuma ameaça virá de trás, e a nave nos dará cobertura se for uma emboscada. Se algum mog quiser nos atacar, terá que passar pela pequena área verde ao norte. Esse bosque é em parte inundado pelo rio que corre com força rumo às quedas, então devemos ter uma vantagem se ficarmos em terra firme.

— Prontos? — pergunta Lexa.

Faço que sim, e ela aciona a rampa. Ninguém começa a atirar, mas também não sei se eu conseguiria ouvir os disparos, por causa da cacofonia da cachoeira.

— Adam deve estar ouvindo as comunicações deles — digo a Lexa. — Ligue, avise que já chegamos e veja se ele pegou alguma conversa importante entre os mogs. Do contrário, mantenha a nave pronta para nos tirar depressa daqui caso seja necessário.

— Entendido — responde Lexa.

Estendo o braço e Regal imediatamente pousa nele, tomando cuidado para não apertar muito as garras.

— Vasculhe a área — digo ao Chimæra, e ele se lança no céu azul.

Vou até a rampa e faço um sinal para Daniela.

— Venha, fique na frente comigo. Se aparecer qualquer coisa hostil, você pode transformá-la em pedra.

Daniela sorri, mas vejo que está nervosa.

— Vamos lá.

Nós duas lideramos o grupo, que desce a rampa devagar. Olho para o lado de relance, notando um movimento, mas é apenas Sam pegando uma pedra do rio com a telecinesia.

Ele dá de ombros.

— Caso eu precise acertar alguém — explica em voz baixa.

Daniela esquadrinha toda a área enquanto contornamos a frente da nave e nos aproximamos do Escumador queimado. Bandit caminha ao nosso lado enquanto avançamos aos poucos para o norte. O guaxinim ficou maior desde que pousamos, os pelos eriçados, com garras de um comprimento perigoso. Ele arranha a terra, pronto para atacar ao primeiro sinal de perigo. As patas reviram uma substância cinzenta que logo reconheço.

Cinzas mogadorianas. E são recentes, já que ainda não se dispersaram. E ali, ao lado das cinzas, armas que algum nascido artificialmente morto deixou para trás. Com certeza houve uma luta por aqui, e os mogs sofreram baixas.

— Os novatos fizeram um estrago — comento.

— Fizeram mesmo! — retruca Sam, olhando para o Escumador de onde está saindo fumaça.

Analisando mais de perto, parece que uma granada explodiu bem na cabine da nave. Bem, alguma coisa explodiu, isso é certo. Só não dá para saber o quê.

Olho para trás e vejo Ella se afastando do nosso pequeno grupo. Está indo em direção à pedra de loralite, o que a deixará muito exposta.

— Ella — sibilo. — Não.

A garota acena para mim sem desviar os olhos da pedra.

— Vou ficar bem, Seis.

Sam e eu trocamos um olhar.

— Acho que ver o futuro deve deixar a pessoa mais ousada — diz Sam.

— Morrer uma vez também — completo.

Confiando que Ella pode cuidar de si mesma, levo os outros, com cautela, rumo à floresta. Passamos pelo Escumador que pousou em segurança e em seguida nos aproximamos mais do rio e do Escumador tombado na água. Daniela segura meu braço.

— Está ouvindo?

A princípio, não escuto nada, exceto o barulho da água caindo. Mas então identifico um zumbido monótono, agudo e incessante. Estreito os olhos para ver melhor o Escumador no rio. A nave parece desfocada, estranha...

Insetos. Mesmo com uma parte submersa na água, a nave mogadoriana está coberta por um enxame. Deve haver milhares deles: abelhas, mosquitos, moscas e sabe-se lá mais o quê, entrando e saindo do motor, rastejando pelo casco blindado. Eles só param quando a água do rio bate neles.

— O apicultor em ação — diz Sam.

— Só pode ser — concordo, e faço um sinal para seguirmos em frente.

Estou me sentindo bem mais confiante em relação à missão. Na verdade, isso não está parecendo nem um pouco um resgate.

Vindo de cima, mais alto que as ondas batendo e os insetos zumbindo, ouvimos um som estridente. O pio de um gavião. Regal nos dando um aviso.

— Mas que merda é essa? — grita Daniela, apontando para o céu.

Um objeto brilhante sai da linha das árvores, vindo em nossa direção. Ele flutua pelo ar em um arco impossível — guiado por telecinesia, sem dúvida. Se eu tivesse que adivinhar, diria que alguém jogou uma pinha em nós. Só que é uma que pulsa em ondas vermelhas de energia.

De repente me lembro do Escumador que explodiu.

— Acerte essa coisa — digo a Daniela.

Mas nem preciso me preocupar; ela já está cuidando disso. Uma corrente prateada de energia irrompe dos olhos dela — a força necessária me parece dolorosa, e a garota engasga quando emite o raio. Mas acerta em cheio, e a pinha brilhante logo não passa de um pedaço de pedra.

Para garantir que não teremos problemas, jogo o objeto no chão com minha telecinesia. A pinha cai cerca de vinte metros à nossa frente e explode na mesma hora, a energia vermelha despedaçando a carapaça de pedra feita por Daniela. Somos atingidos por alguns fragmentos, mas ninguém fica ferido. Não sei ao certo qual teria sido a força da explosão se Daniela não a tivesse abafado.

— Lá! — grita Sam, apontando para a beirada da floresta.

Eu também a vejo. A japonesa de aparência frágil do vídeo. Ela está de pé onde há menos árvores, perto do rio, as canelas mergulhadas na água. Devia estar se escondendo antes e saiu quando nos aproximamos. Há um corte acima de sua sobrancelha, de onde escorre um filete de sangue. Ela arrasta os pés, e, nos braços, reconheço queimaduras de disparos das armas mogadorianas. A garota nos encara, insegura.

Em seguida, se abaixa rapidamente e pega um punhado de pedras no rio. Em suas mãos, todas começam a brilhar.

— Não faça isso! — grito quando a menina ergue os braços como se fosse lançá-las.

— Calma, Ran! Calma! — berra uma segunda voz.

É o punk britânico que fez o vídeo que nos levou até lá. Nigel. Acho que era esse o nome. Ele sai de trás das árvores, atravessa a parte rasa do rio, chapinhando água, e agarra a menina pela cintura.

Ran sai do transe de ataque quando Nigel a segura e a levanta do chão. As pedras rolam de suas mãos e caem na água. Alguns segundos depois, meia dúzia de gêiseres explodem para o alto, onde as pedras detonaram.

— Ela faz granadas — diz Sam. — Isso deve ser útil.

— Irado. Por que não ganhei esse poder? — queixa-se Daniela, esfregando a cabeça.

Ainda segurando Ran com um dos braços, Nigel acena para nós. Os outros dois, Bertrand e Fleur, saem receosos de trás das árvores, segurando armas mogadorianas. Tenho uma estranha sensação de nostalgia ao olhar aquele grupo sujo e desgrenhado. Era assim que ficávamos depois de sobreviver aos primeiros confrontos?

— Boa tarde, aliados alienígenas! — grita Nigel em tom alegre, avançando em nossa direção. — Vocês demoraram pra caramba.

CAPÍTULO

ONZE

— MARINA, PRECISO QUE você se acalme.

Uma má escolha de palavras. Percebo na mesma hora.

— Não diga para eu me acalmar, John — responde ela, furiosa.

— Eu acordo. Não sei onde estou. E este... este desgraçado é a primeira coisa que eu vejo?

A estaca de gelo letalmente afiada ainda paira muito perto do olho bom de Cinco. Eu poderia usar meus poderes para abaixar o sincele, mas a probabilidade de cravá-lo no rosto de Cinco por acidente é alta. Ele deve saber disso também, porque está imóvel, congelado como a arma de Marina, as mãos espalmadas ao lado do corpo para mostrar que está desarmado. Desarmado e nu, na verdade.

— Você está em segurança — digo a Marina.

— Me perdoe, mas não parece.

Olho por cima do ombro. Atrás de mim, seguindo o corredor, há uma dezena de soldados com equipamento completo. Suas armas não estão em riste. Acho que não sabem muito bem o que pensar da cena, mas ainda assim a visão não indica muita cordialidade. Nove está a alguns metros deles, de braços cruzados, boca fechada. Não dá para esperar que ele apoie Cinco. Na verdade, Nove deve estar se esforçando muito para não encorajar Marina.

— Estamos em uma base militar secreta perto de Detroit — explico a Marina, mantendo o tom neutro. — Você foi ferida na

batalha contra Setrákus Ra. Eu a curei, e você estava repousando.

— Então Setrákus Ra ainda está vivo.

— Está — respondo. — Mas Seis causou um bom estrago. Ele ainda não cumpriu a ameaça de ataques. Temos tempo, não muito, mas o suficiente para planejar o próximo passo...

— E este aqui?

O gelo balança em frente ao rosto de Cinco. Ele se encolhe, e Marina responde aproximando ainda mais a estaca. Cinco volta a ficar imóvel.

— Nós o capturamos em Nova York. Ele é nosso prisioneiro.

— Não parece.

— Ele estava me ajudando com uma coisa. Mas vai voltar para a cela agora. Não vai?

Cinco olha em minha direção por um instante. Ele engole em seco e inclina a cabeça para trás, assentindo com cuidado.

— Sim — diz ele em voz baixa.

Marina bufa quando ele fala. Então se vira, e eu percebo que, em meio à raiva e à confusão que sentiu ao ver Cinco, ela quer confiar em mim.

— Por favor, Marina — peço. — Sei o que estou fazendo.

Aos poucos, ela começa a baixar o sincele. Na mesma hora Cinco corre e me coloca entre ele e Marina. Então olha para ela, uma mistura de medo e vergonha no rosto, depois dispara em direção a Nove e aos soldados.

— De todos os horrores que já vi na guerra, este é o pior — observa Nove, quando Cinco se aproxima sem roupa.

Alguns soldados riem. Eu balanço a cabeça — esse é exatamente o tipo de comentário que pode tirar Cinco do sério.

Para meu alívio, ele só endireita os ombros e não responde. Os soldados abrem passagem, murmurando uns com os outros. Cinco

ignora todos eles. Por enquanto, parece satisfeito em voltar para a cela por vontade própria. Isso é bom. Talvez esteja aprendendo a escolher suas brigas.

— O show acabou, pessoal! — grita Nove, dispersando a multidão.

Ele dobra a esquina atrás de Cinco, gritando para um soldado: — Cumpra seu dever com a pátria e arrume uma calça para esse garoto!

Eu e Marina ficamos a sós. Ela faz o gelo flutuar até sua mão e o pega no ar, depois quebra a ponta afiada e pressiona o que restou na testa. Então me olha com um sorriso trêmulo.

— Desculpe se eu reagi... mal. Acordar aqui e encontrá-lo, eu só... estou tentando não ser tão... vingativa.

— Minha reação teria sido a mesma. — Indico com a cabeça o pedaço de gelo em sua testa. — Como está se sentindo? A cabeça ainda incomoda?

— Só um pouco — responde ela. — Eu me lembro de Setrákus Ra batendo meu corpo no chão, e então...

— Você estava mal — digo. — Fiz o melhor que pude para curá-la.

— Você salvou minha vida — declara Marina, tocando meu braço. — Eu estava à beira da morte. No precipício. Sei disso.

Ergo uma das sobrancelhas. Marina está certa; ela quase não resistiu no caminho até aqui. Mas, pela maneira como falou, posso notar que há algo mais.

— Enquanto eu estava apagada, sonhei com Setrákus Ra. Ou ele invadiu meu sonho. Ele fingiu...

Um ar de profunda repulsa cruza o rosto de Marina. Ela estremece. O gelo em sua mão racha e se expande, e uma camada de pó cobre seus dedos.

— Ele assumiu a aparência do Oito. Tentou me convencer a... desistir.

Olho na direção em que Cinco saiu. Ele também mencionou ter sonhado com Setrákus Ra. Só porque ele ainda não está totalmente recuperado, não significa que não pode continuar nos perseguindo por telepatia.

— Ele apareceu em sonho para Cinco também — conto a Marina. — Pediu que entregasse a Garde.

Marina arqueia uma das sobrancelhas.

— E o que Cinco fez?

— Ele se recusou — respondo. Acreditei quando Cinco disse que não havia traído a gente, mas sei que não posso exigir a mesma atitude de Marina. — De toda forma, nós o trouxemos para cá de olhos vendados. Ele não poderia nos entregar nem se quisesse.

— Setrákus Ra deve ter vindo até mim porque eu estava vulnerável, e até Cinco porque... bem, a história dos dois... — Marina faz uma pausa, pensando em voz alta. — Será que mais alguém...?

— Não, estive com todo mundo hoje de manhã; eles teriam dito alguma coisa — respondo, embora algo me incomode.

— Então Cinco e eu somos os alvos fáceis — constata Marina, franzindo a testa. — Isso é desanimador.

— Ele está desesperado — digo, embora não saiba se acredito nisso. — Não sabe onde estamos, mas nós sabemos que está ferido e onde encontrá-lo. Assim que resolvermos algumas coisas para os militares, vamos para West Virginia acabar com isso.

Marina olha para mim, confusa. Então me toco da quantidade de informações que ela perdeu no curto período em que ficou inconsciente. Eu a acompanho de volta à enfermaria. Não há

muita coisa lá, fora algumas camas separadas por cortinas e aparelhos de monitoramento. O lugar está deserto, já que Marina era a única paciente. Agora que estamos sozinhos, eu me apresso para deixá-la a par de tudo. Conto a ela sobre a batalha em Nova York, o chamado do presidente, a origem de Patience Creek e a nomeação do general Lawson como comandante especial. Sei que devo soar... prático demais, como um general inteirando um soldado das novidades, mas não consigo evitar.

Marina ouve com paciência, mas noto seus olhos se estreitarem à medida que me observa.

— John — interrompe ela, quando faço uma pausa para respirar —, onde estão os outros? Estão todos bem?

Olho para o chão. É quando percebo por que estou contando tudo com tantos detalhes. Claro, Marina precisa saber em que pé está a guerra, mas é mais do que isso.

Ela não sabe.

Não toquei no nome de Sarah.

Ainda não tive que fazer isso. Não tive que dar a notícia a ninguém. Nem sequer disse as palavras em voz alta.

Marina me olha, na expectativa. Ela sabe que algo está errado.

— A Sarah... — Passo as mãos pelo rosto. Não consigo dizer isso olhando para Marina, então encaro o chão. — Ela não resistiu.

Marina cobre a boca com a mão.

— Não!

— Ela estava tentando ajudar Seis, e Setrákus Ra... — Balanço a cabeça, tentando não visualizar a cena. — Ela salvou Seis, mesmo ferida, mas perdeu muito sangue...

Marina me abraça com força. Só então percebo como estou tenso, tão rígido que mal consigo relaxar. Mas isso não detém Marina. Solto o ar em um longo suspiro e fico surpreso ao me

sentir estremecer. Está tudo tão caótico que não me dei conta de como precisava de consolo. Por um instante, descanso a cabeça em seu ombro, e sinto algo em mim se partir. Minha visão fica embaçada, e abraço Marina também, talvez com mais força do que deveria, embora ela não diga nada.

Percebo que minhas bochechas estão molhadas. Solto Marina e limpo o rosto.

— Meu Deus, John, eu sinto muito. Eu... — Marina para e olha para as próprias mãos. — Se eu não tivesse... Poderia ter feito alguma coisa. Poderia tê-la salvado.

— Não — respondo. — Nem pense nisso. Não é verdade, e pensar assim não ajuda em nada.

Nós dois ficamos em silêncio, sentados um ao lado do outro em uma das camas duras da enfermaria. Marina se apoia em mim e segura minha mão. Então ficamos encarando o piso cheio de pontinhos.

Algun tempo depois, Marina começa a falar em voz baixa.

— Assim que Oito foi morto, fiquei com muita raiva. Não só pela forma como aconteceu. Não só por eu estar apaixonada por ele. É que... todos nós já perdemos alguém, sabe? Mas Oito... ele foi a primeira pessoa com quem eu imaginei um futuro. Faz sentido? Crescer em um convento, com Adelina evitando me treinar, negando a guerra iminente... era como saber que um desastre estava por vir e não tomar nenhuma precaução. Como se o fim estivesse logo ali na esquina, a apenas algumas cicatrizes de me alcançar. Eu rezava com as irmãs, ouvia falarem sobre o céu em que os humanos acreditam, mas nunca ousava me imaginar nesse mundo. Eu nunca imaginava como seria o *depois*, fosse lá o que viesse. Não até conhecer Oito. Com ele, comecei a ser capaz de imaginar o que poderia acontecer no futuro. E o presente ficou

melhor também. Quando Cinco o matou, tudo isso foi tirado de mim. Eu me senti... ainda me sinto... *traída*. Roubada.

Assinto enquanto Marina fala.

— Conheci Sarah logo depois da terceira cicatriz, quando eu era o próximo. Marcado para morrer. Devia ter sido a pior época da minha vida, mas, de alguma forma, ao conhecê-la, tudo melhorou. Meu Cêpan, Henri, achou que eu estivesse louco. Mas acho que ele acabou entendendo. Ela me deu algo por que lutar. Mais ou menos como você disse; parecia que enfim havia algo além de apenas sobreviver e depois continuar tentando sobreviver. E então...

— E então... — repete Marina, com voz triste e pensativa. — Então, o que fazemos?

— Não há mais nada a fazer, a não ser terminar logo — digo, sentindo meus músculos se retesarem.

Marina não solta minha mão.

— No Santuário, antes de Setrákus Ra destruí-lo, a Entidade loriene me deixou falar com Oito — conta Marina.

Olho para ela, espantado. Eu nem sequer sabia que algo assim era possível. Ela dá um sorriso triste em resposta.

— Foi muito rápido, apenas alguns segundos. Mas era ele mesmo, John. E isso me fez ter fé de que pode haver algo mais. Não se resume a escuridão e morte.

Viro o rosto para o outro lado. Sei que ela está tentando me trazer esperança. Mas ainda não estou pronto. A única coisa que desejo é vingança.

— Depois fui tomada por uma grande sensação de paz. Minha raiva sumiu. — Marina ri com aspereza, como se lembrasse do que aconteceu poucos minutos antes, quando quase arrancou o único olho de Cinco. — É óbvio que não durou muito. Eu tentei...

sempre tentei... viver de maneira honrada e justa, da forma como os Anciões gostariam. Em face de tudo o que aconteceu, tentei me controlar. Mas bastou ver Cinco no corredor para despertar o que há de pior em mim, para a raiva voltar.

— Talvez esse não seja o pior — digo a Marina. — Talvez seja apenas o que se precisa ser agora.

— E quem seremos depois, John?

— O depois não importa mais — respondo. — Já perdemos tanta coisa... Se não vencermos, se não detivermos Setrákus Ra, então de que adiantou tudo isso?

Percebo que a mão de Marina começou a emanar um frio doloroso. Em vez de afastar a minha, acendo o Lúmen. Envio calor para ela.

— Sem a Sarah, não me importo com o que possa acontecer comigo — continuo. — Só quero destruí-los, destruir Setrákus Ra, de uma vez por todas. É tudo o que importa.

Marina assente. E não me julga pelo que eu disse. Acho que me entende. Ela sabe como é querer se lançar e seguir adiante para não desmoronar.

— Só espero que ainda reste algo das pessoas que costumávamos ser, que reste algo de nós para reconstruir, quando tudo isso acabar — declara Marina.

— Também espero — admito.

— Que bom. Agora, vamos começar.

CAPÍTULO

DOZE

NA VOLTA DAS Cataratas do Niágara, Lexa voa baixo e com cautela. Não queremos aparecer em nenhum radar de nave mogadoriana, caso tenham mandado reforços para a região. Estou ao lado de Lexa na cabine, a cachoeira e o campo de batalha se afastando atrás de nós.

A voz de Adam ressoa límpida e animada pelo rádio.

— Ouvi várias conversas da nave de guerra em Chicago. Estão dando pela falta de alguns Escumadores que enviaram para as Cataratas do Niágara. E aquela outra nave de Toronto está a caminho daí. Vocês saíram um pouco antes que eles chegassem — informa Adam. — O mogadoriano nascido naturalmente no comando dessa missão está preocupado, pois os Escumadores pararam de fazer contato. Acho que vocês são os responsáveis por isso, certo?

Eu dou uma risada.

— Não, foram os novatos.

— Ah, que bom — responde Adam, surpreso.

— Acabar com uma tripulação de mogs é como uma iniciação — comento.

Lexa ergue os olhos, franzindo a testa. Desvio o olhar.

— Deve ter ajudado o fato de haver ordens para levá-los vivos — acrescenta Adam.

— Sério?

— Sim. Acho que o comandante queria dá-los de presente a Setrákus Ra.

Reviro os olhos.

— Bem, ele se ferrou.

— De toda forma — prossegue Adam —, esse comandante está pedindo permissão para deixar Chicago, ainda mais porque as ordens para o bombardeamento não vieram. Ele quer vigiar a pedra de loralite nas cataratas para o caso de mais algum Garde se teleportar para lá.

Faço uma careta. Essa era exatamente a preocupação de Ella.

— Não vão encontrar nada — digo a Adam. — Nós cuidamos da pedra.

Ainda nas cataratas, enquanto Sam e Daniela levavam os quatro novos Gardes para a nave, fui até onde Ella mantinha uma estranha interação com a rocha azul-cobalto. Ela estava com os braços em torno do mineral liso, pressionando o rosto na superfície. A pedra pulsava energia lórica e, por um instante, tive receio de que Ella estivesse prestes a se teleportar. Ou fazer algo ainda mais estranho.

— Ella, você está pronta para ir? — perguntei, baixinho, sem querer perturbá-la.

A resposta não veio de imediato. A pedra de loralite, por sua vez, emitiu um forte brilho e ficou transparente por um momento, as veias de energia elétrica visíveis lá dentro. Então, um instante depois, a pedra foi se apagando e o tom de azul-cobalto sumiu, deixando a rocha como tantas outras que se projetavam em torno das quedas. Ella virou, franziu a testa e limpou as mãos.

— Pronto — disse ela.

Eu não me mexi. Só apontei para a pedra.

— O que você acabou de fazer?

— Eu a desliguei — respondeu. — Não quero que ninguém se teleporte para cá, já que os mogadorianos sabem do local.

— Você pode controlá-las?

— Não sabia que podia, até tentar. — Os olhos de Ella estavam brilhando, literalmente. — Lá no Santuário, desde que eu... caí na energia, me sinto conectada.

— Conectada a quê? A Lorien?

— Sim. E à Terra. *A tudo*. Mas está passando. Seja lá o que Legado fez comigo, acho que os efeitos não vão durar. — Ella começou a caminhar para a nave. — Vamos. Preciso ter uma conversa bem desagradável com John.

Fiz que sim com a cabeça, como se entendesse o que estava dizendo. Concluí que era melhor deixá-la fazer o que quisesse. Ella já passou por muita coisa, viu muito mais do que eu poderia imaginar. É melhor que se encarregue do lado místico. Eu fico com o trabalho sujo.

— Seis, você está aí?

A voz impaciente de Adam chega pelo rádio. Eu estava viajando, lembrando de Ella e de seu efeito sobre a loralite. Do seu lugar atrás dos controles, Lexa olha para mim com a sobrancelha erguida.

— Sim, me desculpe, estou aqui — respondo. — E o que os mogs decidiram? Vão sair com a nave de guerra?

— Eles estão perdidinhos. Com Setrákus Ra fora da jogada, só ficam gritando uns com os outros. Alguns acham que o Adorado Líder iria apoiar a decisão do comandante de perseguir os Gardes; outros acham que ele está louco por questionar as ordens de Setrákus Ra, que os mandava ficarem onde estão. Vocês bagunçaram feio a operação deles, Seis.

Eu estaria mentindo se não admitisse que me sinto um pouco orgulhosa ao ouvir as palavras de Adam. Ainda assim, uma voz irritante no fundo da minha consciência sabe que não foi o suficiente. Uma hora, Setrákus Ra voltará, e essa vantagem temporária vai terminar.

— Toda a cadeia de comando está começando a se desmanchar — continua Adam, empolgado. — Quer dizer, não há nenhuma página no Grande Livro que diga aos mogs o que fazer se seu líder imortal de repente desaparecer. John e eu achamos que devemos nos aproveitar disso antes que Setrákus Ra acorde e reafirme seu controle.

— Você tem alguma ideia?

— Acho que sim. — Adam faz uma pausa. — Mas pode ser um pouco perigoso.

— O que *não* é perigoso? — rebato.

Quando Adam encerra a comunicação, Lexa olha bem nos meus olhos. Percebo que ela tem algo a dizer, então fico na cabine.

— Esses garotos que pegamos... — diz ela em voz baixa.

— O quê?

— Você acha que eles parecem prontos?

— Nós nove estávamos prontos quando entramos nesta nave? — respondo.

Lexa me encara. Olho de volta, e ela acaba voltando a atenção para a janela da frente, deixando o assunto para lá. Saio do assento, abro a porta da área de passageiros e observo os recém-chegados.

Vejo Fleur, o cabelo louro puxado para trás e molhado de suor e água do rio. Então entendo por que Nove ficou ofegante como um cachorro de desenho animado quando a viu no vídeo. Ela é linda. Só que os braços, os ombros e a lateral de seu pescoço estão com marcas de queimadura deixadas pelas armas a laser — pele queimada e bolhas. Ela estremece quando Daniela pressiona com cuidado uma compressa fria em suas feridas.

— Você vai ficar bem — diz Daniela. — John pode curar essas queimaduras em dois segundos. Você vai ficar novinha em folha.

Fleur assente, embora o movimento pareça bastante desconfortável. Ela precisa cerrar os dentes para conseguir falar.

— Você... Isso já aconteceu com você antes? — pergunta ela, com sotaque.

Daniela sopra uma de suas tranças do rosto.

— Na verdade, até agora escapei dos tiros. Mas só estou nessa história de defender o planeta desde que a invasão começou. Então, ainda dá tempo.

— Ah — responde Fleur, parecendo quase decepcionada. — Pensei que você fosse um deles. Ou que pelo menos, hum, já fizesse isso há um tempo.

Daniela sorri, mas balança a cabeça. Para mim, é uma loucura que Daniela esteja sendo vista como uma Garde veterana. Ela sobreviveu ao ataque a Nova York; não é pouca coisa. Mas não significa que não seja inexperiente. Nós, Gardes originais, tivemos anos de treinamento para uma batalha como aquela. Os mais novos não terão esse luxo. Estão sendo atirados direto no fogo.

Daniela percebe que estou olhando para ela. Então deixa Fleur com a compressa fria e vem se juntar a mim na entrada da cabine.

— Estão bem? — pergunto a ela.

— Eles vão sobreviver — responde. — O garoto dos insetos não me deixa cuidar dele.

Ela está falando de Bertrand. Eu o vejo deitado de lado na ala médica. Parece um garotinho assustado. Tem queimaduras de arma a laser, assim como Fleur, mas a maioria nas costas e nas nádegas.

— Por quê? — pergunto a Daniela.

— Ou ele não quer que eu veja sua bunda, ou está envergonhado por ter corrido dos mogs.

— Ele só correu depois de fazer os insetos obstruírem os motores de um daqueles Escumadores e derrubá-lo — digo. — Não tem do que se envergonhar. Cara, sabe quantas vezes eu fugi ou fiquei invisível para me esconder quando era nova? Não se pode lutar o tempo todo.

Daniela ri.

— Quando era nova — repete ela. — Você é o quê... dois anos mais velha do que eles? É, você é quase uma senhora, Seis.

— Eu me sinto assim — respondo, abrindo um sorriso.

Daniela está certa. Os quatro são apenas um ou dois anos mais novos do que eu, no máximo. Mesmo assim, parecem só crianças para mim. Até Ella parece mais velha. Mas talvez eu esteja confundindo idade com austeridade.

Olho para Nigel. Ele era a essência da confiança naquele vídeo do YouTube, o líder óbvio do grupo desordenado. Ele ainda está tentando

transmitir isso, os braços esticados por cima do espaldar de dois bancos, tentando parecer supercasual em sua primeira viagem em uma nave alienígena. Sua roupa punk, salpicada de sangue e lama, parece uma fantasia de criança. Enquanto o observo, ele enfia a mão esguia no colete e pega uma embalagem toda amassada de cigarro. Encontra um que está quase inteiro e o coloca entre os lábios. Mas não consegue acendê-lo. Suas mãos estão tremendo demais.

— Não pode fumar aqui — digo a ele.

Não é verdade. Não existe nenhuma regra sobre fumar nesta maldita nave, e, se houvesse, não me importaria que quebrassem. Só quero dar a ele um motivo para não continuar a lutar com o isqueiro.

Nigel guarda os cigarros e abre um sorriso torto.

— Esperava que alienígenas tivessem uma perspectiva mais esclarecida sobre câncer de pulmão, com seus poderes de cura e tudo o mais — responde Nigel, estalando os dedos em um gesto ansioso. — Então, hã... vamos para a próxima briga agora ou...?

— Relaxa. Estamos indo para um lugar seguro. Se tudo der certo, chega de briga por hoje.

Eles nem sequer deveriam estar lutando.

Uma voz na minha cabeça. Na última fileira da área de passageiros, Ella olha por cima do encosto de um assento. Seus vívidos olhos elétricos encontram os meus.

O que você quer dizer?, pergunto por telepatia, me lembrando de quando Lexa quis saber se eu achava que o grupo estava pronto.

Eles estão sendo corajosos, mas há muito medo, diz Ella. Nós nascemos para a guerra, Seis. Até eu passei anos me preparando para essa possibilidade. Eles tiveram horas. Deveríamos protegê-los, não enviá-los para a batalha.

Como se aproveitando a deixa, Fleur começa a chorar baixinho. Daniela vai consolar a menina e acaricia suas costas.

Temos outra escolha?, pergunto a Ella. É agora ou nunca. Vencer ou morrer.

Quando tudo estava perdido em Lorien, os Anciões nos mandaram para a Terra para que continuássemos lutando, responde Ella. Setrákus Ra não quer destruir este planeta; quer colonizá-lo. Se não conseguirmos impedi-lo, estes novos Gardes podem formar o cerne da futura resistência.

É uma perspectiva sombria, comento.

Quando se pode ver o futuro, é melhor traçar planos para todas as eventualidades.

Tenho que admitir que Ella pode estar certa. Alguns desses garotos seriam só mais uma preocupação se os levássemos para o ataque à base de Setrákus Ra. Passaríamos metade do tempo tendo que garantir que não morressem.

Bem, acrescenta Ella, lendo minha mente. Há uma exceção.

Nós duas olhamos para Ran, com uma postura rígida na cadeira, as mãos nos joelhos, as palmas para cima, quase como se estivesse meditando. Dos quatro, ela é a única que não parece abalada. Estava pronta para nos explodir quando aterrissamos na queda d'água e provavelmente teria nos matado se Nigel não tivesse impedido. Ela já deve ter passado por muita coisa.

Ran percebe que a observo e olha para mim. De acordo com Nigel, ela mal fala nossa língua. Ran continua me encarando, então abaixa a cabeça e depois volta a se concentrar na parede à sua frente.

Qual é a dela?, pergunto.

Já sofreu grandes perdas e viveu momentos de muita dor, responde Ella, de um jeito enigmático. É uma guerreira. Então faz uma pausa. Sinto muito, Seis. Eu não deveria estar espiando a mente deles, nem lhe contando tudo isso.

Cruzo os braços e penso nesses quatro novos integrantes, nos Gardes humanos que estão surgindo pelo mundo inteiro, sabendo que Ella ainda está me ouvindo.

A Entidade avaliou os humanos para quem concederia Legados? Ou foi aleatório? Eles foram selecionados pelo potencial? A Entidade os colocou em lugares onde sabia que seriam necessários?

Você poderia fazer as mesmas perguntas a nosso respeito, responde ela. Isso não é uma resposta.

Não?

Olho irritada para Ella, mas seus olhos estão fechados e ela não está mais na minha cabeça.

Talvez seja melhor não saber quanto de nossas vidas é sorte e quanto é destino. Melhor seguir em frente. Se os mantivermos vivos por tempo o bastante, talvez um dia esses garotos reflitam sobre essas mesmas questões existenciais quando estiverem prestes a fazer algo heroico. Com sorte, nessa época estarei viva e já aposentada, morando em uma ilha.

Em uma ilha com Sam. Se existe alguém no planeta que merece os Legados que ganhou, é ele. Não pode ser só coincidência. A Entidade deve ter reconhecido tudo o que ele e sua família têm feito para ajudar os Gardes. Ele é o único caso em toda essa confusão cósmica de Legado que faz sentido para mim.

Observo Sam da entrada da cabine enquanto ele olha fixamente pela janela, mordendo o lábio, perdido em pensamentos. Já vi essa expressão antes, assim como já vi o que vem em seguida — ele ergue as sobrancelhas e se encolhe como se tivesse acabado de levar um banho de água fria. É a cara que Sam faz quando tem uma ideia.

Ele se levanta depressa e vem até mim, corando um pouco quando percebe que eu o estava observando esse tempo todo.

— Ei, posso dar uma olhada numa coisa na cabine? — pergunta.

Eu levanto uma das sobrancelhas.

— Você não vai derrubar a nave de novo, não é?

— Não está nos meus planos.

Dou uma olhada em Ella por um tempo, depois entro com Sam na cabine de piloto e fecho a porta. Lexa nos encara.

— Você ainda tem um daqueles dispositivos de camuflagem mogs instalados aqui, não tem? — indaga Sam.

Lexa faz que sim e aponta para um ponto abaixo do painel de instrumentos, onde vários fios foram arrancados do console e ligados a uma caixa negra de aparência comum.

— Ali.

Sam se inclina para dar uma olhada, depois pega a caixa nas mãos, observando com atenção.

— O que ele está fazendo? — pergunta Lexa para mim. — Eu deveria me preocupar?

— Sam me garantiu que não vai derrubar a nave.

— Ah, que bom — responde Lexa.

Enquanto Sam está concentrado no dispositivo de camuflagem, eu me sento no braço da cadeira de Lexa.

— Ei, me desculpe por ter perdido a paciência antes — digo. — Você está certa. Alguns desses novatos provavelmente não estão prontos. Eles se saíram bem hoje, talvez tenham tido um pouco de sorte, mas fora Ran e Daniela...

Balanço a cabeça.

— Então você entende o que quero dizer — responde Lexa. — Tudo bem que não sou nenhuma Cêpan, mas eles precisam de treinamento antes de fazer qualquer coisa.

— Não podemos esperar que todos eles lutem. Ainda não — concordo. — Seria quase cruel que eles se deparassem com Setrákus Ra agora.

— Sempre pensei isso em relação aos Gardes — admite Lexa. — E vocês tiveram anos de treinamento, graças ao encantamento de proteção. Não há nada protegendo esses humanos.

Sam para de analisar o dispositivo de camuflagem.

— Olha, não sei quanto aos outros humanos com habilidades especiais, mas não ficarei de fora de jeito nenhum quando formos enfrentar Setrákus Ra.

Talvez seja uma boa hora para mudar de assunto.

— O que você está fazendo aí, afinal?

Ele segura o dispositivo de camuflagem.

— Acho que, com meu Legado, sei lá... talvez eu possa *falar* com essa coisa. Meu pai e os cientistas têm tentado duplicar a frequência. Talvez eu consiga ajudar de alguma forma.

Se Sam estiver certo e puder usar o Legado para descobrir a frequência do dispositivo de camuflagem mogadoriano, então ele tem exatamente o Legado de que precisamos. Isso não pode ser pura sorte, não é mesmo? É destino.

Sorrio para Sam.

— Se você conseguir, Sam, quando tudo acabar, vou dar um jeito para que ergam uma estátua em sua homenagem.

Ele sorri para mim e depois volta a atenção para o dispositivo. Olho por cima do ombro e penso mais uma vez nos humanos que passaram a nos acompanhar.

Sam, Daniela, esses outros...

Sinto que estamos caminhando rumo à batalha final. Mas esse não precisa ser o caminho deles. Podemos ir com tudo para cima de Setrákus Ra e mesmo assim não conseguirmos ganhar. Ou podemos proteger alguns deles e deixá-los prontos para continuar se falharmos.

Suspiro. Eu me pergunto se foi assim que os Anciões se sentiram quando nos mandaram para cá.

Não é fácil decidir o que podemos sacrificar.

CAPÍTULO

TREZE

ESTOU DESCENDO PARA encontrar o grupo que foi às cataratas do Niágara quando me deparo com a agente Walker. Não estranho vê-la se arrastando de uma das pequenas cozinhas retrô para uma das salas de conferências no subterrâneo, mas fico surpreso ao ver o que ela tem nas mãos.

Uma bandeja de copos de isopor cheios de café fresco.

Quando me vê, Walker desvia o olhar, mesmo que o corredor esteja vazio e ela saiba que vamos passar um pelo outro. É a primeira vez que vejo Karen Walker constrangida.

— É para isso que eles querem você por aqui? — pergunto, tentando tirar qualquer traço de deboche da voz.

Mas velhos hábitos são difíceis de mudar.

— Quem me viu, quem me vê, não é mesmo? É o que acontece quando Lawson e seu pessoal querem conversar um assunto confidencial. Eles me mandam fazer alguma coisa.

— Não entendi. Por que eles fazem isso?

Ela bufa.

— Eu era do ProMog, John.

— Você *era* do ProMog. E basicamente foi graças a você que conseguimos deter aquelas pessoas.

— Uma vez traidora, sempre traidora; é assim que Lawson pensa — explica Walker. — Eu não o culpo por ser cauteloso. Mas caramba! Eu estaria na prisão, ou algo pior, se não tivesse ajudado

a localizar vocês em Nova York. Eles não confiam em mim, e é provável que nunca confiem.

— Eu confio — digo, embora as palavras soem vazias. — Mais do que neles, pelo menos.

— É, obrigada — responde ela, balançando a mão como se ignorasse meu comentário. — Só estou por aqui porque Lawson acha que posso lidar com vocês. Ele não sabe de nada...

Eu rio, e Walker enfim se permite abrir um sorriso discreto.

Alguns minutos depois, no hangar, percebo a verdade na fala de Walker quando vejo o grupo desgrenhado que sai da nave com Seis. Quatro novos Gardes, dois deles feridos, todos encarando a forte presença militar como crianças de olhos arregalados em uma excursão assustadora. Parecem prestes a capotar de exaustão, mas estão sobrecarregados e aterrorizados demais para isso.

Marina e Nove ficam ao meu lado para cumprimentar os recém-chegados. Seis e Ella parecem aliviadas e felizes ao verem que Marina está melhor. Ela abre um breve sorriso antes de correr até o grupo e puxar Fleur e Bertrand para o lado, para cuidar de seus ferimentos. Se alguém entre nós pode fazer os garotos se sentirem mais à vontade, é Marina.

Nove abre a boca para dizer alguma coisa. Provavelmente vai soltar um de seus típicos comentários zombeteiros sobre o bando maltrapilho e assustado à nossa frente, mas desiste e se vira para mim.

— Era isso que você queria quando convocou novos combatentes? — pergunta Nove, sussurrando.

Balanço a cabeça, sem saber ao certo no que estava pensando quando sugeri que um bando de humanos sem treinamento deveria se apresentar para defender a Terra de um inimigo cruel cujo hobby é destruir planetas.

Nove põe a mão no meu ombro.

— Estamos sozinhos nessa, cara. Esqueça o exército, esqueça esses garotos. Vamos dar conta disso. Como sempre fizemos.

— Eles precisam da nossa proteção — digo a Nove. — E de mais treinamento do que poderíamos oferecer em vinte e quatro horas.

Nove infla um pouco o peito.

— Deixa que eu cuido do treinamento deles, Johnny. Sou bom nesse tipo de coisa.

— Venham — diz Sam aos humanos quando Marina termina de curá-los. — Vamos levá-los lá para dentro e fazer um tour. Lamento dizer que este lugar é tão estranho quanto parece, sem contar esse clima meio *1984*. Mas é seguro.

Nove e eu observamos enquanto Sam e Daniela conduzem os quatro pelo hangar subterrâneo em direção ao elevador. Isso é bom. Eles vão achar mais fácil falar com outros humanos do que comigo. Os dois podem ser uma espécie de monitor de acampamento neste mundo bizarro em que vieram parar. Percebo que os quatro novatos estão me olhando de soslaio, em especial o garoto britânico, Nigel, e forço o que espero que seja um sorriso de boas-vindas. Ele desvia o olhar. Eu queria ter outro discurso para fazer, mas não tenho. Estou sem palavras.

Seis se aproxima de mim e de Nove, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Como foi? — pergunto a ela.

— Bem, eles eliminaram os mogs de três Escumadores antes de chegarmos lá. E não estou brincando.

— Estou sentindo que vem um “mas”... — interrompe Nove.

— Eles não parecem prontos — conclui Seis. — Quer dizer, se tivéssemos alguns meses, ou mesmo algumas semanas para treiná-

los, talvez funcionasse. Mas assim, de cara, é só poder bruto.

— Qual é o seu problema com poder bruto? — pergunta Nove.

— Não estou dizendo que eles não seriam úteis, se prefere ver as coisas dessa forma — diz Seis. — É só que... Sei lá. Dá para ver que alguns deles não sobreviveriam. Sei que os Anciões não se importaram em perder alguns de nós para proteger a maioria. Mas não sei se eu penso da mesma forma.

— Soldados morrem, a vida é assim — declara Nove, olhando para o elevador.

Os garotos novos estão passando, e todos nós vemos a bunda de Bertrand, exposta onde foi atingida pela arma a laser. Nove suspira.

— Bem, aqueles ali com certeza não são soldados.

— Convoquei todos para lutar — digo, baixinho, olhando para o chão. — Eu deveria ter pedido para que se concentrassem em sobreviver. Como fizemos nos primeiros anos. Mas os arrastei para uma batalha da qual podem nunca voltar.

— Quer dizer, só os que de cara já foram idiotas o bastante para ouvir você — acrescenta Nove, dando de ombros.

— A melhor chance que eles têm de sobreviver a longo prazo ainda é nos procurar e começar a treinar — rebate Seis. — O que precisamos fazer é garantir que as pedras de loralite para onde você mandou eles estejam seguras e protegidas.

É quando Ella vem em nossa direção. Antes estava parada na rampa da nave, olhando para o teto abobadado do hangar.

— Posso ajudar com isso — diz.

— Afinal, ela sabe onde todas as pedras estão — lembra Seis.

Ella olha para mim.

— Podemos conversar a sós, John?

Eu já queria mesmo falar com ela. Preciso que me ensine a imitar sua telepatia — ser capaz de me comunicar com os outros será essencial para o que planejamos. No entanto, por algum motivo, tenho um mau pressentimento quando ela pede para falar comigo.

— Claro, Ella. Agora?

— Daqui a pouco. Preciso preparar uma coisa — diz ela, em seguida vai até o elevador.

Os mecânicos trabalhando nos veículos no hangar param o que estão fazendo para ver o rastro de energia lórica que sai dos olhos dela, flutuando pelo ar como a cauda de um cometa e depois se dissipando.

— O que será que ela quer? — pergunta Nove, baixinho.

Lanço a Seis um olhar indagador.

— Sei tanto quanto você, John — diz ela. — Acho que a garota tem muita coisa na cabeça.



Eu deveria ter perguntado onde exatamente nos encontraríamos. Gasto tempo demais vagando pelos salões subterrâneos de Patience Creek à procura de Ella. Certa hora, passo pelo laboratório onde Sam e Malcolm estão concentrados em executar engenharia reversa no dispositivo de camuflagem mogadoriano. Do corredor, ouço Sam dizer repetidas vezes: “Transmita naquela frequência”, quase como se fosse um mantra. Seis mencionou que ele está desenvolvendo um Legado que permite se comunicar com máquinas. Até agora, não parece que o dispositivo de camuflagem está disposto a obedecer.

Quando eu passo, Bernie Kosar sai do laboratório dos Goode, onde tem ficado com os outros Chimæra. Eu me abaixo para coçar atrás de suas orelhas.

Quer me ajudar a encontrar Ella?, pergunto, usando minha telepatia animal.

BK abana o rabo e me conduz pelo corredor, de volta pelo caminho de onde vim. Ele parece animado por ter algo para fazer, andando depressa com suas perninhas de beagle, a cauda estendida para trás. Vamos parar no elevador, e, quando entramos, BK se apoia sobre as patas traseiras para apertar o botão do último andar com o focinho.

O que eu faria sem você, BK?

As portas do elevador se abrem, e dou de cara com uma parede de madeira que desliza para a frente quando eu a empurro, as dobradiças bem lubrificadas. Entro em um quarto com aspecto retrô, no andar mais alto de Patience Creek, o nível acima do solo, a parte do complexo que parece uma pensão abandonada, já que, para todos os efeitos, é exatamente isso. Este quarto cheira a mofo, a cama de casal não é usada há anos e eu vejo partículas de poeira suspensas no ar. Pela janela — uma de verdade, com luz solar real, não como as simuladas nos quartos subterrâneos — ouço pássaros cantando no final da tarde. Empurro a estante falsa de volta para o lugar, escondendo o elevador.

Com todo o movimento e as instalações no subsolo, e considerando que o acesso para carros é feito através de um túnel que fica a cerca de três quilômetros de distância, ninguém passa muito tempo aqui em cima. Sei que, de toda forma, Lawson colocou alguns guardas para vigiar o terreno, mas Patience Creek resistiu esse tempo todo porque ninguém está interessado em uma cabana abandonada no meio do nada. Ainda mais alienígenas invasores.

BK me leva adiante, saindo do quarto e seguindo por um corredor com painéis de madeira, e deixa um rastro de pegadas

nas tábuas do piso. Eu poderia localizar Ella sem ajuda; o rastro dela ficou na poeira acumulada. Mas gosto de andar com BK.

Encontramos Ella onde um dia já foi a sala de estar junto à recepção vazia de Patience Creek. Olho para a parede em cima do balcão principal, decorada por uma cabeça de alce. Há uma câmara escondida lá dentro. Lembro porque vi as imagens de segurança ontem à noite. Pergunto-me se alguém está me observando. Imagino que Lawson deva ficar de olho em mim e nos outros quase o tempo todo. É o que eu faria se estivesse em seu lugar. Pelo menos ele não tem sido controlador ou tentado interferir no que estou fazendo.

As paredes da sala estão repletas de estantes cheias de livros amarelados dos anos 1970 ou caixas de jogos de tabuleiro amassadas. Todos os móveis estão sob panos, menos a mesa de jantar central, que Ella descobriu. A garota pegou um atlas pesado de uma das estantes e está prestes a marcá-lo com uma caneta azul quando eu entro.

— Quase pronto — diz, sem olhar para mim.

Ela abre uma página dedicada à costa ocidental da África e marca um ponto azul grosso na extremidade sul do continente.

BK se senta ao meu lado, a cauda batendo no chão. Inclino a cabeça, tentando dar uma olhada no que Ella está fazendo.

— Sabe, tem computadores lá embaixo — comento com ela, sentindo necessidade de quebrar o silêncio.

— Não queria correr o risco de deixar esta informação no sistema antes de você ter a chance de dar uma olhada — responde Ella com naturalidade. — E eu tinha que fazer isso logo, antes que sumisse da minha memória.

Ela volta para o início do atlas, onde um mapa-múndi já está coberto de pequenos pontos azuis, e em seguida empurra o livro

na minha direção, os olhos brilhantes fixos em mim.

— Pronto.

— O que é isso?

— Um atlas.

— Isso eu sei.

Olho para os cinquenta e tantos locais marcados no mapa-múndi, então folheio e encontro os mesmos pontos reproduzidos em mapas com mais detalhes, incluindo a longitude e a latitude.

— Seis deve ter contado que me conectei com a pedra de loralite nas cataratas. Eu vi todas. As novas pedras. Foi lindo, John. Como raízes crescendo por todo o mundo. Sou capaz de fazer isso por causa da minha fusão com Legado. Mas isso não vai durar. Estou começando a sentir a ligação diminuir, meu cérebro está voltando ao normal. É algo que vai fazer falta, mas ao mesmo tempo não vai, entende? Eu me sinto conectada com o mundo, mas distante das pessoas. Enfim, já estou divagando. Desculpa.

Balanço a cabeça enquanto escuto Ella, mas ainda folheio o atlas.

— Estão todas ativas? Um Garde poderia usar qualquer uma delas para se teleportar?

— Sim. É melhor entregar isto ao chefe. Ele precisa proteger esses lugares. Os novos Gardes podem se teleportar e se meter em perigo. — Ella faz uma pausa, ainda me analisando. — A menos que você tenha uma ideia melhor.

Não gosto da perspectiva de entregar essa informação a Lawson. Mas não tenho outra escolha. Não conseguirei manter todos os Gardes em segurança sozinho. Preciso admitir isso. Preciso aceitar ajuda, mesmo que venha de pessoas em quem não confio muito.

Fecho o livro. *Atlas Mundial de 1986*. Passo os dedos pelo desenho em relevo da Terra.

— Nós mudamos mesmo este lugar, não é?

— É nosso legado — responde Ella. — Não será tão ruim se pudermos salvá-lo.

— Isso é uma profecia? Você viu o futuro?

Ella desvia o olhar.

— Não. Quero muito parar de fazer isso.

Minha reação imediata é pensar em todo o poder estratégico que perderemos se Ella decidir ignorar suas visões. Eu me inclino para a frente, apoiando as mãos em cima da mesa entre nós.

— Por que você faria isso? — indago, mantendo a voz neutra.

— Às vezes não tenho escolha; as visões simplesmente vêm — explica Ella, escolhendo as palavras com cuidado. — Já é bem difícil lidar com essas. Mas quando procuro alguma coisa, com todas as variáveis, todos os futuros possíveis... só serve para complicar ainda mais. Saber que algo vai acontecer acaba mudando a forma como agimos, o que altera as possibilidades e o futuro, o que significa que não adianta nada olhar para o futuro, para começo de conversa. Ou, pior ainda, às vezes se sabe o que vai acontecer e ainda assim não se pode fazer nada. Não dá para saber em qual desses cenários se está preso até ser tarde demais.

Lembro-me de uma conversa que tive com Ella em seu espaço mental. Perguntei se ela vira uma versão do futuro em que saíamos vitoriosos contra os mogs. Ela me disse que sim, mas que eu não gostaria do preço que isso iria custar. Imaginei que queria dizer que eu morreria na batalha... não fiquei muito confortável com a ideia na época, mas vinha me preparando para isso nas últimas horas.

Agora já não sei se ela estava falando de mim.

— Ella, você sabia o que ia acontecer no México? Sabia o que ia acontecer com Sarah?

— Sabia.

Minha boca fica seca.

— Você...

Eu me detenho. Não sei o que dizer. Meus punhos se abrem e se fecham. O calor sobe pelos dedos, e percebo que estou prestes a disparar meu Lúmen. Respiro fundo, trêmulo, encarando Ella.

Meu lado racional tem noção de que não há nada a ser feito. Essa parte fria de mim, a parte que está no controle desde a morte de Sarah, quer continuar focada na missão. Mas a outra parte quer gritar de raiva diante da injustiça de tudo aquilo.

Ela poderia ter avisado!, penso. Poderia ter me contado, e eu poderia ter feito alguma coisa! Melhor ainda, ela poderia ter alertado Sarah!

Eu falei para eles fugirem. A voz de Ella ressoa clara na minha mente. Ela deve estar lendo meus pensamentos. Tentei, mesmo sabendo que não fariam isso. E, John, você gostaria mesmo de tomar essa decisão? Iria querer escolher entre Sarah e vencer a guerra?

Eu teria encontrado outra maneira, respondo, rangendo os dentes.

Claro que teria. O tom é mordaz, até mesmo em minha mente. Há infinitas maneiras! Talvez você tivesse salvado Sarah às custas de outra pessoa. Ou talvez só adiasse sua morte, como o que aconteceu com Oito e a profecia dele. Esse é meu argumento, John. É por isso que ver o futuro não adianta de nada. Sabe, pensei que eu tivesse que morrer para nossos amigos sobreviverem à batalha no Santuário. Eu me atirei na energia lórica pensando que seria assim, mas... não tinha visto todas as

possibilidades. É de enlouquecer tentar imaginar todas as possibilidades, todos os questionamentos.

Estamos nos encarando bem nos olhos. A sala está em silêncio profundo. Se alguém estiver nos observando pela câmera de segurança, vai pensar que estamos na mais épica batalha de jogo do sério.

Por que você me revelou isso?

Porque me senti culpada, John. Achei que você devia saber. Porque eu sabia que você pediria para tentar copiar meu poder, a clarividência, e acho que não deveria fazer isso.

— Ok, Ella. Agora, por favor, saia da minha cabeça.

A garota estreita os olhos.

— *Você estava na minha cabeça* — diz ela, nós dois voltando a usar nossas vozes. — Foi você que começou.

— Foi?

Ella confirma com a cabeça e caminha até a janela. Ela se abraça e olha para o lago tranquilo lá fora. O sol está começando a se pôr.

— Não estou surpresa por ter conseguido usar a telepatia — confessa Ella. — Eu a usei com você inúmeras vezes. Além disso, se você consegue falar com um Chimæra por telepatia, não é um salto tão grande assim passar a fazer isso com uma pessoa.

Limpo a garganta e tento deixar de lado a conversa que acabamos de ter.

— Alguma dica?

— Direcione seus pensamentos — responde ela, dando de ombros, sem me olhar. — Direcione-os, e eles encontrarão seu destino.

— E quando eu não puder ver a pessoa ou ela estiver muito longe? O que faço?

— Você já... — Ella faz uma pausa, tentando encontrar as palavras. — Digamos que você esteja em uma casa e saiba que alguém está em outro cômodo. Você meio que sabe, por instinto, quão alto precisa gritar para fazer a pessoa ouvi-lo, certo?

— Acho que sim.

— Pense desse jeito, então. Quanto melhor você conhece a pessoa, mais familiarizado está com a mente dela, e maior será o alcance entre os dois. Você vai descobrindo com a prática. Às vezes parece mais natural do que falar. Pelo menos para mim.

Não sei mais o que dizer. Consegui o que queria e mais do que esperava. Pego o atlas na mesa.

— Obrigado, Ella — digo, esperando não soar tão frio, sem saber se conseguiria ser mais caloroso.

— De nada.

Olho pela janela. O sol está se pondo; a luz, diminuindo.

De que Legados ainda preciso?

A Externa de Cinco e o Legado sísmico de Adam seriam ótimos; o teleporte de Oito seria incrível. Se eu tivesse tempo, talvez pudesse meditar sobre quando usei as pedras de loralite, tentar me lembrar da sensação e descobrir uma maneira de reproduzir isso usando o Ximic.

Se eu tivesse tempo. Já está ficando tarde.

Caminho em direção ao elevador. De volta aos subterrâneos de Patience Creek.

Invisibilidade. Voo. Telepatia.

São as ferramentas que eu tenho.

E são suficientes.

Suficientes para invadir uma nave de guerra.

CAPÍTULO

QUATORZE

A ESPERA DEVE ser a pior parte.

O sol se pôs, mas não dá para perceber aqui em nosso mais recente esconderijo subterrâneo. Patience Creek ainda ferve: soldados trabalhando em estratégias de logística e treinamento contra as táticas mogs observadas; pesquisadores tentando decifrar o dispositivo de camuflagem, junto com Sam e Malcolm; oficiais coordenando um esforço mundial de guerra. Adam passou todas as informações que pôde e está no andar de baixo, ajudando a monitorar as comunicações mogs.

Mas, no momento, não estou envolvida com nada disso.

— A cobertura do Nove era mesmo o máximo — digo, prendendo o cabelo para trás enquanto olho a parede de um tom sujo de branco. — Acho que nunca valorizei tanto aquelas janelas incríveis.

Marina ri baixinho. Ela está sentada do outro lado da mesa em uma das saletas de estar de Patience Creek. Na mesa há metade de um burrito de micro-ondas, agora frio. A variedade de comida aqui deixa a desejar, e não estamos com muita fome.

Marina sorri para mim.

— Lembra aquele jantar antes de irmos para a Flórida? Com todos nós juntos?

— Lembro. Pouco antes de tudo ir por água abaixo.

— Aquela noite foi boa — diz Marina, com uma risada discreta. — Nós devíamos, sei lá, ter tirado fotos ou algo assim. Como pessoas normais.

O sorriso dela desaparece aos poucos. Percebo que está pensando em Oito. Tento deixar o clima mais leve.

— Deus do céu, e pensar que eu reclamava daquela cobertura porque era do Nove e ele ficava se exibindo sem camisa como um playboyzinho metido. Mas, pensando melhor, vê-lo tentando aparecer com certeza ainda era melhor do que uma comunidade mog abandonada ou este porão sujo.

Marina ri outra vez. Ela estica o braço por cima da mesa e coloca a mão sobre a minha. Nos olhamos. Eu me sinto esgotada — talvez seja por isso que estou ficando um pouco incisiva e saudosista.

— Seis — diz Marina em voz baixa. — Preciso falar... Eu nunca fiz muitos amigos antes, quando morava no convento. Era meio solitário lá.

— E...?

— E então você apareceu. Você... — Faço uma careta quando os olhos de Marina se enchem de lágrimas. — Você esteve ao meu lado nos piores momentos, Seis. Sempre me fez rir e me deu apoio. Às vezes me carregou nos braços, literalmente. Só queria dizer que você é minha melhor amiga.

Sopro um cacho de cabelo do meu rosto.

— Ah, droga, Marina, não vem com esse discurso. Traz má sorte.

Marina ri.

— Era algo que precisava ser dito.

— Não precisava, não — respondo, apertando a mão dela. — Mas posso dizer o mesmo.

Alguém limpa a garganta, e nos viramos para a porta. John está lá, com um atlas pesado, com capa de couro e páginas amareladas, debaixo do braço. Vejo olheiras sob seus olhos, e os ombros estão caídos. Não esperava que ele estivesse em outro estado depois de tudo o que aconteceu nos últimos tempos.

— E aí? — diz ele.

— E aí? — retruco. — Onde esteve?

John olha ansioso para uma cadeira livre na nossa mesa. Mas algo dentro dele não permite que relaxe, nem mesmo por poucos minutos.

— Cuidando de umas coisas — responde ele. — Vou ver o Lawson. Seria bom contar com algum apoio.

Troco um olhar com Marina, e nós duas nos levantamos.

— Claro — digo. — Vai só socializar ou...?

— Já perdemos tempo demais aqui — responde John, de pronto. — Precisamos começar a nos mexer.

Assinto, e nós três saímos da sala e começamos a caminhar pelos corredores intermináveis.

— Devemos reunir os outros? — pergunta Marina.

— Não quero perturbar o trabalho de Sam e Malcolm — explica John. — Nove não é a pessoa mais diplomática que eu conheço, e Adam talvez não seja bem-vindo neste contexto.

— E quanto a Ella?

A boca de John se contrai.

— Ela não precisa estar aqui para isso.

Noto algo estranho no tom de John.

— Vocês conversaram? — pergunto.

— Sim.

— E aí?

— Podemos deixar isso pra lá, Seis?

Lanço um olhar para Marina. Ela balança a cabeça sutilmente, como se quisesse me dizer para deixar pra lá, mesmo. Sigo seu conselho e andamos em silêncio.

Lawson montou seu escritório em uma parte do local conhecida como o centro nervoso do complexo. Passamos por salas cheias de oficiais de comunicação em contato com outros governos ao redor do mundo. É barulhento; noto umas dez línguas diferentes sendo faladas. As naves de guerra mogs ainda não atacaram em nenhum lugar do mundo. Nem sequer se moveram, fora a *Anúbis* levando Setrákus Ra para West Virginia e a nave

que atraímos para as Cataratas do Niágara. Pela agitação ali, está claro que os humanos estão aproveitando cada segundo de calma para se preparar.

Os gêmeos, Caleb e Christian, montam guarda diante de uma porta fechada ao final do corredor. Marina ainda não teve a chance de conhecer os dois esquisitões. Quando chegamos, ela abre seu sorriso mais gentil e estende a mão para o carinha inexpressivo que imagino ser Christian.

— Oi, meu nome é Marina. Fiquei sabendo que vocês receberam Legados. Que incrível isso acontecer com os dois. Se quiserem conversar sobre...

Christian só olha para ela e não faz nenhuma menção de pegar sua mão, como se nem entendesse o que ela está dizendo. Caleb se intromete e aperta a mão de Marina de leve, como se estivesse coberta de germes.

— Hã, estamos bem, obrigado — retruca ele de um jeito brusco, depois olha para John. — O general Lawson mandou chamá-lo há horas.

— Não ando com muito tempo livre — responde John. — Ele está por aqui ou não?

Caleb se afasta com um grunhido, e um instante depois Christian faz o mesmo, mantendo o olhar frio o tempo todo. Quando seguimos John para o escritório de Lawson, Marina se volta para mim.

— Qual é a deles? — sussurra.

— Não faço ideia — respondo. — Acho que nem todos que receberam Legados são tão charmosos quanto Sam.

Marina sorri para mim. Ficamos em silêncio enquanto observamos o escritório de Lawson. É tudo bem simples, uma escrivaninha meio velha atrás da qual o general está sentado em uma cadeira com apoio lombar, e há algumas cadeiras dobráveis diante da escrivaninha, além de uma mesinha encostada em uma parede, com uma cafeteira que está passando o café solúvel produzido pelo exército.

O que chama mesmo a atenção, e estou certa de que é a razão pela qual Lawson se estabeleceu aqui embaixo, são os monitores que cobrem a parede

atrás da escrivaninha. As telas exibem todo tipo de coisa; algumas mostram imagens granuladas de naves de guerra que devem vir diretamente de câmeras instaladas nas cidades ocupadas, outras estão sintonizadas nos poucos canais que ainda transmitem alguma coisa, e fora isso há algumas que mostram imagens das câmeras de segurança de Patience Creek.

Lawson desvia o olhar de todas essas informações assim que entramos. Ele se levanta, passa a mão pela frente do uniforme e abre um sorriso simpático.

— Ah, olá — diz ele, olhando para nós três.

Nossos olhares exibem diferentes graus de confrontação, então ele se dirige primeiro a Marina.

— Fico contente em ver que está melhor, minha jovem.

— Obrigada — responde ela.

— Só ouvi coisas boas a seu respeito — continua Lawson.

— O que... o que o senhor ouviu? — Marina ergue uma das sobrancelhas.

— Fiquei sabendo que você tem o poder de cura, que, na minha opinião, é o mais abençoado que se pode desenvolver. — Ele abaixa a voz, assumindo um tom conspiratório. — Alguns dos meus rapazes também me disseram que você manda muito bem com uma estaca de gelo.

Marina fica vermelha ao ouvir sobre sua briga com Cinco. Antes que a conversa continue, John interrompe: — Você queria me ver.

Lawson faz que sim e volta para seu lugar, fazendo sinal para nos sentarmos nas cadeiras em frente à escrivaninha. Nós continuamos de pé.

— Sim, eu queria falar com você — confirma Lawson a John, em seguida aponta para mim. — Eu queria saber por que Seis e alguns de seus companheiros tinham deixado a base. Agora que ela está de volta e trouxe alguns TALs, já não estou tão preocupado.

— Você não precisava se preocupar — retruco.

— Pois é, mas eu me preocupo — diz Lawson para mim, tentando bancar o avô amigável, depois volta sua atenção para John. — Talvez a gente tenha começado com o pé esquerdo. Percebi que seu grupo não está acostumado a trabalhar com outras pessoas. E vocês devem entender que também é uma experiência estranha para o meu pessoal. Não quero que pensem que estou ameaçando sua autonomia... duvido que conseguiria, mesmo se quisesse. Mas temos um objetivo comum aqui. Seria melhor se soubéssemos o que cada um está fazendo.

— Concordo — diz John, embora só pareça querer que o coroa pare de falar.

Lawson passa a mão pelo cabelo grisalho, voltando a atenção para mim.

— Por exemplo, sua operação nas Cataratas do Niágara fez com que a nave de guerra que estava em Toronto se deslocasse para lá. É o primeiro movimento dos inimigos que notamos desde que Setrákus Ra parou de agir. E isso gerou uma grande confusão que poderia ter sido evitada se vocês tivessem me deixado a par de tudo.

— Mas ninguém disparou nenhuma arma nuclear, certo? — pergunto.
— Nenhum dano foi causado.

— Desta vez, não — responde Lawson entredentes. — Em torno daquela nave de guerra, os canadenses tinham unidades que terão que se reposicionar nas cataratas, o que é um saco. Por outro lado, um grande centro populacional que ainda estava sendo evacuado está fora de perigo, pelo menos por ora. Mas e se isso tivesse acontecido em algum outro lugar do mundo, onde nossos aliados não são tão disciplinados? Poderia ter criado algumas dificuldades.

— Não vai acontecer de novo — diz John, e mais uma vez seu tom indiferente diminui a força da afirmação. Ele coloca o atlas em cima da escrivaninha de Lawson. — Marquei os locais das pedras de loralite aqui.

Lawson sorri e coloca a mão sobre o livro.

— Ah, nada digital. Gostei.

— Precisamos muito que esses lugares sejam protegidos antes que os mogs os descubram — continua John. — Ainda mais se você quiser usá-los para transportar os dispositivos de camuflagem.

— Vou garantir que isso aconteça. — Lawson dá um tapinha no atlas. — E cuidarei para que seja confidencial. Nada de vazar informações.

— Pode ser que mais Gardes humanos se teleportem para esses lugares — acrescento. — Cuide para que ninguém mexa com eles. *Mogs ou humanos.*

Lawson coça o queixo bem barbeado, mesmo em um momento como este.

— Você acha que pretendemos ferir estes jovens com poderes especiais? — pergunta, soando um pouco ofendido.

Todos nós falamos ao mesmo tempo.

— Talvez não seja ferir... — começa Marina, em tom diplomático.

— Recrutá-los — diz John.

— Explorá-los — disparo.

— Só não queremos que ninguém seja forçado a fazer algo sem estar preparado — conclui Marina.

Lawson nos encara por um momento. Ele olha para a porta, certificando-se de que está fechada, provavelmente para que os gêmeos lá fora não ouçam o que está prestes a dizer.

— Olha, vou ser direto com vocês — começa. — Alguns elementos do nosso governo... aliás, das nações de todo o mundo, verão esses jovens que receberam os dons do seu povo como... recursos. Você viu o que aconteceu com o ProMog. Deixe um pouco de poder extraterrestre na frente dessas pessoas e elas vendem até a alma. A invasão que se dane.

— E você não é uma dessas pessoas? — pergunta John.

— Não, filho, não sou — responde Lawson. — Sou um velho que estava feliz jogando golfe há algumas semanas. Não estou interessado em lucro ou poder. Só quero manter este mundo seguro. Acredito que vocês possam ser

uma força voltada para o bem. Vi todas as filmagens: a cura, o sacrifício. Também conheci aquele sujeito caolho que vocês mantêm preso no porão. Não queremos mais nenhum desses, não é mesmo?

Olho na direção de Marina.

— Não, com certeza não.

— Estou interessado em manter o mundo seguro. Treinar seu povo, colocá-lo em posições onde possam usar os dons para o bem maior.

John está para responder algo, mas Lawson levanta a mão e acrescenta: — Isso tudo não vai passar de palavras se não ganharmos esta guerra, e, considerando suas experiências anteriores com organizações governamentais, eu os consideraria uns tolos se não desconfiassem de mim. Mas, quando tudo isso terminar, quero que vocês participem. Quero que vocês me digam o que é melhor para esses jovens, para o planeta. E vou querer ajuda para que isso aconteça.

Nós três nos entreolhamos. Se Lawson está fingindo, está fazendo um excelente trabalho. Mas, a julgar pela expressão distante de John, não sei se todas as suas preocupações foram deixadas de lado. Ou talvez, como eu, ele já tenha percebido como é inútil fazer planos para o futuro com a morte batendo na porta.

Limpo a garganta e mudo de assunto.

— E quanto aos dispositivos de camuflagem...

— Nenhum progresso da minha equipe de pesquisa na construção da nossa própria versão — responde Lawson, aliviado por voltar a falar da missão.

— Tudo bem — diz John. — Estamos prontos para roubar alguns. Aquela nave de guerra que os Gardes humanos atraíram para as cataratas é o alvo perfeito. Soldados isolados, confusos, sobrecarregados.

— A estupidez de postar coisas no YouTube às vezes compensa — acrescento.

— Vou levar uma pequena equipe e entrar na nave às escondidas para tomar os dispositivos — continua John. — Estou pronto para agir o quanto antes.

Lawson assente.

— Excelente. Quero que uma equipe minha fique por perto, só para o caso de as coisas darem errado e vocês precisarem bater em retirada.

— Não vejo problema, desde que não sejam notados — responde John.

Marina está em silêncio há algum tempo. Ela olha para um dos canais de notícias, vendo uma filmagem de Londres. Milhares de pessoas estão marchando pelas ruas, deixando suas casas apenas com o que podem carregar, enquanto uma nave de guerra assoma ao fundo.

— O que está sendo feito para proteger as pessoas nas cidades com naves de guerra? — pergunta ela. — Os mogadorianos com certeza vão intensificar o ataque...

— Quase todas as cidades estão sendo evacuadas — responde Lawson. — Da última vez que conferi, a maioria já tinha realocado cerca de oitenta por cento dos habitantes. Esse dia extra nos deu um pouco de tem...

Lawson é interrompido por uma batida apressada na porta. Antes que responda, entra um agente do FBI com a barba por fazer, embora os gêmeos tenham tentado detê-lo. Reconheço Noto, o cara que Adam está ensinando a falar mogadoriano lá embaixo.

— Desculpe-me, senhor — diz ele para Lawson antes de voltar a atenção para John. — É melhor você vir para nossa central de monitoramento. Algo está acontecendo.

Isso não pode ser bom.

Nós três, além de Lawson, os gêmeos e Noto, corremos para onde Adam está acompanhando as transmissões mogadorianas. No caminho, Noto explica da melhor maneira possível o que está ocorrendo.

— Os capitães das naves de guerra mogs estavam meio perdidos antes, ainda mais depois que um deles desobedeceu às ordens e levou sua nave

para as cataratas — explica Noto, sem demora. — Mas agora há pouco ouvimos uma nova voz...

— Setrákus Ra? — pergunto.

— Não, uma mulher. Ela está fazendo um discurso, colocando todos em seus lugares, ao que parece. Adam está...

Irritado, o que fica óbvio assim que entramos na sala. Ele está sentado na beirada da cadeira, as mãos entrelaçadas à frente, fuzilando o console do Escumador com os olhos escuros. É claro que reconheço a voz que o deixou tão furioso.

— Phiri Dun-Ra — declaro.

— Quem? — pergunta John, virando-se para mim quando nos reunimos em torno de Adam.

— Uma pessoa das mais desagradáveis, mesmo para os padrões mogadorianos — explica Marina.

— Ela é a escrota que estava encarregada de invadir o Santuário — conto a John. — Tivemos alguns desentendimentos.

— Ela quase matou a mim e a Poeira — diz Adam em voz baixa, sem tirar os olhos do console, ouvindo com atenção cada palavra áspera de Phiri.

— Na última vez em que a vi, ela estava arrastando Setrákus Ra para a *Anúbis* — digo.

O general Lawson pigarreia.

— Filho, o que ela está dizendo?

Adam respira fundo e fala entredentes: — Ela está alimentando o medo entre os capitães nascidos naturalmente, repreendendo-os por duvidarem. Afirma que o atraso no ataque é irrelevante, já que a humanidade é fraca e a vitória mogadoriana é certa.

Lawson apruma o corpo.

— Ela por acaso mencionou que eu empalei o Adorado Líder deles? — pergunto.

— É claro que não — resmunga Adam. — Ela garante que Setrákus Ra anda ocupado concluindo a missão de sua vida: elevar a raça mogadoriana. Que seus feitos são nada menos que um milagre e que os fiéis serão recompensados. Os céticos? Ela diz que não há nada reservado para eles além de uma dor inacreditável.

— Comandando com recompensa e punição — murmura Lawson.

— Que tipo de milagre esse monstro poderia realizar? — pergunta Marina.

— Sabemos qual é a missão de vida dele — digo. — Descobrimos naquela visão.

— A energia que ele roubou do Santuário — fala John em voz baixa. — O processo que vimos na visão de Ella, transformando o poder naquela gosma negra dele. Ele deve ter voltado a se dedicar a isso.

— Não sei o que isso tudo significa — interrompe Lawson. — Mas parece que nosso tempo está se esgotando.

Adam levanta a mão quando o discurso de Phiri Dun-Ra atinge um crescendo. Ele fica boquiaberto, como se não acreditasse no que está ouvindo.

— Phiri afirma que... graças à sabedoria do Adorado Líder, ela ganhou Legados — traduz Adam, sua voz quase abafada pela risada de Phiri Dun-Ra.

— Mentira — retruco. — Mesmo que seja verdade, esses poderes *não* são Legados.

— Nós o vimos fazer isso — intervém Marina, em um tom baixo de medo. — As pessoas trabalhando com ele naquela máquina... ele deu telecinesia a elas.

— Aquelas pessoas pareciam doentes. Disformes.

Essa observação vem de Caleb e são suas primeiras palavras desde que chegamos aqui. Olho para ele, que está encarando as costas das mãos como se quisesse ver se há alguma coisa correndo pelas veias. Christian, por sua vez, permanece imóvel e em silêncio.

— Ele teve centenas de anos para aperfeiçoar seu experimento — comenta John. — Só precisava de acesso a mais matéria-prima.

— E nós arrumamos para ele — digo, balançando a cabeça.

Ouvimos então uma nova voz pela transmissão. Não uma voz, na verdade... um grito. Um grito angustiado que parece vir de um garoto sendo torturado. Todos na sala ficam em silêncio quando Phiri Dun-Ra volta a falar, apesar da gritaria, em um tom alegre e entusiasmado.

— Mas que droga é essa? — pergunta Lawson.

Adam engole em seco.

— Ela diz que é um Garde que capturaram na Cidade do México. Um humano. Estão extraindo seus Legados. Matando-o.

— Desligue — pede Marina, parecendo que vai vomitar.

Adam se vira primeiro para mim, depois para John. Nós dois concordamos. Esse tipo de coisa não pode ficar sem resposta.

— Vai — diz John.

Adam chega para a frente, mas não desliga a transmissão. Em vez disso, pega um microfone e abre um canal.

Lawson se aproxima para deter Adam, e os gêmeos fazem o mesmo, mas John coloca a mão no peito do velho, impedindo-o.

— Eles podem rastrear nosso sinal? — sussurra Lawson com os olhos arregalados.

— Não — murmura John em resposta. — Ele já cuidou disso. Nós somos um fantasma.

Lawson não parece convencido. Ele lança um olhar na direção de Noto. O agente assente, confirmando o que John disse.

De toda forma, é tarde demais. Adam já começou a falar.

— Phiri Dun-Ra é uma mentirosa — anuncia Adam em inglês, embora aumente a aspereza de sua voz com o sotaque gutural mogadoriano.

Deve estar falando em inglês para que a gente entenda... para que Lawson saiba que ele não está entregando nenhum segredo.

— Ela só está dizendo isso para aumentar o próprio poder.

Os gritos param. Algumas vozes confusas respondem em mogadoriano. Então, ouvimos a voz de Phiri Dun-Ra, mais alta que todas as outras.

— É você, Adamus? — pergunta ela, rindo. — Como entrou neste canal, garotinho?

Adam a ignora e continua: — Meu nome é Adamus Sutekh, filho do general Andrakkus Sutekh. Enfrentei meu pai em um único combate e o derrotei. Arranquei a lâmina da mão de seu cadáver e a guardei para o uso que deveria ter. Eu a usei para matar um loriemo. Um loriemo que se chamava Setrákus Ra.

Ouvimos gritos. Gritos indignados em mogadoriano vindos de uma dezena de vozes diferentes. Não consigo deixar de sorrir ao ver o caos e o pânico criados por apenas algumas palavras.

Phiri Dun-Ra grita para se sobressair na confusão: — Essas palavras não passam de mentiras de um mogadoriano desonrado! Um traidor de nossa raça!

— Então, deixe o Adorado Líder me responder! — berra Adam em resposta. — Talvez ele possa falar pelo buraco que fiz em seu peito! Phiri Dun-Ra sabe da verdade, meus irmãos, e agora quer nos governar lançando mão das mesmas mentiras que Setrákus Ra usou por séculos. Não deixem que isso aconteça!

— Isso é uma blasfêmia! — exclama Phiri.

— Deixe-o responder, então! — vocifera Adam outra vez. — Deixe o imortal Setrákus Ra responder, se ele ainda respira.

Por um instante, todas as linhas ficam em silêncio, esperando que algo aconteça.

Mas só há silêncio vindo de Phiri Dun-Ra.

— Você vai pagar — sibila ela, por fim. — Vai pagar por sua falta de fé.

Quando ela encerra a comunicação, escutamos um bipe agudo. Na mesma hora, as dezenas de capitães de naves de guerra que ouviam a

conversa começam a gritar uns com os outros.

Adam desliga o microfone e se volta para nós.

— Agora, vamos deixar que se matem.

CAPÍTULO

QUINZE

SYDNEY SOFRE O pior ataque.

O capitão da nave de guerra que está lá começa um bombardeio em larga escala algumas horas depois de Adam interromper o discurso de Phiri Dun-Ra. O comandante dedica a destruição ao Adorado Líder, um sacrifício abrasador pela morte de Setrákus Ra. Adam explica que ele está se exibindo: quer causar boa impressão, para o caso de Setrákus Ra ainda estar vivo, e se posicionar para assumir a liderança caso não esteja.

Imagens da Ópera de Sydney em chamas, com a ponte que fica por trás dela desabando, são transmitidas pelos poucos canais de notícias que ainda restam no mundo. É difícil assistir à cena, porque sabemos que nossa mentira sobre Setrákus Ra causou isso. Adam está com cara de quem vai vomitar. Lawson balança a cabeça, o rosto enrugado e bem sério.

— A guerra psicológica tem custos — diz, casualmente.

Tenho a sensação de que ele teria uma perspectiva diferente se fosse uma cidade americana naquele estado.

— Se serve de consolo, minhas fontes garantiram que Sydney foi quase toda evacuada.

— Quase toda — repete Adam.

— Sim, quase toda — confirma Lawson. — Os danos colaterais nem sempre podem ser evitados. É horrível, mas se aprende a viver com isso. — Ele faz uma pausa, pensativo. — Não esperava tanta empatia de alguém de sua espécie.

Adam olha para o general.

— Certo.

Não digo nada. Só gravo o nome do mogadoriano. Rezza El-Doth. E o acrescento à lista de mogs que vou matar.

Está de madrugada, e eu, Adam e Lawson somos os únicos que ainda estão na sala de monitoramento, horas após a transmissão surpresa. Os outros foram descansar um pouco, algo que eu devia estar fazendo, mas não consigo. Então fico largado em uma cadeira, ouvindo Adam descrever em tom robótico as várias transmissões dos mogs. Ao meu lado, Lawson está de olho em um tablet, acompanhando relatórios que chegam de todo o mundo.

— Admiro a coragem necessária para uma proeza dessas — continua Lawson. — Você sabia que haveria consequências. Fez as contas e chegou à conclusão de que os benefícios superavam os custos. É claro que, se as coisas não tivessem se desenrolado a nosso favor, estaríamos tendo uma conversa bem diferente, não é?

Olho para Lawson. Ele me encara, me avaliando. Mais uma vez, fico em silêncio. Mas ele está certo. Assim que Adam me contou sobre os desentendimentos entre os mogs na ausência de Setrákus Ra, eu sabia que tínhamos que explorá-los. Adam concordou. Como Lawson disse, eu sabia que haveria riscos.

E não me importei.

Sydney sofreu muito, mas, em outros locais, o anúncio de Adam provocou efeitos melhores.

Em Pequim, onde o exército chinês vinha resistindo fortemente aos mogadorianos e organizando contra-ataques bastante imprudentes, os mogs levaram os Escumadores de volta para a nave de guerra. O capitão declarou que esperaria instruções de Setrákus Ra antes de desperdiçar mais guerreiros nascidos artificialmente para garantir a tomada da cidade. Nenhuma

resposta veio de West Virginia, o que permitiu uma trégua para os chineses.

Enquanto isso, o capitão da nave de guerra em Moscou se proclamou o novo Adorado Líder. Acho que o poder subiu à cabeça depois que ele viu a rapidez com que os russos se sujeitaram aos seus esforços de ocupação. O capitão em Berlim não gostou nada da declaração e partiu com sua nave para tentar matar o usurpador.

As duas se encontraram no Cazaquistão e começaram a se atacar. Por sorte, tudo aconteceu nos céus das estepes cazaques, que são pouco povoadas. Como não há muitas testemunhas do ocorrido, os relatos são bastante vagos. Não sabemos se as naves destruíram uma à outra, se chegaram a um empate ou se uma delas saiu vitoriosa. Mas nenhum resultado é ruim para nós.

E, talvez a melhor notícia de todas, a nave de guerra que pairava sobre São Paulo foi embora. Ela levantou voo, saindo da atmosfera, e ao que parece está orbitando a lua. Também encerrou as comunicações. Não fazemos ideia do que está acontecendo por lá.

O restante da frota mog ignorou Adam, preferindo acreditar em Phiri Dun-Ra. Mesmo assim, as fissuras estão começando a aparecer. Eles não são uma força imbatível. Três naves de guerra estão fora do páreo, e nem saímos de Patience Creek. Ainda temos vinte pela frente, mas estamos fazendo progressos.

No entanto, a vitória me parece vazia. Não é satisfatória. Minhas mãos estão limpas demais.

Como Adam e eu continuamos em silêncio, perdidos em pensamentos, Lawson retoma o discurso sobre nosso sucesso.

— Um risco estratégico — diz ele, reflexivo. — Vocês dariam ótimos generais um dia.

— Pretendo encarar o restante do conflito na linha de frente — declaro, enfim quebrando o silêncio.

— Bem, é a prerrogativa de um jovem — observa Lawson.

Em seguida, ele se levanta e estala as costas. Nas horas que se passaram desde que interceptamos a discussão mogadoriana, as coisas começaram a se acalmar. Não recebemos novos desdobramentos há algum tempo, apenas os relatórios de costume. Acredito que nossa tática rendeu todos os frutos que poderia dar.

Lawson olha para mim.

— Está tarde. Ou melhor, está muito cedo. Vou descansar um pouco antes de planejarmos a operação. Você devia fazer o mesmo, John.

Lanço um olhar preguiçoso para o general, e ele responde com um sorriso discreto. O velho assente rapidamente para Adam, em um gesto de despedida, e sai, nos deixando sozinhos. Adam está todo largado na cadeira em frente ao console, os olhos turvos.

— Você planeja dormir em algum momento? — pergunto.

— E você? — rebate ele.

Nós nos acomodamos.

Cruzo os braços e descanso o queixo no peito. De vez em quando me assusto ao ouvir as ásperas vozes mogadorianas que vêm do rádio, mas Adam não se dá ao trabalho de traduzi-las, o que significa que não deve ser nada importante. Vamos invadir uma dessas naves de guerra em apenas algumas horas. Será meu primeiro combate desde que comecei a colecionar Legados, minha primeira chance de testar os novos poderes.

Minha primeira oportunidade de vingança.

Eu deveria mesmo dormir. Seria irresponsabilidade minha continuar fugindo disso. Mas da última vez que tentei, tudo o que

eu via era o rosto dela...

Não posso continuar fazendo isso.

Eu me levanto e estico os braços. Estão pesados, assim como o restante do meu corpo. O ar parece espesso, quase como se eu estivesse nadando nele. Aquela sensação de exaustão que venho buscando desde que chegamos aqui está enfim começando a se instalar.

— Você me chama se algo importante acontecer, certo? — pergunto a Adam.

Ele não responde. Mantém o rosto virado, observando o console com atenção. As comunicações mogadorianas caem num silêncio estranho. Por alguma razão, em vez de perguntar a Adam o que está acontecendo, não digo nada e saio da sala.

E entro em uma caverna.

Não estou mais em Patience Creek.

Já estive aqui antes.

Estou em um longo corredor mal-iluminado. As paredes são de pedra cor de ferrugem e têm vigas de aço. O ar, quente e mofado, fede a algo podre, mas vivo. Dou um giro rápido de trezentos e sessenta graus e tento me orientar. Se eu seguir na direção em que o corredor desce em um ângulo suave, sei que vou chegar à área onde pikens, krauls e outras feras estranhas são criadas. Se eu subir para onde as luzes brilham mais forte, acabarei me deparando com uma fileira de celas.

Estou em West Virginia, sob a montanha. No quartel-general dos mogadorianos.

Eu me sinto atraído pelas celas, então começo a caminhar devagar nessa direção. Gritos abafados chegam de lá. Mesmo assim, continuo a andar em um ritmo tranquilo.

Não sou idiota. Isto é um sonho. E fico feliz por entrar no jogo.

Sei quem está esperando por mim adiante, e isso me deixa contente. Quero olhar nos olhos dele.

Chego à área onde um nicho na caverna foi transformado em celas claustrofóbicas. Cada porta reforçada está equipada com uma escotilha de vidro à prova de balas para que se possa espiar as péssimas condições lá dentro. As primeiras celas estão vazias. Então chego à primeira ocupada, onde uma garota de cabelos escuros pressiona o rosto no vidro. Seus olhos e sua boca foram costurados com arame.

É Seis.

Eu a encaro. Faço questão de não desviar o olhar e de deixar que o terror e a repulsa tomem conta de mim.

Não é real. Ele está tentando mexer comigo, mas não vai funcionar.

Outra visão horrível aparece na cela ao lado. Nove, bem do jeito que o conheci, só que com um lençol amarrado em volta do pescoço, balançando pendurado em uma viga. Não gasto muito tempo ali, até porque não caio nessa nem por um segundo.

— Por que você não para com essa palhaçada e aparece? — digo em voz alta, sabendo que ele me ouve. — Já está ficando chato.

À frente, os gritos ficam mais altos. Lembro que a sala da qual me aproximo era usada pelos mogs para interrogatórios. Há uma parede de vidro que mostra o que há lá dentro. No centro do cômodo, correntes pesadas pendem do teto.

Sam está preso ali. Os gritos são dele. Um ácido preto viscoso escorre pelos elos metálicos e deixa queimaduras em seus pulsos.

Setrákus Ra está de frente para Sam, mas não com a aparência que estou acostumado a ver. Sua cabeça não está pálida, bulbosa e cheia de veias negras. Ele não tem dois metros e meio de altura,

nem aquela cicatriz roxa e grossa em volta do pescoço. Este Setrákus Ra é um homem jovem, como o cara da visão sobre a história de Lorien. Seu cabelo escuro está penteado para trás, seus traços são acentuados e severos, e ele claramente é um lorieno.

Ele faz parte do meu povo. Essa noção continua sendo perturbadora.

Setrákus age como se não tivesse me notado, embora eu saiba que não é verdade. Afinal, ele me trouxe até aqui. Paro em frente à sala de interrogatório e o observo. Ele anda de um lado para outro, e, toda vez que passa pelas correntes, bloqueando minha visão delas por um instante, a pessoa sendo torturada ali muda.

Sam se transforma em Seis, os gritos dela preenchendo a sala.

Depois, Adam.

Marina.

Nove.

Sarah.

Soco o vidro que separa o corredor da sala. Ele se quebra com facilidade e não machuca nem um pouco. Flutuo para dentro da sala e pouso a alguns passos de Setrákus Ra. Ele se vira para mim, sorrindo como se tivéssemos nos encontrado por acaso na rua.

— Olá, John.

Tento não olhar para Sarah, inconsciente, sendo torturada, pendurada atrás dele.

Ela não é real. Ela não está aqui. Ela está em paz.

Para mostrar que ele não me atinge, começo a andar pela sala e a assoviar.

— Sabe, um tempo atrás, esses sonhos me assustavam.

— É mesmo?

— Agora sei que são só seu desespero.

Setrákus Ra abre um sorriso indulgente e cruza os braços.

— Você me faz lembrar tanto dele. Meu velho amigo Pittacus Lore.

— Não sou como ele.

— Não?

— Ele teve compaixão por você. Eu vou matá-lo.

Setrákus Ra anda pela sala, deixando o corpo de Sarah entre nós. Ele a empurra de leve, e a garota começa a balançar para a frente e para trás.

— Como está minha bisneta? — pergunta ele, jogando conversa fora.

Meus olhos acompanham o movimento de Sarah, depois voltam depressa para Setrákus Ra.

— Muito melhor do que quando estava presa a você.

— Ela vai mudar de ideia — responde ele, com um sorriso. — Quando eu acabar com vocês, ela vai voltar para mim.

— Seu exército vai voltar também? — indago, inclinando a cabeça. — Enquanto você lambe suas feridas e se esconde em meus sonhos, eles o abandonam.

Seu rosto se fecha, e fico feliz ao ver que feri seu ego. Ele se afasta de Sarah e avança em minha direção.

— Os mogadorianos sempre foram apenas um meio para um fim, John. Uma espécie de feras estéreis que tornaram seu próprio planeta inabitável por causa do amor estúpido que sentem pela guerra e pela poluição. — Ele cospe no chão. — Os seres humanos serão súditos muito melhores quando finalmente se submeterem. Os outros serão cinzas ao vento.

— Foi por isso que você me trouxe até aqui? — pergunto, olhando para aquela versão mais nova do meu pior inimigo. — Para me explicar que você é mau e cruel? Porque já entendi isso.

Setrákus Ra sorri e se aproxima, me observando. Seus olhos não estão mais tão pretos como antes. São escuros, mas normais, não alterados por anos de experimentos. Mas a mente doentia por trás deles ainda é a mesma.

— Estou velho, John — entoa ele. — Aquelas visões que minha bisneta nos fez ter, rever minha juventude... Senti certa nostalgia com tudo aquilo. Pittacus Lore foi meu amigo um dia. Se ele tivesse me ouvido, se tivéssemos trabalhado juntos, poderíamos ter poupado o universo de muitas mortes. Poderíamos ter engrandecido todas as formas de vida.

— Awn... você precisa de um amigo? É esse o problema? Essa é a parte em que você me oferece a oportunidade de unirmos forças?

Setrákus Ra suspira. Estamos separados por alguns poucos passos. Eu tenho que me lembrar de que nada disso é real. Que não adianta alcançá-lo e rasgá-lo ao meio.

Mesmo que eu queira muito.

— Não, John. Quando deixei que sobrevivesse em Nova York, prometi que você veria este mundo arder em chamas. E planejo cumprir minha palavra.

— E depois?

— Como eu disse, você me lembra Pittacus — responde Setrákus Ra. Ele volta para onde Sarah está, passa a mão por um dos braços cheio de hematomas dela e agarra a corrente que sustenta seu corpo. — Tentei mostrar a ele assim como vou lhe mostrar agora. Queria que você soubesse o que está perdendo.

Setrákus Ra puxa a corrente com força. Pela lógica impossível dos pesadelos, o teto inteiro desaba. A sala é inundada por aquela gosma preta viscosa.

— Queria que você sentisse meu poder.

É como uma represa se rompendo. Em poucos segundos, não vejo mais a sala de interrogatório e sou coberto pelo líquido escuro, gelado e viscoso. Tento escapar, nadar, mas a substância logo cobre minha cabeça, fazendo meus olhos arderem, invadindo meus pulmões.

Entro em pânico e começo a me debater. Por um instante, eu me esqueço de que é apenas um sonho.

Sinto um peso dentro de mim, como se minhas entranhas estivessem cheias de um lodo espesso. Minha pele pinica. Parece que milhares de dentes minúsculos estão tentando me roer.

Mas posso respirar. Estou vivo. Perceber isso me acalma um pouco.

Sou capaz de enxergar, embora não haja nada ao redor além de uma escuridão sólida e impenetrável. Enquanto flutuo na gosma oleosa, acendo meu Lúmen. Funciona... a luz brilha em um halo em torno de mim.

O efeito dura pouco. Vejo, por baixo da pele das minhas mãos brilhantes, a energia lórica azul-cobalto correndo pelas veias. O lodo penetra dolorosamente nas pontas dos meus dedos, atraído por essa energia, e começa a corroê-la.

— Isso não é bom?

Olho para cima. Setrákus Ra flutua na escuridão acima de mim. Ele deixou de lado toda aquela coisa de jovem Setrákus e está como eu esperava: hediondo. Está sem camisa — talvez esteja nu, mas por sorte o lodo obscurece a parte inferior de seu corpo —, sua pele de uma palidez impressionante na escuridão, a cicatriz roxa ao redor do pescoço bem grossa. Seus olhos, vazios e ocos como os de um crânio, olham bem dentro dos meus.

Há uma ferida aberta no peito de Setrákus Ra. À esquerda do coração. Deve ser onde Seis o acertou. Ela chegou tão perto...

Tentáculos daquela gosma avançam pela ferida e penetram no corpo dele. A substância não está curando a pele cortada, mas preenchendo-a, substituindo o buraco medonho por obsidiana pura.

Outro corpo flutua à frente de Setrákus Ra. É uma mulher mogadoriana com o cabelo escuro puxado para trás em tranças. Noto que ela tem marcas de queimaduras nas mãos. E parece estar inconsciente. Setrákus Ra move as mãos sobre a substância viscosa que nos rodeia e ela obedece ao seu comando, entrando sob a pele da mulher, remodelando-a.

Abro a boca e, embora o lodo corra pela minha garganta, descubro que ainda sou capaz de falar.

— É assim que você está, não é? — digo. — Isto é real. Sua grande ideia de progresso é... este banho de esgoto.

Setrákus Ra sorri para mim.

— Você resiste. Mas é assim, John, que eu controlo o destino de toda a nossa espécie. Aqui, eu faço Legados. Pego o mundano e o moldo, o aprimoro à minha vontade.

Ele ergue a mão, dois dedos estendidos para mim, e meu braço se levanta, fora do meu controle. O Lúmen brilha, os tentáculos da gosma se juntando em torno da minha mão. É como se minha pele estivesse sendo descascada.

Uma bola de energia lórica sai de minha mão. Meu Lúmen enfraquece enquanto a energia flutua através da gosma. Lentamente ela se corrói e se transforma, até Setrákus guiá-la para a mulher mogadoriana. O corpo dela convulsiona por um instante, propagando ondas pelo lodo.

Mas, em seguida, o fogo a rodeia. Ela vira a cabeça e sorri para mim, mostrando os dentes como um animal selvagem.

— Eu sou o criador agora, John — diz Setrákus Ra. — Venha. Veja por si mesmo.

Minhas mãos tremem. O Lúmen não funciona. A escuridão me rodeia...

— John! John!

Meus olhos se abrem de repente. Adam está me sacudindo pelos ombros. Estou de volta aos subterrâneos de Patience Creek, e não mais me afogando em lama negra, não mais tendo meus Legados roubados por uma mogadoriana.

— Você pegou no sono — conta Adam, de olhos arregalados. — E, depois, bem...

Olho para baixo. Minhas mãos, que descansavam nos braços da cadeira, deixaram marcas escuras no tecido. Meu Lúmen deve ter se acionado durante o pesadelo. O cheiro de tecido queimado toma conta da sala.

— Desculpa... — digo, me levantando, meio trêmulo.

Adam hesita, à espera de uma explicação.

— Você está bem? — pergunta, por fim.

— Sim, estou bem — respondo, e saio da sala devagar.

Chega de dormir. Pelo menos até tudo terminar.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

— SÓ PRECISO DE um pouco mais de tempo — diz Sam. — Juro que posso fazer funcionar. Quer dizer, pode até *já estar* funcionando. Não tenho como testar...

Está amanhecendo. Ele caminha em frente à nossa cama, falando rápido. Percebo uma pilha de latinhas de refrigerante amassadas com logos muito antigas na mesa atrás dele. Acho que a bebida, apesar de velha, não perdeu a cafeína. Eu o observo com paciência, um pequeno sorriso nos lábios.

— Meu pai tentou me dar um curso intensivo de eletromagnetismo — continua Sam. — Frequências, ultravioleta, hã, a ionosfera. Sabe o que é a ionosfera?

Faço que não.

— É, nem eu. Quer dizer, não sabia até meu pai explicar, e agora sei mais ou menos. A ionosfera é parte da atmosfera. É tipo o campo de força da natureza. As ondas de rádio se refletem nela. Se alguém quiser entender como um campo de força funciona fora da ficção científica, precisa começar por aí. Ou pelo menos poderia, antes de os alienígenas invadirem a Terra e mudarem nosso entendimento de, bem, da coisa toda...

— Você está fugindo do assunto, Sam.

Na noite passada, eu já estava na cama quando ele entrou no quarto. Ouvei, ainda meio sonolenta, Sam reclamar que Malcolm o fizera ir para a cama — como se ele fosse uma criança, e não alguém tentando salvar o mundo. Ele ficou se revirando ao meu lado por um tempo. Por fim, acabou se levantando para trabalhar na escrivaninha do quarto. E por trabalhar quero dizer que ele sussurrava insistentemente um monte de frases sem sentido

para um monte de aparelhos portáteis — o já infame Game Boy, uma série de telefones celulares, tablets, um e-reader. Os sussurros de Sam me ajudaram a voltar a dormir.

— Desculpa. Então alguns dos engenheiros que trabalham no dispositivo de camuflagem tentaram aprofundar mais a explicação sobre campos de força... Sabia que os militares já fizeram um protótipo? Ele consegue impedir que as coisas entrem, mas não dá para ver através dele, então você ficaria protegido, mas cego. De toda forma, acho que eles acabaram concluindo que era um desperdício de tempo explicar tudo isso, já que tecnicamente eu nem terminei o ensino médio.

— Eles não sabem o que estão fazendo ao subestimar você — digo, com um sorriso sonolento.

Sam segura em uma das mãos o dispositivo de camuflagem mogadoriano que desinstalou da nossa nave e, na outra, um velho celular de flip, levantando-os e abaixando-os como se fosse uma balança.

— Você está debochando de mim?

— Não. Continua.

— Então, meu pai e a equipe de cientistas já descobriram mais ou menos como essa coisa funciona — prossegue Sam, segurando a caixa preta que permite que os Escumadores passem ilesos pelos campos de força das naves de guerra. — Há uma emissão de frequência ultrassônica que, de acordo com os caras lá embaixo, conseguiríamos copiar sem problemas. O que vem atrasando os cientistas é que a onda sonora parece... hã... engrossada, de alguma forma, acho que foi o que disseram, para que possa levar um pacote de dados até a nave. Esses dados identificam o Escumador como aliado. O problema é que essa inscrição está em um código que não entendemos, que nem podemos criar ainda, em uma linguagem de programação que nenhuma das nossas máquinas consegue ler...

— Sam — interrompo assim que ele faz uma pausa para respirar. — Tenho certeza de que tudo isso é muito interessante, mas...

— Hã, não é, não — responde Sam, com um sorriso sem graça. Ele deixa de lado o dispositivo de camuflagem e esfrega a nuca. — Tudo bem, indo direto ao ponto...

— Por favor.

— Todos esses caras lá embaixo estão tentando copiar o tal pacote de dados. Mas é difícil, porque, primeiro, eles não têm tecnologia mog para trabalhar, e, segundo, se tivessem, ainda precisariam aprender a usá-la. Então eu estava pensando... por que não deixamos as máquinas fazerem o trabalho por nós?

— Sei... — digo, gesticulando para fazê-lo explicar mais depressa.

Sam levanta o celular.

— Estava conversando com esse cara aqui.

— *Conversando* com ele?

— Bem, *falando* com ele... ele não responde. Não da mesma forma que você, pelo menos. — Ele abre e fecha o flip, como uma boca. — Disse a ele para copiar o sinal do dispositivo de camuflagem. A coisa toda. Som e dados. Quer dizer, não precisamos entender *como* funciona, Seis. Só precisamos copiar.

Observo o celular com mais atenção.

— Por que você escolheu essa porcaria de celular?

— Para mim, é mais fácil trabalhar com equipamentos antigos, porque são menos complexos — explica ele, dando de ombros. — Eles ouvem melhor.

— E você acha que funcionou? Que ele ouviu você?

— Não sei — diz Sam. — Sei que está emitindo a frequência, mas não sei se também copiou o pacote de dados. A menos que...

— A menos que você use isso para passar por um campo de força.

— Bingo! — exclama Sam, e joga o celular para mim.

Eu o pego e dou uma olhada. O plástico está quente ao toque, e só tem oitenta e três por cento de bateria.

— Emitir nessa frequência consome muita bateria, e o aparelho está fazendo isso o tempo todo desde que ordenei — diz Sam. — E, quando desliga, o telefone esquece o que eu disse. Mesmo com essas limitações, acho que ele vai ser muito útil para a gente.

Faço que sim, lembrando que Lawson planeja coordenar um ataque mundial às naves de guerra. Se tudo correr bem hoje de manhã e roubarmos os dispositivos de camuflagem nas cataratas, então teríamos o quê? Centenas de dispositivos? Isso representaria centenas de mísseis para os exércitos do planeta inteiro bombardearem as naves gigantescas. Quantas vezes teremos que acertá-las para abatê-las? Tenho a impressão de que querem fazer todos os disparos possíveis, e um pouco mais.

Olho para um ponto atrás de Sam. Os aparelhos estão todos ligados a filtros de linha sobrecarregados. E vejo que ele deixou um extintor de incêndio perto, por via das dúvidas.

Ao notar para onde estou olhando, ele diz: — Se estiver funcionando, já ensinei todos esses aparelhos aí a falar como o dispositivo de camuflagem. Estou ficando muito bom nisso. Acho. Parece que está ficando mais fácil, pelo menos. Embora talvez eu não esteja fazendo nada e isso seja apenas um placebo de Legado. — Sam suspira, cansado, e balança a mão como se quisesse deixar esse pensamento de lado. — Vou usar meu Legado em todo aparelho ao meu alcance até descobrir se funciona ou não.

Ele suspira de novo.

— Ou talvez eu só tenha desperdiçado um dos últimos dias da minha vida falando com um monte de celulares velhos como um maluco. Nada de mais.

Pulo da cama e beijo Sam.

— De jeito nenhum. Vai funcionar.

Ele sorri, segurando minha mão.

— Mas tome cuidado na missão, está bem?

— Quando eu não tomo cuidado?



Lá embaixo, no hangar, um grande espaço foi liberado, pois os Humvees foram estacionados de forma paralela, incrivelmente perto das paredes. Os veículos estão dispostos em ordem, um bem ao lado do outro, para que possam sair depressa a qualquer hora, em comboio. Pela precisão na maneira como os veículos foram posicionados, eu diria que foi obra de alguém com TOC ou com telecinesia.

Os novos Gardes — Nigel, Fleur, Bertrand, Ran e Daniela — estão em fileira no espaço aberto. Parecem sonolentos, nervosos, empolgados. Daniela acena quando me vê. Sorrio para ela.

Caleb e Christian estão separados dos outros adolescentes, mais perto dos fuzileiros navais que ficam de plateia do que de seus colegas Gardes. Como de costume, o rosto de Christian está impassível. Caleb, por outro lado, parece mais atento que o irmão.

— Vamos lá, primeira lição. Vocês todos têm telecinesia, certo?

Nove passeia pela fila de novos recrutas, esperando a resposta. Eu me encolho ao ver o que ele tem na mão. Uma pistola semiautomática, provavelmente emprestada, ou talvez roubada, de um dos soldados ao lado. Nove gira a arma no dedo indicador como se fosse um caubói de filme de faroeste.

Os novos recrutas assentem, respondendo à pergunta. Fora Daniela, todos parecem intimidados pelo modo "sargento" de Nove. E com razão, pois assim que respondem ele aponta a arma para cada um deles.

— Legal. Então quem quer tentar parar uma bala?

— Vou transformar seu traseiro em pedra se apontar essa coisa para mim de novo — retruca Daniela.

Nove sorri e desvia a arma. Se achasse que ele iria mesmo atirar em um dos novatos, eu me meteria. Mas ele não é tão burro assim. Eu acho.

Nigel olha para os colegas Gardes. Quando fica claro que ninguém mais vai se voluntariar, ele toma coragem e dá um passo à frente.

— Então tá, cara — diz Nigel, estendendo a mão hesitante em um sinal de “pare”, enquanto Nove aponta a arma para ele. — Eu vou tentar.

Nove sorri.

— Muito corajoso da sua parte, John Lennon...

— John Lennon era um palerma.

— Mesmo que fosse — continua Nove —, aposto que ele tinha mais bom senso do que seu traseiro magrelo. Parar balas é avançado demais para vocês. E, ainda que você conseguisse, se é para enfrentar mogadorianos, o que é o mais provável, aqueles cretinos usam armas de energia. Não dá para desviar energia com telecinesia. Então, qual é a coisa mais inteligente, segura e fácil de se fazer?

— Desarmar o inimigo — responde Caleb, mais ao lado.

Nove aponta para ele com a mão livre.

— Muito bem, gêmeo esquisito número um. — Então olha de novo para Nigel. — Vamos lá. Tira a arma da minha mão.

Nigel fecha a cara, irritado por receber um sermão. Mesmo assim, faz um movimento de pegar e arrancar. Nove tropeça para a frente como se tivessem puxado seu braço, mas continua segurando a arma com firmeza.

— Até que você tem bastante poder — comenta Nove. — Mas está puxando meu braço inteiro. Concentre-se na arma. Seja preciso. Mais alguém quer tentar?

Nove olha para o grupo. Estreita os olhos em direção a Ran, e a garotinha japonesa olha para ele, inexpressiva.

— Ela entende alguma coisa do que estou dizendo?

— Ela não fala muito — responde Fleur. — Mas achamos que entende.

— Hum — diz Nove.

Ele aponta a arma para Ran. No mesmo segundo, ela levanta a mão depressa e o cano da arma acaba amassado como papel, o mecanismo do gatilho beliscando o dedo de Nove. Ele deixa cair a arma com um grito.

— É isso aí! — exclamo.

Nove me lança um olhar irritado, mas percebo que é tudo encenação. Ele está tão impressionado quanto eu. Depois olha de volta para o grupo e balança a cabeça.

— Essa é outra maneira de fazer o que eu disse.

Há uma pequena agitação no elevador quando John, Marina e Adam entram. Ella e Lexa seguem logo atrás deles, junto com um saltitante Bernie Kosar. Por último chega Poeira, de volta à forma de lobo, parecendo muito mais saudável do que quando o vi pela última vez. Todos se posicionam ao meu lado, com exceção de Lexa, que vai preparar a nave.

É hora de partir.

Ao perceber o olhar de John, Nove passa pelos Gardes humanos distribuindo armas descarregadas.

— Pratiquem uns com os outros — diz ele. — Volto mais tarde e espero que até lá estejam pelo menos dez vezes mais poderosos.

Daniela ergue uma das sobrancelhas, olhando além de Nove, para mim e para John.

— O que vocês estão fazendo? Vão deixar a gente aqui?

John gesticula, indicando que devemos seguir para a nave de Lexa, e todos nós — humanos, loriens e mogadoriano regenerado — nos reunimos na base da rampa. Até mesmo Caleb e Christian se juntam à reunião improvisada.

— Vamos atacar de surpresa uma das naves de guerra mogadorianas — conta John, a voz rouca, com cara de quem não pregou o olho. — Só eu, Adam e Seis vamos de fato invadir a nave. Os outros serão apenas reforços caso algo dê errado. — Ele olha para os humanos. — Vocês devem ficar aqui, aprimorar seus poderes. Não precisaremos de vocês desta vez. É um risco desnecessário.

Fleur e Bertrand parecem aliviados. Daniela balança a cabeça e enfia o dedo no peito de John.

— Salvei seu traseiro em Nova York — diz ela. Então aponta para os outros humanos. — E agora sou rebaixada a recruta com esses idiotas?

— Você prometeu ação — reclama Nigel.

John suspira.

— Olha, fazemos isso há muito mais tempo do que vocês. Foi estúpido da minha parte pedir que entrassem nessa luta sem um treinamento adequado. Agora, a melhor coisa que podem fazer para ajudar a Terra é se aprimorarem, ficarem mais fortes. A ação vai chegar.

Nigel olha para Bernie Kosar.

— Vocês estão levando um beagle.

— Eles também têm um lobo — ressalta Bertrand. — Posso perguntar por que vocês têm um lobo?

— Esse cachorrinho faria você borrar as calças — diz Nove a Nigel.

— De toda forma, TALs não estão autorizados a participar dessa missão — intervém Caleb.

— Ei, não ferra, Capitão América — responde Nigel. — Estou pronto para lutar.

— Ah, garoto — retruca Nove. — Não está, não.

— Olha, o que John quer dizer é o seguinte — falo, cruzando os braços. — Caso a gente morra, o que não é tão difícil, vocês é que terão que salvar o mundo. Então, é melhor que não estejam lá.

— Que maravilha, Seis — murmura Marina, balançando a cabeça.

Nove bate as mãos.

— Vamos nessa.

Deixamos os Gardes humanos para trás e embarcamos na nave de Lexa. Minutos depois, estamos de cinto e saindo em disparada pelo túnel, fazendo o mesmo percurso do dia anterior.

Assim que a nave se estabiliza, John se levanta.

— Tem uma coisa que não falei quando ainda estávamos lá. Eu não queria que os militares ficassem sabendo.

Todo mundo olha para ele com curiosidade.

— Do que você está falando? — pergunto.

— Não vamos roubar só os dispositivos de camuflagem — responde John. — Vamos roubar a nave de guerra também.

CAPÍTULO

DEZESSETE

HÁ UM PELOTÃO da unidade de operações especiais canadense acampado em um trecho de floresta cinco quilômetros ao sul das Cataratas do Niágara. São cerca de cinquenta homens fortes, preparados para se deslocar rapidamente, mas também equipados com armas poderosas, incluindo mísseis terra-ar. De onde estão, não é possível ver a nave de guerra que viemos tomar. É óbvio que fizeram questão de ficar fora de vista. No entanto, alguns batedores estão de olho nas cataratas, transmitindo imagens granuladas da nave de guerra que paira no ar, dos Escumadores vasculhando a floresta ali perto, de tropas terrestres de guerreiros nascidos artificialmente inspecionando a pedra de loralite inativa.

Eles nos passam todas essas informações assim que aterrissamos e, fora isso, não interferem em nada. Até que gosto da hospitalidade canadense.

Se alguma coisa der errado na nave de guerra, a pequena equipe de Operações Especiais vai cobrir nossa retirada. Segundo o comandante, nossa sobrevivência é a única prioridade. Eles foram informados sobre nosso “valor estratégico”.

Tudo isso graças ao general Lawson. Acho que às vezes não é tão ruim ter o governo do seu lado.

Ainda na nave de Lexa, parada ao lado dos Humvees da equipe de Operações Especiais, visto um colete improvisado. Há um dispositivo de camuflagem na parte da frente, ligado a uma bateria

costurada às pressas na parte de trás. É o que vai me permitir entrar na nave de guerra.

— Tem certeza de que não posso ir? — pergunta Nove, pela vigésima vez.

— Só dá para transportar dois — respondo. — Seis precisa vir para me cobrir com a invisibilidade, e Adam é fundamental para...

— Pilotar a nave roubada — interrompe Adam, balançando a cabeça.

Olho para ele, e o vejo passando a mão pelo cabelo preto. Parece cético. Na verdade, a maioria dos meus amigos ficou assim depois que revelei meu plano de tomar a nave. Adam continua: — Sabe, eu só pilotei uma nave de guerra em um simulador. E também não é trabalho para uma pessoa só. Não se você quiser usar as armas.

— Confio em você — respondo. — Na pior das hipóteses, atiramos aquela coisa nas cataratas. Uma a menos para nos preocupar.

— Quantos mogadorianos deve ter naquela nave? — pergunta Marina, dirigindo a pergunta a Adam.

Ele me lança um olhar incerto antes de responder: — Provavelmente milhares. Para tomar o controle da nave, teremos que alcançar a ponte.

— E onde fica a ponte? — pergunto a Adam.

— Presumindo que a gente entre pelo hangar, fica no extremo oposto da nave.

— Milhares — repete Marina.

— Pelo menos alguns deles estão patrulhando a área, por isso estão mais espalhados — acrescenta Adam, embora pareça apreensivo.

— É um *exército* — constata Marina, balançando a cabeça. — Isso é loucura, John. Roubar os dispositivos de camuflagem debaixo do nariz deles era uma coisa, mas enfrentar todos eles sozinhos...

— Não estaremos sozinhos.

Na frente do colete preso ao peito, abro um bolso com zíper. Na mesma hora, Bernie Kosar se encolhe até o tamanho de um rato. Com um olhar para seu companheiro Chimæra, Poeira faz o mesmo. Deixamos os outros em Patience Creek com instruções para tomar conta dos Gardes humanos. Eu me agacho e pego os dois Chimæra, mantendo-os em segurança no bolso do colete. Marina ergue uma das sobrancelhas para mim.

— Então passamos de milhares contra três para milhares contra cinco — retruca Marina. Ela limpa a garganta. — John, eu sei o que você está sentindo...

Eu a interrompo com um gesto e olho em seus olhos. Sei que nossas chances não parecem boas. Sei que pareci um pouco frio nos últimos dias, talvez meio maluco, e tenho certeza de que a impressão que estou dando não melhorou nada desde o sonho sombrio que compartilhei com Setrákus Ra ontem à noite. Dá para perceber pela forma como todos me olham que pareço um pouco desequilibrado. Mas, mesmo que isso seja verdade, sei que vou conseguir. Sinto o poder correndo por mim.

Uma nave de guerra não vai me deter.

— Você tem que acreditar em mim — digo a Marina, transmitindo segurança no meu tom, torcendo para que ela sinta minha certeza, para que veja isso em meus olhos. — Sei o que estou fazendo. Tenho tudo sob controle.

— Olha — diz Seis antes que Marina ou Nove protestem —, Adam e eu vamos priorizar tirar os dispositivos de camuflagem

dos Escumadores sem sermos notados. Seguiremos o plano original. E John vai focar em deter os mogs. Se matar alguns milhares deles no processo, melhor. Se não, damos o fora.

Marina solta o ar pelo nariz.

— Como vamos saber se vocês estão em apuros?

Ella ergue a mão. A garota não falou muito desde o dia anterior, e fico feliz por isso. Na última vez em que conversamos, foi demais para processar. A centelha que brilha em seus olhos está um pouco mais fraca.

— Vou ficar de olho neles por telepatia — declara.

— E, se estivermos em apuros, vocês vão me ouvir chamar — acrescento.

— Ah — fala Marina, a cabeça inclinada. — Você pode fazer isso agora.

Lexa está apoiada na porta da cabine, ouvindo tudo o que dizemos sem fazer comentários.

— Tenho outro dispositivo de camuflagem instalado na nave — diz ela. — Vamos passar pelo campo de força sem problemas, mas vocês vão ter que deixar uma porta aberta para nós.

— Não será necessário — respondo.

Seis bufa.

— Vamos deixar uma passagem aberta para vocês, Lexa. — Ela me lança um olhar bastante expressivo. — Melhor prevenir do que dar uma de idiota.

— E levem alguns dos canadenses junto — acrescenta Adam, depois me encara. — Sabe, se der problema.

Verifico outra vez se está tudo preso ao meu colete e se o dispositivo de camuflagem está ligado, em seguida olho uma última vez para os outros.

— Tudo certo?

Como ninguém responde de pronto, desço a rampa de metal e saio da nave de Lexa em direção à manhã enevoada. Há um esquadrão de soldados parado ali perto, esperando para conferir se vamos precisar deles para alguma coisa, o resto da unidade cobrindo o perímetro em meio às árvores. Ainda é estranho, para mim, estar o tempo todo rodeado por homens e mulheres armados à espera dos meus comandos. Ou da minha salvação. Respiro fundo e inclino a cabeça para trás, olhando o céu cinzento e as pontas finas dos pinheiros.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo? — pergunta Seis ao meu lado, em voz baixa, para que os outros não a ouçam.

Adam está alguns metros atrás, ainda na rampa.

— Eu tenho que fazer isso — digo a ela, também mantendo a voz baixa. — Preciso saber do que sou capaz.

— Sabe que isso soa um pouco suicida, né?

— Estou longe de ser suicida — respondo, irritado.

— Só lembre que você não está sozinho — responde Seis, e me dá um tapinha no ombro. — Conheço a sensação de querer se atirar para cima do inimigo até um dos dois ser destruído, mas...

Enquanto ela fala, uma lembrança surge na mente de Seis com uma força que não consigo ignorar. Ainda estou tentando dominar a telepatia. A parte mais difícil é deixar que os pensamentos dos outros sejam particulares. Eles chegam do nada na minha mente, indesejados, como essa visão de Seis em pé diante de um buraco enorme no chão, o vento rodopiando à sua volta, metal e detritos de rocha rasgando o ar. Do outro lado do buraco está Setrákus Ra, fugindo, enquanto a ataca com a própria telecinesia. E ao lado dela...

Ao lado dela está Sarah. Ela puxa o braço de Seis, tenta fazê-la sair do turbilhão de estilhaços em torno delas.

México.

Eu me encolho com a lembrança — tudo isso inunda meu cérebro em menos de um segundo —, e Seis para de falar e me olha de um jeito engraçado.

— Você está bem?

— Estou — respondo, e me protejo telepaticamente, isolando minha mente.

Preciso de mais prática em vários desses poderes, mas não há tempo.

Seis franze a testa, mas não insiste. Ela enfia a mão no bolso e pega um velho celular de flip, então o abre para checar o display.

— O que é isso? — pergunto, querendo mudar de assunto.

— A tentativa de Sam de copiar o dispositivo de camuflagem — responde Seis, segurando o telefone. — Ele quer que eu teste antes que a bateria acabe.

Eu não sabia que Sam tinha progredido. O telefone não parece grande coisa, mas Sam nunca me decepcionou. Toco o dispositivo de camuflagem mogadoriano preso ao colete.

— Devemos usar esse negócio aí em vez disso?

— Hã, não vamos fazer testes enquanto estivermos voando — diz Adam, juntando-se a nós. — Se tudo correr bem, teremos várias oportunidades de experimentar o dispositivo de Sam.

Seis assente e guarda o telefone. Olho de um para outro.

— Prontos?

— Pronto — responde Adam.

Seis olha para nós.

— E como exatamente vamos fazer isso?

Dá algum trabalho até nos arrumarmos. Seis monta nas minhas costas, enganchando as pernas ao redor da minha cintura. Abraço Adam por trás, minhas mãos em volta de seu peito. De onde está,

Seis passa a mão por mim e toca o ombro de Adam, para caso precise assumir e nos tornar invisíveis. Sinto BK e Poeira se contorcendo no bolso, tentando ficar confortáveis. A cena deve ser ridícula; vejo alguns risos discretos e sobrancelhas levantadas nos rostos dos soldados ali perto, e tenho certeza de que ouço Nove assoviar para nós da nave de Lexa.

O constrangimento é só temporário, porque logo ficamos invisíveis.

— É você que está fazendo isso ou sou eu? — pergunta Seis.

— É melhor nós dois fazermos — respondo. — Só tenho esse Legado há alguns dias. Posso cometer algum erro.

— Ah, que encorajador — comenta Adam.

— Não se preocupe — digo a ele. — Só estou um pouco inseguro em relação a voar.

— Mas é o que nós...

Antes de Adam chegar a uma conclusão, eu nos lanço no ar. Não é a decolagem mais graciosa. Uso muito mais força do que o necessário, mas funciona, e logo estamos sobrevoando as copas das árvores. Lembro o que Cinco me ensinou — não pensar muito no que estou fazendo e confiar nos meus instintos. Isso significa ir rápido e seguir adiante. As mãos de Adam se agarram em meus braços, e ouço Seis rindo junto ao meu ouvido enquanto o vento açoita nossos rostos.

— Isto é tão estranho — diz ela. — Eu me sinto um fantasma.

— Vamos torcer para que isso não se torne realidade — grita Adam em resposta.

É estranho mesmo: estar invisível, voando pelo céu, como se fôssemos a própria brisa. Eu queria ter mais tempo, ou talvez a capacidade, para apreciar a sensação. Tudo o que penso é no que está à frente, e que logo entra em nosso campo de visão.

A gigantesca nave de guerra metálica em forma de escaravelho paira sobre as Cataratas do Niágara, projetando uma sombra escura na água que corre. A nave não é tão grande quanto a *Anúbis*, mas ainda é uma visão bastante assustadora.

— Lá está a pedra de loralite — anuncia Seis. — Aquela, hã, de um cinza comum lá embaixo.

Olho para um trecho da mata no mesmo nível do início das quedas. Não identifico a pedra daquela altura, mas é fácil ver o grupo enorme de mogadorianos vigiando a área. Também vejo os três Escumadores abatidos pelos Gardes humanos. Outras naves pequenas cruzam o ar em torno da nave de guerra, patrulhando a mata em círculos lentos. Voando, eu nos aproximo do alvo e vou observando tudo lá embaixo.

— John — chama Adam enquanto examino as patrulhas mogs. — John!

Levanto os olhos assim que ouço o zumbido do motor de um dos Escumadores. Está praticamente acima de nós, uma nave de reconhecimento voltando para a nave de guerra. O piloto não pode nos ver, mas a proximidade é perigosa. Eu nos viro para a direita e impeço por pouco nossa colisão com uma das asas finas do Escumador.

— Merda! — grita Seis, com dificuldades para se segurar, suas unhas arranhando meu pescoço.

Rolamos no ar. O rodopio me desorienta, e por um instante estamos mergulhando rumo às corredeiras. Meus dedos se afrouxam, e Adam escorrega alguns centímetros. Eu o pego por baixo dos braços.

Rangendo os dentes, eu nos estabilizo e retomo o controle do voo. Os dois passam a se segurar com um pouco mais de força.

— Desculpem — digo.

— Retiro qualquer apreensão que tinha em relação ao seu plano — declara Adam, ofegante. — Se isso significa nunca mais voar com você de novo, roubo uma dezena de naves de guerra.

O Escumador que nos fez perder o curso voa devagar até o hangar da nave de guerra, e as portas atrás dele ficam abertas. Apesar do susto, é o momento perfeito. Ganho velocidade, planejando atravessar aquelas portas.

Quando nos aproximamos da nave de guerra, o campo de força enfim se torna visível. Não é possível vê-lo até que já se esteja correndo em sua direção. Quando se está a cerca de cem metros, o ar ao redor da nave de guerra parece dobrar como vapor subindo da calçada em um dia quente. Noto uma fraca grade de energia, como uma rede em torno da nave, que emite um tom suave de vermelho. Isso me lembra a aura que rodeava a base na montanha em West Virginia, a que me deixou mal por dias depois que dei de cara nela.

— Temos certeza de que este dispositivo de camuflagem vai funcionar, não temos? — pergunto, tarde demais, já que não tenho habilidade de voo para frear tão rápido.

— Noventa e nove por cento — responde Adam.

Atingimos o campo de força.

E passamos.

Ouçó um zumbido suave e sinto uma vibração elétrica nos dentes quando atravessamos o campo, mas, fora isso, estamos bem. Deslizo para a frente, diminuindo a velocidade para não bater quando entrarmos no hangar mogadoriano. Segundos depois estamos na nave de guerra, bem quando o Escumador que seguimos aterrissa.

Eu nos mantenho flutuando por um tempo para entender o ambiente. Embora Ella tenha me mostrado a *Anúbis*, nunca estive

em uma dessas naves. O hangar é uma área imensa, com pé-direito alto e dezenas de Escumadores dispostos em fileiras. Parece que só um quarto da frota está patrulhando as cataratas, e isso é bom para nós, já que precisaremos das naves paradas para desmontá-las. Fora os Escumadores, não há muitas estruturas, apenas um monte de maquinário para consertos, algumas prateleiras com armas a laser e tanques de combustível.

Há também cerca de cinquenta mogadorianos, concentrados em tarefas diversas, incluindo a pequena tripulação do Escumador que seguimos até ali. Eles saem da nave e começam a abastecê-la.

Devagar, desço nosso grupo até o chão. Os tênis de Adam guincham quando tocam a superfície, e ele quase perde o equilíbrio.

Nenhum dos mogs nota.

Seis, você está cobrindo Adam?, pergunto por telepatia.

Sinto o braço de Seis se tensionar nos meus ombros enquanto falo em sua mente. Ela muda de posição, provavelmente para segurar melhor o mogadoriano, o que é difícil, já que não podemos nos ver.

Estou, pensa ela em resposta, após um instante.

Solto os dois, mantendo apenas minha invisibilidade.

Vou esvaziar o lugar.

Você precisa de aju...?, pensa Seis de volta, mas encerro a telepatia antes de receber mais alguma coisa.

Eu não preciso de ajuda.

Com cuidado, arregaço a manga da camisa. Estava com algo que eu não queria que os outros me vissem usando, por medo das sensações ruins que poderia provocar. Na verdade, eu mesmo estou feliz por não ter que ver, já que continuo invisível. Se visse, talvez me perguntasse o que me tornei.

Zim.

Armo a lâmina que Cinco usava no braço. Nós a confiscamos em Nova York, e eu a peguei nas coisas de Nove hoje de manhã. É a ferramenta letal perfeita para um trabalho como este. Uma lâmina afiada e silenciosa.

Flutuo pelo hangar, para não fazer barulho. De um lado da sala, há um painel com um interfone e algumas telas de vídeo. Meios de comunicação. Dois mogs estão sentados lá no momento em que me aproximo, assistindo a transmissões ao vivo enviadas pelos Escumadores que patrulham as quedas.

Enfio a lâmina de Cinco na base do crânio deles, em sequência, tão rápido que um não percebe que o outro foi pulverizado.

Eu me viro. Nenhum dos mecânicos ou pilotos mogadorianos notou.

Não vou deixar que ninguém escape. Não vou deixar que ninguém peça ajuda.

Então, sigo eliminando-os metodicamente pelo hangar. Apanho os que estão sozinhos primeiro, os que estão isolados. Chego flutuando, bem na frente de seus rostos horrorosos, e a lâmina entra fácil. Não deixam escapar sequer um grito. A certa altura, talvez depois do décimo ou do vigésimo, minha mente entra no piloto automático. Parece que é outra pessoa ali. É como se só estivesse acontecendo na minha frente.

Eu sou um fantasma. Um fantasma vingativo.

Mato com rapidez. Com misericórdia. Uma morte melhor do que estes cretinos deram ao povo de Nova York ou a qualquer um entre as milhões de pessoas que assassinaram.

Sarah.

Depois de alguns minutos, um dos mogs grita em sinal de alerta. Isso ia acabar acontecendo, com todo o pó flutuando pelo

ar, e restando apenas metade deles. Começam a me procurar freneticamente. Um deles grita algo em mogadoriano e cai de joelhos, parecendo histérico. Outros fazem o mesmo. Não sei bem o que pensar. A maioria corre para as prateleiras de armas ou para a área de comunicações vazia.

Disparos zunem pelo ar, vindos da direção do painel de comunicação. Disparos de armas que não vejo. Parece que Seis e Adam pegaram os armamentos que queriam, depois voltaram para garantir que os mogs fossem eliminados. Bem pensado.

Acho que, no fim das contas, eu precisava mesmo de uma ajudinha.

Não demora muito para esvaziarmos o hangar. Despreparados e enfrentando adversários invisíveis onde achavam estar seguros, os mogs não têm a menor chance.

Quando o último mog é apenas poeira no para-brisa de um dos Escumadores, fico visível. Seis e Adam logo fazem o mesmo, ambos com armas a laser nas mãos. Adam vira para mim, de olhos arregalados, talvez um pouco atordoado pelo massacre.

— Merda, John — diz Seis, erguendo uma das sobrelhas ao ver minha arma. — Isso foi bem tenso.

Ela corre até as portas duplas que separam o hangar do resto da nave e verifica se há reforços à espera. Nós eliminamos os mogs antes que eles acionassem o alarme, mas alguém passando por perto poderia ter ouvido os disparos. Seis levanta o polegar.

— Tudo certo.

Olho para Adam e aponto para o local onde um mog caiu de joelhos.

— Aquele que entrou em pânico. O que ele estava dizendo?
Adam engole em seco.

— Ele disse que Setrákus Ra os abandonou. Que suas vidas chegaram ao fim agora que o Adorado Líder está morto.

— Então alguns deles acreditam nisso de verdade — comenta Seis.

— Pois é — responde Adam. — Ainda mais depois que John começou a brincar de ira divina.

— Eles ainda não viram nada — digo.

Abro o bolso do colete e solto Bernie Kosar e Poeira. Eles assumem suas formas de beagle e lobo e parecem felizes por sair do cativeiro. Poeira fareja o chão até se encaminhar para a saída onde está Seis. BK se senta ao meu lado e lambe meus dedos. Ele parece preocupado, se é que isso é possível para um cão. Eu o ignoro.

— Ok, quanto tempo até perceberem que acabamos com todos os mecânicos? — pergunta Seis, aproximando-se depois de deixar Poeira vigiando as portas.

Adam dá de ombros.

— Depende do horário da próxima patrulha.

— Não se preocupem — digo, caminhando em direção às portas duplas. — Concentrem-se em pegar os dispositivos de camuflagem. Eu cuido do resto.

— Tenha cuidado — pede Seis.

Passo pelas portas, com BK e Poeira nos meus calcanhares. O pequeno corredor em frente ao hangar está vazio, então aproveito para me agachar e falar com os Chimæra.

Cubram minha retaguarda. Só conseguirei se nenhum deles chegar por trás, me pegando de surpresa. E não queremos que ninguém passe por nós e alcance Adam e Seis.

Enquanto eu falo, os dois Chimæra se transformam em criaturas mais imponentes. Ainda mantêm a forma canina, mas

têm músculos fortes e garras afiadas, uma couraça resistente e presas terríveis. A única forma de diferenciar um do outro é a faixa cinzenta de pelo que corre pela coluna de Poeira.

— Vocês estão ótimos, garotos — digo, então me levanto e começo a adentrar a nave.

A próxima porta tem uma eclusa de ar que me exige alguma força para abrir. Ao passar, vejo um corredor austero, com uma iluminação vermelha e portas de ambos os lados. Dois mogadorianos vêm andando na minha direção, estudando um mapa digital das Cataratas do Niágara.

Voo para a frente, apunhalo o primeiro no olho e agarro o outro pelo pescoço.

— Para que lado fica a ponte? — pergunto.

Ele aponta para a frente. Eu quebro seu pescoço.

Não quero que nenhum mog fique para trás, então vou de sala em sala. Deixarei a ponte por último.

A primeira área em que entro parece um alojamento. As paredes são em forma de colmeia, com camas estreitas em forma de pílula. Basicamente, mogs nascidos de forma artificial dormem uns em cima dos outros. Há centenas deles ali, em repouso, muitos recebendo por via intravenosa aquela gosma negra que Setrákus Ra tanto ama, ganhando acréscimos enquanto dormem. Imagino que durmam em turnos, descansando para o próximo ataque.

Hoje o despertador deles é uma bola de fogo.

Estendo as mãos e deixo sair dos meus dedos o máximo de fogo que posso controlar. Libero energia até minhas roupas começarem a soltar fumaça. Logo há uma parede de fogo, consumindo a sala. Sinto o cheiro de plástico queimado e um odor de podre que sei que é a gosma negra fervendo.

O fogo começa a se espalhar, fora do meu controle. Só então me ocorre que não quero causar nenhum dano irreparável à nave. Assim que esse pensamento me passa pela cabeça, a sensação nas minhas mãos muda. Paro de atear fogo na sala para pulverizar o espaço chamuscado com cristais de gelo.

Um dos Legados de Marina. Eu nem tinha percebido que o aprendera. Funciona de modo tão semelhante ao meu Lúmen que é como colocar um carro em marcha à ré.

Os mogs que escaparam dos beliches e evitaram se carbonizar logo são apanhados por uma rajada de estacas congeladas.

A confusão no alojamento chama a atenção dos demais. Quando eu saio, um pequeno grupo de soldados corre na minha direção. BK e Poeira resolvem o assunto rapidamente, surgindo das salas ao lado quando os inimigos se aproximam.

Os mogs não estão preparados para isso, percebo. Nem um pouco.

Agora eles sabem como é.

Fico invisível antes de passar pelas próximas portas. De imediato, sou recebido por uma voz robótica alternando entre inglês e mogadoriano.

— Renda-se ou morra — diz a voz. — Baixem as armas.

E ainda:

— Adorado Líder.

É um curso de idiomas, percebo. Os mogs estão praticando inglês. E isso não é tudo...

Mais para o fundo da sala, vejo um estande de tiro. Alvos em forma de pessoas gritam e correm por um fundo em constante mudança, mostrando cidades famosas da Terra: Nova York, Paris, Londres. Há um painel digital exibindo a pontuação do atirador,

que está estacionada no zero, já que ninguém está usando o programa.

Os mogs em treinamento me ouviram chegar. Deixaram de lado suas tarefas e formaram dois grupos, ladeando a porta, armas a postos. Se eu simplesmente entrasse aqui, eles teriam me eliminado.

Pena que eu sou um tipo diferente de alvo.

Caminho em silêncio até o meio da sala e fico visível. Os mogs gritam, surpresos, e começam a atirar. Depressa, fico invisível outra vez e voou para o alto, acima dos disparos. Eles acabam acertando uns aos outros no fogo cruzado.

Elimino os sobreviventes enquanto flutuo sobre eles. Apunhalo-os com a lâmina de Cinco, acertando-os com fogo e gelo a curta distância, transformando outros em pedra com um olhar.

Alguns deles tentam sair da sala. Mas BK e Poeira estão à espera do lado de fora, recebendo-os com garras e presas.

Enquanto estou esvaziando a sala de treinamento, um alarme estridente dispara. O som ecoa por toda a nave e é acompanhado pelo pulsar rítmico da fraca iluminação vermelha que reflete pelas paredes e pelos tetos.

Já era o elemento surpresa. Eles sabem que estou chegando.

Quando rumo para a ponte, o corredor está livre de inimigos. Alguns passos atrás de mim, BK e Poeira rosnam seu alerta. É quase certo que os mogs recuaram para uma posição defensiva, um ponto de estrangulamento, de onde podem disparar todo o seu poder de fogo sobre mim.

Bem, vamos ver o que eles têm.

Duas portas duplas altas surgem à minha frente. A ponte fica atrás delas. O alarme continua a soar; as luzes, a piscar.

Quando estou a uns cinco metros do meu objetivo, as portas se abrem com um ruído hidráulico.

Além delas há uma escadaria larga que leva para outro andar. No topo da escada, dá para ver de relance as janelas abobadadas da área de navegação da ponte, mostrando o céu azul do Canadá. O centro de controle da nave. Com certeza, o comandante nascido naturalmente está em algum lugar por ali.

No meu caminho estão cerca de duzentos mogadorianos. A primeira fileira está de braços; a segunda, ajoelhada; a seguinte, de pé; a fileira atrás deles, no primeiro degrau; e assim por diante, preenchendo toda a escada. Cada um deles aponta uma arma para mim.

Há um tempo, isso teria me aterrorizado.

— Vamos lá! — grito para eles.

O corredor crepita de energia quando centenas de armas são disparadas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO

DEZOTO

— SERÁ QUE ELE está bem? — pergunta Adam.

Olho para o hangar por um instante. Ele não nota, já que seu rosto está enterrado em um emaranhado de fios e cabos. Está deitado de costas sob o painel aberto de um Escumador. Suas mãos trabalham depressa para desconectar o dispositivo de camuflagem.

— John ainda está vivo, se é o que você quer saber — respondo.

Até agora, não senti nenhuma cicatriz nova queimar no tornozelo.

Adam se senta. Estou perto dele, agachada, a cabine deste Escumador aberta. Tenho uma arma mog nas mãos e miro na porta de entrada, só para o caso de algum mog passar por John e interromper o que estamos fazendo. Até então, está tudo tranquilo.

— Não é isso o que eu quero dizer, e você sabe — fala Adam.

— No sentido psicológico?

— É.

Saímos do Escumador e passamos para o próximo. Coloco o dispositivo de camuflagem em uma caixa de ferramentas que esvaziamos, empilhada entre as outras, que já enchemos.

— Acho que ele está tão bem quanto qualquer um de nós — respondo.

— Quer dizer, o que você esperava?

— Não sei — admite Adam. — Mas ele anda me assustando um pouco.

Não falo mais nada. Seria mentira dizer que as mudanças que têm acontecido com John não são um pouco assustadoras. Ele ainda é o mesmo cara que eu conheci, em quem confio, que eu adoro... só que, com algo a mais. Com poder. E sede de vingança.

Talvez seja exatamente do que precisamos.

Um alarme dispara, e as luzes do hangar começam a piscar. Adam remove outro dispositivo de camuflagem antes de seus olhos arregalados me encararem.

— Acho que isso é um mau sinal — digo.

Adam dá de ombros.

— É o alerta máximo. Para intrusos ou ataques.

— Então eles sabem que estamos aqui.

— Iam acabar descobrindo. Se John agiu no mesmo ritmo que demonstrou aqui, esse alarme está uns vinte minutos atrasado.

Seguimos para o próximo Escumador, e seguro a arma com um pouco mais de firmeza. Antes de subirmos a bordo, algo chama minha atenção. Um zumbido na central de comunicações do hangar. Coloco a mão no ombro de Adam.

— O que é isso?

Ele inclina a cabeça para escutar melhor, mas o alarme é muito mais alto. Corremos até o painel de controle a tempo de ouvir uma voz rude rosnando em mogadoriano. Adam imediatamente olha para a entrada escancarada do hangar, aquela por onde entramos.

— Os Escumadores em patrulha detectaram o alarme. Estão pedindo confirmação.

Quando Adam explica isso, duas pequenas naves de reconhecimento entram no nosso campo de visão, deslizando em direção à zona de aterrissagem.

— Ótimo — digo. — Prepare-se para a luta.

— Não necessariamente — responde Adam.

Seus dedos pairam sobre um botão vermelho no painel de controle.

As duas naves se aproximam. Posiciono minha mão na nuca de Adam, pronta para nos tornar invisíveis em um instante. Mas, quando os Escumadores estão prestes a chegar ao hangar, Adam aperta o botão. Duas

pesadas portas de segurança se fecham de repente, como mandíbulas de aço, isolando a área de aterrissagem. Os Escumadores não têm a menor chance de mudar de curso. Sentimos um tremor quando as duas naves se chocam na lateral da enorme nave de guerra. Adam e eu cambaleamos para a frente e para trás com o impacto. Ouço a explosão, e uma fina língua de fogo passa por entre as portas pesadas.

— Isso deve mantê-los afastados por um tempo — diz Adam.

Ele mexe em mais alguns controles no painel para trancar bem as portas.

— Perfeito — respondo. — Agora só temos que nos preocupar com os milhares de mogs presos aqui com a gente.

Como se estivesse esperando a deixa, a porta que dá para a nave se abre. Imediatamente aponto minha arma naquela direção, o dedo no gatilho.

— Calma, sou eu — diz John.

Ele entra no hangar, acompanhado por BK e Poeira, que estão com uma aparência monstruosa. Os dois Chimæra montam guarda na porta, os dentes à mostra, prontos para pegar algum mog que os tenha seguido. John respira com dificuldade e está soltando fumaça. Alguns pontos de sua camisa pegaram fogo, e há queimaduras de armas mogs em seus ombros, braços, peito e pernas. Ele não parece sequer notar. Adam e eu trocamos um olhar.

— John, você está...? — Balanço a cabeça, sentindo que é idiotice perguntar se ele está bem. — Você está ferido.

Ele para diante das prateleiras de armamento mogadoriano. Em seguida, olha para si mesmo, como se ainda não tivesse percebido.

— Ah, sim.

E começa a passar as mãos pelas feridas que vê nos braços, usando o Legado de cura para cicatrizá-las, depois faz uma pausa. Estreita os olhos por um instante, e as lesões pelo seu corpo começam a se fechar, todas ao mesmo tempo.

— Uau, isso é novo — digo.

— Pois é — responde John, também parecendo um pouco surpreso.

Seu olhar está meio distante, como se ainda estivesse sob efeito da adrenalina da batalha.

— Tudo anda... mais fácil desde que comecei a usar meu Ximic.



Adam vai até a porta para checar o corredor. Ele faz questão de coçar atrás das orelhas de Poeira, o que, graças à forma bestial do Chimæra, faz um som de lixa. A cauda enorme do animal bate no chão de metal.

— Mais fácil — repete Adam, observando as condições de John. — Você... já matou todos eles?

John se agacha em frente às prateleiras de armamentos. Empurra de lado armas e baterias, procurando alguma coisa.

— Não. Eles são muitos — responde, sem hesitar. — Estou me reorganizando. Assim como eles. Não vão sobreviver a outra rodada.

— O que está procurando? — pergunto.

— Granadas, ou qualquer coisa explosiva — diz ele. — Algo que eu possa jogar neles.

— Há alguns galões de combustível ali — indico.

John olha para os vasilhames usados para encher os Escumadores. Ergue um com telecinesia.

— Perfeito. Eu acho. — Ele olha para Adam. — A nave aguenta a explosão de um desses, certo?

Adam franze os lábios.

— Provavelmente. Não daria para voar espaço fora nela, mas deve aguentar bem na atmosfera da Terra.

— Ótimo — responde John. Ele olha para a caixa cheia de dispositivos de camuflagem. — Vocês estão indo bem?

— Estamos quase terminando — digo.

Então Poeira solta um grunhido baixo, e Adam se abaixa e rola, se afastando da porta. BK arqueia as costas, pronto para atacar. De onde estou, ouço a porta do hangar ser destrancada.

— Alguns deles estão chegando — sussurra Adam.

— Eles acham que estou ferido — diz John, e revira os olhos. — Imaginei que mandariam alguns pra cá, para tentar me derrotar.

John caminha direto naquela direção e, assim que a porta é aberta, seus olhos emitem um raio prateado ondulante de energia. Corro para seu lado a tempo de ver cerca de uma dezena de mogs armados, todos transformados em pedra, bloqueando o corredor em frente à porta. John ergue a mão, e o ar fica frio. Uma torrente de estacas de gelo do tamanho de pregos de trilhos ferroviários é disparada, desintegrando os mogadorianos de pedra.

— Você aprendeu isso também, é?

— Alguns Legados acabam vindo mais fácil que outros.

Com os mogs destruídos, John se vira para mim. É como se ele tivesse acertado uma mosca.

— Vou tomar a ponte. Uma ajuda seria bem-vinda.

Instantes depois, estamos seguindo John pelos corredores segmentados da nave de guerra. Parece que entramos em uma zona de guerra. Tenho que cobrir a boca e o nariz com a curva do braço para não inalar tanta cinza mogadoriana no ar, isso sem falar na fumaça preta acre que sai de uma seção onde parece que o inferno se materializou.

— Você fez tudo isso? — pergunto.

John confirma. Ele trouxe um dos tanques de combustível, carregando-o com telecinesia.

— Para que você precisa disso? — indago, apontando para o vasilhame.

— Parece que seu Lúmen está funcionando muito bem.

Ele flexiona as mãos em resposta. Noto que a pele está em um tom forte de rosa, como se John tivesse acabado de mergulhar as mãos em água quente. Ao que parece, não se curaram com o resto dos ferimentos.

— Posso ter exagerado com o fogo — diz John, pensativo. — Fritado algumas terminações nervosas ou algo assim.

— Então imagino que você ainda tenha algumas limitações.

— É o que parece.

John franze a testa com a ideia. E acrescenta: — De toda forma, há vários deles bloqueando a passagem para a ponte. É um gargalo. Lutei de igual para igual com eles o máximo que pude. Então, concluí que precisava ser criativo.

— Matar de forma mais inteligente, não mais violenta — comento, com sarcasmo.

Após uma curta caminhada através de mais detritos e carnificina, chegamos ao corredor que leva à ponte. John levanta a mão e nos faz parar, não nos deixa dobrar a esquina.

— A esta altura, imagino que eles estejam atirando em tudo o que se mova — avisa John.

— Estratégia lógica — responde Adam.

John olha para o tanque de combustível e o ar no corredor fica frio. Aos poucos, uma camada de gelo começa a se formar em torno do galão de metal até o recipiente ser camuflado. Quando a bola de demolição congelada está pronta, John forma pontas de gelo afiado por toda a superfície. Algumas racham e quebram, e ele tem que refazer o trabalho.

— Ainda não dominei a técnica — diz ele, enquanto Adam e eu observamos.

— Você está indo bem — respondo. — Caramba! Bem demais.

Após alguns minutos de trabalho, John tem uma pedra de gelo cheia de pontas com um núcleo de combustível.

— Você vai atirar isso neles — observo.

John faz que sim.

— Quer me ajudar? Uma força telecinética a mais seria ótimo.

Com meu consentimento, John se vira em direção a Adam e aos Chimæra.

— Isto não deve acabar com todos, mas com certeza vai assustá-los. Quando ouvirem a explosão, venham depressa.

— Pode deixar — responde Adam, preparando uma arma que pegou no hangar.

John segura minha mão, então faz o tanque de combustível coberto de gelo flutuar até ficar à nossa frente, para nós dois colocarmos a mão nele. Ficamos invisíveis, o tanque desaparecendo junto com a gente, e nos aproximamos da curva. Minha mão começa a ficar dormente, mas a temperatura não parece incomodar John.

Há marcas de fogo pelas paredes, da luta que John travou mais cedo com aquele grupo entrincheirado de mogs. No final do corredor, mais de uma centena de nascidos artificialmente cobre uma pequena escada, colados uns nos outros. O ar entre nós está enevoadado e cheio de partículas suspensas. As armas deles estão a postos, mas tudo o que veem é o corredor vazio.

Isso muda quando John e eu atiramos com força a bola de gelo em direção a eles. O projétil fica visível assim que se separa de nós e deve parecer uma pedra vinda do nada. Nós a jogamos em cima dos mogs, esmagando os primeiros deles. Em seguida, a fazemos correr de um lado para outro, empalando um grupo com as pontas de gelo.

Os mogs logo se recuperam da surpresa e começam a disparar contra nossa armadilha gelada. Explodem as pontas afiadas e começam a desbastá-la. Alguns parecem confiantes.

Mas então um tiro atinge o centro da esfera e detona o tanque de combustível.

A força da explosão me derruba. John cai para o lado, batendo o ombro na parede, mas mantém o equilíbrio. Meus ouvidos zumbem. O corredor está cheio de uma fumaça negra sufocante, pelo menos até eu conjurar um vento para soprar aquele ar horrível até a ponte mogadoriana. Enquanto Adam me ajuda a levantar, vejo BK e Poeira saírem correndo e saltarem nos poucos que sobreviveram à explosão.

— Isso funcionou melhor do que o esperado — observa Adam.

— Nem fala! — exclamo.

Da ponte, ouvimos gritos em mogadoriano. Não são gritos de guerra. São gritos de desespero e estão sendo respondidos por uma voz feminina

fria, que eu reconheceria em qualquer lugar.

Phiri Dun-Ra. Alguém, provavelmente o capitão da nave, está falando com ela pelo rádio.

— O que eles estão dizendo? — pergunta John a Adam quando nos reunimos e seguimos em direção à ponte.

Adam se esforça para ouvir. Encontramos pequenos focos de fogo, pilhas de cinzas e pedaços de gelo derretendo ao longo da escada. Subimos com cuidado.

— O comandante está avisando que sua nave foi atacada. Está implorando por reforços. Quer falar com o Adorado Líder — traduz Adam.

— Estão mandando reforços? — pergunta John.

Adam balança a cabeça.

— Ela está culpando o comandante. Dizendo que ele não deveria ter deixado seu posto em Chicago. Diz que isso é uma punição por sua falta de fé, que ele não é digno de comandar.

— Ah, não se esqueça da gente, Phiri. Puxa vida — resmungo em deboche.

Caminhamos pela ponte como se a nave fosse nossa, porque, bem, ela é. Há uma cúpula de vidro que vai até o chão, o que nos dá uma ampla visão das cataratas. Uma dezena de pequenas estações está ligada a cadeiras, cada uma ocupada por um mogadoriano encarregado de pilotar a nave de guerra, e não de lutar. O comandante, com um uniforme preto e vermelho austero, cravejado de mais ornamentos do que qualquer outro, está diante de uma tela holográfica que transmite uma imagem da cara feia de Phiri Dun-Ra. Ela é a primeira a nos ver entrar na sala e, sem dizer mais nem uma palavra ao comandante, interrompe a comunicação.

— Pelo visto, ela não queria conversar — digo.

A maioria dos mogs logo pula de suas estações, todos prontos para atirar. Arranco as armas deles usando telecinesia, e John empala cada um com uma lança de gelo. Esses caras são mogs nascidos naturalmente, e, ao contrário

dos nascidos artificialmente, não se desintegram tão rápido quanto os outros. Na verdade, alguns deles derretem apenas em parte, deixando para trás corpos deformados.

O comandante, de olhos arregalados, em um gesto que ele deve saber que é inútil, pega uma espada como a que o pai de Adam usava e grita: — Vocês nunca tomarão minha nave!

Antes que ele termine a frase, um disparo arranca a cabeça do comandante. Todos nós viramos em direção a um jovem mog armado, seu rosto numa mistura de alívio e resignação. John levanta a mão para matar esse último sobrevivente.

— Não! — grita Adam, e pisa forte.

Uma onda sísmica faz a nave inteira balançar, e o chão onde Adam bateu o pé se amassa como papel-alumínio. John chega a perder o equilíbrio, mas só por um instante. Ele usa o Legado de voo para flutuar até assumir uma posição vertical, olhando confuso para Adam.

— Não... não o matem — pede Adam.

O mog em questão, mais ou menos da nossa idade e bem forte, de cabelo escuro e curto, joga sua arma de lado e cai de joelhos à nossa frente.

— Meu nome é Rexicus Saturnus — diz o mog, embora eu tenha a sensação de que Adam já sabe disso. — E estou à sua mercê.

CAPÍTULO

DEZENOVE

PASSAMOS A CHAMAR o cara de Rex para facilitar.

Descobrimos que essa é a segunda vez que Adam salva sua vida. A primeira foi após uma explosão na base de Dulce. Adam cuidou de Rex até ele se recuperar, e os dois viajaram juntos por um tempo. Rex acabou ajudando Adam a ter acesso às instalações mogs na Ilha Plum, onde faziam experiências com nossos Chimæra. Ele inclusive ajudou Adam a fugir quando os animais foram libertados. Rex pensava que isso era apenas para pagar sua dívida e que não significava trair seus companheiros mogs, embora fosse as duas coisas.

— Acha que dá para confiar nele? — pergunta Nove.

— Adam confia — respondo. — Eles passaram semanas juntos. Adam cuidou dele até que se recuperasse.

— É, mas... — Nove baixa a voz. — Goste ou não, Rex é um deles.

Estamos na ponte da nave de guerra, já sem ninguém além de nosso grupo. Levamos a nave pelo Rio Niágara, à procura de um lugar seguro para pousar e pegar o esquadrão canadense de Operações Especiais. Lexa trouxe Nove e os outros quando o céu ficou livre dos Escumadores desgarrados e as tropas terrestres mogadorianas foram eliminadas.

A nave de guerra cuidou de todos eles, sem nem sequer descarregar todo o poder de seus canhões de energia. Adam e Rex manejaram as armas, trabalhando juntos.

— Ele matou seu comandante — conto a Nove. — E nos ajudou a acabar com os mogs que estavam em patrulha.

— Desespero — responde Nove. — O cara teria feito qualquer coisa para salvar o próprio traseiro. Você sabe que os mogs nascidos naturalmente não dão a mínima para os nascidos artificialmente. Talvez Rex explodisse um milhão deles para poder continuar vivo.

— Talvez.

Nove e eu estamos no posto do comandante, olhando para as várias estações lá embaixo. Dali, podemos ver Adam e Rex pilotando a nave e conversando entre si sem serem ouvidos. Seis e Marina estão lá com os dois mogs, cuidando dos controles e conversando com Adam.

— Acha que eles não são capazes de mudar? — pergunto a Nove. — Adam mudou.

— Sim, mas sempre achei que foi porque ele transou com a Número Um ou algo assim.

Olho para ele com ar cansado.

— O que foi? — indaga Nove.

Balanço a cabeça.

— De toda forma, Rex é apenas um mog. Mesmo se quisesse nos trair, o que ele poderia fazer?

O que deixo no ar é que acabei de matar uma nave inteira de mogadorianos. Um único sobrevivente não vai impedir meu plano. Quanto à minha pergunta sobre a capacidade dos mogadorianos de mudar, não sei se quero saber a resposta. Fica mais fácil se pensarmos neles como inimigos cruéis que nunca dão ouvidos à razão e que são incapazes de entender o que é justiça ou misericórdia. Mas, quanto mais conheço Adam, e agora Rex, quanto mais vejo mogadorianos como aquele que morreu

pensando que seu “deus” Setrákus Ra o abandonara, mais me pergunto se eles não são apenas um povo que sofreu lavagem cerebral. Com o tempo, será que eles poderiam mudar? Não vou parar e perguntar aos invasores se eles gostariam de ser reabilitados. É tarde demais para isso. Mas me pergunto o que vai acontecer quando eu cortar o cérebro de sua sociedade distorcida — quando eu matar Setrákus Ra.

Pretendo descobrir em breve.

— Ele não tem más intenções.

Nove dá um salto, e eu fico tenso quando Ella aparece de repente atrás de nós. Ela abre um sorriso discreto, e por um instante me pergunto se está se divertindo por andar tão assustadora ultimamente. Seus olhos faíscam energia lórica enquanto ela nos observa.

— Deus do céu, Ella — diz Nove, recuperando o fôlego. — Você leu a mente dele ou algo assim?

— Sim — responde ela. — O mog tem dúvidas quanto à moralidade de seu povo desde que conheceu Adam. E tinha muito medo de tomar uma atitude, até que você lhe deu uma oportunidade, John.

— Bem, isso me faria dormir melhor, se eu planejasse dormir em qualquer lugar desta nave asquerosa — diz Nove, já perdendo o interesse. — Talvez devêssemos deixar Adam ter uma boa conversa com o resto dos mogs, hein? Dar uma de assistente social com eles.

Ignoro Nove e me viro para Ella.

— Sabe aquela pedra de loralite que você desligou perto das cataratas? Pode reativá-la?

— Posso — responde ela.

— Então vamos.

— Beleza, até mais! — diz Nove, franzindo a testa quando saímos.

Caminho com Ella pelos corredores vazios da nave de guerra. Os sinais da batalha que travei com a tripulação estão por toda parte: marcas de queimado, detritos, painéis danificados. Não comentamos nada até quase chegarmos ao hangar. Por fim, Ella quebra o silêncio: — Você está bravo comigo.

Passo a mão pelo cabelo e sinto que está grudento e emaranhado pelo suor.

— Eu... não. Sim. Não sei.

— Você preferia que eu tivesse avisado Sarah. Ou você.

Balanço a cabeça.

— Não faz diferença agora, não é mesmo? — Diminuo o passo e viro para ela. — Em suas visões...

— Já disse: não vou mais ver o futuro.

— Quando você fazia isso, então. Você me via assim? Via o que eu me tornei?

— O que você se tornou, John? — pergunta Ella, inclinando a cabeça.

Mordo as bochechas antes de responder. Lembro-me de como Seis e Adam me olharam durante o ataque à nave.

— Algo que meus amigos temem.

Com hesitação, Ella estende a mão e acaricia meus dedos.

— Eles não têm medo de você, John. Eles temem *por* você.

Balanço a cabeça. Não sei bem o que ela quer dizer. Mas já perdi muito tempo. Ainda há tanto o que fazer...

É claro que, mesmo que eu esteja me esforçando ao máximo para não demonstrar, sinto um cansaço que nunca experimentei antes. É mais do que exaustão. É como se cada átomo do meu corpo estivesse se partindo, como se eu tivesse explodido, mas

meu corpo ainda não soubesse. Fazer tanto poder passar através de mim, usar tantos Legados diferentes, isso tem um preço. O que me segurava no final da batalha era a adrenalina.

Mas ainda estou de pé. Isso significa que ainda estou na luta.

Entramos no hangar. Lexa está ao lado de sua nave, o modelo lórico se destacando como uma placa de néon entre todos aqueles Escumadores mogadorianos.

— Precisa de uma carona até lá embaixo? — pergunta Lexa, parecendo ansiosa para sair da nave de guerra.

— Não, eu me viro.

Seguro Ella pela cintura e voamos através das portas reabertas do hangar em direção ao céu azul. Meu corpo dói pelo esforço, mas não quero perder nem os segundos que Lexa levaria para ligar a nave.

É uma viagem curta de volta às quedas e à pedra inativa de loralite. Lá embaixo, vislumbro destroços de Escumadores, o que sobrou quando voltamos as armas dos mogs contra eles. Também vejo a maior parte de nossos amigos canadenses vigiando os arredores da pedra de loralite.

— Você está ficando bom nisso — diz Ella quando pousamos.

— É, obrigado.

Os soldados mais próximos ficam boquiabertos. Ainda não se acostumaram a ver pessoas voando, eu acho. Enquanto caminhamos até a pedra de loralite, Ella se vira para mim.

— Você vai atrás de Setrákus Ra em breve, não vai?

Eu faço que sim.

— Vai precisar do meu Dreynten — avisa ela.

— Eu sei.

— Na verdade, estou surpresa por você ainda não ter tentado aprendê-lo.

Olho para a nave de guerra pairando acima de nós.

— Eu precisava dos outros Legados primeiro. Precisava ter certeza de que eu conseguiria passar pelos guardas de Setrákus Ra e chegar até ele. O Dreynten só tem uma utilidade.

Assim como todos os outros Legados que já vi, sinto o Dreynten à espreita dentro de mim. Uma negatividade, um vácuo, uma ausência fria. Na verdade, não quero experimentá-lo. Parece errado.

Como se estivesse lendo minha mente, Ella me encara com um ar sombrio.

— Quando eu era prisioneira na *Anúbis*, Setrákus Ra me fez treinar o Dreynten em Cinco. Não foi divertido.

— Treinar em Cinco. Eu devia ter pensado nisso — digo, meio que brincando, meio que falando sério.

— Setrákus Ra pode eliminar Legados com um pensamento. Ainda não cheguei a esse nível. Ainda estou presa à habilidade de carregar objetos. Talvez você aprenda mais rápido do que eu...

— Isso é um exagero — respondo. — Ainda nem tentei.

Ella franze os lábios.

— Na verdade, pode ser até melhor. Faça uma arma carregada de Dreynten, como Pittacus Lore. Assim, mesmo que ele consiga neutralizar seus Legados primeiro, você ainda terá com o que atacá-lo.

— Boa ideia — respondo, inconscientemente tocando a lâmina de Cinco, que está coberta e escondida no meu braço. — Obrigado.

À esquerda, um dos militares de alta patente se aproxima, receoso, segurando um telefone via satélite. Faço uma pausa para dar atenção a ele, e Ella segue em direção à pedra de loralite.

— Seu comandante está na linha — diz o militar, entregando o telefone.

— Eu não tenho comandante — respondo.

O militar dá de ombros, como se fosse apenas o mensageiro.

Pego o telefone, sabendo que é Lawson, à espera de um relatório do andamento da missão. Antes de falar com ele, vejo Ella envolver com os braços a pedra de loralite, que passa de um cinza opaco comum a um azul radiante em questão de segundos. Alguns dos soldados em volta soltam uma exclamação de surpresa. Ella encosta o rosto na pedra, deixando a energia restaurada pulsar pelo corpo.

— Alô, aqui é o John — falo ao telefone.

— Que história é essa de tomar uma nave de guerra mogadoriana? — berra Lawson ao telefone.

— Achei que como eu já estava lá... — respondo.

Lawson suspira no meu ouvido.

— Bem, melhor acreditar que é uma monstruosidade a menos para abater. Por outro lado, isso deve ter deixado Setrákus Ra ainda mais furioso. Sinto que este cessar-fogo não vai durar muito se você continuar a tomar as naves dele.

— Não preciso de outras — digo, tranquilizando o general. — Temos o que você queria. Pode combinar com os outros exércitos. Diga a eles para ir até os locais com pedras de loralite que lhe mostrei, que meu pessoal vai entregar os dispositivos de camuflagem.

— Espero que seja o bastante — resmunga Lawson, hesitando. — Os cabeçudos aqui não fizeram muito progresso. Por outro lado, se você sozinho consegue abater uma nave de guerra... Mas, caramba, sabe que ainda tem algumas pairando sobre Washington e Los Angeles, não é? Isso sem falar da grandona em West Virginia.

Olho para o céu enquanto Lawson fala. Será que eu poderia fazer tudo isso outra vez? Tomar outra nave de guerra desse jeito que estou me sentindo? Flexiono as mãos, sentindo o ardor nos dedos do qual não consegui me livrar. Pedi a Marina para usar seu Legado de cura, mas ela disse que não verificou nada de errado. A única explicação plausível é que forcei demais meus poderes, e essa é a reação do meu corpo. Assim como não podemos curar exaustão, não podemos curar esgotamento por excesso de uso de um Legado.

Quanto ainda posso lutar antes de precisar de um bom descanso? Um descanso. Que engraçado. Como se houvesse tempo, com naves de guerra pairando sobre cerca de vinte cidades, só esperando que Setrákus Ra termine seus experimentos doentios e fique mais forte, antes de atacarem. Não há tempo para descanso. Então, na verdade, a questão é até que ponto posso forçar a barra, quanto estrago posso causar até não aguentar mais?

Acho que vou descobrir.

— Verei o que posso fazer. Enquanto isso, cuide para que seu pessoal esteja pronto para atacar assim que possível.

Antes que Lawson responda, eu desligo.

Depois de terminar com a pedra de loralite, Ella volta para perto de mim. Jogo o telefone via satélite para ela, que o pega.

— Diga aos outros para combinar com Lawson a entrega dos dispositivos de camuflagem — peço. — Nós nos encontramos em West Virginia. Levem a nave de guerra. Vamos derrubar a *Anúbis* e acabar com Setrákus Ra.

— Hum, está bem — responde Ella, e levanta uma sobrancelha. — O que você vai fazer?

Viro na direção da nave roubada, ainda visível no horizonte.

— Vou repetir o que fiz.

Ella arregala os olhos.

— Outra nave de guerra?

— Estou só me aquecendo.

— Espere, John...

Antes que Ella tente me convencer a desistir, estou de volta ao ar, voando como um raio para longe das Cataratas do Niágara. É assim que tem que ser. Preciso continuar em ação. Não importa quão cansado eu esteja, preciso continuar lutando.

O sol já está começando a baixar no céu. Levei a maior parte do dia para chegar ali, tomar a nave, organizar todo mundo. Devagar demais. Procuvo voar mais rápido, e a sensação é estranha, como mergulhar para cima em uma piscina. Resolvo ir para Washington. Não sou um GPS, então não sei muito bem para onde estou indo, mas imagino que, se seguir na direção sudeste, vou começar a ver monumentos e cidades que reconheço, e acabarei chegando lá.

Digo a mim mesmo que assim será mais rápido, serei mais eficiente, e que, no final das contas, será mais seguro para os outros. Mesmo assim, deveria ter trazido pelo menos Bernie Kosar comigo. Ele e Poeira foram fundamentais cobrindo minha retaguarda, e ele se acomodaria perfeitamente no bolso do colete até que fosse necessário.

Ah, droga. Meu colete.

Olho para meu tronco e então percebo. Sou um idiota. Fui atingido por vários disparos de armas mogadorianas durante o ataque à nave de guerra. O dispositivo de camuflagem que eu levava preso ao peito e a bateria que lhe dava energia estão destruídos. Estou voando por aí com duas peças de plástico inúteis amarradas ao meu tronco.

Balanço a cabeça de desgosto e solto o colete, deixando-o cair no chão lá embaixo.

Não posso voltar às cataratas. Ella com certeza já deu a notícia a essa altura, e eles vão tentar me convencer a não ir sozinho. Parte de mim sabe que é uma ideia maluca, que não resistiria a um confronto com Seis e Marina. Não, não posso voltar lá.

Vou ter que fazer uma parada em Patience Creek. O risco de ouvir uma lição de moral é menor por lá.

Por sorte, não estou muito longe do Lago Erie e, quando eu chegar perto, não vai ser tão difícil encontrar o caminho que Lexa fez hoje cedo. Depois de apenas algumas descidas em direções erradas — e um momento em que fiquei preso em um banco de nuvens, sem conseguir me orientar —, vejo a pousada falsa às margens do lago. Mesmo pegando algumas rotas erradas, a viagem ainda foi mais rápida do que com o Escumador. E olha que comecei a usar esse Legado de voo há pouco tempo.

Meu plano é entrar voando na caverna alguns quilômetros ao sul do complexo, disparar através do túnel e entrar direto na garagem subterrânea, onde sei que estão os dispositivos de camuflagem. Entrar e sair em um instante. Só que algo não me parece certo quando me aproximo da cabana principal.

O sol está apenas começando a se pôr, fazendo as árvores projetarem longas sombras pelo chão. Sei que Lawson mantém alguns soldados escondidos ali, como sentinelas. Talvez a iluminação estranha esteja dificultando minha visão, mas juro que não os vejo.

Voo mais baixo e observo outra coisa. Há um SUV preto do governo estacionado no cascalho em frente à casa. Isso é estranho. O sigilo do lugar só tem se mantido porque todo mundo usa a entrada da caverna. Ninguém da equipe de Lawson cometeria a

burrice de estacionar um veículo claramente do governo bem na frente de um local ultrassecreto.

Mas então lembro que emprestei um desses carros para outra pessoa. Por uma questão pessoal.

Mark James.

Aterrisso a alguns metros da varanda de Patience Creek. À esquerda, o balanço de pneu preso a um bordo velho oscila para a frente e para trás. Tudo parece tranquilo e normal, mas tenho a estranha sensação de estar sendo observado.

Logo vejo Mark. Ele está de pé na porta de Patience Creek, de costas para mim. Na última vez em que o vi, ele estava péssimo e me deu um soco na cara. Agora está rígido, a cabeça inclinada de uma forma estranha.

— Mark — digo com cautela. — Você voltou.

Ele se vira para mim, os movimentos espasmódicos. Percebo de imediato como sua pele está pálida, as veias negras formando uma teia de aranha no rosto. Os olhos estão arregalados. Ele está chorando, mas, fora isso, seu rosto não demonstra qualquer emoção. Percebo que seus dedos estão em forma de garra, como se ele estivesse paralisado.

— Sinto... sinto muito, John — balbucia com dificuldade.

— Mark...

— Eles m... m... me obrigaram.

Eu quase consigo me desviar a tempo. Três tentáculos de gosma negra se estendem na minha direção, a ponta de cada um afiada como uma broca. Um perfura a parte de trás do meu ombro, o outro atravessa meu quadril e o terceiro penetra minha axila quando levanto a mão para me defender. É como ser esfaqueado por algo vivo, algo que escava. Sinto os tentáculos entrando cada vez mais fundo. Meu Legado de cura começa a funcionar,

tentando combatê-los. Quando isso acontece, uma queimação ácida toma conta de cada uma das minhas terminações nervosas. Eu grito e caio de joelhos.

— Nós o obrigamos — diz uma voz feminina alegre. — Mas não tivemos que nos esforçar muito.

Eu a reconheço do intercomunicador mog e das histórias dos outros. A mog nascida naturalmente diante de mim é Phiri Dun-Ra.

Giro na grama para olhá-la. Ela está sem o braço esquerdo, que foi substituído por uma massa retorcida da gosma negra de Setrákus Ra, espessa e oleosa, com a forma de uma árvore morta. Os três tentáculos que perfuram meu corpo saem direto dela. Tento arrancá-los com as mãos, mas a gosma se endurece ao toque tornando-se afiada, e a única coisa que consigo é me cortar.

Tento afastá-la com telecinesia. Não funciona.

Nada funciona.

Enquanto eu me debato, vejo faíscas de energia lórica pulsando para fora de mim, percorrendo o tentáculo até Phiri Dun-Ra e gotejando para dentro do braço dela. Seus olhos reviram por um instante. Então, ela estende o braço normal, a palma da mão para cima.

A mão de Phiri Dun-Ra brilha. Uma bola de fogo se ergue da palma, as chamas em tom de roxo.

— Ah, isso é legal, John Smith — diz ela. — Eu poderia me acostumar com isso.

Mais mogs começam a emergir das árvores ao redor de Patience Creek. Não sei como não os notei antes; há tantos deles... Mas então vejo um sair de uma sombra — literalmente sair de onde não havia nada antes — e percebo que deram um jeito de se teleportar para lá.

Setrákus Ra conseguiu. Alguns desses mogs, como Phiri Dun-Ra, têm Legados. Não... não vou chamá-los assim. São doentios.

Que palavra Setrákus Ra usou? “Acréscimos.” É o que esses poderes doentios são.

Um mog nascido naturalmente, velho, careca e de uma magreza inacreditável se coloca ao lado de Phiri Dun-Ra. Seus olhos são pretos e vidrados. Ele me ignora, olhando para Mark. O Mog Magro curva o dedo na direção de Mark, e tenho a vaga impressão de um som como gafanhotos andando por entre as folhas.

A gosma sob a pele de Mark se move, e ele é forçado a se mexer. Desce os degraus à frente de Patience Creek aos tropeços enquanto pega algo dentro do casaco, cada movimento parecendo forçado pela dor.

— Ouvimos histórias sobre essas Heranças que vocês, lorienos, receberam de seus pais mortos ou de quem quer que seja — diz Phiri Dun-Ra em tom casual, sorrindo. — Pequenas lembranças de seu planeta morto. Vou contar um segredo para você, John... O Adorado Líder também guardou algumas coisas. Lembranças. Troféus para ajudá-lo a se lembrar de sua primeira grande conquista.

Mark segura algo que parece uma corda, só que tem um tom forte de roxo e brilha. Algo que não é deste mundo.

Eu reconheço o que é. Claro que reconheço. De uma visão do passado.

É o mesmo laço que Pittacus Lore um dia amarrou no pescoço de Setrákus Ra. Aquele que formou a cicatriz. Pela visão de Ella, lembro que o material é chamado de Voron e só nasce em Lorien, e que meu Legado não vai curar as feridas causadas por ele.

Mark se ajoelha e passa o laço pela minha cabeça.

Phiri Dun-Ra sorri para mim.

— O Adorado Líder achou que você apreciaria a ironia.

CAPÍTULO

VINTE

— ELE FEZ *O quê?* — exclama Marina.

Ella dá de ombros e olha para os pés.

— Ele...

— Ela entendeu — digo a Ella, meus lábios franzidos. — Só não acredita que John faria algo tão estúpido.

Ao meu lado, Nove, irritado, chuta a terra do chão.

— Que merda, Seis! Somos coadjuvantes agora ou o quê? Isso é ridículo.

Nós quatro estamos em uma clareira a pouco mais de um quilômetro rio acima das Cataratas do Niágara. Nossa nave de guerra roubada está parada a algumas centenas de metros, fazendo as árvores esparsas ali perto parecerem pequenas, sua rampa de saída, do tamanho de um tanque, estendida. Toda vez que vejo a nave monstruosa pelo canto do olho tenho que resistir ao impulso de correr para me esconder. É difícil acreditar que agora é nossa.

Marina passa as mãos pelo cabelo.

— Falei com ele sobre isso, sobre controlar a raiva...

Nove ri.

— Isso foi antes ou depois de você tentar apunhalar a cara do Cinco com uma estaca? *Outra vez?*

— Depois, na verdade — responde Marina, com firmeza. — Achei que ele enfim estava conseguindo lidar com a dor. Mas voar sozinho para combater outra nave de guerra... Meu Deus, Seis, isso é suicídio.

— Eu não sei. Você não o viu lá em cima. Ele parecia imbatível — comento.

— Ele não está pensando direito — diz Marina, balançando a cabeça em um gesto enfático.

— Parte dele acredita mesmo que consegue fazer sem a ajuda de ninguém — intervém Ella. — E outra parte não quer ver ninguém se machucar. Ele está convencido de que será melhor para todos se for sozinho.

Ficamos em silêncio por um instante, pensando nas palavras de Ella. É bem óbvio, pelo menos para mim, que ela captou esses sentimentos direto do cérebro de John. É impossível que ele tenha contado isso a ela.

— Ah, pro inferno com essa bobagem de nobreza — diz Nove. — Esta guerra também é nossa. Vou dar uma surra nele quando voltar.

— Vocês percebem que ele também nos deixou com uma missão e tanto, não é? — pergunto, olhando para cada um dos outros; não quero perder mais tempo falando sobre John. — Entregar esses dispositivos de camuflagem pode salvar várias vidas. É fundamental para a humanidade ganhar a guerra.

Nove faz um muxoxo de deboche e se afasta. Marina suspira e cruza os braços, virando um pouco para olhar o rio. Ella fica parada, ainda segurando o telefone via satélite que John lhe deu. Olho para meu próprio celular, o que Sam me deu e que, com sorte, está emulando a frequência do dispositivo de camuflagem.

Dezessete por cento de bateria. Quando acabar, de acordo com Sam, este aparelho velho vai esquecer as instruções que recebeu. É melhor acelerarmos esse teste.

Assim que começo a me preocupar pelo fato de o tempo estar acabando, ouço o ronco de um motor. Um jipe aparece sacolejando pelo terreno acidentado da clareira, com Lexa ao volante.

Ela para à minha frente e sai, o motor em ponto morto.

— Que timing perfeito — digo.

— Os canadenses falaram que gostariam que não o batêssemos — diz Lexa, dando de ombros. — E foram bastante educados ao pedir.

— Está tudo indo bem; não vai acontecer nada com o carro deles — respondo.

Vejo Adam aparecer no alto da rampa da nave de guerra. Rex está atrás dele — e mais parece que está se escondendo —, incrivelmente tímido. Dou alguns passos em direção à nave e aceno para eles. Enquanto isso, Nove chega correndo ao meu lado.

— Está pronto? — grito, colocando as mãos em concha em volta da boca.

— Sim! — berra Adam de volta. — O campo de força está funcionando!

Estreito os olhos na direção da nave. Não enxergo o campo de força daquela distância. Não é possível ver a fraca energia azul até já estar quase em cima dela, da mesma forma que antes, quando voamos em direção à nave. Eu me aproximo. Nove coloca a mão de maneira protetora no meu braço.

— O que você está fazendo? — pergunta ele.

Olho para a mão dele.

— Eu faço a mesma pergunta.

— Não chegue perto demais dessa bosta — diz Nove. — Eu tive que cuidar de Johnny até ele se recuperar depois de bater de cara em um desses campos de força.

— Eu sei o que estou fazendo — respondo, e me livro da mão de Nove.

Eu me aproximo da nave o máximo que me atrevo, até o campo de força se tornar visível. Em seguida, usando o calcanhar, traço uma linha na grama.

— Essa é nossa meta — aviso, enquanto corro de volta até os outros. — Empurramos o jipe, com o dispositivo de camuflagem de Sam preso a ele, para além da marca, e então descobrimos se funciona.

— Por que usar o carro? Por que não fazemos o dispositivo de Sam flutuar através do campo com telecinesia? — pergunta Marina.

— Sabemos que os dispositivos de camuflagem dos mogs cobrem um veículo inteiro — explica Lexa. — Não sabemos se o do Sam tem o mesmo

alcance.

— Isso considerando que ele funcione — acrescenta Nove.

Pego o celular com flip e o coloco no painel do jipe. Então recuo e olho em volta.

— Isso é tudo o que precisa fazer? — pergunta Marina, com uma das sobrancelhas levantada.

— Acho que sim — respondo. — Sam disse que o telefone está emitindo o tempo todo a frequência de camuflagem, ou o pacote de dados, ou seja lá que for.

— Pacote de dados — resmungo Nove. — Isso é chato. Sabe, na verdade estou esperando que o jipe exploda para termos um pouco de ação.

— Que ótimo, Nove — diz Marina.

Balanço o braço, sem dar importância ao que ele disse.

— Prontos para empurrar essa coisa?

Lexa coloca as mãos na parte de trás do jipe, que continua em ponto morto.

— Pronta — diz ela.

Todos nós olhamos para ela. Por fim, Nove ri.

— Hã, madame, não empurramos assim.

Lexa se afasta, e nós quatro — eu, Nove, Marina e Ella — nos concentramos no jipe e o empurramos com telecinesia. O carro faz terra e grama se levantarem do chão, as rodas girando, movendo-se depressa.

— Calma — alerta os outros. — Não queremos que exploda se atingir o campo de força.

— Um lindo voto de confiança ao trabalho do seu namorado — murmura Nove.

Fecho a cara. Vai funcionar e, mesmo que não dê certo, pelo menos Sam está tentando, e não fica só reclamando por não ter a chance de matar alguém, como Nove está fazendo. Abro a boca para dar uma resposta atravessada, mas Marina fala primeiro: — Nove, você acha que é só

coincidência que um de nossos aliados mais próximos manifeste exatamente o Legado de que precisamos para combater a invasão mogadoriana? — Marina balança a cabeça com fervor e continua: — É vontade da própria Lorien que a gente receba esse dom.

Sinto Marina aumentar seu impulso telecinético no jipe, acelerando-o a uma grande velocidade em direção ao campo de força. Nove fica quieto e observa, assim como o resto de nós. Escondida dos outros, eu cruzo os dedos.

O jipe cruza a linha que fiz na terra.

Sua dianteira se ergue como se tivesse atingido uma enorme lombada. O para-brisa e todas as janelas estilhaçam para dentro. Ouvimos então um zumbido magnético vindo do campo de força; eu o sinto nos dentes.

Mas o carro atravessa. Quase intacto.

Marina e Ella gritam ao mesmo tempo pelo triunfo. Viro para Nove e sorrio. Ele dá de ombros.

— Parabéns ao Sam — diz ele.

Adam desce depressa a rampa da nave para examinar o jipe. Do outro lado do campo de força ainda ativo, ele grita para nós: — Foi um pouco turbulento, mas funcionou!

Então estende a mão para pegar o celular no painel do jipe. Tenta segurá-lo com dois dedos em pinça, mas acaba deixando-o cair — mesmo a distância, vejo que a coisa está fumegando. A grama sob o telefone parece queimar.

— Mas acho que só dá para usar uma vez — conclui Adam.

— Melhor do que nada — diz Nove.

Animada, pego o telefone via satélite das mãos de Ella e ligo para Sam.

— Sam! — exclamo assim que ouço sua voz.

— Ei! — responde ele, parecendo aliviado. — Acabamos de saber. Vocês roubaram mesmo uma nave de guerra?

— Isso não importa. Mas, sim. Ouça... sua... coisa, aquele lance com o celular, funcionou! Explodiu logo depois e talvez não tenha sido a passagem mais suave pelo campo de força, mas *funcionou*.

Ouçó um grito abafado de Sam. Ele deve estar cobrindo o receptor com a mão.

— Funcionou! Meu Legado funcionou! — ouço-o gritar para quem mais está na sala com ele.

Logo ouço várias vozes comemorando.

— Que incrível! — exclama Sam, falando comigo. — Eu fiz outros esta manhã, para o caso de valer a pena. Os outros caras aqui acham que, agora que temos tecnologia terrestre imitando a frequência, talvez seja mais fácil reproduzir. Quer dizer, sem usar superpoderes.

— Você é um herói, Sam — digo com um sorriso.

Ao meu lado, Nove revira os olhos, mas também está sorrindo.

— Vamos começar a entregar os dispositivos de camuflagem em breve — conto. — Apronte essas coisas para que a gente possa distribuí-las.

— Pode deixar — responde ele. — Eu...

Um estrondo no seu lado da ligação interrompe Sam. Ao fundo, ouço Malcolm indagar: — Mas que merda foi essa?

— Sam? — pergunto, erguendo as sobrancelhas, preocupada.

— Ei, desculpe — diz ele. — Alguma coisa acabou de explodir. Devem ser os novatos treinando.

Antes que eu fale alguma coisa, ouço um barulho inconfundível. O ruído parece com fogos de artifício a distância, mas aprendi há muito tempo o que esse som significa.

São tiros.

E não estão diminuindo.

As vozes em torno de Sam ficam abafadas. Estão prestando atenção. Seguro o telefone com mais força e sinto um aperto na boca do estômago.

— Sam, fala comigo.

Ao ouvirem a tensão na minha voz, os outros ao meu redor param o que estão fazendo e se aproximam. Os sorrisos pelo nosso teste bem-sucedido com a nave de guerra vão desaparecendo aos poucos.

— Seis... — diz Sam, um pouco mais alto do que um sussurro. — Seis, acho que estamos sendo atacados.

CAPÍTULO

VINTE E UM

O LAÇO VORON é mantido com folga para não cortar minha cabeça de imediato. Em vez de me executar, fazem Mark segurar a corda como uma correia para cachorro. Enquanto me arrasto pelas tábuas do piso de Patience Creek em direção ao elevador secreto, que os mogs levaram dois minutos para encontrar, sinto o material cortante roçar minha garganta sempre que fico um pouco para trás.

Pior do que os cortes é a dor provocada pelos três tentáculos oleosos que me conectam a Phiri Dun-Ra. Esse lado inteiro do meu corpo chia como se algo cáustico e fervente estivesse pingando sob minha pele e se espalhando pelo organismo. Phiri Dun-Ra caminha ao meu lado enquanto sou arrastado atrás de Mark. Ela brinca com uma pequena brasa de fogo arroxeadado que flutua na palma de sua mão. Sinto que ela está me drenando. É como se pontos estivessem sendo rasgados e afrouxados em algum lugar dentro de mim. Ela está tomando meus Legados.

A pior dor, porém, é saber o que está por vir.

Morte. Destruição. Fracasso.

— Mark... Ajuda... Parem... — imploro, respirando com dificuldade.

Ele nem sequer vira a cabeça. Vejo veias da gosma negra pulsando em seu pescoço e sinto o Mog Magro, o que tem algum tipo de controle mental sobre Mark, parado ali perto.

Phiri Dun-Ra ri ao ouvir minha súplica.

— É uma grande honra o Adorado Líder visitar os sonhos de alguém — diz ela. Em seguida, apaga o fogo em sua mão para bagunçar o cabelo de Mark. — Este pequeno humano aqui provou ter uma mente muito aberta. Ele desejava algo... algo que você não queria lhe dar. Ele pediu que o Adorado Líder restituísse sua amiguinha...

Sarah.

Que eu não queria lhe dar. Meu Deus, eu teria trazido Sarah de volta dos mortos num piscar de olhos se tivesse poder para isso. Será que Mark achou que Setrákus Ra podia fazer isso? Será que eles o convenceram?

Será que ele lhes entregou o corpo de Sarah?

Puxo a parte longa do laço, tentando chamar a atenção de Mark.

— Você não fez isso, Mark — rosno. — Me diz... me diz que você não fez.

Phiri Dun-Ra ri outra vez.

— Como se o Adorado Líder fosse desperdiçar uma dádiva dessas com um simples humano. Não, seu amigo teve dúvidas. Mas, a essa altura, já era tarde demais. Nós sabíamos onde encontrá-lo. Fomos forçados a interromper seu luto.

Paradise. Encontraram Mark em Paradise. Setrákus Ra invadiu seus sonhos e o manipulou, assim como tentou fazer com Marina e Cinco. Então, quando Mark voltou a si, o capturou. Achei que tinha me lembrado de todos os que Setrákus Ra poderia ter alcançado, mas tinha me esquecido completamente de Mark.

— Não foi difícil descobrirmos através dele onde vocês estavam — continua Phiri. — Nosso pequeno humano faz tudo o que pedimos.

Vejo a mão de Mark se agitar segurando o laço. Os nós dos dedos dele estão muito brancos. Os músculos estão rígidos. Ele está lutando contra a manipulação, mas não consegue escapar.

— Vamos deixá-lo como seu amigo em breve — diz Phiri, e noto o Mog Magro molhar os lábios, ansioso. — Mas primeiro, quero você só para mim.

Um dos tentáculos de Phiri se retorce dentro de mim, sinto a dor me dominar e caio de lado. Eles me deixam ficar deitado por um instante, enquanto recupero o fôlego.

Com os olhos turvos, tento ver quantos são.

A recepção de Patience Creek está lotada de mogs nascidos artificialmente armados. Em um canto, empilharam os corpos dos soldados que vigiavam a superfície. Ao que parece, morreram de forma rápida e brutal.

Além de Phiri Dun-Ra, identifico três outros mogs nascidos naturalmente com acréscimos.

Há o Mog Magro. O que está controlando Mark. Ele fica sempre por perto, observando Mark com atenção, as mãos que parecem aranhas cruzadas nas costas. Se eu quiser salvar Mark, vou ter que acabar com ele.

Há também o Mog das Sombras. Ele é mais jovem, talvez apenas uns anos mais velho que Adam. Enquanto observo, ele sai de uma sombra como se fosse uma poça de água, erguendo-se do chão. Com ele, há mais alguns guerreiros mogs. Foi assim que se teleportaram para cá sem serem vistos.

— Junte-se à equipe na entrada da caverna. Ninguém pode sair vivo — ordena Phiri, e o Mog das Sombras desaparece de novo no chão.

Não deixo de perceber que ela está falando em inglês. Phiri Dun-Ra quer que eu saiba que há outro esquadrão posicionado na

entrada para veículos de Patience Creek. Ela quer que eu saiba que todos lá embaixo estão presos.

Quer que eu saiba como a situação é desesperadora.

Por fim, parado em frente ao elevador, está o Mog Piken. Os outros três mogs com Acréscimos que observei pelo menos ainda parecem mogadorianos. Este é bizarro, com a parte inferior do corpo mediano ligada a um torso desproporcional. Ele tem dois metros e meio de altura, apesar das costas recurvadas, sua pele é um couro cinzento como o de um piken e seus músculos são exageradamente fortes. Ele tem dedos longos, grossos e com garras afiadas. A cabeça, enterrada na massa pulsante dos músculos do pescoço, é de tamanho normal, com exceção da mandíbula, que se destaca do rosto, deixando os dentes inferiores salientes. O mais repugnante é que dá para ver onde a pele pálida de mog se esticou e rasgou para dar lugar ao novo corpo piken.

Parece que ele sente dor e que está furioso por isso. Ele grunhe e desloca o peso do corpo de um pé para o outro, à espera de uma ordem.

Vejo quando Phiri nota uma das câmeras de segurança. Ela não parece preocupada.

— A essa altura, com certeza eles já sabem que estamos aqui — diz ela, então vira para o Mog Piken. — Vá até lá e diga oi.

Ele responde com um gemido doloroso, então abre a porta do elevador à força e desce pelo poço.

Pouco depois, ouço tiros e gritos vindos de baixo.

Com um sorriso, Phiri Dun-Ra olha para mim.

— Quantos Gardes estão lá embaixo, hein? — pergunta ela. — Quantos amigos seus vou eliminar hoje?

— Eu não... vou contar droga nenhuma.

Phiri revira os olhos e pega uma arma do quadril. Então, aponta para a nuca de Mark.

— Quer me contar agora? — pergunta ela, cutucando a base do crânio de Mark.

Quando sente o cano na cabeça, ele dá um jeito de se afastar. Algo dentro dele, um instinto de sobrevivência, o faz resistir ao controle do Mog Magro. Ele deixa cair o laço, flexionando os dedos como se enfim tivesse voltado a sentir as mãos, e se vira para Phiri Dun-Ra. Em seguida, dá um passo hesitante em direção à mulher. Isso é tudo o que faz. A saliva escorre de sua boca quando ele rosna, deixando evidente o esforço de lutar contra o controle mental mogadoriano. Phiri nem se mexe.

Ela olha para o Mog Magro.

— Ele está combatendo você.

— Vai acabar tendo um aneurisma em seu cérebro frágil antes de sobrepujar minha vontade.

O Mog Magro estreita os olhos, e todos os músculos de Mark se enrijecem, como se ele tivesse sido eletrocutado. Ele fica na ponta dos pés, retesado de um jeito pouco natural, as articulações estalando e os dentes cerrados. Acaba deixando escapar um grito estrangulado.

— Está vendo? — retruca o Mog Magro.

Phiri Dun-Ra guarda a arma e se agacha sobre mim.

— A verdade é que não importa quantos amigos seus estão lá embaixo. Vamos matá-los de qualquer jeito. Só gosto de ver você se contorcer.

De perto, a gosma que substituiu o braço de Phiri cheira a carne podre. Se ela ao menos chegasse um pouco mais perto, se ficasse mais próxima do meu rosto...

— Sabe, John, nossos caminhos já se cruzaram antes — continua ela. — Eu era a encarregada das operações em West Virginia quando você ajudou o Número Nove a escapar. Sabia disso? Aquele... infeliz incidente me fez ser mandada para o México como punição. Fui forçada a trabalhar na questão impossível do Santuário. Mas acabou que tudo o que eu tinha que fazer era esperar vocês, lorienos idiotas, aparecerem.

Ela volta a se levantar e estende os braços, os tentáculos enterrados em mim se retorcendo. Fico feliz pela dor; assim é mais fácil esconder minha decepção. Quase a peguei.

Tenho um recurso desesperado. Um truque literalmente escondido na manga. Os mogs estavam confiantes demais em seu controle para verificar se eu estava armado. E a lâmina de Cinco ainda está escondida no meu braço.

Só preciso de uma oportunidade para atacar.

— O que é mesmo que os humanos adoram dizer? Tudo acontece por um motivo. — Phiri ri e prossegue: — Olhe onde eu cheguei, John. De certa forma, tudo graças a você.

Cerro os dentes e a encaro.

— Você não vai... você não vai ganhar.

— Aham, Sr. Grande Herói. Você vai encontrar uma maneira de salvar todos eles, certo? — Phiri olha para Mark, ainda congelado naquela posição desajeitada, e tremendo um pouco por resistir ao controle do Mog Magro. — Vamos ver.

O tentáculo enterrado na minha axila se solta. Sinto um alívio momentâneo. Vejo quando o membro serpenteante de Phiri corta o ar, sua ponta afiada como uma adaga.

Não há nada que eu possa fazer. O movimento é tão rápido e preciso que não consigo reagir.

Phiri enfia o tentáculo sob a mandíbula de Mark, até sair pelo alto da cabeça. Ele se contorce uma vez, de olhos arregalados, mas sem ver nada. Ela o segura no alto por um instante, perfurado pelo tentáculo, para que eu o veja. Depois ela se solta e deixa o corpo de Mark cair no chão ao meu lado.

Eu grito. De raiva, de dor, de pavor.

— Um a zero — diz Phiri para mim.

Fecho a boca. É impossível não encarar o corpo de Mark, seus olhos mortos fixos em mim. É culpa minha.

Dane-se. Se vou morrer, que seja nos meus termos.

Com um impulso rápido, saca a lâmina de Cinco do braço e corto os dois tentáculos que ainda me perfuram. Phiri grita e recua. Os apêndices gotejantes crepitam ao cair no chão. Segundos depois do corte, os tentáculos já começam a se regenerar.

Eu esperava que meus Legados fluíssem de volta para mim. Mas não é o que acontece. Ainda há resquícios de Phiri Dun-Ra se contorcendo em mim. Sinto meu Legado de cura entrar em ação, tentando combatê-los. Dou um jeito de me levantar e tento criar uma bola de fogo ou ativar minha visão de pedra. Os poderes não respondem. Exigem muita força física do meu corpo, que ainda está muito esgotado do ataque.

Um mog nascido artificialmente me dá uma coronhada com sua arma. Estou caindo de volta para o chão. O tempo parece desacelerar.

A telepatia. Ao menos posso usá-la. Meu corpo pode estar fraco, mas minha mente está bem.

Assim que abro a mente, estremeço. Há muito medo e dor irradiando dos níveis subterrâneos de Patience Creek que chegam até mim quando uso a telepatia. Procuro me concentrar e tento

alcançar uma mente que fico aliviado ao descobrir que ainda está lá.

Sam!, grito por telepatia.

Sinto onde ele está. Segue depressa por um corredor, junto com Malcolm, vários cientistas e soldados de cada lado deles. Sam leva um grande peso nas costas — uma mochila cheia de diversos eletrônicos, principalmente celulares.

Sua experiência com o Legado tecnológico. Deve ter funcionado. E agora tudo pode ir por água abaixo...

John? Estou tendo alucinações?, pensa Sam de volta.

Não, estou aqui em cima.

Ah, graças a Deus...

Eles me pegaram, conto a Sam. *Mark os trouxe aqui. Não por escolha. Eles têm Leg... Acréscimos.*

Que merda... Mark... eles nos prenderam aqui.

Os pensamentos de Sam chegam confusos e apressados. Sinto que ele derrapa e para de repente, e Malcolm o agarra pelo braço.

Estou indo ajudá-lo, John. Estou chegando!

Não!, penso de volta, ponderando a chance que Sam tem contra os mogs e o valor do que ele está carregando, a importância de preservar seu Legado; pode ser a maior esperança da humanidade. *Você tem que fugir! Há vários deles na saída subterrânea, mas acho que a maioria dos que têm poderes está comigo. Encontre uma forma de sair e...*

Não concluo o pensamento. Sinto novas dores me apunhalarem quando os tentáculos de Phiri fazem três novos buracos nas minhas costas. Apenas alguns segundos se passaram. Meus Legados ainda parecem fora de alcance. Um grupo de nascidos artificialmente me prende no chão e arranca a lâmina de Cinco.

— Bela tentativa — diz Phiri com um sorriso triunfante.

Ela pega a ponta do laço que Mark deixou cair e eu me preparo para o que vem a seguir. Phiri parece saber exatamente o que estou planejando, porque abre ainda mais o sorriso.

— Ah, não, John. Você não vai morrer ainda.

Ela me puxa para a frente. Vou me arrastando atrás dela, já que a alternativa é uma garganta cortada.

O elevador está aberto e à espera. Há uma poça de sangue fresco no chão e marcas nas paredes. Quem quer que estivesse protegendo o elevador lá embaixo deve ter sido apanhado pelo Mog Piken.

— Venha, vamos dizer olá para seus amigos — debocha Phiri.

Ela, o Mog Magro e um esquadrão de guerreiros nascidos artificialmente me cercam no elevador. Descemos alguns andares. Tento descobrir onde estamos, mas não tenho certeza. Todas as salas ali embaixo são parecidas. Onde estão Lawson e Walker? Os Gardes humanos? Sam e Malcolm?

Espero que estejam em um andar diferente. Espero que encontrem uma forma de escapar.

Os nascidos artificialmente vão na frente; Phiri e o Mog Magro, logo atrás deles; eu sigo rastejando junto à mogadoriana. Eles não encontram qualquer resistência fora do elevador. Passamos por alguns corpos — soldados — que foram praticamente esquartejados membro a membro.

— Espero que ele tenha deixado alguns para nós — retruca o Mog Magro em tom seco.

Os primeiros tiros são disparados quando dobramos uma esquina. Alguns fuzileiros estão entrincheirados em um canto e liquidam alguns inimigos. Os mogs revidam, mas os soldados

bloquearam o corredor com alguns móveis e se escondem atrás deles.

— Peguem-nos — diz Phiri Dun-Ra.

O Mog Magro sorri. Ele coloca as mãos em concha em frente à boca e sopra. Minúsculos esporos negros saem das palmas e flutuam pelo corredor. Tento gritar um alerta, mas Phiri retorce os tentáculos dentro de mim. Os soldados não estão preparados para esse tipo de luta. E como poderiam estar? Nem eu nunca vi nada parecido. Os esporos vão direto até eles, como se tivessem inteligência própria, passando por lacunas na barricada. Não vejo o que acontece, mas ouço sons de engasgos. Em seguida, silêncio.

O Mog Magro faz um movimento para o alto com as mãos, e os fuzileiros se levantam todos juntos. Veias negras se espalharam sob a pele de seus rostos. Eles se movem da mesma forma que Mark, como marionetes, os olhos aterrorizados enquanto os corpos seguem os comandos do Mog Magro.

O esquadrão de fuzileiros abre caminho para os mogadorianos.

Em pouco tempo, nos deparamos com outro grupo de soldados tentando bloquear um corredor. Eles hesitam ao ver seus amigos andando na direção deles.

— Matem-nos — sussurra o Mog Magro.

Sem hesitar, os fuzileiros com as mentes controladas disparam indiscriminadamente em seus colegas. O mogs assistem a tudo com satisfação. O corredor se enche de fumaça com todo o tiroteio. Phiri Dun-Ra ri quando desvio o olhar.

— Não é divertido? — pergunta ela.

De repente, as armas dos fuzileiros são arrancadas das mãos deles por uma força invisível. Os mogs erguem suas armas e acabam perdendo-as também.

Telecinesia.

Do jeito que Nove os ensinou. Desarmem seus oponentes.

— Mas que droga — ouço a voz de Nigel. — Cuidado, Ran, esses são amigos!

Um instante depois, quando o corredor explode, sei que a japonesa não deu ouvidos.

Ran deve ter atirado um de seus projéteis carregados, já que corpos voam para todo lado. Alguns são fuzileiros e outros, mogs; muitos dos últimos se desintegram com a força. Também sou jogado para trás e sinto o laço cortar meu pescoço, o sangue quente escorrendo pelo ombro. Só sobrevivo porque o impacto fez Phiri Dun-Ra soltar a correia.

Meus ouvidos estão zumbindo. O corredor está ainda mais esfumaçado do que antes. Vejo o Mog Magro e alguns outros mogs se protegendo em uma sala vazia. Tento me arrastar para longe, só que os tentáculos de Phiri ainda estão em mim. Ela soltou a correia; não a vejo, mas de alguma forma ainda estou preso a ela.

Pelo menos posso me livrar deste laço. Levanto a mão para arrancá-lo.

Espera.

Não estou mais me vendo. Não vejo minhas mãos, meus braços...

Estamos invisíveis.

Phiri Dun-Ra está usando meu Legado. Está nos fazendo ficar invisíveis.

Voltamos a ficar visíveis por um instante. O controle de Phiri é instável. Mas ela me vê mexendo no laço, e logo seus tentáculos se retorcem dentro de mim. Minhas mãos se afastam do pescoço e apertam a barriga.

Então, ficamos invisíveis outra vez.

Quando a fumaça começa a se dissipar, vejo Ran e Nigel avançando pelo corredor. Fleur e Bertrand também estão com eles. Todos, fora a japonesa, estão armados com fuzis de assalto; ela segura um livro velho que brilha, carregado com seu Legado explosivo. Eles já têm vários cortes e arranhões, e todos parecem muito abalados.

Estão andando na minha direção, o que significa que estão vindo em direção a Phiri Dun-Ra.

— Cuidado! — grito. — Voltem!

Eles pulam juntos ao som da minha voz. Mas não me veem.

E então é tarde demais.

Phiri Dun-Ra aparece do nada. Eu também, e meu estado — amarrado, empalado e de joelhos — é o tipo de distração que os mogs precisam. Os quatro Gardes humanos me olham em choque e apavorados. Até mesmo Ran deixa o brilho se apagar de seu projétil.

— Jo... John? — gagueja Nigel, de olhos arregalados.

— CORRAM! — grito em resposta, embora saiba que é tarde demais.

Antes que possam agir, Phiri Dun-Ra ataca.

Ela começa estendendo a palma da mão em direção a Fleur. Seis sinelos pontudos, afiados e — ao contrário do que acontece quando eu e Marina usamos esse Legado — com um tom feio de ferrugem acertam o peito de Fleur. A garota se encolhe, arfando, o sangue escorrendo pela boca.

— Não! Fleur! — grita Bertrand.

O garoto tenta fazer algo heroico. Ele se abaixa e pega Fleur pelos ombros, tentando arrastá-la para fora de alcance.

Phiri Dun-Ra envolve os dois em uma bola de fogo, as chamas roxas cheirando a pneus queimados.

Ela está usando versões degeneradas de meus Legados para matar os Gardes humanos que fui burro o bastante para convocar. Aqueles que jurei treinar e proteger. Quero fechar os olhos e parar de assistir.

— Sua vaca! — berra Nigel, os olhos cheios de lágrimas.

Ele levanta a arma, mas Phiri Dun-Ra torce o cano com telecinesia. Quando ele puxa o gatilho, o tiro sai pela culatra. Nigel grita. Não sei bem onde foi atingido ou qual é a gravidade... Mas isso não vai mais importar em um instante.

Só que Ran ainda está ali. Por sorte, Nigel tropeça nela. A menina o agarra pela nuca e o joga em um corredor lateral. Com um olhar de despedida para mim, Ran faz o que pedi. Ela corre, arrastando Nigel, ferido, escapando por pouco de outra das bolas de fogo.

Phiri vai na direção deles, mas eu forço meu peso. Seus tentáculos se afundam ainda mais no meu corpo, e sinto gosto de sangue na boca. Mas eu a desacelero, e, sabendo que precisa ficar ligada a mim para manter meus Legados roubados, ela não continua sua caçada.

— Você só está adiando o inevitável, John.

Phiri olha para os dois corpos, Bertrand e Fleur, praticamente irreconhecíveis, a pele deles carbonizada, e um novo tentáculo se projeta para fora do ombro oleoso, examinando-os. Ela suspira.

— A faísca desses dois mal tinha começado...

— Você os colheu antes de estarem maduros — diz o Mog Magro quando ele e os mogs nascidos artificialmente vêm da sala onde tinham se escondido.

Os mogs perambulam por ali, recolhendo as armas.

Phiri Dun-Ra pega minha correia — não cheguei a passar o laço pela cabeça — e dá de ombros para o Mog Magro. Então, olha

para mim.

— Eu me pergunto se foi assim que você se sentiu quando massacrou a nave de guerra. — Ela faz um som parecido com um ronronar. — Gostou tanto quanto estou gostando disso?

Ela dá um puxão na corda, e recomeçamos a nos mover. Quando passamos por Bertrand e Fleur, estendo a mão na direção deles. Sei que é inútil — ficarei sem meus Legados enquanto Phiri Dun-Ra tiver controle sobre mim —, mas alimento a louca esperança de mandar um pouco do meu Legado de cura para eles. Meus dedos mal tocam o ombro de Fleur; nada acontece, e então sou forçado a seguir em frente.

Viramos no corredor para onde Nigel e Ran fugiram, os nascidos artificialmente mais uma vez à frente. A essa altura, a única coisa que posso fazer para ajudar é diminuir o ritmo dos mogs. Por isso, ignoro a dor que o laço de Voron me causa e sigo Phiri o mais devagar que posso.

Quando minha visão começa a se turvar, percebo que minha lentidão não é apenas uma estratégia defensiva. Estou perdendo muito sangue. Em determinado momento, caio para a frente, me apoiando nos cotovelos, e ouço algo estalar em meu ombro. Sinto tanta dor e estou tão desorientado que já nem sei mais em que lugar de Patience Creek estamos.

Não dá para acreditar que tudo vai terminar assim.

O som de luta ressoa por toda a base. Ao longe, ouço tiros e gritos. Ecos de batalhas perdidas nas proximidades. Seguimos pelas salas mais silenciosas, caçando pessoas que se dispersaram.

— Lá! — grita o Mog Magro.

Levanto os olhos bem a tempo, espiando entre as pernas de Phiri Dun-Ra, quando uma pessoa sozinha aparece. Os mogs nascidos artificialmente logo ajustam a mira e abrem fogo.

— Merda! — exclama Sam, enquanto busca abrigo dobrando uma curva.

Ah, não. Sam, não. Por favor, o Sam, não. Não quero ver isso.

Ele não fez o que pedi. Não fugiu. Não escapou. Está sozinho. Não sei o que aconteceu com Malcolm e os outros cientistas, com os Chimæra que estavam com eles, mas só consigo pensar no pior. Antes que ele suma de vista, noto que não está mais usando a mochila pesada. Talvez a tenha escondido em algum lugar, ou talvez a tenha perdido durante os combates.

Os nascidos artificialmente correm atrás de Sam. Eles têm que recuar quando Sam usa uma arma a laser para atirar às cegas de seu esconderijo.

— John? — grita ele. — É você?

— Sam... — falo, quase sem forças. — Sam, saia logo daqui.

— Vou salvar você, John! — berra ele de volta.

Phiri Dun-Ra ri.

— Ah, que emocionante. Peguem esse aí e tragam para mim. Quero cuidar disso bem devagar.

Cumprindo o ordenado, os guerreiros fazem a curva sem cautela. Phiri, o Mog Magro, alguns mogs nascidos artificialmente e eu vamos atrás, a salvo de qualquer disparo. Ouço os passos de Sam pelo corredor, correndo para longe da emboscada.

— Luzes, apaguem! — grita ele, sem fôlego. — Luzes, apaguem!

As lâmpadas de halogênio se desligam ao comando de Sam. Só os disparos mogadorianos iluminam o caminho. Phiri rosna, impaciente.

Tenho a sensação de que Sam está nos levando a algum lugar. Olho para todos os lados, tentando descobrir onde estamos. É

difícil no escuro, e, nos clarões dos disparos, só consigo ver uma série de portas idênticas fechadas.

Mais alto que os gritos alegres e tiros dos mogs, ouço um ruído metálico, como uma tranca pesada sendo aberta. À frente, uma porta range. Será que Sam se trancou em algum lugar? Ele está em segurança?

De repente, o corredor escuro fica muito mais silencioso. Os tiros param. Ouço um gemido de dor seguido de um barulho de alguém soltando o ar com dificuldade.

É o som de um mog virando cinzas.

Phiri Dun-Ra e o Mog Magro trocam um olhar. Nós paramos quando o grupo que abre o caminho fica em silêncio.

Da escuridão, ouço metal batendo em metal. Um som rítmico e ecoante.

Clang. Clang. Clang. Clang. Clang.

Parecem palmas.

Com Phiri Dun-Ra distraída, fico de joelhos. Percebo onde estamos. Aquelas portas idênticas dos dois lados são celas. Sam não estava trancando uma porta.

Estava abrindo uma cela.

— Você parece muito boa em matar os outros, madame — rosna uma voz familiar na escuridão.

Phiri Dun-Ra estende a mão à frente e cria uma bola de fogo que ilumina todo o corredor. Então, dá um passo involuntário para trás.

Cinco está no meio do caminho, a cerca de vinte metros de distância. Está vestindo apenas uma cueca boxer de algodão e um roupão aberto. Também está com uma arma mogadoriana, que bate na lateral da cabeça, criando o som metálico. Cada centímetro de seu corpo assumiu o mesmo brilho da liga metálica da arma.

Na outra mão, ele segura um guerreiro mog pela garganta. Com um simples aperto, quebra o pescoço dele, e o mog vira pó. Em seguida, Cinco passa a mão suja no peito nu. A chama da bola de fogo de Phiri Dun-Ra se reflete no olho restante dele. Em seguida, Cinco fala com um sorriso insanamente largo no rosto: — Vamos ver quem é melhor.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

EU ME DEBRUÇO sobre o banco de lexa. Pelo para-brisa da nave, vejo as copas das árvores passando, as estradas lá embaixo como um borrão. Mesmo ali, o barulho do vento no casco da nave é alto e constante.

— Essa coisa não consegue ir mais rápido? — pergunto a ela entredentes.

Afastando o corpo dos controles, Lexa se vira e me lança um olhar que diz: "*Você está mesmo me perguntando isso?*"

Há um pequeno triângulo vermelho piscando no console. A velocidade está alta demais. O motor vai queimar se continuar assim.

Não importa. Precisamos voltar para Patience Creek. Precisamos chegar lá *agora*.

No banco do copiloto, BK apoia as patas dianteiras no painel. O corpo peludo está apontado para a frente, as costas retas, os dentes à mostra. Ele é como uma flecha direcionada para Patience Creek. BK sabe que nossos amigos estão em apuros; talvez tenha algum tipo de sentido animal que percebe o desespero da situação.

Perdemos a conexão com Sam assim que ele contou que Patience Creek estava sendo atacada. Antes de a ligação cair, ouvi tiros e gritos vindos de humanos.

Os mogs não gritam, eu acho.

Depois que perdemos a conexão, não conseguimos mais falar com Sam. Pior ainda, não conseguimos ligar para nenhum dos números programados para Patience Creek. Nem os canadenses conseguiram, quando pedimos ajuda.

E é isso. Estamos voando nesta maldita nave em direção a mais uma tragédia.

Olho para trás, na direção do compartimento de passageiros. Nove anda de um lado para outro. Toda hora ele ergue os punhos, como se fosse socar alguma coisa, depois volta a baixá-los em postura furiosa. Ele não parou de se mexer desde que subimos a bordo. Eu o mandaria parar se não estivesse me sentindo da mesma forma. Inútil.

Marina e Ella estão sentadas de frente uma para a outra. Ella está de olhos fechados, tentando alguma magia telepática. Noto a tensão em seu rosto e o sangue saindo do nariz. Marina segue meu olhar e balança a cabeça discretamente.

— Ela já não está tão forte quanto antes — avisa, em voz baixa.

Tenho notado que o brilho de energia lórica que passou a rodear Ella depois que se atirou na fonte de energia da Entidade tem diminuído aos poucos nos últimos dias. Pareceu especialmente fraco depois que ela reativou a pedra de loralite nas Cataratas do Niágara. Na primeira reunião com Lawson, ela espionou Setrákus Ra por telepatia a quilômetros de distância. Agora, tentar alcançar Patience Creek com a mente parece um grande esforço.

— A hora perfeita para isso acontecer — digo.

Marina estende o braço e aperta minha mão.

— Sam vai ficar bem — garante ela.

Aperto a ponte do nariz.

— Não tem como saber.

— Destino, Seis. Lorien não teria dado aqueles Legados, a ele ou a qualquer dos outros humanos que se juntaram à luta, se não fossem desempenhar um papel importante na batalha final.

— Você tem muito mais fé do que eu — respondo a Marina em tom amargo. — Para mim, isso tudo é aleatório. Quer dizer, se os Legados têm

mesmo a ver com destino, como você me explica um bosta como Cinco? Ou Setrákus Ra?

— Eu...

Marina balança a cabeça, sem saber como responder.

Ella abre os olhos, respira fundo e limpa o sangue no nariz. Olha para mim e balança a cabeça.

— Ainda estamos muito longe. Não consigo alcançar ninguém. Não sei o que está acontecendo.

— E quanto a John? — pergunto. — Você pode localizá-lo?

— Eu tentei — responde ela. — Ele também está fora de alcance.

Mordo o lábio para não gritar de frustração. Que péssima hora para John sair por aí sozinho. Não que ele tivesse como saber que os mogs iriam rastrear Patience Creek, mas, droga, precisamos dele com a gente.

— Você não pode, tipo... — digo, gesticulando para Ella — ... recarregar seu poder? Trazê-lo para um sonho, como fez antes?

— Não é assim... — Ella franze a testa e desvia o olhar. — Meu encontro com Legado, o poder que ganhei, acho que foi só temporário. Estou voltando ao normal, e a energia está retornando ao lugar a que pertence.

Enfio os dedos no cabelo e aperto a cabeça.

— Então não dá.

Um sinal sonoro agudo que vem da cabine chama minha atenção.

— É nossa nave de guerra — grita Lexa para mim. — Eles estão tentando abrir um canal de comunicação.

Deixamos Adam, Poeira e Rex nas cataratas, tripulando a nave da melhor maneira possível com uma equipe de duas pessoas. Eles estão vindo atrás de nós, mas, em termos de velocidade, aquela nave colossal não é capaz de acompanhar a pequena nave de Lexa.

Volto depressa à cabine enquanto Lexa aperta um botão que exhibe uma projeção holográfica de Adam em um canto do para-brisa. Ele está de pé na plataforma elevada do comandante e, com um imenso vazio atrás, parece

pequeno e deslocado. Imagino que vá perguntar se recebemos alguma notícia de Patience Creek. No entanto, assim que me vê, Adam aperta um botão em um console à frente.

— Gente, vou compartilhar uma transmissão com vocês — avisa Adam com voz grave e urgente. — Está ao vivo.

— Do que você está falando? — pergunto, confusa.

Não consigo processar a ideia de que pode haver algo mais urgente do que o destino para onde estamos correndo.

— Toda nave de guerra da frota está recebendo isso — diz Adam. — E, pelo que entendi, ele invadiu cada satélite ainda ativo para transmitir aos canais de notícias restantes também.

— Quem...?

Antes que eu termine a pergunta, Adam divide a tela. A nova transmissão me faz perder o ar, e tenho que me sentar no braço da cadeira de Lexa.

É Setrákus Ra. Vivinho da silva.

— Não tenho sido paciente? — pergunta ele, os olhos escuros fitando diretamente a câmera.

O enquadramento mostra Setrákus Ra do peito para cima. Ele está sentado em uma cadeira ornamentada que pode ser descrita como um trono. Atrás dele, vejo as paredes de pedra de uma caverna. Ele veste uma camisa de seda vermelho-sangue, os botões abertos até a metade do esterno. É uma visão ridícula, mas também é uma mensagem. Uma mensagem para mim.

Não há cicatriz no peito. Nenhuma marca. Nada.

— Minhas naves de guerra estão sitiando as cidades mais importantes do seu planeta. A esta altura, a condenação já deveria estar clara. E, mesmo assim, vocês ainda resistem...

O tom de Setrákus Ra é tranquilo e condescendente. Marina, Ella e Nove se reúnem atrás de mim enquanto ele prossegue com sua ladainha.

— Será que ele fez uma plástica ou algo assim? — indaga Nove. — O que aconteceu com o rosto dele?

Olho com mais atenção. As feições de Setrákus Ra parecem mordazes como sempre, a cabeça ainda raspada, a cicatriz roxa no pescoço com o mesmo inchaço. Ele continua pálido; os olhos, escuros; e ainda assim... ele parece menos desfigurado que da última vez que o vi. Não parece tão velho nem tão monstruoso. Está muito mais parecido com a versão jovem de Setrákus Ra que conhecemos na visão de Ella.

— Ele pode mudar de forma, não pode? — pergunta Marina.

— Não — responde Ella. — O bastão que ele usava para isso foi destruído em Nova York. Isso... é outra coisa.

— Lorien — digo. — Deve ser da energia lórica que ele roubou.

— Dei um ultimato à humanidade — continua Setrákus Ra. — Ordenei que se rendessem incondicionalmente e me entregassem os humanos infectados com Legados. Apenas os líderes inteligentes da Rússia reconheceram a sabedoria de minhas palavras. Só eles entenderam que os Legados que afligem a humanidade são uma doença, algo passado a eles por uma espécie alien extinta em decorrência da própria arrogância. Eles são uma doença que só eu posso curar.

— Extinta é o cacete — rosna Nove.

Setrákus Ra coloca a mão sobre o peito, como se estivesse emocionado.

— Entendo como mudanças de paradigma podem ser difíceis. Entendo que reconhecer a subserviência da humanidade seja uma preocupação para os ignorantes. Não sou um monstro. Não quero ver suas cidades arrasadas, derramar sangue sem necessidade, por isso permiti que o prazo que defini se estendesse. Dei à humanidade tempo de ver a razão. Tive misericórdia.

Setrákus Ra se inclina para a frente, e por instinto me afasto da tela.

— Mas não mais — diz ele, assumindo um tom frio de repente. — Esta transmissão está sendo veiculada simultaneamente para os capitães da minha frota. Meus seguidores leais, a humanidade se recusou a abraçar o Progresso

Mogadoriano. Então, devemos mostrar o caminho. Vamos guiá-la até a luz com fogo e sangue.

Marina cobre a boca com a mão. Ela fuzila a tela com o olhar. Lexa concentra-se em voar, forçando o motor da nave ao máximo. Nove cerra os punhos, os nós dos dedos estalando. Olho para o peito de Setrákus Ra, no ponto onde o atingi quando quase o matei. Não foi bom o bastante. Nada foi bom o bastante.

Setrákus Ra respira fundo e berra: — Todas as naves de guerra! Abrir fogo!

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

CINCO VOA A toda velocidade, segurando a arma pelo cano, sem dispará-la. Em vez disso, empunha a arma como um porrete. Ele atinge a fileira de guerreiros mogs como um furacão, afundando seus crânios com o punho da arma. Enquanto transforma um mog em pó, toma uma segunda arma da mão que se desintegra. Quando um dos guerreiros tenta pular em suas costas, Cinco dá uma cotovelada violenta, sua carapaça de metal triturando o inimigo com um ruído ressoante. Ele arremessa um mog para trás com telecinesia, deixa-o ricochetear na parede e então lhe dá uma cabeçada para atirá-lo ao chão.

Nunca fiquei tão feliz por ver Cinco.

— Traidor! O Adorado Líder lhe deu tudo! — grita Phiri Dun-Ra.

Ela arremessa uma bola de fogo na direção dele. Cinco se desvia e o roupão pega fogo, mas o calor não machuca sua pele de metal.

— Ele não me deu nada! — rebate Cinco, e lança uma de suas armas com força em Phiri.

A arma a atinge bem entre os olhos e a faz perder o equilíbrio e cair. O sangue escuro que escorre do nariz quebrado logo se espalha pelo rosto.

Se fosse eu, teria apanhado o objeto usando a telecinesia sem problemas. Percebo que, embora Phiri seja capaz de roubar meus Legados, não significa que saiba usá-los. Ela usa um Legado de

cada vez, tentando causar o maior dano possível, mas não os usa para se defender.

Isso me dá uma oportunidade.

Com Phiri atordoada, seguro a corda Voron e a jogo para fora de seu alcance. Então, tiro o laço por cima da cabeça antes que qualquer um de seus comparsas me detenha. A maioria deles está distraída com Cinco, na verdade.

Agora preciso arrancar os tentáculos das minhas costas.

Phiri se ergue, apoiando-se nos cotovelos, recuperando-se do golpe de Cinco. Eu me atiro para a frente, caindo de joelhos, e dou um soco no pescoço dela, tentando atingir a traqueia.

Ela gorgoleja uma vez e, em seguida, reage. Sinto algo rasgando minhas costas quando os tentáculos me levantam. Então me viram e me empurram para cima, de cara no teto e depois de volta ao chão.

Fico tonto, sem fôlego e com um dente solto na boca. Ainda estou preso a Phiri Dun-Ra. Eu a ouço tossindo, assim como os sons de Cinco avançando pelo esquadrão de mogs.

Quando minha visão enfim entra em foco, percebo que o Mog Magro se aproximou. Ele coloca as mãos em concha em frente à boca e sopra outra nuvem daqueles esporos que usou para controlar as mentes de Mark e dos soldados. No corredor escuro, a única luz vem do roupão em chamas de Cinco, e os esporos parecem uma nuvem de aranhas.

— Cinco! — grito, com dificuldade, sentindo gosto de sangue.
— Cuidado! Não inspire essas coisas!

Ele atira um dos últimos mogs nascidos artificialmente no chão bem quando termino de berrar. Cinco vira a cabeça, confuso, e vê os esporos se aproximando. Seu peito se infla enquanto ele tenta prender a respiração, mas os esporos já estão cobrindo sua

boca e seu nariz. Eles têm vida própria, forçando o caminho até as narinas e através dos lábios.

Não. Se controlarem a mente de Cinco, tudo estará perdido. Ninguém aqui vai sobreviver.

Tento me jogar em direção ao Mog Magro, mas os tentáculos de Phiri ainda perfuram minhas costas. Estou fraco demais.

As veias negras já se espalham pelo rosto de Cinco. Ele larga a arma e sua pele volta ao normal. Suas costas se arqueiam quando o roupão em chamas entra em contato com a pele.

— Sim... — comanda o Mog Magro. — Não resista.

Cinco o encara com uma expressão assassina. Mas ele está imóvel, seus músculos se contraindo, fora de controle.

— Ei.

O Mog Magro começa a virar o corpo ao ouvir a voz. É a última coisa que ele faz. Sam surge de uma das celas ali perto, puxa o gatilho de uma arma mog à queima-roupa. O tiro arranca a parte de trás da cabeça do Mog Magro. O corredor de repente se enche de esporos, parecendo que uma *piñata* acabou de explodir. É como se a cabeça inteira do Mog Magro estivesse cheia daquelas estruturas bolorentas, que flutuam, inofensivas, até o chão, onde murcham e se transformam em cinzas.

Atordoado, Cinco espirra e cospe, livrando-se do Mog Magro.

— John... — começa a dizer Sam, mas em seguida seus olhos se arregalam e ele corre de volta para a cela, evitando por pouco a ponta afiada de um sincele de cor escura.

Phiri Dun-Ra está de pé outra vez e me puxa em direção a ela usando os tentáculos. Como a maior parte de seus reforços está morta, seus olhos de repente ficam arregalados e desesperados.

— Evacuação! — grita ela em um transmissor de ouvido. — Eu preciso ser evacuada daqui!

Cinco dispara em direção a ela, agarrando-a pelo pescoço. A pele dele está salpicada de branco e preto, como o piso. Phiri jorra fogo na cara de Cinco, mas isso só chamusca seu casco e o deixa ainda mais irritado. Ele aperta o pescoço dela com mais força.

É um alívio quando um dos tentáculos de Phiri sai das minhas costas. A sensação não dura muito. Phiri enrola o apêndice oleoso em volta do pescoço de Cinco e o levanta do chão, de modo que os pés não tocam mais o piso. A pele dele perde o revestimento mais forte, voltando ao normal, e Phiri aperta seu pescoço com o tentáculo.

Agora é Cinco que ofega em busca de ar.

— Vamos ver do que você é capaz, garoto — diz Phiri.

A ponta afiada do tentáculo bate no rosto de Cinco, procurando sua órbita vazia. Ela vai se ligar a ele assim como está ligada a mim.

É então que vejo a lâmina de Cinco caída no chão. Um dos mogs que ele pulverizou devia estar com ela.

— Cinco! — grito, tentando chamar sua atenção quando ele começa a ficar roxo.

Estendo a perna o máximo que posso e chuto a lâmina na direção dele. Espero que ele a ouça deslizando pelo chão.

Antes que Phiri se conecte, Cinco usa a telecinesia para pegar a lâmina e a prende no braço. É tão sutil e eficiente que tenho a sensação de que não é a primeira vez que Cinco faz esse movimento. E o que se segue... bem, sei que ele tem experiência nessa área.

Com uma alegria insana, Cinco apunhala Phiri Dun-Ra. Ele fatia o tentáculo em volta do pescoço até que não reste nada além de uma pasta e ele consiga voltar ao chão. Sua pele assume a textura rígida do piso mais uma vez, bem a tempo de absorver o

fogo que Phiri lança em desespero para cima dele. Implacável, Cinco ataca a massa estranha ligada ao ombro dela, mutilando-a até que os tentáculos conectados a mim se soltam e viram cinzas. Phiri grita de frustração, embora seu apêndice doentio continue a se regenerar. Toda vez que isso acontece, Cinco parece quase feliz em ter outra chance de dilacerá-lo. Eu quase tinha esquecido como ele é sádico.

— Mate-a de uma vez, Cinco! — grito, me arrastando para trás e fazendo uma careta ao notar o tamanho da trilha de sangue que deixo para trás.

— Não me apresse — resmungo ele.

O Mog das Sombras emerge da escuridão atrás de Phiri Dun-Ra. Deve ser resultado da evacuação que ela pedia aos berros há alguns segundos. Ele passa os braços ao redor da cintura de Phiri e a puxa para trás, as sombras como um líquido em torno deles, engolindo-os.

Só que Cinco não desiste. Ele enterra a lâmina no ombro de Phiri e se lança através das sombras no encalço deles. O teleporte é silencioso. Num segundo eles estão ali, e no outro o corredor está vazio. Aonde quer que o Mog das Sombras tenha levado Phiri, Cinco acabou indo atrás.

— John!

Sam cai de joelhos no chão ao meu lado. Vejo pelo seu olhar que minha aparência é péssima. Tenho perfurações na lateral do corpo e nas costas, ossos quebrados no braço e cortes profundos no pescoço. Tudo está pegajoso por causa do meu sangue.

— Eu... Eu estou bem — digo a ele.

— Mas que merda! Não, você não está nem um pouco bem — responde ele. — Você pode se curar?

— Estou me curando.

Sam olha para mim.

— Não. Você está sangrando.

— Vai... ser um processo lento.

Agora que estou separado de Phiri Dun-Ra, sinto meus Legados voltarem aos poucos. Com algum esforço, levanto o braço e examino a perfuração por baixo dele. O óleo negro está saindo de mim devagar, forçado por meu Legado, que luta para curar meu corpo. Quando todo esse líquido for eliminado, espero que meus poderes voltem ao normal. E então será apenas uma questão de ter força para usá-los.

Sam rasga um pedaço de sua camisa e amarra no meu pescoço.

— Este corte nem começou a fechar — constata ele.

— E não vai mesmo — falo. Levanto o laço, sem forças. — Eles usaram aquele laço Voron em mim. Como o que Pittacus usou em Setrákus Ra.

— Ah, cara, você vai ficar com uma cicatriz — murmura Sam, balançando a cabeça.

Percebo um movimento no teto. Vejo o Mog das Sombras bem a tempo. Ele cai de pé da escuridão, uma arma apontada para nós. Voltou para acabar com a gente.

Empurro Sam e rolo para o outro lado. O disparo acerta a parede entre nós. Sam reage depressa, apontando a arma para revidar. O mog, então, desaparece em outra sombra no chão.

— Fique atento em todos os lados — alerta enquanto me sento, agarrando o laço.

O Mog das Sombras sai de uma das celas escuras atrás de mim. Não me viro a tempo, mas Sam usa a telecinesia para jogar a arma do mog longe. Seu último tiro chia no chão ao meu lado. Com um grunhido frustrado, nosso inimigo mergulha mais uma vez na escuridão.

Arremesso o laço em direção a ele.

Não é a ideia mais brilhante. Sem a telecinesia, não tenho como fisgá-lo. Felizmente, Sam não demora a entender e usa a própria telecinesia para guiar meu laço de improviso. Passamos a corda em torno da cabeça do Mog das Sombras antes de ele desaparecer, e eu o puxo para trás com a pouca força que me resta.

Espero arrancar sua cabeça de imediato, mas não tenho essa sorte. O Mog das Sombras para no meio do teleporte, mergulhado até a cintura na sombra, e agarra o laço. É um cabo de guerra, e ele está ganhando. A corda Voron, escorregadia de sangue, começa a deslizar pelas minhas mãos.

— Atrás de você! — berra Sam.

Olho de relance por cima do ombro. As pernas do Mog das Sombras estão a dez metros no corredor, emergindo de outra penumbra. Ele vai continuar a se teleportar através da escuridão até nos cansar. A corda Voron escorrega um pouco mais das minhas mãos.

— Luzes, acendam! — grita Sam.

De repente, as luzes do corredor voltam a se acender, mais brilhantes do que nunca. Não há mais sombras.

O mog engasga. Seu tronco tomba no chão à nossa frente, e suas pernas caem lá atrás. Ele foi cortado em uma linha reta na altura da cintura. Puxo a corda em seu pescoço com pouca resistência — ele já começou a se desintegrar.

— Excelente — digo a Sam quando ele se ajoelha ao meu lado.

— Esse cara já estava me irritando — resmungo Sam, mais uma vez examinando o corte no meu pescoço. — Você vai precisar levar pontos, cara.

Coloco a mão sobre a dele.

— Sam, seu pai está...?

— Ele está bem! Quer dizer, estava, na última vez em que o vi. Não tinha como escapar, então ele e os outros cientistas se esconderam lá na antiga biblioteca. Os Chimæra estão tomando conta deles. Estão com meus dispositivos de camuflagem caseiros. Eu corri para... hã... soltar nosso psicopata secreto antes que meu pai me impedisse.

Sam respira fundo e olha em volta.

— Cadê o Mark?

Comprimo os lábios e balanço a cabeça. Sam desvia o olhar.

— Malditos — diz ele em voz baixa. — Malditos culpados de toda essa merda.

Ficamos em silêncio ao ouvir o som de tiros vindo de um corredor ao lado. O tiroteio é interrompido por um rugido animalesco e, logo em seguida, gritos desesperados. Deve ser aquele mog deformado e imenso que vi lá em cima, o Mog Piken. Está perto.

Sam olha para mim.

— Você consegue lutar?

Faço uma careta e crio uma fraca bola de fogo com meu Lúmen. Assim que faço isso, meu Legado de cura para de funcionar e meu tronco dói muito. Apago a chama e me concentro na cura, balançando a cabeça para Sam.

— Ainda não — digo.

— Então é melhor sairmos daqui — responde ele. — A menos que você queira tentar aquele truque do laço outra vez.

— Não, obrigado. Esse aí não se teleporta. Ele derruba paredes.

Sam me ajuda a levantar com delicadeza. Passo o braço bom sobre os ombros dele, o outro agarrado à minha barriga, e nos arrastamos depressa pelo corredor. Um dos braços de Sam está em volta da minha cintura, e a mão livre aponta uma arma para a

frente. Atrás de nós, os passos pesados e os grunhidos do Mog Piken ecoam, ficando pouco a pouco mais distantes.

— Você sabe o que pensei no dia em que o conheci na escola?
— pergunta Sam, baixinho, arfando pelo cansaço.

Ergo uma das sobrelhas.

— Hã... não. O quê?

— Pensei: está na cara que esse garoto vai me fazer carregá-lo por metade de Nova York e depois por uma base militar subterrânea ultrassecreta enquanto sangra por aí. Espero que sejamos melhores amigos.

Não consigo deixar de rir, apesar da dor nas costelas perfuradas.

— Você se saiu muito bem.

— Sim, obrigado — responde Sam, com um sorriso triste.

Fazemos uma curva e um tiro ressoa. Sinto a bala zunir ao lado do meu rosto.

— Cessar fogo! — grita a agente Walker. — Merda, eles são amigos!

Com um fuzil de assalto em riste, a agente Walker está pronta para disparar, o rosto manchado de cinzas, uma queimadura horrível de arma a laser em uma perna. Na frente dela, um deles ainda mirando com uma pistola em nossa direção, estão os gêmeos, Caleb e Christian. Foi Christian, o inexpressivo, que atirou em nós. Caleb lhe dá um soco no braço para fazê-lo abaixar a arma.

— Desculpe — pede Caleb, apontando com a cabeça para a mão de Sam. — Vimos a arma virando a esquina e...

— Não se preocupe — diz Sam. — Já estou levando tiros há um bom tempo.

— Deus do céu, se *você* está aqui, como estamos perdendo?

O comentário, dirigido a mim, vem do general Lawson. Ele está entre Walker e os gêmeos, como se eles fossem seus guarda-costas. Toda aquela encenação de avô imperturbável desmoronou. Lawson está horrível. Seu uniforme está rasgado e manchado de sangue, há uma ferida aberta sobre a sobrancelha, e ele parece uns dez anos mais velho.

— Eles me pegaram de jeito — digo, entredentes. — Por ora, estou fora do páreo.

— Eles pegaram todos nós de jeito — corrige Walker, olhando irritada na direção de Lawson. Ela se aproxima de mim e ajuda Sam a apoiar meu peso. — Você... você vai conseguir curar esses ferimentos, não vai?

— A maioria — respondo.

Só agora as perfurações estão começando a se fechar, o resíduo preto oleoso ainda vazando delas.

— Algum lugar está seguro? — pergunta Sam.

— Tentamos romper as fileiras deles na garagem — responde Lawson, sua expressão ficando sombria. — Sofremos grandes perdas e eles continuaram trazendo reforços. Eles têm um teleportador.

— Não mais — diz Sam.

— Você sabia disso? — indaga Lawson, me olhando. — Que eles têm Legados?

— Aquelas coisas não são Legados. São cópias doentias. Acréscimos — explico. — Mas não, é algo novo.

— Foi isso que eles roubaram de vocês — constata Lawson, juntando as peças. — Era disso que estavam falando na reunião do outro dia.

— Não podemos ficar parados — intervém Walker.

Lawson balança a cabeça, ainda olhando para mim.

— Eu não fazia ideia de como estávamos ferrados.

— Estávamos voltando para os elevadores — conta Walker, assumindo. — Esperávamos que houvesse menos resistência.

— Talvez — digo. — Cinco acabou de eliminar um esquadrão que desceu comigo. Não sei bem quantos deles restaram, mas...

Todos nós ouvimos, ao mesmo tempo. Passos pesados seguindo por um corredor. Muito perto.

— Mas tem um deles que é enorme — falo. — Ele está caçando. Está...

— Dilacerando as pessoas — completa Lawson. — Vimos os corpos.

Sam olha para Christian.

— Deve ter ouvido seu tiro.

— Precisamos ir — diz Walker. — Agora.

Prosseguimos, andando depressa por um corredor, depois por outro. Mas o Mog Piken sente nosso cheiro. Eu o ouço atrás de nós, cada vez mais perto, gemendo animado.

Percebo que sou eu quem está nos atrasando. Olho por cima do ombro e vejo a sombra gigantesca do mog se movendo pelo corredor que acabamos de deixar.

— Vão — peço aos outros. — Cheguem ao elevador. Vou atrasá-lo para vocês.

Não faço ideia de como vou fazer isso, mas eles não precisam saber.

— John, não seja estúpido — retruca Sam.

Ele me arrasta, e não consigo detê-lo.

— Você é um garoto corajoso — resmungo Lawson. — Mas é nosso maior trunfo. Se sairmos dessa, vamos precisar de você.

O Mog Piken aparece a cerca de cinquenta metros no corredor. Ele ruge, animado por finalmente nos ver. A coisa, pouco mais

que um animal, bate os punhos grossos na pele cheia de cicatrizes do enorme peitoral.

Lawson vira para Caleb e Christian.

— Sua vez.

Os gêmeos assentem ao mesmo tempo. Christian vira e começa a andar na direção do Mog Piken.

— Pare! — grito com ele, depois viro para Lawson. — Está maluco? Não pode mandá-lo para a morte assim!

A princípio, o Mog Piken parece confuso, algum resquício de seu cérebro de mog nascido naturalmente registrando que aquele humano deve ser maluco. Mas então, com um fio de baba pendendo da mandíbula, ele dispara pelo corredor, avançando para cima de Christian.

— Está tudo bem — interrompe Caleb. — Observe.

É claro que eu observo. Eu não desviaria o olhar nem se quisesse, mesmo enquanto recuamos pelo corredor. Christian dispara a arma no Mog Piken, mas as balas ou são absorvidas ou desviadas pela pele grossa.

Lawson faz uma careta.

— Esperava que as balas dessem um jeito.

— Era esse seu plano? — berra Sam, com os olhos arregalados.

O mog do tamanho de um gorila alcança Christian em segundos e agarra a cabeça do garoto. Em seguida, o ergue no ar e bate o corpo dele primeiro na parede, depois contra o chão. Christian não emite nenhum som. E até continua a disparar.

E então, depois de se chocar de forma horrível contra o piso, Christian evapora em uma explosão de energia azul. O Mog Piken parece atordoado.

— Mas o que...?! — exclama Sam.

Ao meu lado, Caleb começa a brilhar. Seu corpo inteiro começa a vibrar, se turvando e se dividindo.

Um segundo depois, há mais dois dele. Duas versões novinhas de Caleb. Eles piscam, orientando-se, e em seguida olham para o original. Caleb indica o Mog Piken com a cabeça, e eles saem em disparada rumo a uma batalha perdida.

Ele nunca teve um irmão gêmeo. É um Legado. Ele pode se duplicar.

— Dois de uma vez — diz Lawson. — Está cada vez melhor, filho.

— Obrigado — responde Caleb enquanto recuamos.

Ele parece um pouco trêmulo. Atrás de nós, ouço o Mog Piken atacando os novos gêmeos. De relance, vejo que estão sendo mais espertos do que Christian, usando a técnica de bater e correr para distrair o monstro. Eles não vão durar muito, mas devem, pelo menos, atrasá-lo.

— Tenho algumas perguntas para você — digo para Caleb.

— Imaginei que teria — afirma ele, sem me olhar nos olhos.

— Todas podem esperar, menos uma — continuo. — Quantas cópias você pode criar?

— Não o suficiente. — responde ele, engolindo em seco. — É difícil. Estou só aprendendo.

— Essa besta está se livrando das balas como se fossem mosquitos — interrompe Sam. — Precisamos despistar a coisa até que um de nós... hã... até que um de nós com *todos* os Legados possa acabar com ele.

Olho para mim mesmo, estudando minhas feridas. Está mais perto. Sinto meu poder voltando aos poucos. Mas também me sinto zozzo por causa da perda de sangue.

Nosso grupo dobra algumas esquinas fechadas pelos sinuosos corredores subterrâneos. Acho que já demos a volta a esta altura. Passamos por corpos, lugares onde batalhas foram travadas, mas não encontramos ninguém vivo. Há uma grande chance de sermos os únicos sobreviventes.

Em pouco tempo, ouvimos os passos fortes outra vez. Os rosnados, o arrastar do corpo.

— O miserável não desiste — diz Lawson.

Testo acionar meu Lúmen, mas outra vez meu corpo se encolhe em agonia. Cada centímetro de mim precisa se dedicar à cura.

Viramos outra esquina e...

— Merda!

Uma fileira de soldados mogs bloqueia o corredor, com suas armas apontadas para nós. Walker, ainda me dando apoio, me empurra com força para o lado e pega seu fuzil. Enquanto caio, batendo em Sam, a agente pulveriza toda a fileira de mogs. Pedacos deles ricocheteiam pelo corredor.

Os mogs foram transformados em pedra.

— Mas que merda é essa?! — exclama Walker.

— Você salvou nossas vidas — diz Sam.

— Cale a boca, Goode.

Olho em volta.

— Daniela estava aqui, se...

Um rugido atrás de nós. O Mog Piken reaparece no corredor.

— Por aqui! — exclama Caleb, já ajudando Lawson a passar entre dois mogadorianos de pedra. — Pelo menos eles devem atrasá-lo.

Não sei, não. O Mog Piken está vindo a toda, inclinado para a frente. Vai derrubar aqueles mogs de pedra e todos nós. É agora ou

nunca. Dane-se a dor. Começo a formar uma bola de fogo com as mãos, mesmo que isso faça meu corpo todo se encolher de agonia.

— Abaixem-se! — grita alguém.

Baixo a cabeça bem quando um raio de energia prateado vem de trás das estátuas mogs e atinge o Mog Piken. A energia se espalha por seu corpo imenso, uma cobertura de pedra envolvendo-o aos poucos. Ele é congelado a cerca de dez metros de nós, os punhos erguidos no ar, a boca aberta em um grito sanguinário.

Depois de usar seu olhar de pedra, Daniela esfrega as têmporas, como se estivesse com muita dor de cabeça. Ao ver a mim e a Sam, ela inclina o quadril e levanta uma das sobrancelhas.

— Essa é minha função oficial? Transformar monstros em pedra e salvar traseiros? Porque... — Daniela para ao ver meu estado. — Deus do céu, cara!

— Sim, obrigado pela ajuda — digo, apertando seu ombro ao passar pela muralha de estátuas.

Daniela parece bem cansada, como todos, mas no geral está ótima. Há mogs de pedra por todo o corredor. Ela andou usando bastante seu Legado.

— Ah, você escapou — comenta Nigel.

Ele e Ran estão juntos entre algumas estátuas mogs, usando-as como esconderijo. O garoto britânico está pálido, as feridas do combate contra Phiri Dun-Ra ainda sangrando muito.

Faço que sim, me sentindo culpado, como se os tivesse decepcionado. Muitas mortes aconteceram ali. Muita destruição.

— Venham — digo. — Vamos dar o fora daqui.

Patience Creek está em silêncio. Sem nada nos perseguindo ou atirando em nós, nosso grupo chega ao elevador sem problemas. A

máquina ainda funciona, embora tenhamos que gastar algum tempo tirando corpos dali. Há vários deles. E não muitos sobreviventes.

Primeiro seguimos até o andar mais baixo e encontramos Malcolm, junto com alguns cientistas, o agente Noto e os cinco Chimæra. Todos os animais sobreviveram ao combate sem nenhum dano além de um pouco de pelo queimado e, no caso de Bandit, um rabo lacerado. Todos, humanos e Chimæra, parecem exaustos.

Depois começamos a procurar nos outros andares. Não encontramos nada além de mortos até chegarmos ao nível superior, aquele onde Lawson mantinha seu centro de controle. Somos atraídos pelo som de aparelhos de tevê sintonizados ao que parece ser uma dezena de noticiários mostrando um estado geral de pânico.

Cinco está no escritório de Lawson, de costas para a porta, assistindo às notícias na parede coberta de telas. Ele saca sua lâmina quando nos ouve chegar, mas logo a recolhe quando percebe que não somos mogs.

— Ela escapou — diz Cinco, parecendo frustrado. — Tinham um posto de concentração alguns quilômetros ao sul daqui, na floresta. Foram embora quando perceberam que a maré estava virando. Sei como eles agem. Logo vão voltar com reforços.

Sam e eu entramos na sala com cuidado enquanto Cinco fala, o resto do grupo esperando lá fora. Cinco veste uma farda que encontrou em algum lugar de Patience Creek, ou pegou de algum soldado morto. Acho que a última opção é mais provável, considerando os respingos de sangue na camuflagem.

— Vai tentar me prender de novo? — pergunta Cinco, me olhando por cima do ombro.

— Não — respondo.

— Que bom.

Sam e eu ficamos ao lado de Cinco, nós três olhando os monitores. O bombardeio mogadoriano começou. Estamos vendo filmagens de pelo menos dez cidades diferentes, todas sendo aos poucos destruídas pelas naves de guerra. Meus olhos saltam de catástrofe em catástrofe, parando no Arco do Triunfo, quando a construção se parte ao meio, os dois pilares se chocando um no outro.

— Este planeta está ferrado — comenta Cinco.

Sam o ignora e olha para mim.

— E agora, John?

— Vamos com tudo o que temos para cima deles — digo de pronto, olhando na direção de Cinco. — Tudo. Ou acabamos com esta guerra, ou morremos tentando.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

NÃO TEMOS TEMPO para prantejar os mortos. Nossos amigos e aqueles que mal tivemos a chance de conhecer. Não temos tempo de pensar no número de vidas perdidas e na nossa responsabilidade por elas.

Talvez seja melhor assim.

Quando aterrissamos a nave de Lexa em frente a Patience Creek, o massacre já terminou. Só chegamos a tempo de ajudar os sobreviventes a escapar. Não queremos estar ali quando os mogs enviarem reforços. Há outros campos de batalha que precisam de atenção.

Levantamos voo no céu noturno, deixando a cabana estranha e seus túneis secretos para trás.

Continuamos a receber notícias de todo o mundo. Algumas cidades já foram destruídas após o início do ataque das naves de guerra. Outras estão aguentando firme, em um longo jogo de gato e rato contra as tropas mogs terrestres, mantendo-se um passo à frente dos bombardeios. Alguns exércitos recuaram, esperando para contra-atacar.

Esperando a nossa ajuda.

— Um ataque coordenado usando a tecnologia de camuflagem que vocês forneceram — diz Lawson, repassando os detalhes mais uma vez.

Seu telefone via satélite não para de fazer barulho desde que o resgatamos junto com os outros. Ele continua: — Todos os nossos aliados... Inglaterra, China, Alemanha, Índia, enfim, todos os países que ainda dispõem de poderio militar... nós atacaremos ao mesmo tempo, antes que os inimigos percebam que descobrimos como passar pelos escudos. Vamos com tudo para cima deles enquanto ainda podemos contar com o elemento surpresa.

— E, enquanto isso, atacamos a base de West Virginia — diz John. — Matamos Setrákus Ra e destruimos o que ele construiu por lá.

John está péssimo. As feridas causadas por Phiri Dun-Ra cicatrizaram, com exceção dos cortes em volta do pescoço, mas sua palidez ainda é preocupante, as olheiras em um tom escuro de roxo. Estamos todos amontoados na pequena nave, mas John é um dos poucos que estão sentados. Ele bem que precisa. Enquanto repassa o plano com Lawson, Marina dá pontos nos cortes mais profundos em seu pescoço. Ele se encolhe algumas vezes. Nem pensamos em trazer conosco algum dos médicos militares que sobreviveram. Já fazia algum tempo que não precisávamos de ajuda para curar uma ferida.

— Sabe... — fala Lawson, pensativo, olhando para Sam. — Se esse jovem pode falar com as máquinas, ele deve ser capaz de se comunicar com as naves de guerra inimigas. Poderíamos usá-lo para desativar os escudos delas.

Sam arregala os olhos.

— Eu... teria que estar muito perto — explica ele, tentando ser útil. — E não sei muito bem por quanto tempo duraria...

— Nem pense em usar o Sam — interrompo. — Ele é o único capaz de copiar o sinal, e você ainda quer enviá-lo a vinte zonas de guerra para gritar com as naves inimigas? Ele já não fez o bastante?

Lawson olha para mim com uma sobrancelha levantada.

— Foi só uma ideia. É verdade que o risco pode ser maior do que a recompensa.

— Vamos seguir o plano — diz John.

Sam me lança um olhar aliviado. Continuo encarando Lawson.

— Se isso falhar... — começa Lawson.

— Não vai — insiste John.

— Se falhar, não posso me pronunciar em nome de todos os países do mundo, mas se o inimigo for imbatível, o posicionamento dos Estados

Unidos é de se concentrar em salvar vidas.

— Você está falando de rendição — constato.

Lawson contrai os lábios.

— Diminuir as perdas — responde ele. — Viver para lutar mais um dia. Preservar o maior número de vidas possível.

John e eu nos entreolhamos. Se o contra-ataque falhar, dificilmente estaremos vivos para ver o que vai acontecer. O que Lawson fará nesse futuro sombrio não importa.

— Faça o que tiver que fazer — diz John.

Deixamos Lawson em um campo aberto perto de Pittsburgh. Há um comboio militar à espera dele, uma reposição para os esquadrões que morreram em Patience Creek. Os faróis dos Humvees são a única iluminação ali. Uma brisa fria sopra pelo campo, fazendo a grama alta balançar. Nosso grupo — Iorienos, Gardes humanos, amigos, sobreviventes — está do lado de fora da nave de Lexa. Pouco a pouco, os humanos começam a seguir em direção ao comboio, os cientistas e os poucos soldados sobreviventes mancando. Aonde quer que estejam indo, com certeza será muito mais seguro do que ficar com a gente.

— Tenho equipes a postos nas coordenadas que você me deu, protegendo as rochas alienígenas — conta Lawson. — Estão à sua espera. Assim que receberem os dispositivos, vamos dar início ao ataque.

— Pode deixar com a gente — responde John.

— Como exatamente os exércitos da Terra planejam derrubar as naves de guerra? — pergunto, sendo vencida pela curiosidade.

— Cada país tem um plano diferente — responde Lawson com ar severo. — Pelo que ouvi falar, a China e alguns outros devem fazer um ataque nuclear. A maior parte da União Europeia não quer correr esse risco, então deve optar pelo bombardeio de mísseis. A esperança é que os cascos gigantescos das naves não consigam absorver muito impacto sem o campo de força.

— E os Estados Unidos? — indaga John.

Lawson sorri.

— Por sugestão minha, vamos seguir seu exemplo, John. Voar até lá com o maior número possível de pessoas, invadir as naves e liquidar cada maldito alienígena que virmos.

— Gostei — digo.

Lawson concorda, enfiando os polegares nos passadores do cinto e olhando para nós. Então assente para si mesmo, como se estivesse satisfeito por sermos sua maior chance. Ou conformado. É difícil dizer.

— Acho que é isso — conclui o general. — Vejo vocês do outro lado.

Ele atravessa o campo em direção ao comboio. Caleb, cujo irmão gêmeo pelo visto nunca existiu, vai atrás dele.

— Caleb, espera — diz John.

Com um olhar nervoso para Lawson, Caleb para e se vira para encarar o restante de nós. Ele está ao lado de Nigel e Ran. A japonesa me parece indecifrável, como sempre. Nigel, por outro lado, está abalado. Toda a petulância de antes desapareceu. A camiseta surrada do Misfits ainda está manchada de sangue. Embora Marina tenha curado suas feridas, o último combate deixou mais do que marcas físicas no britânico. Daniela está com os dois, tomando conta deles. Não sei muito bem o que aconteceu em Patience Creek, mas parece que a garota durona da cidade desenvolveu um senso de proteção com relação aos outros Gardes humanos.

— Os Anciões de nosso planeta nos enviaram à Terra para nos manter seguros, para que, um dia, estivéssemos prontos para lutar e vingar nossa destruição — conta John aos humanos. — Este dia chegou. Vocês não estão prontos para a batalha que enfrentaremos. Nós treinamos a vida inteira para isso. O treinamento de vocês está apenas começando. Seu dia vai chegar.

Daniela abre a boca para protestar. Olho em seus olhos e balanço a cabeça com sutileza, relanceando em direção a Nigel e Ran. Ela capta a mensagem e fica quieta.

— Ganhando ou perdendo, amanhã seu mundo será um lugar diferente. E vai precisar de protetores. Uma hora, vocês vão ter que entrar em ação.

John olha para Sam, que está por perto, e esboça um sorriso. Então, continua: — Mas, por enquanto, acho que os futuros protetores precisam de proteção. Todos nós, pelo menos por um tempo, fomos protegidos pelos encantamentos que foram queimados em nossos tornozelos. Não podemos fazer isso por vocês, mas podemos lhes dar outra coisa...

Não sei bem do que John está falando até Regal, nosso Chimæra em forma de gavião, pousar no ombro de Caleb. O rapaz dá um pulo, acalmando-se apenas quando percebe que as garras da ave não vão machucá-lo. Regal abre as asas e bagunça o cabelo dele.

Bandit, o guaxinim, arranha a perna de Nigel com as patas pretas até o britânico se sentir obrigado a pegá-lo. Gamera, arrastando-se pela grama na forma de uma tartaruga, para perto de Ran. Ela se abaixa e passa o dedo na testa escamosa dele, e, pela primeira vez, eu a vejo abrir um sorriso.

— Ele se chama Gamera — diz Malcolm a Ran. — Dei esse nome em homenagem a um dos meus monstros antigos preferidos.

Ran olha inexpressiva para Malcolm.

— Lutou contra o Godzilla — explica.

Ran deve ter entendido a palavra "Godzilla", já que revira os olhos e volta a acariciar a tartaruga.

A golden retriever Chimæra, Biscuit, pela qual Sarah tinha tanto carinho, caminha devagar até Daniela e abana o rabo com alegria quando a nova dona começa a coçar atrás de suas orelhas. Percebo alguma coisa diferente no rosto de John; é difícil dizer exatamente o que é, pois já está quase escuro, mas ele parece satisfeito.

E, por fim, com uma agilidade impossível para um felino com seu peso, Stanley pula nos braços de Sam, que ri, e o som me faz sentir um alívio no peito. Eu estava com tanto medo de algo horrível ter acontecido com ele em

Patience Creek enquanto estávamos distantes... assim como John e Sarah. Só agora estou relaxando um pouco.

— Pronto, Stanley, pronto — diz Sam, segurando o pesado gato, que ronrona em seus braços. — Nossa relação é oficial.

Nove fecha a cara.

— Você tem que mudar o nome desse gato idiota.

— Estes Chimæra serão seus protetores até vocês dominarem bem o funcionamento dos Legados — continua John, olhando para Bernie Kosar, sentado tranquilamente aos seus pés na forma de um beagle. — E então eles serão seus mais valiosos aliados. Um dia, se tudo der certo, poderemos ajudá-los mais, treiná-los como nossos Cêpans fizeram conosco...

Cinco, um pouco mais afastado, solta uma risada sombria. Todos viram na direção dele, o olhar de Marina particularmente frio, e ele se afasta um pouco mais.

— Mas até esse dia chegar... — continua John, depois para.

Ele não sabe mais o que dizer. Ou talvez não acredite que esse dia vai chegar.

— Metam o pau e deixem a Terra orgulhosa — conclui Nove por ele.

Caleb, Nigel e Ran se despedem e se juntam ao grupo de Lawson. Daniela fica um pouco mais. Ela me dá um abraço forte, em seguida vira para John e Sam.

— Vocês sabem que sou bastante durona e posso ajudar — diz, então aponta para os outros humanos por cima do ombro. — Mas alguém precisa tomar conta deles.

John concorda com a cabeça, sorrindo, cansado.

— Cuide-se, Daniela.

— Não morra — responde ela, e vai se juntar aos outros.

Sam acaricia a cabeça de Stanley, olhando para John com a sobrancelha erguida.

— Sei que você não espera que eu vá com eles.

— Não — responde John, balançando a cabeça. — Você está preso com a gente.

Malcolm cruza os braços, olhando para Sam.

— Eu também vou. Sua mãe vai me matar se eu deixar você enfrentar o fim do mundo sem supervisão.

Passo o braço em torno da cintura de Sam e descanso a cabeça em seu ombro.

— Sêrio — digo, repreendendo-o. — Ligue para sua mãe.

A agente Walker é a última a se juntar à comitiva de Lawson. Ela para em frente ao nosso grupo sem jeito, olhando de mim para John, depois para Nove. Por fim, ela suspira.

— Eu só quero dizer... — Ela hesita. — Obrigada. Por me darem a chance de consertar alguns dos danos que causei. Por... — Ela balança a cabeça e acena com as mãos. — Obrigada.

— Não foi nada — diz Nove.

— Cuide da garotada, Walker — responde John. — Eles precisam de alguém tomando conta. Alguém que não queira só usá-los pelos seus poderes. E pode ser você.

Walker assente, então vira e segue em direção aos faróis do comboio. Em pouco tempo, os faróis dão lugar às lanternas traseiras, e logo estamos sozinhos no campo escuro.

Eu e Sam. Malcolm e Lexa. John e Bernie Kosar. Nove. Marina e Ella. Cinco. Sou eu quem quebra o silêncio.

— Vamos ganhar esta guerra.



Mais uma vez Lexa nos leva para o norte, rumo às cataratas. A viagem é silenciosa e sombria, todos cansados demais, ou pensativos demais para falar qualquer coisa. John adormece, provavelmente pela primeira vez em dias; Marina está ao lado dele, os olhos atraídos pelo ferimento que desafia sua capacidade de cura. Cinco opta por não viajar na nave, mas ao lado dela, uma decisão que acho que agradou a todos.

Sam e Malcolm aproveitam esse tempo para ligar para a mãe de Sam. É uma conversa sofrida, que tento não ouvir. Do outro lado do corredor, Nove olha para mim.

— Deve ser bom ter alguém de quem se despedir, né? — diz ele em voz baixa.

Fecho a cara.

— Ninguém está se despedindo, Nove.

— Qual é, Seis! Acredita mesmo nisso?

Quando chegamos às cataratas, Adam e Rex acabaram de preparar nossas remessas. Os dois mogs encheram mochilas resistentes — cortesia dos canadenses — com dispositivos de camuflagem retirados dos Escumadores da nave de guerra que roubamos. Também dividimos entre as mochilas os celulares e aparelhos que Sam ordenou que copiassem os sinais de dispositivos de camuflagem.

Nove olha para Rex.

— Se eu checar essas mochilas, será que vou descobrir que você, tipo, sabotou alguma coisa?

Rex passa a mão pelo cabelo preto curto, sem saber como responder. Adam se aproxima.

— Já chega, Nove — diz ele. — Rex é íntegro. Podemos confiar nele.

— Para mim, isso é como atirar pedrinhas em um deus — comenta Rex em tom calmo, olhando para as mochilas. — Só espero que baste para derrubar o Adorado Líder. Seria... algo interessante de se ver.

— Bem, pelo menos ele é otimista — diz Nove com sarcasmo.

Ao todo, cada mochila tem cerca de trinta dispositivos de camuflagem. Uma mochila por zona de guerra.

— Será que vai ser suficiente? — pergunta Marina.

— Tem que ser — responde John.

Ella direciona o tráfego, já que sabe onde estão as novas pedras de loralite que afloraram na Terra desde que liberamos a Entidade. De acordo

com Lawson, haverá pessoas esperando em cada local para receber nossas entregas. Caberá a elas decidir como usar os dispositivos de camuflagem. Espero que tenham planos sólidos.

— Você só precisa imaginar para onde quer ir — explica Ella enquanto estamos em um semicírculo ao redor da pedra das Cataratas do Niágara; o fraco brilho azul é nossa única fonte de luz.

— Se tiverem dificuldade, posso ajudar... colocar uma imagem na sua mente — continua ela. — Quando eu estava ligada à Legado, vi todas as pedras ao mesmo tempo, então sei como são os arredores.

— Isso é bom — diz Sam, olhando para a lista de locais. — Cabeça do Leão é um lugar e não, hã, a cabeça de um leão, certo?

Ella olha para ele.

— Eu vou ajudá-lo, Sam. Não se preocupe.

Nove levanta a mão.

— Se imaginarmos uma cabeça de leão de verdade...

— Não — interrompe Ella, concluindo o pensamento dele. — Você não vai se teleportar para um leão.

Permito-me abrir um discreto sorriso. Eles estão brincando; em face de tudo o que aconteceu, ainda conseguem fazer isso.

— Vamos lá — diz John em tom brusco.

Nós nos dividimos em grupos de dois para fazer as entregas. Nove e Marina. Eu e Sam. Como ninguém quer formar dupla com Cinco nem ser deixado para trás com ele, John concorda em acompanhá-lo. O restante do grupo fica. Adam e Rex levam Malcolm até a nave de guerra para explicar parte do funcionamento, na esperança de que ele ajude a pilotar aquela coisa colossal quando atacarmos West Virginia.

— Pronta? — pergunta Sam.

— Pronta — respondo, e, de mãos dadas, com a mochila de dispositivos de camuflagem pendurada no ombro de Sam, tocamos a pedra de loralite e nos focamos em uma imagem mental que Ella nos envia por telepatia.

Um brilho caloroso de energia nos envolve e, um segundo depois, precisamos proteger os olhos. Está amanhecendo na África do Sul, e estamos no cume da Montanha Cabeça do Leão. Há seixos decorativos ao lado de jardins bem cuidados — um lugar para turistas tirarem fotos. A pedra de loralite se projeta no meio de tudo, rachando as pedras artificiais e deslocando as plantas. A vista é de tirar o fôlego. Estamos na altura das nuvens. À esquerda, vejo o oceano de um azul cristalino, o sol deixando um brilho dourado nas ondas. À direita, vejo os edifícios brancos movimentados da Cidade do Cabo.

A cena seria tranquilizadora se não fosse pelo helicóptero voando devagar a apenas alguns metros de distância. O constante *vup-vup-vup* dos rotores arruína a calma da manhã. Há um grupo de soldados camuflados de guarda ali perto. Como aparecemos do nada, alguns se assustam, e outros apontam os rifles de assalto em nossa direção. A maioria continua impassível. Acho que dá para se acostumar a ver coisas malucas durante uma invasão alienígena.

Dois dos soldados correm até nós e pegam a mochila com Sam. Eles não nos dizem nada, e não dizemos nada a eles. Logo todos entram no helicóptero e partem para atacar a nave de guerra mais próxima. Johannesburgo, eu acho.

— Um "obrigado" teria sido legal — reclama Sam.

Dou de ombros e viro para apreciar a vista. É tão linda que esqueço, por cinco segundos, o que estamos fazendo ali e as probabilidades que estão contra nós.

— Eu sempre quis ver o mundo, sabia? — digo.

— Isto é, em um contexto em que não se está fugindo para sobreviver ou enfrentando um chefe alienígena, né?

— É — admito com um sorriso travesso. — Acho que vocês, terráqueos, chamam isso de férias.

Sam se aproxima e, juntos, observamos o oceano.

— Talvez quando... — começa ele, então para.

Olho para ele.

— Talvez quando...?

O olhar de Sam se desvia para seus tênis.

— Eu ia dizer que talvez, quando tudo isso acabar, a gente possa tirar umas férias. Mas eu não deveria falar assim. Ou fazer planos. Quer dizer, depois de tudo o que aconteceu. Oito, Sarah, Mark... — Sam balança a cabeça. — Ainda não acredito, sabe? Não consigo nem entender. São pessoas com quem cresci, que conheci durante a vida inteira. Caramba, o mundo inteiro! Está tudo virado de cabeça para baixo. Nós provavelmente vamos morrer em poucas horas. E eu pensando em férias. Parece errado.

Corro a mão pela nuca de Sam, enrosco os dedos em seu cabelo e puxo.

— Ninguém vai morrer, Sam.

— Todo mundo vai morrer, Seis. Quer dizer... no mundo todo.

— Vamos conseguir — digo, puxando seu rosto para perto. — E, se você acha que está prestes a morrer, Sam, quero que se lembre deste momento. Lembre-se de que estamos lutando por isso, pelo futuro. Nosso futuro.

Sam respira fundo.

— Ok. Está bem, você está certa.

Ele olha por cima do ombro para a pedra reluzente de loralite pronta para nos levar de volta para as cataratas e então para a próxima entrega.

— Precisamos ir.

Inclino a cabeça para trás e respiro fundo — o ar é fresco e revigorante aqui em cima, com apenas um cheiro suave de maresia.

— Um minuto — digo, entrelaçando meus dedos nos dele. — Um minuto para apreciar o mundo.

E, assim, ficamos um minuto lá. Absorvendo aquilo tudo.

Fazemos o mesmo quando nos teleportamos para as areias ondulantes do Saara, o ar seco e causticante, a pedra de loralite parecendo um oásis reluzente.

E outra vez quando chegamos ao Monte Zao, no Japão, a pedra de loralite próxima ao lago de uma cratera vulcânica que brilha com uma intensidade até maior que a da pedra. A neve sopra em nossos rostos, e nós rimos. Os soldados japoneses que pegam o equipamento olham para nós como se estivéssemos loucos, como se estivéssemos perdendo tempo.

Podemos perder alguns minutos.

Paramos em Portugal. Paramos no interior desértico da Austrália. Um minuto extra passado em cada lugar, um minuto que só serve para contemplação. Férias de cinco minutos.

Em pouco tempo, terminamos. As entregas foram feitas. Estamos de volta às cataratas, no meio da noite, e só temos mais um destino. West Virginia.

Sam e eu trocamos um último sorriso e assumimos nossas posições. Nós nos preparamos para fazer o que for necessário.

Ao amanhecer, de uma forma ou de outra, tudo isso vai acabar.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

NOSSA NAVE DE guerra levanta voo em direção a West Virginia. Vemos a noite passar pelas janelas amplas da ponte mogadoriana. Estrelas piscam no alto, enquanto lá embaixo postes e casas estão iluminados; esta parte do nordeste dos Estados Unidos permanece intocada pela invasão. Eu me pergunto se alguém ali por acaso olhou para cima e viu nossa imensa nave em forma de escaravelho. Ou somos apenas mais uma nuvem escura cruzando o céu noturno?

Acendo meu Lúmen. É bom ter os Legados de volta com força total depois do que Phiri Dun-Ra fez comigo. É como se meus olhos enxergassem as cores outra vez. Ainda sinto uma dor fraca dentro de mim por tê-los usado demais, como uma linha que está pouco a pouco se desfiando no meu peito, sem falar da sensação de ardor nas mãos que não vai embora. Ignoro tudo isso assim como a dor mais aguda do ferimento no pescoço, ainda sensível pelos pontos inexperientes de Marina.

Estendo a mão como uma lâmina e faço um pequeno jato concentrado de fogo sair dos dedos. Aumento a temperatura, deixo-a incandescente, e me torno um maçarico. Então, começo a trabalhar.

Estou sozinho no deque de observação, uma pequena varanda projetada para ser confortável segundo os padrões mogadorianos, posicionado sobre a ponte. Lá embaixo, a maioria dos outros está trabalhando para preparar o ataque. Estabelecemos o curso, e, por

sorte, manter a altitude e voar em linha reta são coisas que Rex pode fazer sozinho. Lexa observa por cima do ombro dele, tentando entender o básico para caso precise ajudar a pilotar mais tarde.

Existem quatro estações de ataque, uma para cada quadrante da nave, e cada uma tem uma variedade de botões que comandam diferentes armas, além de telas com vídeos holográficos para fazer a mira. Há também uma quinta estação que opera o canhão de energia principal da nave, uma versão menor daquele da *Anúbis*, que é capaz de destruir quarteirões inteiros em um instante. De acordo com Adam, o ideal é haver equipes de engenheiros sob o deque para cuidar do carregamento de células de energia e garantir que as armas não superaqueçam.

Eu matei todos eles, então vamos ter que torcer para que nada exploda ou fique sem carga.

Malcolm senta em uma das estações, recebendo de Cinco um curso rápido sobre como operar as armas. Surpreendentemente, Cinco é muito paciente. Lembro quando os dois se juntaram a nós em Chicago. O pai de Sam foi bem legal com ele. Tem sido assim com todos nós, na verdade. Direciono minha audição para eles quando Cinco está terminando de explicar.

— Você se importa se eu perguntar como sabe de tudo isso? — questiona Malcolm.

Cinco passa a mão pelo cabelo arrepiado.

— Era para eu comandar uma destas — responde, sem rodeios. — Pelo menos, foi o que ele me prometeu.

— Entendi — diz Malcolm; então, faz-se um silêncio constrangedor. — Você poderia me mostrar mais uma vez como acionar o dispositivo que confunde o radar?

— Claro.

Atrás de Malcolm e Cinco, Sam e Adam estão na estação do comandante. Adam está ensinando a Sam as diferentes funções da nave de guerra. Ele descreve quais consoles controlam escudos, motores e aparelhos de suporte à vida. Dá a Sam uma ideia de quais sistemas são absolutamente necessários e quais podemos perder se for preciso. A esperança é que Sam use seu Legado para se comunicar com a nave de guerra, dando comandos verbais para substituir as funções das dezenas de membros da tripulação que não temos. Seis fica por perto, observando-os com um sorriso perplexo. Eu ouço.

— Sabe — diz Seis —, na última vez em que se comunicou com uma nave, ele quase a derrubou.

— Ei — responde Sam. — Não é justo.

Adam franze a testa para ele.

— Talvez eu devesse anotar algumas informações.

Sabemos que a *Anúbis* nos espera em West Virginia. A capitânia da frota mogadoriana está no caminho entre nós e Setrákus Ra. Precisamos derrubá-la contando com uma equipe reduzida e não treinada. As duas naves têm escudos, mas a *Anúbis* tem armas maiores. De acordo com Adam, nossos escudos vão se degradar mais rápido do que os deles.

Que bom que estamos levando mais do que apenas armas mogadorianas.

Desvio o olhar dos outros ao ouvir um chiado nas minhas mãos. O maçarico incandescente de Lúmen está começando a funcionar.

Seguro o laço Voron que um dia deixou uma cicatriz em Setrákus Ra e me marcou há pouco. Observando com mais atenção, agora que não está mais amarrado em meu pescoço, o material do laço lembra um cipó, só que feito de algo parecido

com um plástico duro. As beiradas são afiadas, e à medida que o derreto tomo cuidado para não cortar os dedos. O material, encontrado apenas em Lorien, emite um brilho roxo intenso enquanto o aqueço, e começa a adquirir a consistência de cera de vela. Não deixo a substância derretida pingar no chão. Antes que caia, eu a pego com a telecinesia e começo a remodelá-la.

Quando termino, o laço se tornou algo mais parecido com uma adaga. É mais ou menos do comprimento do meu antebraço, com um cabo improvisado onde permiti que o Voron formasse uma guarda. A lâmina tem forma de diamante, com quatro arestas e uma ponta bem afiada. Eu a viro na mão para observá-la, testo o peso e o movimento para frente e para trás com força.

É o que vou usar se eles tirarem meus Legados de novo. Vou enfiar isso bem no coração de Setrákus Ra.

— Sinistro — diz Nove, da entrada.

Eu estava tão concentrado que nem o ouvi se aproximar. Ele sorri para mim, observando a lâmina. Usando telecinesia, eu a faço flutuar até Nove, que a pega do ar, testando alguns movimentos.

— Nada mau — conclui ele, fazendo-a flutuar de volta para mim. — Sinto falta do meu cano, cara. Não acredito que aquela droga quebrou.

— É, sinto falta do meu escudo — respondo, inclinando a cabeça na direção de Nove. — E aí, tudo certo?

— Hã... — Nove se aproxima mais e se apoia na grade do deque. Então, baixa a voz. — Eu, hã... queria pedir desculpas por aquela vez que bati em você em Chicago.

Chego a bufar de surpresa.

— Do que você está falando?

— E também em Nova York, quando estraguei nosso ataque surpresa batendo as mãos com aquelas luvas sônicas estúpidas. Desculpa por isso também.

— Ok — respondo, levantando as mãos. — O que você está fazendo?

— Por todas as vezes que eu disse uma coisa que aborreceu ou fiz algo que quase matou você. Sinto muito.

— Olha, se você está dizendo tudo isso porque acha que podemos morrer lá embaixo, não precisa.

— Ah, não tem essa de “podemos” para mim — diz Nove, me olhando nos olhos. — Eu com certeza vou sobreviver a essa merda. Você, por outro lado, está nessa coisa toda de voar sozinho e não precisar dos amigos, como se fosse movido a raiva... Como se não se importasse com o que acontece com você...

Eu começo a protestar, mas Nove levanta a mão.

— Não, está tudo bem. Os outros podem não entender, mas eu entendo. Essa coisa de ir com tudo. Faça o que precisa fazer, cara. Mas não quero que você morra enquanto toda essa bosta pesa na minha consciência.

— Está bem, Nove — respondo, balançando a cabeça. — Você está perdoado.

— Além disso, precisa saber que prefiro que você saia vivo desta comigo — continua ele. — Você é meu irmão. E, hã... isso seria perfeito.

Antes que eu possa detê-lo, Nove me dá um abraço de urso. Não demora muito e termina com ele batendo nas minhas costas com força suficiente para me fazer tossir.

— Você sempre foi o melhor ajudante que um cara pode querer — diz ele.

— Vai se ferrar, Nove — respondo.

Ele sorri.

— A gente se vê, Johnny.

Nove me deixa sozinho no deque de observação. Prendo a adaga Voron em um passador de cinto. Estamos nos aproximando de West Virginia. Eu deveria descer e me preparar. Mas fico ali em cima, pensando no que ele disse. Será que está certo? Será que eu não quero sobreviver? Tento imaginar um depois... um mundo onde derrotamos Setrákus Ra e eu ainda estou vivo. Eu adorava devaneios como esse.

Agora, não consigo imaginar.

Não sinto medo. Acho que o medo está enraizado na expectativa. Na preocupação com a possibilidade de as coisas não saírem como planejado, de que algo o fará sofrer; no temor da tristeza que está por vir — tudo isso desaparece quando se aceita o caráter definitivo das coisas.

Não é tão ruim saber que não há futuro. É libertador.

Quando desço da plataforma, topo com Marina. Ela está na escada, de braços cruzados, assistindo aos nossos amigos se familiarizarem com a nave de guerra. Eu sei muito bem para quem ela está olhando.

Cinco. Ele está sentado em um dos consoles de armas, os ombros curvados, executando um diagnóstico enquanto Sam e Malcolm observam. Ele deve sentir que ela não para de encará-lo, mas prefere seguir adiante do que mostrar que percebeu. Quando me aproximo, noto que o ar em torno de Marina está um pouco mais frio.

Ela olha para mim e seus lábios se curvam para baixo.

— Já sei o que você vai dizer — declaro. — Que não podemos confiar nele. Que Cinco é perigoso. Concordo com tudo isso.

— E eu já sei o que você vai responder — retruca ela, imitando meu tom. — Ele é um mal necessário. O inimigo do meu inimigo é meu amigo. Momentos desesperadores exigem medidas desesperadas.

— Por favor, me diga que não uso tantos clichês. — Ela franze a testa para mim. Esfrego as mãos para aquecê-las. — Ele salvou muitas vidas em Patience Creek, Marina. Ele salvou minha vida.

— É, fiquei sabendo sobre... a atuação dele — diz ela, uma nota de desgosto na voz. — Sam me contou que ele estava gostando do que fazia, que poderia ter matado Phiri Dun-Ra de uma vez, mas preferiu retalhar várias vezes o braço dela. Se nos permitirmos ficar tão cruéis e brutais assim, será que vencemos mesmo?

Penso em quantos mogs matei durante meu ataque a esta nave de guerra. Então, me lembro de como Cinco me olhou quando falei com ele pela primeira vez em Patience Creek, de quando me disse que eu tinha me tornado igual a ele.

Minha expressão deve ter se alterado, porque Marina aperta meu braço.

— Eu sinto muito. Não quis dar uma lição de moral — diz ela. — Só quero que a gente lembre que, no que diz respeito a Cinco, matar um inimigo comum não faz dele um aliado. Usá-lo como arma não significa que ele esteja salvando vidas de bom grado.

— No geral, eu concordaria com você. Mas não hoje.

Marina acena com a cabeça devagar, resignada ao fato de que vai lutar ao lado de Cinco.

— E depois, John? Ele vai pagar pelo que fez?

Essa palavra outra vez.

— Depois. — Desvio os olhos de Marina. — Depois dependerá de você.

Marina começa a me fazer outra pergunta, mas já estou descendo depressa o resto da escada. Adam olha para mim quando subo na ponte.

— Estamos quase lá — avisa ele. — Não quero chegar muito perto, caso eles tenham batedores de prontidão.

— Tudo bem — respondo, e volto o olhar para Ella, que está sentada em uma das estações abandonadas massageando as têmporas. — Você conseguiu criar aquele mapa?

Ela faz que sim.

— Passei os dados para o computador. Malcolm me ajudou a estimar a escala.

Ao ouvir isso, o pai de Sam levanta um chapéu imaginário.

— Vou mostrá-lo agora — diz Adam.

Uma grande área da imensa janela fica opaca e, um segundo depois, um mapa tridimensional da base mogadoriana na montanha aparece na tela. Não é exatamente uma planta, considerando que Ella e Malcolm produziram tudo à mão e de memória. Mas é bastante preciso. Essas lembranças foram tiradas de mim, de Nove, de Seis, de Sam e de Adam. Todos nós já estivemos na base; todos temos lembranças do interior, ainda que tingidas de pânico, caos ou tortura. Ella sentou-se com cada um de nós por alguns minutos, extraiu essas lembranças e as transformou em algo tangível.

— Certo. Assim que cuidarmos da *Anúbis*, vamos atacar bem aqui.

Indico a entrada montanhosa da caverna. Embora seja no nível do chão, fica mais ou menos no meio do mapa. Os mogs escavaram a montanha tanto acima quanto abaixo da entrada.

— Ainda temos um dispositivo de camuflagem preso à nave de Lexa. Vamos passar através do campo de força da base e então ela

vai se retirar para uma distância segura até precisarmos ser resgatados. Entrarão Seis, Marina, Nove, Adam, Cinco e eu.

Sam franze a testa, como eu imaginei que faria.

— Espera. E o resto de nós?

— No começo, Ella vai coordenar os grupos por telepatia. Caso Setrákus Ra tire nossos Legados, quero que uma equipe de apoio leve Ella até lá para que use seu Dreyne e equipare nossas chances. — Ella assente com a cabeça, embora pareça desconfortável com a perspectiva de voltar a enfrentar o bisavô. — Até lá, o restante de vocês ficará nesta nave, destruindo qualquer coisa que saia daquela montanha e não seja um de nós. Com seu Legado, Sam, você ajudará mais ficando aqui.

Nove estala os dedos em direção a Rex e consegue a atenção do mog de olhos arregalados.

— E não tente nenhuma besteira. Ou meu amigo Sam Goode aqui vai matar você.

Sam suspira e olha como que se desculpando para Rex.

— Eu não vou matar você — diz Sam, embora reconsidere sua afirmação na mesma hora. — Quer dizer, vou, sim, se você tentar alguma coisa, mas você parece um cara legal, então não tente nada. Senão vou acabar com você.

Adam dá um tapinha no ombro de Rex. O outro mog balança a cabeça e se mostra bastante interessado nos esquemas à sua frente.

— Esperamos encontrar forte resistência nos cinquenta metros entre o campo de força e a entrada — continuo. — E vamos usar força bruta para abrir caminho.

Cinco e Nove sorriem.

— Menos Cinco — continuo, e ele parece perplexo.

— O quê? — pergunta.

Eu me viro para ele.

— Preciso de você para levar Seis e Adam voando pela entrada... invisíveis.

Seis olha para Cinco.

— Você está em perfeito juízo no momento, não está?

— Estou — responde Cinco de um jeito brusco; ele mantém o olho fixo no mapa e respira fundo. — É uma boa estratégia.

— Ninguém perguntou nada — diz Marina.

Continuo antes que as coisas fiquem ainda mais tensas.

— Assim que entrarem, Seis e Adam vão tentar desativar os escudos da base. — Aponto para uma seção elevada acima da entrada. — Não sabemos muito bem onde os controles ficam, mas Adam imagina que estejam por aqui. Enquanto estiverem fazendo isso, Cinco vai atacar os mogs por trás.

Sam levanta a mão.

— E o que o resto de nós vai fazer aqui?

— Assim que os escudos forem desativados, esperamos que vocês possam nos dar suporte aéreo. Vocês precisam manter o canhão de energia principal a postos.

— Vamos derrubar a montanha inteira — acrescenta Seis.

— Exatamente. Vamos enterrar Setrákus Ra lá dentro. Mas antes temos que nos certificar de que todos os experimentos doentios que ele maquinou sejam destruídos.

Aponto para as profundezas da montanha, passando por corredores sinuosos e atravessando pontes de pedra estreitas. Lembro-me dos sons que vinham dali na última vez em que estive no esconderijo secreto mogadoriano: gemidos de animais, gritos de torturados.

— Imaginamos que Setrákus Ra deve estar lá embaixo. É onde ficam os tonéis. Ele deve estar trabalhando nos experimentos.

Nove interrompe: — Acha que ele não vai subir para dar um “oi” quando chegarmos?

— Você tem razão — concordo. — Ele pode sair para nos enfrentar. Mesmo assim, ele e tudo em que tocou deve ser destruído. Quando o sol nascer, Setrákus Ra não passará de poeira na droga de uma cratera.

— Você faz tudo parecer tão fácil... — murmura Cinco.

— Ah, não vai ser fácil — respondo. — Mas podemos fazer isso. Temos que fazer isso.

— Isso é tudo — acrescenta Seis. — Isso é *por tudo*.

Sinto que alguns dos meus amigos me olham em expectativa. Tento pensar no tipo de discurso que eu teria feito alguns dias atrás, quando Sarah ainda estava viva.

— Olha, não tenho mais nada a dizer. Chegamos até aqui juntos e vamos passar por isso juntos. Chega de correr, chega de se esconder, chega de falar. Vamos lutar até vencermos.

Todos assentem. Olho para cada rosto, nos olhos de cada um, e fico espantado ao ver como estou calmo. Depois olho para além do mapa da montanha na janela, para a noite lá fora. As estrelas apareceram.

Está na hora.

— Vou espiar a *Anúbis* — digo. — E aviso quando vocês puderem se aproximar.

— Tome cuidado — adverte Marina, e a maioria dos outros ecoa suas palavras.

— Adam, pode me ajudar com a câmara de vácuo? — pergunto de saída.

O mogadoriano ergue a sobrancelha para mim, surpreso por eu pedir ajuda com uma tarefa que sabe que posso fazer sozinho. Mas ele não diz nada. Só balança a cabeça e vai atrás de mim.

Juntos, caminhamos pelos corredores vazios da nave de guerra. Os sinais do ataque ainda estão presentes, as cinzas mogadorianas sendo trituradas sob nossos pés. Adam não diz nada. Ele espera que eu fale primeiro.

— Ouça — começo, quando tenho certeza de que estamos fora do alcance de qualquer um com audição melhorada. — Assim que desativarem o campo de força da montanha, preciso que você volte para a nave de guerra.

— Beleza... — diz Adam.

— Há um risco de as coisas não saírem como planejado lá embaixo — continuo. — Se for o caso, eu o avisarei por telepatia. Quando eu fizer isso, não importa o que aconteça, não importa se alguém tentar detê-lo, você tem que disparar o canhão da nave de guerra. Destrua a montanha. Acabe com ela. Mesmo que alguns de nós ainda estejam lá. Setrákus Ra e seu trabalho não podem ver outro dia.

Adam para em meio a um passo e agarra meu braço.

— Você está falando sério?

— Sabe que estou.

Ele aperta um pouco mais meu braço, depois solta. Ao falar, mantém o tom sob controle.

— Por que... por que você está me pedindo para fazer isso, John? Só porque sou mogadoriano significa que sou frio e sem coração? Que não me preocupo com o que acontecerá com vocês?

— Não — digo, segurando seus ombros. — Sei que você se importa, Adam. Sei que vai ficar arrasado se tiver que fazer isso. Mas você também sabe que estou certo. Sabe que deter Setrákus Ra é mais importante do que... do que qualquer coisa. Se o pior acontecer, você vai acionar aquele canhão.

Adam me encara por alguns segundos, depois desvia o olhar. Então se afasta e minhas mãos caem dos seus ombros.

— Está bem, John — diz ele, apenas.

— Está bem.

Eu não preciso mesmo de ajuda com a câmara de vácuo.

Sozinho, passo pelo hangar devastado da nave, abro a saída e voou pelo céu noturno. Passo pela vastidão lá embaixo, tranquila e intocada. O vento puxa minhas roupas, frio em contraste com o suor nas minhas costas.

A montanha se ergue à minha frente, em um tom escuro de roxo em meio à noite. Esperando por mim.

Fico invisível.

A *Anúbis* paira sobre a montanha, um guardião insectoide. Seu casco metálico reflete o luar. Holofotes de busca embaixo da nave varrem a lateral da montanha, o espaço aberto ao redor da entrada da caverna, as árvores esparsas adiante. Estão nos esperando. A *Anúbis* descreve um círculo lento em volta do pico da montanha, rondando, como fazia em Nova York.

Desta vez, não vou fugir.

Pego o telefone via satélite no bolso de trás. Digito o número programado para Lawson. Duas palavras simples.

— Abrir fogo.

Não espero a resposta. Sei o que vai acontecer. Logo serão iniciados contra-ataques pelo mundo inteiro.

Solto o telefone. Deixo que se quebre na floresta alguns quilômetros abaixo. Não preciso mais dele. Chega de papo, chega de política.

Entro em contato com Seis por telepatia.

A Anúbis está sobre a montanha. Preparem-se.

Olho para trás, na direção de onde vim. Nossa nave está longe demais para ser vista, mas as nuvens de tempestade, não. Escuras e espessas, elas escondem as estrelas, arruinando o que seria uma noite de céu perfeitamente claro. Relâmpagos passam por elas, o vento ganha força e ouço granizos caindo a distância. Eles vêm na minha direção, em direção à *Anúbis*.

Vai ser uma tempestade como os mogadorianos jamais viram.
Estamos chegando.

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

— SUBA UM POUCO, Rex — diz Adam. — Quero atacar por cima. Tudo bem por você, Seis?

— Sim — respondo, distraída. — Eu cuido disso.

Estou bem em frente às janelas enormes da ponte da nossa nave de guerra, as mãos erguidas, girando os dedos. Vejo os reflexos dos outros no vidro, mas estou mais focada no que está lá fora. Puxo os fios indelévels de atmosfera que só eu sinto e faço o vento me obedecer. Se não fosse pela grossa camada de vidro à frente, eu poderia estender as mãos e tocar as nuvens turbulentas que criei.

Uma tempestade. Maior do que todas as que já fiz. Ao longo dos anos, basicamente trabalhei com raios, ventos fortes, cobertura repentina de nuvens... efeitos rápidos. Não se pode lutar contra a Mãe Natureza por muito tempo. Nunca precisei criar e manter uma enorme tempestade antes.

Bem, como Katarina dizia, *as descobertas nascem do desespero*.

— A visibilidade está péssima — diz Rex a Adam.

— Está tudo bem — responde Adam. Ela está ao lado dele, os olhos revirados, vendo tudo o que John vê. — Sabemos para onde estamos indo, e não há como perdermos o alvo. Continue subindo.

Envolvi nossa nave com nuvens de tempestade e nevoeiro. Raios cruzam o ar à frente, e o clarão faz meus olhos arderem. A nave é grande, mas minha tempestade é ainda maior. Estende-se por cerca de um quilômetro e meio e vai subindo como uma onda que avança pelo céu. Adam acionou um dispositivo para embaralhar as frequências e confundir o radar, o que, somado à estática dos relâmpagos, deve estar enlouquecendo os sensores

da *Anúbis*. Eles com certeza vão saber que estamos chegando, mas não saberão exatamente onde na tempestade estamos nos escondendo. Pelo menos não até que seja tarde demais.

Marina está ao meu lado, pronta para aumentar a força da tempestade com pedaços de gelo quando for necessário. Por enquanto, ela enxuga o suor da minha testa.

— Você está indo muito bem, Seis.

Só quando tento sorrir para ela e ouço meus dentes baterem é que percebo que estou tremendo.

Sigo em frente. Aumento a tempestade. Cada vez mais.

Os ventos uivam lá fora, audíveis mesmo dali. Os trovões estrondam.

— Imaginem as caras deles — comenta Cinco de um dos painéis de armas. — Devem estar se borrando.

— Cala a boca — responde Nove, de maneira automática.

A borda da tempestade alcança a *Anúbis*. As nuvens se dissipam no campo de força, mantendo o ar livre nos cem metros ao redor da nave.

— Sabemos se fenômenos climáticos passam pelos escudos? — pergunta Sam.

— Vamos descobrir — diz Adam. — Manda ver, Seis.

Na mente, pego um relâmpago. Só um pequeno, de teste, e o atiro no campo de força da *Anúbis*. A descarga elétrica se curva, detida pela tecnologia mogadoriana.

— Acho que não atravessou — relata Rex, parecendo ansioso.

— Pois é, mas não importa — respondo com os dentes cerrados. — Estamos bastante perto agora. Não preciso romper o campo de força. Posso ficar em volta.

Faço as nuvens escuras e a névoa se reunirem em torno da *Anúbis*, escondendo-nos, cegando-os além do alcance do campo de força. Então, mantendo essa estrutura, eu recomeço. Minha mão esquerda gira acima de

mim, fiando o vento, aumentando sua força, criando pressão. Desta vez, a tempestade se forma por dentro do escudo da nave.

— O ar... — digo. — O ar pertence a mim.

O vento fora da *Anúbis* uiva, a pressão cai. O vento rodopia em um vórtice, o mais rápido que posso, rápido o bastante para arrancar árvores e armas, tão rápido que começo a ficar um pouco zonza. O vórtice se divide, e em seguida se divide novamente. Três pequenos funis sobre o casco de metal escuro da nave de guerra, destruindo sua blindagem, impedindo-a de pairar no céu. Três tornados para derrubar a maldita nave. Também mando um pouco de chuva, e, ao meu lado, Marina pressiona as mãos no vidro, congelando a água que cai na *Anúbis*, acrescentando peso e, com sorte, danificando algum equipamento importante.

— Está recuando! — grita Rex. — A *Anúbis* está recuando!

— Isso não é bom — responde Adam. — Seis precisa criar um clima dentro do campo de força deles para derrubar os sistemas.

— Me mantenha... hã... Me mantenha perto — resmungo.

Quanto mais a *Anúbis* se afasta do nosso esconderijo nas nuvens, mais difícil fica manter o controle sobre o clima em volta da nave. A tensão é imensa, cada padrão meteorológico exigindo minha atenção. Para manter a camuflagem enquanto atacamos a *Anúbis*, preciso que estejamos a poucas centenas de metros.

Pelo canto do olho, vejo uma explosão vermelha no ar, perto da nossa nave. Um segundo depois, acontece de novo. Como fogos de artifício.

— Estão atirando em nós! — grita Sam.

— Estão atirando às cegas — responde Adam, em tom calmo. — Relaxa, eles não podem ver...

Explosão. O andar inteiro balança, nossa nave vibra. Fomos atingidos. Por um instante, o mundo inteiro parece vermelho. É o escudo da nossa nave se ativando após o ataque da *Anúbis*, o impacto iluminando o campo de força. E isso revela nossa localização para os mogadorianos.

— Eles podem nos ver! — grita Rex. — Fomos localizados...

— Preparem-se! — berra Adam.

O impacto seguinte é pior. É uma torrente contínua de energia que balança nossa nave. Eu me choco em Marina, e nós duas caímos no chão. Todos os outros se agarram às suas estações. Uma sirene estridente dispara, a mesma que soou antes, quando éramos nós atacando.

— Os escudos caíram para quarenta e oito por cento! — anuncia Rex.

— Quarenta e o *quê*?! — exclama Sam. — Pensei que esses campos de força fossem impenetráveis!

— Impenetráveis para *suas* armas — retruca Adam enquanto começa a apertar freneticamente os botões no console de comando. — Eles estão recarregando o canhão principal. Não sei se sobreviveremos a outro disparo.

Nove cambaleia até onde estamos e ajuda a mim e a Marina a nos levantarmos. Minha cabeça dói, e percebo que tenho um pequeno corte na testa. Por um instante, perdi a concentração, e foi o suficiente. Minha tempestade começou a se dissipar. Pior ainda, abaixo de nós, a *Anúbis* está fugindo do alcance dos meus Legados.

— É melhor você lançar logo uma tempestade de granizo nesses cretinos! — grita Nove comigo.

Pressiono as mãos no vidro.

— Me levem mais perto!

— Me ajude, Rex — diz Adam. — Desvie todos os sistemas desnecessários para alimentar os escudos. Leve a gente até onde nosso canhão puder acertá-los.

Rex salta do console de navegação, e Lexa se senta em seu lugar. Ela controla as alavancas, mantendo-nos flutuando acima da *Anúbis*, e nos leva cada vez mais perto.

— Aí vêm eles — rosna Cinco.

Da minha posição privilegiada, vejo a *Anúbis* se abrir, e um enxame sai de repente da lateral. Escumadores. As pequenas naves saem deslizando da

Anúbis e riscam o céu noturno em nossa direção. Com seus dispositivos de camuflagem ainda operantes, essa armada vai passar direto pelo nosso campo de força e acertar de perto nossa nave de guerra.

— Preparar armas! — grita Adam para Malcolm e Cinco, que logo se posicionam. — Não atirem até que eles saiam do raio do escudo da *Anúbis*.

— Como vamos saber...? — começa a perguntar Malcolm, um anel de suor visível em volta de seu pescoço.

— Agora! — berra Adam.

A nave de guerra trepida quando Malcolm e Cinco começam a disparar as armas auxiliares. O efeito é parecido com cinquenta armas mogs sendo acionadas ao mesmo tempo. Cinco atira sem controle, a respiração ofegante e empolgada, enquanto Malcolm rastreia os alvos com mais calma, de forma metódica. Basta um tiro para derrubar um Escumador, mas há uma quantidade absurda deles no ar.

Percebo que alguns dos Escumadores vindo em nossa direção caem sem nem sequer serem atingidos. Um brilho prateado ilumina o Escumador, que, em seguida, cai como uma pedra... porque é uma pedra mesmo. John está lá fora, invisível, voando e usando sua visão de pedra como estratégia de defesa.

— Mais perto! — grito por cima do ombro, reunindo os ventos mais uma vez.

— Estamos cuidando disso — responde Adam. — Rex, como estão os escudos?

Rex digita em desespero. Quando responde, parece apavorado.

— Eu... eu sinto muito. Não consigo redirecionar a energia. Sou um navegador; energia não é minha área.

— Está sabotando a gente, seu idiota? — rosna Nove.

— Não! — responde Rex. — Juro, eu preciso de mais um minuto ou dois...

— Deixe-me tentar! — diz Sam, enxugando o suor da testa. — Toda a energia para os escudos!

A sirene da nave para de soar.

As armas deixam de disparar.

E começamos a cair.

— Me diz que você não desligou outra nave! — grita Lexa.

— Hã, eu... — começa a responder Sam.

— Toda a energia para os escudos — repete Rex, depois outra vez, mais alto, como se estivéssemos condenados. — Toda a energia para os escudos significa que não podemos voar!

— Eu posso consertar — afirma Sam.

Ele olha para Adam.

— Restaurar a energia dos motores — diz Adam, com uma calma forçada. — Comece por aí, Sam.

— Energia para os motores! — grita Sam.

Nada muda. Sam repete, mas ou a nave não está obedecendo ou o Legado de Sam não está funcionando. Atrás de mim, ouço Rex batendo furiosamente no console.



Estamos caindo.

Meus pés chegam a sair do chão da ponte. Marina se agarra a mim, e Nove se agarra a ela. Graças a seu Legado antigravidade, os pés dele nunca saem do chão. Continuo controlando a tempestade, mesmo enquanto mergulhamos em direção à *Anúbis*.

— Vamos lá, sua lata-velha mogadoriana! — grita Sam. — Motores ligados! Faz alguma coisa!

— Espera — diz Adam, olhando pela janela e vendo o mesmo que eu. — Está tudo bem. Estamos bem.

Um raio vermelho de energia é disparado do canhão principal da *Anúbis* na nossa direção. Os escudos voltam a funcionar, e desta vez sinto um pouco

do calor chegar até nós. A janela diante de mim, grossa como uma parede de tijolos, começa a rachar.

— Os escudos suportaram o impacto! — relata Rex. — Por pouco.

— Acho que você salvou nossos traseiros, Sammy — diz Nove. — Por alguns minutos, pelo menos.

— Ainda estamos caindo, seus imbecis — acrescenta Cinco.

— Ótimo — retruca Adam. — Vamos esmagá-los. Seis?

— Sim?

— Preciso que você ataque com força total. Derrube esses caras.

Estamos despencando em direção à *Anúbis*. Eu me concentro. Um Escumador colide com nosso casco, explode, e sinto o cheiro de um pequeno incêndio em algum canto da ponte. Chego a ouvir o vento assoviando através das rachaduras à minha frente conforme ganhamos velocidade.

É meu vento lá fora.

Chegamos cada vez mais perto. Caindo.

Levanto as mãos de novo, agitando-as no ar vazio. Um tornado, outro. Uma chuva congelante que Marina reforça com pedaços gigantes de gelo. Atiro tudo isso em direção à *Anúbis*, todo o peso do céu, arrancando painéis de metal e despedaçando as armas da nave.

Vejo a energia se acumulando no canhão principal. O brilho vermelho é como o centro de um alvo. É como enfiar a linha em uma agulha, mas lanço um relâmpago bem no centro. Vemos um clarão, ouvimos um ruído elétrico, e o canhão explode em um halo de fogo. Um pedaço enorme da nave vai junto. Pequenas explosões vão se espalhando por toda a nave.

A *Anúbis* oscila.

— Continue! — grita Rex. — Você pode derrubar os sistemas deles!

Lanço raios na cabine do piloto, bem no lugar que espelha minha posição, se estivesse naquele deque, em vez de neste. Forço o vento a ir até

lá, rasgando tudo, virando a cabine do avesso. Vejo corpos de mogs serem sugados para o céu noturno, engolidos pelo tornado.

Vamos bater. Campo de força com campo de força. E não faço ideia do que vai acontecer.

Nove passou uma das mãos em volta da minha cintura e a outra em torno da cintura de Marina. Ele nos mantém firmes, os pés bem presos ao chão.

— Sabe, para quem vai morrer, poderia haver situações piores...

Eu queria ter energia para dar um tapa na cara dele. Toda a minha raiva, todos os anos e anos de sofrimento e medo, estão concentrados nesta tempestade. O vórtice é tão forte que algumas árvores da montanha são arrancadas e pegam fogo ao encostar no campo de força da *Anúbis*.

Até que uma delas não se incendieia.

— Os escudos deles foram desativados! — anuncia Rex aos berros.

— Você deve tê-los explodido — grita Adam para mim. — Continue! Segurem-se!

Nós nos chocamos contra a *Anúbis*. Nosso campo de força destrói parte do casco deles com um chiado elétrico e um barulho estridente de metais sendo triturados que me dá nervoso. Vejo mais focos de incêndio surgirem na ponte, consoles faiscando e explodindo por causa do impacto, e Marina se solta de Nove para apagá-los salpicando gelo.

A *Anúbis* começa a rodopiar.

Está caindo.

Uma torre de fogo laranja explode no ar quando a *Anúbis* atinge o campo de força que protege a base na montanha, depois ricocheteia e desaba no chão. A imensa nave ainda sai capotando por entre as árvores, derrubando tudo, despedaçando-se e abrindo uma enorme vala na terra.

— Propulsores! — grita Adam. — Sam, me devolva os propulsores.

— Nave! Ligar propulsores!

Nada acontece.

— Droga! — exclama Sam.

— Ella, estou tentando imaginar como eles são...

É isso. O mesmo truque que usamos nas Cataratas do Niágara.

— Feito — diz Ella na mesma hora. — É com você, Sam.

— Ah... propulsores! Nave, me devolva os propulsores!

Funciona. A nave obedece.

Estabilizamos. Não batemos. Meu estômago se acalma.

E a tempestade lá fora se dissipa, revelando apenas destroços flamejantes lá embaixo.

Todos na ponte comemoram. Marina me abraça. Nove também. Dou uma cotovelada no estômago dele.

Ainda não acabou.

Eu me viro para olhar pela janela quebrada. Estamos sobrevoando a montanha, a poucas centenas de metros do campo de força. Toda a área está iluminada pelo rastro de fogo deixado pela *Anúbis*. Eu os vejo lá embaixo, agrupando-se em frente à entrada cavernosa da base. Uma horda de mogadorianos, as armas apontadas para nossa nave.

Talvez seja só impressão minha, mas acho que aqueles cretinos estão apavorados.

CAPÍTULO

VINTE E SETE

TENTO NÃO FICAR encarando o rastro de destruição causado pela queda da *Anúbis*. Ainda há muito a ser feito, mas a visão da nave de guerra em pedaços na encosta da montanha me traz uma empolgação inegável.

Ainda invisível, voo sob um dos Escumadores que sobreviveram ao choque titânico das duas naves de guerra. Rapidamente, disparo uma torrente de gelo que congela os motores. A pequena nave cai como uma pedra, bem na direção dos mogs que se reúnem na entrada da base.

Por um instante, o céu está livre. Cuidei de todos os Escumadores que não foram destruídos pela nossa nave.

Noto uma explosão à direita. Os mogs lá embaixo não estão felizes. Alguns atiram a esmo com as armas a laser enquanto outros disparam o que parecem bazucas. Nada penetra os escudos da nossa nave.

Eles não estavam preparados para este tipo de ataque. Por que estariam? O campo de força da base e as armas de energia seriam suficientes para repelir qualquer coisa que os humanos usassem para atingi-los.

O excesso de confiança pode ser letal.

Voo até a segurança do campo de força da nossa nave de guerra e volto a bordo. Os outros me esperam no hangar.

Estou encharcado da chuva e com o pescoço sangrando. Senti os pontos repuxarem enquanto estava lá fora, usando a visão de

pedra para derrubar os Escumadores ao mesmo tempo que desviava dos raios de energia da *Anúbis* e era jogado de um lado para outro pelas rajadas de vento de Seis.

Ela parece quase tão mal quanto eu. Seu cabelo está uma bagunça, emaranhado e colocado ao rosto por causa do suor, como se ela também tivesse estado no meio do vendaval.

— Até aqui tudo bem — diz ela.

— A tempestade mais bonita que eu já vi — respondo.

Lexa já está na cabine da nave, junto com Marina. Adam está sentado na área de passageiros, com uma arma mogadoriana no colo. Ele evita fazer contato visual comigo. Noto um movimento em sua camisa e percebo que Poeira está com ele, se mantendo na forma de um ratinho até chegar a hora de se juntar à luta. Nove se posiciona do outro lado de Adam, e Bernie Kosar chega pulando atrás dele. Cinco vem depois de Nove, mas para em frente a mim e a Seis, seu único olho se demorando no espetáculo de luzes lá fora.

— Sabem que eles vão nos transformar em pedacinhos assim que sairmos voando daqui, né?

— Não se oferecermos outro alvo — retruco.

Seis e eu conduzimos Cinco para a nave, entramos também e fechamos a porta.

— Estamos prontos? — pergunto a Lexa.

— É só falar — responde ela.

Sam e Rex, encarregados de manobrar a nave de guerra, nos posicionam de modo que as portas do hangar fiquem logo acima da horda de mogs reunidos lá embaixo. Eles ocupam toda a área diante da entrada da montanha, atirando através do campo de força que nos impede de retribuir os disparos. Ainda não violaram

as defesas da nossa nave, mas isso não os impede de tentar. Acho que os deixamos furiosos quando derrubamos sua capitânia.

— Está bem, todos com telecinesia, agarrem esses Escumadores — digo, indicando as dezenas de naves mogs que deparamos antes. — Vamos atirá-los. Lexa...

— Uso as naves como cobertura — conclui ela, completando meu pensamento. — Pode deixar, John. Não vamos levar mais do que dez segundos para descer.

Nove estala os dedos.

— Estamos prontos.

Todos juntos, empregamos a telecinesia para atirar os Escumadores inúteis pelas portas do hangar. Para o mogs lá embaixo, deve parecer que estão sendo bombardeados por dezenas de suas próprias naves. Lexa nos conduz para fora discretamente, em meio às sucatas. Se não fosse noite, se não estivéssemos numa situação tão caótica, talvez os mogs identificassem nossa nave em meio às outras. Como não é possível, eles atiram em tudo; a escuridão ganha vida com os arcos luminosos dos disparos.

A bordo, o ambiente é de um silêncio estranho.

Por um instante, descemos em queda livre. Todos nos agarramos aos encostos dos assentos ou aos equipamentos de segurança. Absorvemos alguns tiros da saraivada, mas nada que nos faça sair de curso ou cause algum dano real.

Os primeiros Escumadores começam a atingir o campo de força da montanha e a explodir acima dos mogs. Nada consegue passar, é claro. Isso não impede que alguns dos mais estúpidos se dispersem ou se abaixem em busca de abrigo. Pequenas bolas de fogo atingem o campo de força, e é através desse calor que passamos.

— Aqui vamos nós — avisa Lexa entre dentes.

No último instante, ela nos tira da queda livre com um floreio, estabiliza a nave e nos leva até o solo. Ela aterrissa bem em cima de algumas dezenas de mogs, esmagando-os. Já que é a única nave que passou pelo campo de força, eles concentram os disparos em nós. Nove abre a rampa de saída com um chute, animado.

— VAMOS LÁ! — berra ele enquanto o assovio dos disparos mogs enche o ar.

Cinco salta em direção a Seis e Adam, seus braços musculosos envolvendo os dois, e sai voando. Eles ficam invisíveis antes mesmo de deixarem os limites da nave. Cinco sabe voar como ninguém; tenho que confiar que vai levá-los ilesos sobre a multidão de mogs até a entrada.

Restamos eu, Nove, Marina e BK para liderar o ataque.

Nenhum de nós diz nada quando avançamos rumo ao caos, às centenas de mogs prontos para nos matar. Não precisamos discutir estratégias. Já fizemos isso antes.

Assim que deixamos a rampa, Lexa tira a nave de alcance. Mas não sobe em linha reta, a decolagem é feita girando como um saca-rolhas, eliminando a primeira leva de mogadorianos. Sou grato por isso.

Os disparos mogs zunem no ar ao redor. Com a bagunça criada pela partida de Lexa, as explosões no céu e o fato de estarem todos amontoados em frente à entrada da caverna, os mogs têm tanta chance de atingirem uns aos outros quanto de nos acertarem. Mesmo assim, Nove e Marina não perdem tempo e arrancam as armas dos mogs por telecinesia e as lançam de volta na cabeça deles. Parece que está chovendo arma.

Lanço minha visão de pedra, acertando a fileira mais próxima. Assim que faço isso, Marina tritura as estátuas mogadorianas com

um bombardeio de sincelos. Os corpos se estilhaçam em pedaços que Nove pega usando telecinesia e faz girar em torno de nós. É como se estivéssemos cercados por uma chuva de meteoros de pedaços de mogadorianos. Os detritos atuam como escudo, desviando a maioria dos tiros.

Há alguns pikens espalhados em meio à multidão. As grandes feras estão agitadas com toda a confusão e acabam atropelando os mogs para nos atacar. São horrendos como sempre, os corpos musculosos que parecem um cruzamento de touro e gorila e que ainda exibem presas, garras e pele cinzenta cheia de espinhos. Eu logo lembro como essas coisas me apavoravam. Ainda em Paradise, bastou um piken enlouquecido na escola para quase matar todo o nosso grupo.

Agora, eu me mantenho firme.

Das palmas das mãos estendidas, solto um jato de fogo que atinge o piken mais próximo, que grita e queima, o corpo volumoso envolto em chamas. Eu o levanto usando telecinesia e o atiro em direção à multidão, na esperança de esmagar alguns mogs antes que a coisa se desintegre.

Bernie Kosar ataca um segundo piken. Meu velho amigo assumiu uma de suas formas preferidas para a batalha: asas poderosas, o corpo de um leão, a cabeça de uma águia — essencialmente, um grifo. Com um bater de asas, ele sobrevoa o piken, então afunda o bico na coluna da fera.

Outro piken avança para Marina. Nove corre para se colocar entre os dois e soca o focinho do bicho. Então, agarra a parte inferior da mandíbula da fera, quebrando seu pescoço e atirando-a de lado. Nove fica com o braço todo cortado por ter acertado a boca do piken, mas Marina o cura na mesma hora.

Eu atiro bolas de fogo nos mogs. Sempre que o ataque inimigo se intensifica, aumento nossa proteção com minha visão de pedra. Continuamos pressionando e ganhando terreno. Os mogs estão começando a recuar para entrada da caverna.

Isso não dura muito tempo. Cinco aparece por trás deles, o corpo todo de aço, segurando uma arma mog em uma das mãos. Brandindo sua lâmina na outra, ele ataca um monte de mogs antes de levantar voo. Com alegria metódica, Cinco se lança várias vezes em direção aos inimigos, esmagando mogs sob sua estrutura pesada de metal, levantando, apunhalando qualquer um ao redor e, em seguida, levantando voo mais uma vez para repetir o processo.

John, uma voz serena na minha mente, um alívio em meio a toda essa loucura em torno de mim. É *Ella*. *Seis avisou que os escudos estão desativados.*

Olho em volta. Já reduzimos pela metade o número de mogs ali fora, mas ainda há muita luta pela frente. Percebo queimaduras nos meus braços e peito, que curo depressa. Nove e Marina também precisam se curar entre um ataque e outro. Cinco é o único com cara de quem ficaria feliz em passar o resto da noite eliminando mogs nascidos artificialmente. É hora de acabar com isso.

Marina, falo com ela por telepatia. *Crie um iglu.*

A reação vem de imediato. Ela cria uma cúpula de gelo sobre si mesma e Nove, espessa e resistente. Assim que termina, acerto a estrutura com a visão de pedra, transformando-a de gelo em granito maciço. Em seguida, corro, me juntando a eles sob o iglu. BK também se une a nós. Cinco vê o que estamos fazendo e resmunga, com deboche. Em vez de mergulhar para dentro

conosco, ele voa para longe da batalha. Mogs correm em nossa direção, mas Marina e eu logo selamos a entrada.

— Curti o bunker — comenta Nove no escuro.

Abrir fogo, digo a Ella.

Nós quatro nos agrupamos sob o iglu de pedra enquanto nossa nave de guerra bombardeia os mogs que nos cercam. O chão treme, e o ar fica tão quente que Marina tem que começar a gerar um campo de ar frio para não fritarmos. Surgem algumas rachaduras na estrutura improvisada e pedaços do iglu caem em nossos cabelos; mas eu logo o selo de novo com a visão de pedra.

A ação dura apenas cerca de trinta segundos.

Quando o tiroteio para, Nove acerta a cobertura de pedra com telecinesia. Lá fora, o chão está todo queimado. Uma poeira espessa paira no ar, e pedaços retorcidos de armas derretidas cobrem o chão.

A entrada da base da montanha está liberada.

Cinco volta para o chão.

— Não havia muitos lá dentro — conta ele, com um sorriso insano. — Entraram em pânico quando vocês derrubaram a *Anúbis* e saíram correndo para honrar seu Adorado Líder.

— Você o viu? — pergunto. — Algum sinal de Setrákus Ra?

Ele balança a cabeça.

— Deve estar se escondendo nos tonéis.

Paramos para recuperar o fôlego, em seguida entramos no complexo cavernoso. O lugar é exatamente como eu lembrava. As paredes são de pedras cinzentas e polidas, marcadas a cada seis metros, mais ou menos, por um condutor de energia ou uma lâmpada de halogênio. O ar é frio, o sistema de ventilação ligado com força total. À esquerda, há uma escadaria esculpida na rocha

que leva até onde acreditamos estar as salas de controle. À direita, um túnel desce, chegando mais fundo na montanha, até os tonéis.

Ele está lá à espera. Sei disso.

Alguns mogs nascidos artificialmente saem correndo do túnel. Retardatários que perderam a batalha de verdade. Eu os despacho com uma bola de fogo, nem um pouco preocupado.

Ainda nenhum sinal de Seis e Adam.

— O que estamos esperando? — resmunga Cinco.

Ele e Nove seguem adiante, rumo ao túnel, como se estivessem disputando quem chega lá primeiro. Marina e BK me acompanham, cada um de um lado.

Seis pediu para esperar um minuto, avisa a voz de Ella, entrando na minha mente.

Algum problema?, penso de volta.

Estou prestes a tentar contato telepático com Seis para descobrir o que a está atrasando, quando um grito de dor chama minha atenção mais à frente.

— Foi Nove — diz Marina, alarmada.

Descemos correndo o túnel que se estreita, com BK em nossos calcanhares. Nove e Cinco, ansiosos por mais combates e querendo se mostrar um para o outro, estão muito adiante. Enquanto corremos, o ar fica úmido e sufocante, carregado com um cheiro de carne podre coberta de gasolina.

Após correr pelo caminho estreito, Marina e eu saímos na cavernosa câmara central da base na montanha. Uma saliência rochosa se espirala para baixo ao longo das paredes, passando por dezenas de túneis, entrecortada aqui e ali por pontes de pedra em arco. Duas enormes colunas correm do chão ao teto. Na última vez em que vi este lugar, lembro que fervilhava de mogadorianos, a

estrutura lembrando uma colmeia e os mogs, zangões. Agora, o lugar está quase vazio.

A saliência termina cerca de oitocentos metros abaixo em um grande lago daquela gosma preta mogadoriana. Lembro que aquela coisa era verde e fedia a produtos químicos, mas isso foi antes de Setrákus Ra chegar à Terra e colocar suas experiências em prática. Há máquinas ali, projetando-se do lago de gosma como torres de petróleo. Mesmo daquela altura, vejo uma faísca azul de energia lórica borbulhar daquele grude de vez em quando e, com a mesma rapidez, se dissolver.

— Lá! — grita Marina, agarrando meu braço.

Nove está na saliência logo abaixo da nossa, com a mão no rosto. Pego Marina e nos levo voando até ele.

— A coisa surgiu do nada — rosna ele.

A lateral de seu rosto está queimada e rachada, como se tivesse sido salpicada por produtos químicos, e as mechas de cabelo desse lado da cabeça estão brancas. Depressa, Marina pressiona a mão na bochecha de Nove e começa a curá-lo.

— Onde...?

Não preciso terminar a pergunta. Eu os vejo cruzando o ar abaixo de onde estamos. Cinco faz loopings, esquivando-se de um mogadoriano nascido naturalmente, sem dúvida com Acréscimos, e que também pode voar. Ele lembra um fantasma, a forma irregular deixando rastros de sombras que saem da parte inferior do corpo.

Salto da saliência em que estamos e saio voando para ajudar Cinco. BK me segue, de volta à forma de grifo. Olho de relance por cima do ombro e vejo Nove, curado, correndo para baixo também, usando o Legado antigravidade para andar pelas paredes com Marina agarrada aos ombros.

Quando me aproximo, vejo melhor esse mog com Acréscimos. Ele não tem a parte inferior do corpo. Da cintura para baixo, é formado apenas por sombras semissólidas. Os membros sombrios ondulam para a frente e para trás como a cauda de um peixe, impulsionando-o pelo ar. Pior ainda, ele não tem mandíbula nem um bom pedaço da parte superior do tórax. Parece que está preso em um grito perpétuo, uma substância verde e ácida espumando da boca. Foi isso que queimou Nove e é o que está atormentando Cinco, o líquido passando até mesmo através da pele revestida de metal.

Essa aberração não me vê chegando. Está prestes a atacar Cinco outra vez quando o acerto entre as escápulas com os pés a toda velocidade. Eu a empurro uns sessenta metros para baixo, esmagando-a na saliência com um som repugnantemente úmido, e ela para de se mover.

Cinco aterrissa ao meu lado e, sem alarde, enfia a lâmina na parte de trás da cabeça do mog com Acréscimo já morto. Só para garantir, eu acho. Ele me olha e, pela primeira vez, vejo algo parecido com horror em seu olhar.

— Viu aquilo? — pergunta ele.

— Vi.

— Por quê...? — Cinco balança a cabeça. — Ele prometeu aos mogs, *ele me prometeu*, novos Legados. Quem iria querer ficar *assim*?

Balanço a cabeça e me aproximo de Cinco, tocando as partes corroídas dos seus braços e ombros para curá-las. Ele se encolhe por um instante, depois se acalma e me deixa terminar.

— Ele é louco, Cinco — declaro. — Você foi enganado por um louco.

— Ele tem que morrer.

— Enfim concordamos em alguma coisa — diz Nove, saltando da saliência acima da nossa.

Marina desce de suas costas e observa o mog morto.

— Isso é uma abominação — diz ela. — Ele distorceu o trabalho de Lorien para fazer algo... algo...

Perplexa, Marina leva uma das mãos à boca e se afasta. Ela entra no túnel mais próximo, onde imediatamente para.

— Ah... meu Deus.

Todos corremos até ela.

É o cheiro que me atinge primeiro. O odor podre, o cheiro de putrefação, ainda pior por causa do calor opressivo ali embaixo, já que estamos mais perto do tonel de gosma negra.

Vários corpos estão empilhados ali. Alguns têm o cabelo escuro e a pele pálida dos mogadorianos. Estão parcialmente desintegrados, deformados, os membros transformados em frágeis cascas empoeiradas. Outros com certeza são humanos. Parece que foram drenados, os corpos pálidos e enrugados, veias negras secas visíveis por baixo da pele. Parece que Setrákus Ra sugou a vitalidade deles. Um olhar mais atento revela que, apesar da aparência enrugada, os cadáveres humanos são todos de adolescentes.

Lembro-me de Lawson falando que os russos estavam entregando jovens suspeitos de serem Gardes aos mogadorianos, então me dou conta. São dos nossos. Os Gardes humanos dos países que se renderam e os que o pessoal de Setrákus rastreou. Ele extraiu a centelha lórica desses adolescentes.

Diante dessa visão, sem perceber, saco meu punhal Voron. Ele brilha com uma fraca energia vermelha. Ao vê-lo na minha mão, Nove dá um passo para trás.

— Cuidado com essa coisa, Johnny — diz ele em voz baixa.

A pilha de corpos deixou seus olhos cheios de lágrimas. Marina cobre o rosto. Cinco só encara.

Carreguei o punhal com Dreyne, sem nem mesmo perceber. Quando conversei com Ella, tinha medo de não conseguir usar meu Ximic para copiar esse poder, já que o acho tão abominável. Mas eu nunca quis tanto separar alguém de Lorien como quero separar Setrákus Ra.

Viro de costas para essa última atrocidade, e grito da beirada da saliência: — SETRÁKUS RA!

Há um estrondo no alto. Pó de rochas cai do teto. Parece que a própria terra se moveu. Não sei se foi por causa do meu grito ou de outra coisa.

E não me importo. Porque vejo movimento lá embaixo. No meio do lago de gosma mogadoriana.

Setrákus Ra emerge da lama oleosa, erguendo-se das profundezas. Os vermes de lodo não escorrem dele, mas deslizam para baixo da pele como se estivessem procurando abrigo. Ele veste a armadura mogadoriana vermelha e preta que já vi antes, ornamentada e vistosa, com uma capa preta ondulante presa aos ombros. Sua cabeça pálida e bulbosa está coberta por fios grossos de cabelo escuro. Isso é novo. Da mesma forma, suas feições não estão mais tão encovadas nem tão envelhecidas. Mesmo a cicatriz roxa em torno do pescoço começou a desvanecer. Ele está mais jovem, mais saudável do que jamais o vi. E flutua com as mãos estendidas para o lado como um santo deturpado.

Ele estica o pescoço para nos olhar e sorri.

— Sejam bem-vindos — diz. Percebendo em qual túnel estamos, baixa os olhos e franze a testa, com um ar ironicamente grave. — Por favor, não se ofendam com a visão de meus

experimentos fracassados. Eles não estavam preparados para meus presentes. Como todos vocês, não estavam prontos para o pro...

Chega desses malditos discursos.

Lanço uma bola de fogo nele. Não espero que o acerte; é mais para encobrir minha abordagem. Voo para a frente em um impulso, o mais rápido que posso. Atrás de mim, sinto os outros se lançando também. É isso.

Matar ou morrer.

Setrákus Ra levanta a mão e uma nuvem de lodo em forma de escudo se estende. Minha bola de fogo é absorvida. Não importa.

Aproveito que ele está distraído e arremesso meu punhal. Uso a telecinesia para aumentar a velocidade.

A lâmina se enterra no ombro dele, perfurando a armadura. Uma ferida que ele não será capaz de curar, graças ao Voron, e que o deixará sem Legados, graças ao meu Dreynten.

Só que parece fácil demais. Quase como se ele quisesse que eu o acertasse.

— Muito bom, John — elogia Setrákus Ra em tom presunçoso. — Você dominou o Dreynten. — Nada acontece. Ele ainda flutua. Ainda sorri. — Você me separou do pedaço de Lorien que ainda vivia em mim. Eu não serei capaz de tirar seus Legados — continua, em tom de conversa. — Não importa.

Setrákus Ra puxa a adaga do ombro e a atira de volta para mim. Voo para o lado e, atrás de mim, Nove pega a arma usando telecinesia.

— Já superei isso. Deixei os Legados para trás. Seus poderes derivam de um ser primitivo aleatório. Meus Acréscimos são escolha minha, não foram limitados por uma Entidade externa, apenas pela minha própria capacidade intelectual. Que, devo ressaltar, é impressionante.

A ferida em seu ombro não cicatriza, mas é preenchida pela gosma preta.

Mal tenho tempo para processar essa informação enquanto me lanço à frente, enfurecido. Se o Dreyneen não vai funcionar, existe outro método.

Força bruta.

Atinjo Setrákus Ra com o ombro. Ele mal se move. Depressa, acendo meu Lúmen, os punhos jorrando chamas flamejantes, e tento acertá-lo uma, duas, três vezes. Ele desvia a cabeça para o lado em todas elas, numa velocidade impossível.

Setrákus segura o golpe quando tento dar o próximo soco. Sinto cheiro de carne queimada quando a mão dele cobre a minha. Ele não parece notar.

— Depois de todos esses anos, você ainda não entendeu? — indaga Setrákus Ra, nós dois cara a cara.

Cinco se lança às costas de Setrákus e começa a apunhalá-lo. Enfia a lâmina na garganta dele, nas costas, no rosto.

Cada ferida logo é selada pela gosma negra.

O braço livre de Setrákus Ra gira cento e oitenta graus. Sua mão vira ao contrário como se as juntas fossem flexíveis e, sem se afastar de mim, agarra Cinco pelo pescoço. Ele segura nós dois.

— Vocês nunca conseguiriam ganhar — declara Setrákus Ra, concluindo seu pensamento. — Os Anciões enviaram todos para cá para morrer.

Então, ele esmaga minha mão. Sinto cada dedo quebrar, cada junta ser compactada. A dor é insuportável. Setrákus Ra me atira para longe com tanta força que perco o controle do voo. Por sorte, Nove salta no ar e me pega pela cintura. Da saliência, Marina cria uma banquisa sobre o lago de lodo, onde nós pousamos em segurança.

Nove olha para mim, os olhos arregalados.

— John... que poderes são aqueles?

Engulo em seco, tentando curar minha mão depressa, fazendo uma careta quando os ossos compactados voltam ao lugar.

— Não sei.

Enquanto isso, Setrákus Ra traz o braço de volta para a posição normal, ainda segurando Cinco pelo pescoço. Cinco desistiu de apunhalar o mogadoriano e está tentando desesperadamente soltar os dedos que o prendem.

— Você — diz Setrákus Ra. — Uma das minhas maiores decepções. O poder que eu teria lhe dado, rapaz...

Setrákus ergue a mão. A ponta dos dedos brilha, cada uma com uma garra afiada. Ele quer que a gente veja isso. Está brincando conosco.

Puxo Cinco com telecinesia. Sinto que Nove e Marina fazem o mesmo. Mas não somos fortes o suficiente para tirá-lo da mão de Setrákus Ra.

Ouvimos um ruído estridente emitido pelo metal, e Cinco começa a gritar. Setrákus Ra arrasta as garras pelo rosto dele, cortando a pele de aço como se fosse manteiga. Então a remove, como uma máscara, e joga o rosto de metal de lado.

Cinco não está mais gritando. Não sei se está consciente, ou mesmo vivo.

— Deixe-me mostrar o que você perdeu, traidor — diz Setrákus Ra.

Então seu braço se estica como se fosse de borracha, e ele mergulha o garoto no lodo mogadoriano. Cinco se debate, sua pele muda de consistência por um breve momento, assumindo a oleosidade do lodo. Enquanto observo, vejo parte da energia azul-clara ser sugada para fora de Cinco em direção à gosma.

Em alguns segundos, ele para de se mexer. Setrákus Ra deixa seu corpo afundar no lodo. Agarro meu tornozelo, mas não há uma nova cicatriz. Ou Cinco ainda está vivo, ou Setrákus Ra e o lodo retiraram toda a energia que lhe conferia seus Legados e o encantamento não o reconhece mais.

Uma única bolha chega à superfície do lodo, estoura, e em seguida o lago escuro volta a ficar parado. Ninguém conseguiria sobreviver a isso.

Setrákus Ra vira para nós. Sorri.

— Não era para vocês, crianças, viverem por tanto tempo. Uma discrepância que remediarei em breve.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

QUANDO CHEGAMOS À sala de controle da base, encontramos apenas seis mogs em um espaço que poderia acomodar cinco vezes esse número. Estão todos de olhos grudados em um painel de monitores na parede da caverna, nas telas que mostram o exterior da base. Nelas, o restante do nosso grupo está liquidando os mogs nascidos artificialmente que protegem a entrada da montanha.

Os mogs não nos veem entrar, já que eu e Adam estamos invisíveis. Aperto o braço dele, perguntando se está pronto para acabar com esse grupo. Ele responde com dois tapinhas lentos na minha mão. Um sinal para esperar.

Observando com mais atenção, percebo que todos esses mogs são nascidos naturalmente. Estão armados, mas não parecem nem um pouco ansiosos para sair correndo e entrar na briga.

Um mog do sexo masculino com um moicano ridículo diz algo em sua língua a uma mog com tranças longas. Ela responde com grosseria. Estão discutindo. Os outros se juntam.

De repente, o do moicano mira no rosto da mog de tranças. Ela o imita. Em uma questão de segundos, estão todos apontando as armas uns para os outros, ainda gritando palavras ásperas em mogadoriano.

É uma situação tensa que fico feliz em ativar.

Com telecinesia, aperto um dos gatilhos, depois outro. Os mogs fazem o resto, gritando de raiva e atirando entre si. Em alguns segundos, estão mortos. Partes do corpo de alguns deles começam a se desintegrar.

Solto o braço de Adam e ficamos visíveis. Ele infla as bochechas em um suspiro, olhando para os mogs mortos com decepção, e, em seguida, começa a procurar nos painéis de controle aquele que opera o campo de força da montanha.

— Por que eles estavam brigando? — pergunto.

Assim como aconteceu com os mogs há pouco, meus olhos são atraídos para a batalha se desenrolando nas telas.

— O de moicano queria saber como isso pôde acontecer. Por que o Adorado Líder permitiria a queda da *Anúbis*, por que deixaria os Gardes chegarem tão longe — explica Adam, em tom moroso. — A mulher disse que Setrákus Ra enlouqueceu, que os Acréscimos o perturbaram. Os outros a acusaram de blasfêmia e...

Ele gesticula com a mão, indicando que sei o resto.

— Ah — respondo, olhando para a mulher mog.

Ao contrário dos demais, ela não se desintegrou. Eu a cutuco com a ponta do pé e sua cabeça pende para o lado. Acho estranho quando eles morrem e os corpos ficam. Sinto algo que eu quase chamaria de culpa.

— Talvez devêssemos ter ajudado essa — acrescento.

Adam balança a cabeça.

— Ela tentaria nos matar.

— Rex não tentou.

— Se existem outros mogadorianos simpáticos à nossa causa, como Rex, não é no calor da batalha que vamos descobrir.

Adam encontra a interface certa e começa a apertar alguns botões. Um símbolo fica piscando na tela — um aviso em qualquer língua. Ele deixa escapar um som de irritação e digita outra sequência.

— Tenho que contornar um protocolo de segurança — explica. — Veja se há um cartão de acesso em um desses corpos.

Revisto os uniformes dos mogadorianos. No bolso da frente do primeiro mog que toco, encontro um cartão plástico, então sopro um pouco do pó

que há nele e o entrego a Adam.

— Ótimo — diz ele. Então insere o cartão de acesso, aciona uma alavanca, e segundos depois ouvimos um ruído elétrico alto. Adam vira para mim. — Os escudos foram desativados.

— Maravilha — respondo.

Sinto uma espécie de cócegas na mente, como se, por um instante, houvesse mais alguém ocupando espaço no meu cérebro. É Ella fazendo contato. Já deve ter relatado nosso progresso para John. Bato as mãos uma na outra.

— Vamos lá.

— Espera — diz Adam, com hesitação. — Há algo que eu preciso contar antes... antes que seja tarde demais.

Inclino a cabeça.

— Agora?

Adam confirma com a cabeça, os lábios contraídos.

— John me pediu para voltar à nave de guerra e destruir a montanha. Se vocês não matarem Setrákus Ra... ele quer que eu a destrua, mesmo que ainda estejam aqui.

Penso nisso por um instante.

— Tá, e daí?

— E daí? — indaga ele, incrédulo.

— É, e daí? Se não matarmos Setrákus Ra, devemos estar mortos mesmo — argumento, dando de ombros. — Faça o que ele pediu.

— E aquela história de sobreviver para lutar outro dia?

— Acho que nossos dias já se esgotaram, não concorda? Está na hora de acabarmos com isso, de uma forma ou de outra.

Se Adam ainda quer protestar, é interrompido por um clarão de luz nos monitores. Nós dois viramos e vemos nossa nave abrir fogo contra os mogs lá fora, John e os outros abrigados em segurança sob o que parece ser um casco de tartaruga feito de pedra.

— Eles entrarão em breve — digo. — Vamos descer para encontrar o...

Minha frase termina com uma tosse úmida. Olho para mim mesma, intrigada por uma súbita dor no peito.

Há um tentáculo afiado de gosma mogadoriana saindo de baixo do meu seio esquerdo. Entrou pelas costas, por entre as escápulas. Eu o sinto, coçando e ardendo dentro de mim. Atingiu um pulmão, eu acho. Minha respiração é ruidosa, e há sangue nos meus lábios.

— Ah... — É tudo o que consigo pensar em dizer.

— Seis! — grita Adam.

— Como eu esperava que fossem vocês dois... — diz uma voz familiar atrás de mim.

Viro a cabeça, já que não consigo mover o resto do corpo, empalado pelo tentáculo. Phiri Dun-Ra está na porta da sala de controle. Seu Acréscimo é como John descreveu: uma massa asquerosa de gosma negra serpenteante, ligada ao ombro dela no local onde deveria estar o braço.

Ela me matou. Não acredito.

Poeira é o primeiro a reagir. Ele se lança depressa para longe de Adam, ficando imenso em sua forma de lobo, o pelo cinzento se eriçando nas costas musculosas, os dentes rangendo. Acerta Phiri Dun-Ra com as gigantescas patas dianteiras, fazendo-a cair no chão. Ele avança com os dentes arreganhados em direção ao rosto de Phiri, mas ela inclina a cabeça para trás o suficiente para não ser mordida. Um dos tentáculos envolve o focinho de Poeira, amordaçando-o. Os outros começam a apunhalar o corpo. Ainda assim, o Chimæra luta, atacando-a com as garras e comprimindo-a com seu peso.

Por causa do ataque de Poeira, o tentáculo de Phiri se solta do meu corpo. Eu provavelmente cairia se Adam não estivesse ali para me pegar. Ele pressiona minha ferida, ajudando-me a recostar na parede. Meu sangue borbulha em sua mão, e vejo pelo pânico nos olhos dele que a ferida não parece nada bem.

— Seis, precisamos levá-la a Marina ou John...

Adam é interrompido por um grito e então algo pesado cai em cima de nós. É Poeira, lançado pelo apêndice doentio de Phiri Dun-Ra. O pelo dele está encharcado de sangue, e todo o corpo se encolhe rapidamente, cravejado pelos tentáculos de Phiri. Cambaleante, ele tenta se levantar, e quase consegue antes que as pernas cedam. Enquanto tomba de lado, seus olhos escuros encontram Adam. Poeira gane uma vez e, em seguida, fica imóvel.

Adam grita.

Só então Phiri Dun-Ra consegue ficar de pé, o rosto e o peito cobertos de marcas das garras do Chimaera. Adam pega sua arma e dispara, acertando uma vez no peito, mas os dois tiros seguintes são absorvidos pelos tentáculos. Ela se abaixa ao sair pela porta, correndo para se esconder.

Seis! É a voz de Ella na minha mente. *Estou mandando os outros para ajudar você!*

Não!, penso de volta, forçando-me a ficar de pé. *Nós cuidamos disso. Diga a eles para se concentrarem em Setrákus Ra.*

Mas...

Imagino Phiri Dun-Ra assumindo o controle dos meus Legados ou do de Adam, usando-os para atrasar os nossos amigos e aniquilá-los. Lembro-me das ordens secretas de John para Adam, que ele deveria destruir a base na montanha se alguma coisa desse errado. E me lembro de quando Ella saltou em uma torrente de energia lórica porque sabia que isso significava derrotar Setrákus Ra.

Prioridades. Sacrifícios.

Nós deteremos Phiri Dun-Ra. E garantiremos que nada os pegue de surpresa.

Eu me esforço para levantar, mesmo sendo difícil. Quando tento respirar fundo, a reação do meu corpo é preencher o peito com uma dor aguda.

Sinto uma pontada em todo o lado esquerdo do corpo. Mas ainda posso lutar.

Tenho que lutar.

Cubro a ferida com uma das mãos da melhor forma que posso e vou mancando atrás de Adam. Ele já saiu em disparada para o corredor, furioso, perseguindo Phiri Dun-Ra. Ouço mais alguns tiros. Phiri salta, seu tentáculo se prende a uma estalactite, e ela se ergue, desviando. Então se atira de volta na direção de Adam.

Phiri chuta a arma da mão dele. Antes que ela o corte com os tentáculos, eu a empurro usando telecinesia e a pressiono contra a parede. Mantenho-a presa lá, um peso telecinético contra seu peito. Os músculos do pescoço se retesam quando ela tenta se soltar, mas não consegue.

— Seis, você...

Adam parece surpreso ao me ver de pé, como se fosse me repreender por voltar à luta. Respiro ofegante, enquanto mantenho Phiri presa com a telecinesia, e sinto que estou prestes a vomitar. Eu me apoio na porta da sala de controle.

— Estou bem — digo, quase sem voz. — Acabe com ela.

Adam vira para Phiri, e, claro, ela começa a falar.

— Você não se sente mal por estar do lado perdedor da história, Sutekh? — pergunta, um tom agudo de desespero na voz.

— É isso que é vitória para você, Phiri? — retruca Adam em tom seco, pegando a arma.

Phiri continua berrando: — Quando estas batalhas forem colocadas no Grande Livro, você será uma daquelas histórias que servirão de lição sobre o que não se deve fazer, uma nota de rodapé sobre traidores, um...

— Cala a boca — digo.

Ela resiste à minha telecinesia, sem sucesso. Seu Acréscimo se contorce, inútil, debatendo-se na parede. Diferentemente do que aconteceu no México, Marina não está por perto para nos impedir de matar essa cretina.

Depois do que ela fez com John, com Poeira, com todos em Patience Creek, não acho que Marina faria qualquer objeção, mesmo que estivesse aqui.

O som de uma arma mog põe fim à argumentação de Phiri Dun-Ra.

Minhas costas ardem.

Phiri Dun-Ra ri.

Adam se vira, os olhos arregalados.

Olho para trás de mim. Vejo a mog de tranças, a que achamos que estava morta, meio sentada.

Ela acabou de atirar nas minhas costas.

Adam atira nela, arrancando sua cabeça.

Mas essa nova dor foi suficiente. Por um breve instante, deixo de me concentrar em Phiri Dun-Ra.

Seus tentáculos se soltam. Dois deles mergulham direto no abdômen de Adam, que se curva na mesma hora. O outro me procura, mas eu me jogo para trás, para a sala de controle, escapando. Apesar de toda a dor que sinto, tento agarrar Phiri Dun-Ra com a telecinesia.

Ela pisa com força no chão, e um tremor sísmico me lança para trás, me fazendo bater com força em um dos gabinetes de computador. Ouvimos um ruído abaixo de nós, como pedras se movimentando e se atritando umas contra as outras. Tusso sangue no chão instável.

Phiri Dun-Ra ri com alegria.

— Incrível! Eu não sabia se você teria uma faísca lórica para me alimentar, Adamus. Pensei que fosse só um dos primeiros com Acréscimos, uma experiência fracassada. — Phiri estala os lábios, como se estivesse tentando descobrir que gosto está sentindo. — Mas você é mesmo como eles! Ficará feliz em morrer sabendo que era especial? O pior dos dois mundos?

Adam pende dos tentáculos de Phiri. Vejo partículas de energia lórica cintilando através da massa oleosa, indo para ela. Tento me levantar, mas meus braços estão fracos.

Devagar, Adam levanta a cabeça, tirando o cabelo escuro dos olhos. Ele encara Phiri Dun-Ra.

— Eu *sou* como eles — diz, os dentes cerrados. — Mas também sou como *você*.

Ele mergulha as mãos no óleo negro dos tentáculos. Os dois arquejam — ela, em choque; ele, de dor — quando a lama se aglutina. Ele então puxa as mãos, e o lodo passa a se desprender do cotoco do ombro de Phiri e a se ligar a Adam. Deve reconhecer os genes mogadorianos. A substância doentia está emaranhada entre os dois. O fluxo de energia lórica de Adam em direção a Phiri é interrompido.

— O quê...? — começa ela, os olhos arregalados.

Adam pisa com força no chão. Um tremor violento se espalha a partir dele.

O estrondo é ensurdecedor. O chão da caverna se parte. Estalactites caem do alto. Um abismo se abre sob os dois mogadorianos. Phiri Dun-Ra tenta recuar, alcançar a borda com o braço, com os tentáculos. Mas Adam se segura a ela com firmeza.

Eles caem na escuridão.

— ADAM! — grito.

Apesar da dor lancinante no peito, mergulho até a borda do buraco recém-aberto. Tento alcançá-lo com telecinesia.

Tarde demais. Não há nada além de sombras lá embaixo.

Ele se foi.

— Adam... — repito, as mãos pendendo sem forças no abismo, o sangue se acumulando nas rochas abaixo de mim.

CAPÍTULO

VINTE E NOVE

TUDO.

Tudo o que tenho, lanço para cima dele.

Primeiro, meu Lúmen. Meu Legado mais antigo e confiável. Voo da banquisa que Marina formou, deixo Nove para trás e acerto Setrákus Ra com duas torrentes gêmeas de fogo. A capa estúpida se incendeia, a armadura fica incandescente. Vejo a pele pálida ficar empolada e se queimar, descascar e, num piscar de olhos, voltar a ficar lisa pelo poder das artérias de lodo que circulam através de seu corpo.

Ele nem sequer parece incomodado com o ataque. É como se não sentisse dor. Simplesmente flutua acima do lago de lama negra, me encarando, um irritante ar risonho no rosto.

— Isso é o melhor que você pode fazer? — pergunta.

Setrákus Ra voa na minha direção a uma velocidade que eu não poderia reproduzir e me dá um soco no peito. Dos nós de seus dedos saem espinhos que não estavam ali um segundo atrás, e ouço minhas costelas serem trituradas. Sou jogado para trás em direção às rochas que se destacam da beira do tonel, derrapando nos cotovelos até parar. Logo começo a curar minhas costelas quebradas.

Preciso continuar me curando tão rápido quanto ele pode me ferir e espero descobrir uma maneira de sobreviver aos seus ataques.

Com um rugido, Bernie Kosar voa em direção a Setrákus Ra. Em sua forma de grifo, ele é um oponente formidável, mesmo levando em conta a supervelocidade de Setrákus. Talvez uma boa mordida faça a diferença.

Mas BK não chega nele.

Setrákus Ra levanta a mão e o lodo salta em torno de BK, formando uma gaiola, como algo de um zoológico, as barras formadas por seções espessas de óleo. Retalhando e mordendo, BK não consegue se soltar. Pouco a pouco, a gaiola se contrai ao redor dele, forçando-o a se transformar em animais cada vez menores ou ser esmagado.

— Nunca cheguei a terminar meu trabalho com os Chimæra — pondera Setrákus Ra, observando a lama engolir BK. — Obrigado por me trazer um.

A gaiola para de se comprimir quando BK está reduzido à forma de beagle. O Chimæra tenta se encolher e se esgueirar por entre as barras, mas a estrutura se sela como um casulo. Não o vejo mais. BK flutua numa bolha sólida de lodo acima da superfície do lago.

Parece que Setrákus Ra não planeja matá-lo de imediato.

Não posso dizer o mesmo sobre o restante de nós.

Enquanto tento ficar de pé, Setrákus Ra aterrissa a alguns metros de distância. Ele estende as mãos como um santo em um vitral. Meus lábios se curvam de desgosto.

— Como insetos encarando um gigante — declama ele —, vocês, crianças, tremem diante de um deus.

— Você não é nenhum deus — respondo, atirando uma bola de fogo que ele absorve.

Setrákus bufa.

— Vocês, loriens, tão devotos, até mesmo no fim. Aquela coisa que adoram, a Entidade que agora se esconde debaixo da terra, não é nada além de um recurso. Como o minério, como a água. Oram para um rio enquanto eu crio represas. Contam com os caprichos da natureza, enquanto meu intelecto molda galáxias. Não veem o que meu trabalho, meu progresso, tem o poder de criar?

— Vejo um velho cretino e solitário morando numa merda de caverna! — grita Nove, se lançando pela lateral.

Ele tenta acertar um golpe violento, mas Setrákus Ra se abaixa sem dificuldades para evitá-lo. Enquanto Nove tenta recuperar o equilíbrio, Setrákus o agarra pelo cabelo e o puxa para trás. A mão de Setrákus Ra de repente fica achatada, a beirada reluzente como uma espada. Sua mão avança com força para cortar o pescoço de Nove.

Puxo Nove em minha direção com telecinesia antes que Setrákus Ra corte sua cabeça. O mogadoriano fica com um punhado do cabelo de Nove na mão.

A velocidade. A invulnerabilidade. Moldar o corpo em qualquer forma doentia que possa imaginar. É loucura pensar que um dia já fiquei intimidado por Setrákus Ra quando tudo o que ele podia fazer era mudar de tamanho e tirar nossos Legados.

Este monstro diante de mim é muito pior.

— Alguma ideia? — pergunta Nove.

— Vamos investir pelos lados — respondo, e nos separamos.

Nove segura meu punhal.

— Posso?

— Por favor.

Estamos tentando demonstrar confiança, mas vejo que Nove ficou abalado diante da exibição de poder. Estamos em apuros.

Com um sorriso cruel, Setrákus Ra começa a avançar sobre nós. Antes que chegue muito perto, é atingido por uma saraivada de sincelos vindo da saliência acima. Ele parece uma almofada de alfinetes, os fragmentos de gelo fincados em suas costas de cima a baixo.

— Tudo o que você criou foi dor e sofrimento! — grita Marina.
— Todos aqueles corpos lá em cima! Para quê? Para você desenvolver esses poderes hediondos?

Setrákus Ra ri.

— Ah, não, minha cara. Lorien é mesquinha com seus dons. As faíscas lamentáveis que se escondem dentro de vocês são meras gotas no balde. Precisei ir à fonte para criar o que você vê aqui embaixo. — Ele passa a mão de forma vaidosa no próprio rosto. — Drenar aqueles outros foi só uma experiência para um dos meus novos Acréscimos. Eles morreram a serviço do glorioso progresso.

— Você é louco! — rebate Marina. — Apesar de toda a sua suposta genialidade, nunca criou nada tão bonito quanto Lorien conseguiu!

Uma súbita onda de calor irradia de Setrákus Ra, e o gelo preso a ele derrete. Então, ele vira para encarar Marina, a aparência se modificando. A pele escurece até um tom de caramelo, e da cabeça brotam fios de cabelo escuros e encaracolados.

— Tem certeza? — pergunta.

Seu rosto, sua voz... Setrákus assumiu a forma de Oito.

Marina recua horrorizada quando ele flutua até ela.

— Eu não prometi reuni-la ao seu amor? — indaga o líder mogadoriano, os olhos cheios de uma malícia que Oito jamais teve. — Ainda pode acontecer, querida Marina...

Usando a visão de pedra, cubro a metade inferior dele com granito maciço e o conecto ao chão da caverna, fazendo de

Setrákus Ra uma estalagmite que se ergue das rochas. Ele olha para si mesmo — a aparência de Oito deixada de lado, dando lugar à sua versão mais jovem de novo — e faz uma careta.

— Primitivo — rosna.

Primitivo ou não, isso o atrasa. Nove ataca, corre até a rocha que formei e golpeia Setrákus Ra com o punhal Voron. Preso, Setrákus não pode desviar, e Nove rasga um pedaço enorme do seu rosto. Por um instante, penso ter visto sangue. Mas então a lama mogadoriana preenche a ferida, e o rosto volta ao normal.

Ainda assim, ele foi lesado. É possível feri-lo.

Quando Nove vai golpeá-lo outra vez, faço força com telecinesia. Coloco pressão sobre a armadura de Setrákus Ra, compactando-a, na esperança de comprimi-lo. Sinto a força de Marina me ajudando, e logo estamos amassando a armadura como se fosse uma lata.

Urrando, Setrákus Ra arranca a armadura e a joga de lado. Está de peito nu. Logo acima do coração, no local em que Seis o empalou, há uma massa pulsante da gosma negra. Está concentrada lá, grossa, como uma aranha no centro da teia.

O material não está tão concentrado assim em nenhuma outra parte do corpo. Deve ser de onde ele está extraindo todo esse poder.

Nove! Em vez de falar, uso telepatia. Não quero que Setrákus Ra saiba o que descobri. *Acerta o coração dele!*

Dã, pensa ele de volta.

Setrákus Ra se liberta das rochas que construí em torno de suas pernas como se não passassem de pedrinhas. Na mesma hora, ativo minha visão de pedra e volto a prendê-lo. Ao mesmo tempo, Marina o ataca com outro bombardeio de gelo. Ele atira os sincelos longe, rosnando, distraído.

— Estou perdendo a paciência.

E então Nove parte para cima dele, saltando e atacando-o com o punhal Voron, com toda a sua força.

Acerta bem no coração.

Nove enterra a lâmina até o cabo. A ponta sai pelas costas.

Setrákus Ra olha para a arma.

E sorri.

— Por acaso isso é uma historinha de criança? — pergunta ele, parecendo achar graça. — Passei séculos aperfeiçoando meu trabalho. E vocês acham... o quê? Que existe um ponto fraco?

Ele respira fundo e a lâmina, junto com a mão de Nove, ainda ligada à arma, é sugada para a massa escura no peito. Setrákus Ra olha para Marina.

— Eis uma demonstração.

Nove grita. Seu braço primeiro fica azul, como se a circulação tivesse sido interrompida, em seguida, cinza e murcho e, por fim, tão negro quanto o lodo. Os músculos derretem, a pele se solta dos ossos. É como acompanhar um vídeo acelerado do braço se decompondo.

Setrákus Ra mais uma vez se solta da pedra que criei em torno de suas pernas e faz Nove voar para trás, chutando-o no peito.

O braço dele fica com Setrákus Ra. O membro pende do peito dele por um instante, e então é como se a gosma começasse a digeri-lo. Quando o processo termina, o braço foi absorvido por completo. Nove está caído no chão, apertando o espaço vazio onde o braço ficava. Marina salta para baixo, de olhos arregalados.

— AimeuDeus, aimeuDeus — murmura ela, tateando o ombro de Nove.

Não há sangue; a carne está seca e morta. Ainda assim, ela ativa o Legado de cura e tenta... alguma coisa.

Setrákus Ra avança sobre eles, umedecendo os lábios.

Eu me lanço para a frente voando — visão de pedra, bombardeio de gelo, rajada de fogo — para tentar atrasá-lo.

Não sou forte o suficiente.

Ele agarra minha cabeça, espalma a mão no meu rosto e me atira no chão de pedra.

— Você será o último, Pittacus.

O sangue flui para meus olhos. Zonzo, confuso, eu me esforço para ficar de joelhos enquanto Setrákus Ra avança em direção aos meus amigos.

Não podemos vencer.

Marina ergue as mãos e uma parede de gelo protege os dois. O mogadoriano suspira, irritado, e dá um soco, rompendo-a.

Enquanto isso, tento entrar em contato com alguém por telepatia. Procuo a mente de Adam. No calor da batalha, ainda não tinha raciocinado que Seis não apareceu. Tenho a breve esperança de que talvez ela tenha voltado para a nave com Adam por algum motivo.

Nada. Não encontro a mente de Adam.

Nem a de Seis.

Frações de segundo se passam na telepatia, mas parece que procuro há uma eternidade. Por fim, faço contato com Ella, ainda flutuando na nave acima da montanha. A ansiedade que irradia de sua mente é palpável assim que nos conectamos. Minhas perguntas são respondidas antes mesmo que eu as faça.

Adam... Adam caiu em um abismo com Phiri Dun-Ra, conta Ella. E Seis... está muito ferida. Acho que está inconsciente.

Droga.

Mudo da mente de Ella para a de Sam. Eu o sinto lá em cima, andando de um lado para outro, observando a entrada escura da

base mogadoriana através das janelas da nave.

Sam. Faço um esforço para manter os pensamentos calmos e controlados. Como se meus amigos não estivessem morrendo. Como se eu não estivesse perdendo a guerra.

Preciso que faça uma coisa para mim.

John? Sua mente quase salta em direção à minha. A nossa conversa inteira acontece no intervalo de uma de suas passadas nervosas, o pé pairando acima do piso da ponte. *O que está acontecendo? Ella não conta nada.*

Preciso que faça uma coisa para mim.

Qualquer coisa!

Use seu Legado. Ordene à nave que destrua a montanha.

... O quê?

Algumas imagens passam pela mente de Sam. Eu e ele andando pelos corredores da Paradise High School. Nove dando-lhe uma gravata, de brincadeira. E, a mais forte, ele e Seis de pé em um mirante incrível em algum lugar, olhando para um oceano cristalino.

É a única maneira de detê-lo, Sam. Ele é forte, mas podemos prendê-lo aqui embaixo!

Não! Não vou fazer isso! Não enquanto vocês estiverem aí!

Toda essa troca telepática acontece na velocidade do pensamento enquanto me levanto e Setrákus Ra avança em direção a Marina e Nove. Mas estou ficando sem tempo... ele está lá; eu preciso agir.

— Levanta, Nove, vamos — implora Marina, ainda tentando curar a carne morta no ombro dele.

Mantendo Sam em minha mente, deixando-o ver o que eu vejo, voo até Setrákus Ra, esperando dar a Marina mais tempo.

Ele percebe o que vou fazer. Então me acerta com as costas da mão com uma força que quebra minha mandíbula, me atira de volta ao chão da caverna, e saio deslizando pelos cacos da parede de gelo de Marina.

Nove ainda está no chão, gemendo e tremendo, provavelmente em choque. Marina pressiona as mãos no que sobrou do braço dele. Mas nossos Legados de cura não fazem renascer membros. Não há nada que possamos fazer.

Setrákus Ra agarra Marina pelo cabelo e a ergue do chão. Ela se debate, raspando a mão pelo rosto dele, e atinge onde Nove o cortou com a lâmina Voron há apenas um minuto.

Setrákus Ra a solta, recua e leva a mão à face.

Essa parte do rosto se solta, o óleo negro que a mantinha unida recuando para dentro do corpo dele.

Marina e eu fazemos contato visual.

O que você fez? Meu pensamento alcança sua mente com urgência.

Cura!, responde ela. *Eu ainda estava usando minha cura!*

Lembro-me do que houve em Nova York, logo antes da invasão. O Secretário de Defesa Sanderson e a gosma negra correndo em suas veias. Levou um tempo e foi exaustivo, mas tirei aquela coisa do corpo dele usando a cura.

Podemos matar Setrákus Ra. Só precisamos fazê-lo voltar a ser loriense. Temos que expelir os Acréscimos e destruir o que restar do homem.

Marina já entendeu. Enquanto Setrákus Ra se recupera, ela corre para ele, a mão estendida em sua direção.

Setrákus desvia. Ele a pega pelo cotovelo e gira, torcendo o braço de Marina atrás das costas e deslocando seu ombro. Em seguida, corta o rosto dela com as garras, abrindo quatro rasgos

profundos em diagonal. Enquanto isso, seu próprio rosto hediondo já foi restaurado pelo lodo.

Voo em direção a Setrákus Ra antes que ele liquide Marina. Passo as pernas em volta do peito dele e agarro os dois lados de sua cabeça, bombeando tudo o que posso da minha energia de cura para ele. Ao mesmo tempo, reúno força para sairmos voando pela caverna, torcendo para que mantê-lo longe do tonel o enfraqueça ainda mais. Sinto os Acréscimos dentro dele, o óleo serpenteando em cada parte do corpo. Há menos homem que lodo dentro de Setrákus Ra. É como se eu estivesse tentando conter um maremoto.

Ainda assim, preciso tentar. É a única maneira de acabar com tudo isso.

Setrákus Ra grita enquanto forço sua cura. Mas logo começa a resistir. Ele morde meu ombro, a boca enorme, os dentes afiados, e arranca um pedaço de carne.

— John! — grita Marina.

Com o braço pendendo, o sangue escorrendo pelo rosto, ela corre para ajudar.

Espinhos de gosma endurecida se projetam do corpo de Setrákus Ra. Um perfura minha perna; outro, a lateral do meu corpo; outro, meu ombro. Não sei nem se ele está controlando isso ou se é uma reação provocada pela cura, como se o lodo estivesse tentando escapar. De um jeito ou de outro, estamos presos. Outro espinho quase acerta o olho de Marina antes que ela derrape e pare a alguns metros.

Redireciono parte da cura para minhas próprias feridas. Tento fechá-las tão rápido quanto Setrákus Ra as provoca, e ainda combato o mal que se espalhou por ele.

Enquanto meu Legado de cura extrai a substância do corpo de Setrákus Ra, o lodo se aglutina em torno de nós na forma de tentáculos que se debatem. Marina não consegue chegar mais perto.

— Vá embora! — grito para ela. — Pegue Nove e saiam daqui!

— Eu não vou deixar você!

— Seis está nas cavernas mais acima; ela precisa de cura — digo, rangendo os dentes para suportar a dor. — Por favor... *ugh*, por favor, Marina... VÁ!

Ela está com lágrimas nos olhos. É difícil vê-la através da gosma que se debate ao meu redor. Marina olha em dúvida para o caminho em espiral que leva de volta à superfície, em seguida para Nove.

Com um gemido, Nove toca a perna de Marina. Ele estremece.

— Como... como nós praticamos — pede ele em um delírio, transferindo seus Legados para ela.

Eu me lembro disso. O pique-bandeira em Chicago. A equipe de Nove venceu porque ele deu a Marina seu Legado antigravidade.

Ela segura Nove com o braço bom, também recebendo a força dele. Com um último olhar para mim, sobe depressa a parede, saltando pelas saliências rumo à superfície.

Por telepatia, Sam vê tudo isso. Ele sente o que estou sentindo. O fluxo e refluxo da dor, o dilaceramento do meu corpo.

Sam. Os outros estão saindo. Você pode fazer isso agora?

John...

Sua tristeza flui para mim, pior do que toda a dor.

Ele vai fazer. Eu sei que vai.

Desligo a telepatia. Concentro-me apenas na cura. Deixo toda a energia lórica armazenada em mim jorrar em cascata.

Imploro para que seja suficiente.

Estou cara a cara com Setrákus Ra. Nós dois presos um ao outro. Minha cura continua a se derramar para dentro dele e, a cada segundo, o rosto jovem vai se desfazendo, o óleo recuando. A pele pálida retorna, a careca bulbosa, o rosto encovado, a vívida cicatriz roxa. Ele faz sons guturais. Cospe na minha cara. Dá cabeçadas.

Em seus olhos negros, pela primeira vez, vejo hesitação.

— Eu vou matar você — rosna ele, o hálito quente e repugnante em meu rosto.

Sei que é verdade. Vou morrer ali embaixo, preso ao meu pior inimigo. Curando-o, mesmo enquanto ele me dilacera.

— Você... — Uma bolha de sangue sai da minha boca quando tento falar. — Vai morrer primeiro.

Um tentáculo de lodo, cortante e gelado, atravessa meu abdômen, me rasgando.

Impulsiono a energia quente de cura para dentro dele. Vejo seu rosto ficar pálido e enrugado. Um homem de séculos de idade.

A gosma se aglutina em torno das minhas pernas, esmagando-as, meus ossos estalando como galhos.

Mais cura. Um pouco para meu corpo — só o suficiente para que eu continue —, o resto para ele.

Um pedaço de lodo endurecido despenca dele e vira pó no chão da caverna. Setrákus Ra berra.

Ele rasga minha caixa torácica. Suas garras se afundam na minha carne até os ossos. Está tentando arrancar meu coração.

Agente firme, John.

Deixo Setrákus me cortar. Concentro-me no brilho quente. Eu poderia derreter nesse brilho...

— Você... acha mesmo que pode sobreviver a mim? — zomba ele.

Uma veia negra arrebenta em sua testa.

— Fiz isso todos estes anos, o que são mais alguns minutos?

— Você sempre foi um tolo, Pittacus.

— Eu não sou Pittacus Lore — digo entredentes. — Sou o Número Quatro. Aquele que vai matar você.

Um tremor. Todo o complexo da caverna treme. Pelo canto do olho, vejo um forte clarão de luz vermelha.

O bombardeio começou.

Obrigado, Sam.

Só preciso mantê-lo aqui. Enterrá-lo com todas as suas experiências horríveis.

O rosto horrendo e encarquilhado diante de mim solta um riso histérico.

Eu fecho os olhos.

Imagino Sarah. Ela segura uma câmera, tira uma foto e sorri para mim.

Deixo meus Legados jorrarem. Todos eles.

Até não restar mais nada.

CAPÍTULO

TRINTA

A CONSCIÊNCIA VOLTA aos poucos. O chão da caverna vibra sob meu rosto, um barulho mais alto que um trovão sacudindo todo o complexo. Eu fico perigosamente perto da beira do abismo em que Adam e Phiri caíram. Com um gemido, rolo para longe do buraco, de costas, e tento me sentar.

— Argh...

Sinto gosto de sangue na boca. A cada respiração parece que estou rolando sobre vidro quebrado. A montanha treme mais uma vez, e fragmentos de rocha caem do teto. Fecho os olhos para evitar os detritos. *Talvez seja melhor ficar um pouco mais de olhos fechados.*

Seis! Você precisa ficar acordada! Levanta!

Ella, sua voz entrando em meu cérebro como se através de um megafone, tão alto que faz minha cabeça doer.

— Vou levantar, vou levantar — respondo em voz alta, enquanto tento sentar. Dói me encurvar assim, e tenho que sufocar um grito. — O que está acontecendo?

Vamos derrubar a montanha, responde Ella. Sam está começando a destruí-la, mas não vamos acionar o canhão principal até vocês saírem.

— Acho que é melhor eu me levantar, então — falo grunhindo, e me esforço para ficar de pé.

Então Sam foi forçado a fazer o que cabia a Adam — se as coisas derem errado, exploda tudo. Adam... Não o peguei a tempo. Olho para o abismo, mas não vejo nada além de rochas pontudas e sombras. Mas algo na beirada chama minha atenção. Um rastro espesso de sangue que não estava lá antes se estende da sala de controle até o abismo.

O corpo de Poeira não está onde ele caiu. Será que o Chimæra ainda está vivo? Será que foi atrás de Adam?

Coloco as mãos em concha em volta da boca e grito para o abismo: — POEIRA? ADAM?

Nenhuma resposta. Os gritos me dão uma nova pontada de dor nos pulmões. Coloco as mãos no buraco no tórax e cambaleio para trás, apoiando-me na parede mais próxima.

Marina e Nove estão subindo, informa Ella. Vão se encontrar com você na entrada principal.

Consigo ir até lá... Eu acho.

Devagar, começo a percorrer os corredores sinuosos da caverna. Preciso recuperar o fôlego algumas vezes e sempre acabo engolindo um pouco de sangue. Olho por cima do ombro e percebo que também estou deixando um rastro vermelho. Eu me sinto um pouco zozna ao fazer isso, e meus olhos começam a se fechar.

Continue. Siga em frente. Está quase lá.

— Seis!

Chego aos tropeços à entrada principal ao mesmo tempo que Marina emerge da passagem estreita que leva ao interior do complexo. Nove está jogado por cima do ombro dela como um saco de batatas. Nunca soube que Marina era tão forte — Nove deve ter transferido seus Legados antes de apagar. Eu me encolho ao ver o estado dele: inconsciente, o rosto pálido, sem um dos braços. Tenho a impressão de que Marina ia estender o braço livre para mim, mas está deslocado, então ela acaba projetando o ombro desajeitadamente na minha direção.

— Onde estão John e Cinco? — pergunto a ela.

— Cinco... ninguém merecia morrer daquele jeito, Seis, nem mesmo ele.
— Marina balança a cabeça horrorizada ao dar a notícia, evitando me olhar nos olhos. — John ainda está lá embaixo, detendo Setrákus Ra até derrubarmos este lugar em cima deles.

Como se para enfatizar as palavras de Marina, outro tremor sacode a base da montanha. Deve ser Sam, demolindo aos poucos o covil mogadoriano.

Marina dá uma olhada no buraco em meu peito e sua boca se abre como se estivesse surpresa por eu ainda estar de pé.

— Consegue andar um pouco mais? Curo você assim que sairmos daqui.

— Não — respondo. — Me cure agora.

Ela olha para o teto.

— Mas...

— Ella, se você estiver me ouvindo, diga a Sam para parar com essa merda agora!

— Você não viu Setrákus Ra, o que ele se tornou — diz Marina, de olhos arregalados. — Seis, esta pode ser a única forma de detê-lo.

Quando Adam me contou sobre a ideia de pôr a montanha abaixo, eu concordei. Mas era para ser um último recurso, quando nenhum de nós estivesse mais de pé para enfrentar Setrákus Ra.

Bem, eu ainda estou de pé.

— Tô nem aí — respondo a Marina. — Não vou deixar John dar uma de mártir. Vou lá ajudar. Quando nós sairmos, podem derrubar esta montanha em cima do que quer que tenha restado de Setrákus Ra.

Essa última parte é mais para Ella que para Marina, porque tenho certeza de que estamos sendo ouvidas por telepatia. Quero que Ella diga isso a Sam.

Mantenham este lugar em pé. Só quero uma chance.

Marina me encara, e percebo que está tentando ver se enlouqueci. Em seguida, coloca Nove no chão com cuidado, o grandalhão gemendo em delírios, e pressiona a mão boa no meu peito. Quando sua energia fria de cura flui para mim, respiro fundo pela primeira vez desde que lutei com Phiri Dun-Ra.

— Eu deveria ir com você... — diz Marina.

O olhar dela corre em direção a Nove.

— Não, ele não parece bem — respondo. — Fique com Nove; cuide para que ele não morra. Ninguém mais morre hoje, está bem?

Marina termina de me curar. Ela pega minha mão.

— Tenha cuidado, Seis.

Sentindo-me revitalizada, corro na direção de onde Marina veio. Eu me lembro bem deste lugar... não faz muito tempo que escapei destas cavernas. Nunca pensei que um dia estaria correndo de volta para essas profundezas, ainda mais considerando que colocar esta montanha abaixo é uma alternativa viável.

Não vou deixar John morrer aqui. Ele acha que pode vencer a guerra sem o restante de nós, acha que deve suportar tudo isso para compensar o que aconteceu com Sarah.

Ele não precisa carregar o fardo sozinho.

Por isso, eu corro. Meus pés pisam com força no terreno irregular. Logo estou descendo a saliência em espiral, correndo rumo ao fundo. Vejo o repulsivo reservatório de gosma negra lá embaixo. Sei que é onde eles devem estar. Salto um pedaço de rocha caída no chão, desvio de uma estalactite que desmorona e, para poupar tempo, pulo da saliência para uma das estreitas pontes de pedra. A descida é vertiginosa, e meu coração bate acelerado.

Lá no fundo, desacelero e fico invisível. Paro assim que chego à beira do lago de gosma.

O óleo negro se espalha pelo chão de pedra, quase como se um balão cheio daquilo tivesse explodido. Alguns dos tentáculos se debatem como um peixe fora d'água. Mas a maior parte está seca e endurecida.

John está no epicentro de tudo. Parece que ele passou por um moedor de carne. Não há um centímetro do seu corpo que não esteja ensopado de sangue. A pele está cortada, mutilada; os ossos saem em alguns lugares. Acho que suas pernas e braços estão quebrados. Observo o peito por alguns segundos, na esperança de vê-lo subir e descer.

Não há movimento.

Lembro como ele era quando o rastreei em Paradise. Bonito e corajoso, tão ingênuo... Pronto para arriscar sua vida. Lembro-me de segurar sua mão — os dedos agora quebrados, todos cortados — e lembro que ele me reconfortou quando precisei.

E morreu sozinho ali.

Eu deveria gritar. Mas depois de todos esses anos, todas essas mortes, não sinto mais raiva e tristeza. Sinto uma fria determinação.

Vou acabar com isso.

Engulo a bile e volto a atenção para a outra forma no chão da caverna. Frágil e encarquilhado, um velho, a pele manchada em alguns pontos e, em outros, preta e endurecida como a gosma espalhada por todo o chão. Enquanto observo, essas seções escuras do corpo aos poucos se desintegram, desfazendo-se como cinzas na ponta de um cigarro. O velho deixa um rastro da substância fuliginosa enquanto se arrasta pelas rochas, aproximando-se do lago de lodo, a mão nodosa estendida.

A cicatriz roxa em torno do pescoço é inconfundível.

Setrákus Ra. Ainda vivo. Por pouco.

Centímetro a centímetro, ele se arrasta para o lodo.

Avanço. Com os olhos fixos em Setrákus Ra, não noto o punhal Voron que John fez até esbarrar com o pé nele. A lâmina faz barulho por ter sido chutada alguns centímetros à frente nas pedras.

Pego o punhal. Quando volto a olhá-lo, Setrákus Ra virou de lado. Seus olhos escuros correm à procura da fonte do ruído. Ele não tem mais nariz, apenas um buraco esquelético na frente do rosto, e sua boca não tem mais nenhum dente.

Ele está com medo.

Fico visível e olho em seus olhos.

— Olá, meu velho.

Ele deixa escapar um gemido baixo, vira sobre a barriga de novo e se arrasta mais depressa em direção ao óleo.

Eu o ultrapasso com facilidade e chuto a lateral de seu corpo, virando-o. Meu pé faz um buraco nele, como se eu tivesse chutado uma casca. Seu peito é esquelético, côncavo, com um espaço escurecido onde o coração deveria estar. Ele tenta, desajeitado, me acertar com as garras que se desintegram da mão. Empurro-a e me agacho por cima de Setrákus, enfiando o joelho em sua barriga.

— Em poucos minutos, este lugar vai desabar em cima do que restou de você — digo a ele, mantendo a voz fria e firme. — Quero que saiba que, depois disso, vou localizar e queimar cada cópia daquele seu maldito livro. Todo o seu trabalho, tudo o que você fez... está se desfazendo.

Ele tenta falar algo, mas não consegue. Enfio o joelho mais fundo.

— Olhe para mim — ordeno. — Isto é o progresso, cretino.

Corto a lateral de seu pescoço com o punhal Voron, bem na cicatriz. Setrákus Ra gorgoleja. Continuo a cortar.

Em seguida, solto o punhal e me levanto.

Seguro a cabeça de Setrákus Ra nas mãos.

Bastam alguns segundos até que comece a se desintegrar. Espero tudo desaparecer, os fragmentos do líder mogadoriano, o destruidor do meu planeta, assassino do meu povo, dos meus amigos, tremulando das pontas dos meus dedos como um confete escuro.

Limpo as mãos.

Então, ouço um ruído úmido atrás de mim. Viro e vejo uma bolha de gosma negra que pairava sobre o lago estourar. Bernie Kosar se liberta, sacudindo os pelos, e logo salta para o chão. Ele olha para mim e solta um ganido baixo e lamurioso.

Nós dois nos aproximamos de John. Ele está horrível, quase irreconhecível. BK se deita de bruços ao lado dele e empurra sua mão com o

focinho. Toco a testa de John, ajeitando uma mecha de cabelo louro, pegajosa de sangue.

— Seu imbecil — sussurro. — Acabou e você nem sequer sabe, seu maldito idiota.

John tosse, engasgando.

Pulo para trás, a princípio assustada, as lágrimas ardendo nos olhos. Com um ruído agudo, todo o corpo de John se arqueia. Ele convulsiona, tosse, treme nos meus braços. Eu aperto mais forte. Quando olho para baixo, vejo que seus ferimentos estão começando a cicatrizar. A regeneração é lenta, quase imperceptível em comparação à rapidez com que costumamos nos curar, mas está acontecendo.

Seus olhos estão fechados de tão inchados. Uma das mãos agarra meu braço, sem forças.

— Sarah...? — sussurra.

Eu o beijo. Apenas um selinho nos lábios, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Tenho certeza de que Sam não vai se importar. Considerando as circunstâncias, aposto que ele também o beijaria.

John abre um sorriso fraco, então fica inconsciente outra vez, a respiração irregular, mas constante.

BK assume a forma de grifo e, com muito cuidado, coloco John em suas costas. Subo atrás dele. Levantamos voo em direção à saída da caverna, deixando o odor fétido do mundo mogadoriano para trás.

— Ella! Pessoal! — digo para o ar, esperando que alguém esteja ouvindo por telepatia. — Estamos chegando.

Lá fora, começa a amanhecer.

UM ANO DEPOIS

— A SEGUIR EM *A invasão: uma retrospectiva*, entrevistaremos... ssshhh... os corajosos membros da Décima Primeira Brigada Real da Austrália... ssshhh... que realizaram uma incursão ousada a uma nave de guerra mogadoriana no Dia VH. Mas, primeiro... ssshhh... os lorienos? Deuses? Heróis? Imigrantes ilegais? Nossos... ssshhh... convidados discutem...

Desligo a televisão. De toda forma, a recepção é péssima aqui em cima. Agora que o barulho se foi, posso voltar todo o meu foco a esfregar. Minha mão está um pouco dolorida de tanto segurar a escova, esfregando-a pela parede de pedra. Seria mais fácil usar a telecinesia, mas gosto de trabalhar. É bom usar as mãos, esfregar as manchas de tinta antigas até descascarem, ou até meus braços estarem cansados demais para continuar.

Nessa parede havia uma pintura de Oito atravessado por uma espada. Mas já se apagou. Foi a primeira que limpei. A única profecia restante é a pintura da Terra dividida ao meio, uma parte viva e a outra morta, com duas naves se aproximando do planeta a partir de lados opostos. É essa que estou apagando.

Na verdade, eu meio que gosto desta, então a deixei por último. Minha interpretação é a de que o pintor não sabia quem iria vencer a guerra. Foi por isso que a deixou tão vaga. Mesmo assim, tem que ser apagada. Estou tentando não pensar tanto no passado.

Quero que este lugar tenha a ver com o futuro.

Então, continuo esfregando.

— Acho que já está limpa, John.

A voz de Ella me tira do transe. Não sei por quanto tempo fiquei esfregando a parede. Horas, talvez. Os músculos do meu braço estão dormentes. Devo estar polindo a pedra há algum tempo, pois a pintura foi toda apagada.

— Estava com a cabeça longe — digo, meio sem graça.

— É, estou sentada aqui há uns dez minutos.

Ella me rastreou alguns meses atrás e está por aqui desde então. Ainda não sei muito bem como fez isso. Acho que ser telepata deve ter ajudado.

Pensei que o Himalaia seria um bom lugar para me esconder por um tempo, para colocar a cabeça no lugar. Marina e Seis é que me falaram sobre esta caverna. Na época em que a fuga as levou à Índia, esta câmara de profecias desmoronou em um ataque mog. Cheguei pretendendo escavar e ver se poderia recuperar alguma coisa, mas aqueles caras dos Oito Nacionalistas de Vishnu foram mais rápidos. Ao que parece, a caverna é um lugar sagrado para eles. Já tinham começado a escavá-la e permitiram que eu me juntasse aos seus esforços sem fazer perguntas. Hoje em dia, eles protegem a área, mantêm os eventuais alpinistas afastados e costumam me deixar em paz. Talvez um deles tenha passado minha localização para Ella, mas duvido.

Olhando para ela, ainda noto algo um pouco sobrenatural. A centelha que brilhava em seus olhos se apagou, embora, banhada pela luz azul-cobalto da caverna, eu veja algo de Legado nas pupilas. Quem sabe ela tenha visto meu projeto em uma de suas visões e decidido vir ajudar.

Não me importo em ter companhia.

Ella amadureceu muito ao longo dos últimos meses e entrou naquela fase desajeitada da adolescência da qual não sinto nenhuma falta. Seu rosto está bronzeado pelo sol lá de fora; os

cabelos trançados, como o das locais. Ela vai à escola em uma pequena aldeia descendo a montanha, e os outros sete alunos da turma fingem que a garota não é nem um pouco diferente.

Ela se senta de pernas cruzadas na mesa maciça que instalei no centro da caverna — meu projeto —, pegando um fio da lona de algodão que usei para cobri-la.

— Quer dizer que as paredes estão limpas — comenta Ella.

— É.

— Agora você não tem mais motivo para continuar adiando.

Desvio o olhar. Ela tem me amolado quase todos os dias para sair e encontrar os outros. Sempre pretendi fazer isso — o trabalho aqui em cima não é só para meu aproveitamento. Mas acho que parte de mim começou a gostar da solidão e do sentimento de estar enraizado nos Himalaias. Quando foi a última vez que fiquei em um só lugar sem ter que olhar toda hora por cima do ombro?

Além disso, estou um pouco nervoso com a ideia de rastrear todo mundo. Muita coisa pode mudar em um ano.

De trás de si, Ella pega a caixa de charutos na qual guardei a outra parte do meu projeto. Então a estende para mim.

— Tomei a liberdade de pegar isto para você — conta ela. — Pode partir agora mesmo.

Estreito os olhos.

— Eu gostaria que você não mexesse nas minhas coisas.

— Ah, deixa disso, John. Somos telepatas. Você sabe que os limites são difíceis.

Pego a caixa das mãos dela.

— Você só quer ver Nove outra vez.

Ella arregala os olhos.

— Ei! Quem anda bisbilhotando mesmo?

Mas ela está certa. Chegou a hora. Não dá mais para adiar.

Fora da caverna, há um pouco de neve na montanha. Desço correndo o caminho de pedras em direção ao dia ensolarado, sentindo o calor aumentar à medida que a altitude vai diminuindo. O ar é limpo e revigorante, e eu respiro fundo, querendo senti-lo, ou talvez querendo enrolar um pouco. Paro por um instante antes de alcançar o pequeno acampamento que abriga um grupo rotativo de soldados dos Oito Nacionalistas de Vishnu. Um deles me vê e acena. Retribuo o cumprimento.

Respiro fundo outra vez. Vou sentir falta da solidão.

Então, salto no ar.

Já faz algum tempo que não voo. Mesmo estando um pouco enferrujado, ainda estou melhor nisso do que há um ano. Enquanto voo através das nuvens, sentindo na pele a umidade fria, tenho que resistir ao impulso de gritar de alegria. É bom estar aqui fora; é bom exercitar meus Legados de um jeito que já não faço há algum tempo.

É uma sensação boa voar rumo a um encontro que não será mortal.

Bem, pelo menos espero que não.

É claro que, assim que penso isso, duas patas gigantes me atingem bem entre as escápulas e me lançam rodopiando em direção à Terra.

Grito quando me endireito. Assim que passo a flutuar em segurança, o grifo me ataca de novo. Eu me esquivo por entre as nuvens, evitando seu bico, suas garras... e rio o tempo todo.

— Desculpa por não ter me despedido de você! — grito para BK. — Você estava tomando sol em algum lugar, seu vira-lata preguiçoso!

O Chimæra parece aceitar meu pedido de desculpas, porque, em vez de partir para outro ataque, começa a voar a meu lado. Eu

me seguro sob uma das enormes asas do meu velho amigo e deixo que me leve por um tempo, rindo e acariciando seu pelo. Antes de deixarmos o espaço aéreo da Índia, BK se solta, dá um grito amigável e retorna.

— Voltarei para casa em breve, BK! — berro em meio ao vento.

Coloco os braços ao lado do corpo, mantenho as pernas fechadas, o queixo pressionado no peito. É minha postura mais aerodinâmica. Fico invisível e sigo em frente, minha mente se esvaziando, o mesmo que aconteceu enquanto eu esfregava as paredes da caverna. Acho que me tornei o tipo de cara que medita.

Será um longo voo.



Estão construindo a Academia em um trecho isolado de floresta do outro lado da baía de São Francisco. Enquanto desço, vejo a ponte Golden Gate e a cidade depois dela. Lá embaixo, dormitórios recém-construídos e salas de conferências se erguem em meio à mata, guindastes e caminhões de cimento estacionados nas proximidades, onde o trabalho ainda não está concluído. É como uma escola particular pitoresca, se você ignorar o que se esconde no perímetro florestal: uma cerca eletrificada, arame farpado e soldados fortemente armados patrulhando a única saída da Academia.

Ao que parece, tudo isso é para manter os Gardes humanos em segurança. Eu me pergunto, no entanto, o que aconteceria se um deles decidisse que já estudou o bastante e quisesse passear fora do campus. Será que os soldados que patrulham o portão permitiriam?

Não penso nisso por muito tempo. Não é a razão para eu estar aqui.

Apesar de toda a segurança, a Academia não está preparada para homens voadores invisíveis. Aterrisso no campus sem ser detectado.

O lugar foi construído como parte da Declaração de Governança Garde, um conjunto de leis adotado pelas Nações Unidas após o Dia da Vitória da Humanidade. Adolescentes do mundo inteiro serão trazidos até aqui para aprender a controlar seus poderes e um dia trabalhar para o bem da humanidade. Existem outras leis também — coisas sobre os lorienos e os mogs, regras sobre quando os Legados podem ser usados, esse tipo de coisa.

Para ser sincero, eu não cheguei a ler.

O campus está quase deserto no momento. Pelo que ouvi falar, os únicos alunos treinando são aqueles que não têm para onde ir. Aqueles que perderam suas famílias durante a invasão. Os outros só virão daqui a alguns meses, quando o local for de fato aberto.

Na entrada, há um cartaz ampliado de uma imagem que circulou por toda parte durante os esforços de limpeza que se seguiram à invasão. Nele, a filha do presidente está de pé entre os escombros em Nova York, usando sua superforça para levantar uma pilha de detritos a fim de libertar em segurança uma mãe e seus dois filhos pequenos. Ao fundo, tremula uma bandeira americana glamorosamente esfarrapada. Os noticiários disseram que a família estava presa lá embaixo fazia uma semana, mas sempre achei que a coisa toda parecia encenada. Inspiradora, é claro. Mas encenada.

Na parte inferior do cartaz, o slogan diz: PACIFICADORES DA TERRA GARDE — VOCÊS SÃO O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO.

Ainda invisível, caminho pelos corredores da Academia. Não demora muito para eu ouvir barulhos de treinamento. Sigo nessa

direção, sabendo que é lá que ele estará.

Em um ginásio descomunal, um punhado de jovens pratica telecinesia entre si. Aos pares, atiram bolas de futebol para a frente e para trás sem usar as mãos, e, toda vez que soa um apito, acrescentam outra bola ao exercício. Quando a bola de uma dupla cai, eles deixam escapar um gemido coletivo e começam a correr em círculos pelo ginásio.

Nove observa tudo de uma plataforma no alto. Ele está vestido como um treinador de futebol — calça de moletom e agasalho com capuz. Uma das mangas está costurada por causa do braço ausente. O cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo. Pensei que talvez o governo o obrigasse a cortar, mas não tivemos essa sorte.

— Professor Nove, por quanto tempo temos que continuar fazendo isso? — queixa-se um dos alunos, e me esforço para conter o riso.

— Até eu me cansar de ver você errando, McCarthy — berra Nove em resposta.

Flutuo até a passarela e aterrisso suavemente ao lado dele. Ele sente o movimento e vira a cabeça bem quando me torno visível.

— Olha só esse vendido, trabalhando para o go...

Uuff!

Nove quase me derruba da passarela com seu abraço de um braço só. Quando ele termina de me sufocar, me afasta um pouco, me observando como eu fiz em segredo com ele.

— Johnny, o grande herói! Não acredito! — Nove balança a cabeça. — Você está aqui.

— Estou aqui.

Notando a falta de movimento dos garotos lá embaixo, Nove vira-se para eles. Seu grupo de Gardes órfãos parou de treinar para

olhar para a gente. Para mim, em particular.

— Estão olhando o quê? — grita ele. — De volta ao trabalho, seus vermes!

Relutantes, os jovens fazem o que ele ordena. Não consigo deixar de rir do controle que Nove tem sobre eles. Ele vira de volta para mim e aperta minha bochecha, onde percebo que tenho uma barba irregular crescendo. Já deve fazer alguns meses que não me barbeio.

— Essa penugem deveria servir de disfarce? — pergunta Nove. — Não está funcionando.

— Professor Nove, hein? — respondo, sorrindo.

— Pois é — diz ele, estufando o peito.

— Você nem terminou o ensino médio, cara.

— É um título honorário — responde ele com um sorriso diabólico. — Olha para você, com esse ar de eremita das montanhas. Por onde andou? Sabe, não foi legal você fugir de nós depois que o aleijado aqui passou uma semana cuidando de você.

Eu bufo, com deboche.

— Você não estava cuidando de mim. Estava deitado na cama ao lado.

— É, dando um apoio emocional importante.

Sei que Nove está brincando, mas há um pouco de verdade no que diz. Depois do que houve em West Virginia, assim que me senti bem o bastante, abandonei os outros. Esfrego a nuca.

— Eu me sinto mal por isso. Precisava colocar a cabeça no lugar depois...

— Ah, deixa disso — interrompe Nove, me dando tapinhas no ombro. — Você está de volta agora.

Ele aponta com a cabeça para os garotos lá embaixo, muitos dos quais ainda olham de relance para nós, prejudicando seus

lançamentos telecinéticos e, assim, tendo que dar várias voltas no ginásio.

— Quer dizer algumas palavras para a próxima geração? Eles iam adorar. São meus favoritos. Os mais problemáticos. Eles me fazem lembrar de nós.

Eu me afasto da grade da passarela e balanço a cabeça.

— Não estou pronto para algo assim — digo a ele. De trás de mim, tiro a pequena caixa que venho carregando desde o Himalaia. — Na verdade, vim aqui para lhe dar algo. Para Lexa também, se ela estiver por aí...

Nove levanta uma sobrancelha.

— Sim, vamos dar um oi para ela. Tem uma coisa que eu quero que você veja.

Nove dispensa a turma e me leva a um escritório no terceiro andar do prédio. O lugar dá vista para o enorme campus, ou vai dar, assim que as janelas forem colocadas — no momento, só há um monte de lonas azuis cobrindo os espaços abertos na parede. Lexa está sentada atrás de uma mesa, olhando para um computador com vários monitores. Como Nove, veste roupas casuais e parece à vontade. Ela abre um sorriso quando me reconhece e na mesma hora sai de trás das telas para me dar um abraço.

— Então, você também é professora? — pergunto a ela.

Lexa faz um som de deboche.

— Não, Nove tomou a dianteira. Estou de volta ao meu papel favorito: o de hacker benevolente. — Ela faz sinal para eu dar a volta na mesa. — Dá uma olhada.

De relance, é difícil absorver toda a informação que flui pelas telas de Lexa. Há mapas-múndi com pequenos pontos azuis, múltiplos *search-bots* vasculhando a Internet, fóruns *darknet* e

boxes de dados criptografados passando por processos que não entendo.

— Então, o que estou vendo?

— Estou de olho nos Gardes — explica ela. — Apagando informações que vêm a público. Mantendo suas famílias em sigilo. Mesmo quando estão sob a proteção da Academia, todo cuidado é pouco. Isso sem falar que alguns governos ainda não estão muito felizes com toda esta iniciativa.

— Isso é necessário?

— É melhor prevenir do que remediar — responde ela. — Lawson e o restante do pessoal Terra Garde têm sido bons conosco, mas...

— Mas aí aparecem umas merdas assim que fazem você ter dúvidas — se intromete Nove, me entregando um papel que parece ser do governo. Dou uma lida rápida.

Eu, abaixo assinado, afirmo que sou um ser humano nascido naturalmente na Terra e um cidadão cumpridor de leis de uma das nações da Terra Garde. Com minha assinatura, faço um juramento à Terra Garde, uma divisão plenamente sancionada de manutenção da paz criada pelas Nações Unidas e administrada pelos Estados Unidos. Juro solenemente defender o planeta e os interesses da minha nação e seus aliados contra todos os inimigos, terrestres e extraterrestres; ser leal à Terra Garde; só usar meus Legados a serviço do meu planeta; e obedecer às ordens do Alto Comando da Terra Garde, nomeado conjuntamente, de acordo com os regulamentos e com o Código Uniforme de Justiça Militar.

Olho para Nove, um pouco perplexo.

— Isso é legal?

— Eu não sei, John. Sou professor, não advogado.

— Lawson nos assegurou de que é só uma formalidade — afirma Lexa. — Mas estamos de olhos abertos, em todo caso.

— Bem, se algum dia parecer que não estão jogando limpo... — começo a dizer, em seguida mostro aos dois o que trouxe comigo.



Em Nova York, a reconstrução ainda está em andamento. Um ano se passou e eles ainda estão removendo os destroços do bombardeio mogadoriano. Nos lugares em que já terminaram a limpeza, equipes de construção se preparam para reconstruir a cidade. Um processo semelhante está acontecendo nas principais cidades do mundo. O Dia VH não passou sem danos ou vítimas.

Flutuo acima de um canteiro de obras, sorrindo ao notar um clarão familiar de energia prateada. Em uma cratera em que um dia haverá um arranha-céu, Daniela usa sua visão de pedra para reforçar uma parte rachada da fundação.

— Droga — resmungo um sujeito com capacete de segurança. — Se continuar fazendo isso, vou perder o emprego, gatinha.

— Não sou nenhuma gatinha, cara — responde Daniela, e abre caminho em meio a uma multidão de operários.

Pela forma como a observam se afastar dali toda confiante, enquanto sorriem e trocam olhares, acho que deve ser uma cena bem comum.

Daniela vai para a calçada, onde é abordada por uma mulher de meia-idade que anda com uma bengala. A senhora abraça Daniela, que se curva para acariciar o golden retriever que a mulher traz na coleira. A mulher parece familiar, e levo um minuto para descobrir por quê.

— Você esqueceu seu almoço, querida — diz ela.

— Obrigada, mãe — responde Daniela.



Nem toda cena que encontro na minha volta ao mundo é doce assim. Alguns finais não são tão felizes.

É noite, em Montreal, quando encontro Karen Walker. Ela caminha pelo estacionamento quase deserto de um aeroporto, o casaco grande bem fechado para protegê-la do ar frio da noite, um jornal debaixo do braço, os saltos fazendo barulho.

Há apenas uma outra pessoa no estacionamento — um homem pálido, de meia-idade, com o cabelo penteado para o lado a fim de disfarçar a calvície, arrastando uma pesada mala de rodinhas.

Um dos postes de iluminação do estacionamento está apagado, deixando uma pequena fileira de carros banhada pelas sombras. Quando o homem chega àquela seção, Walker grita para ele.

— Com licença! — chama ela, acenando com o jornal. — *Excusez-moi!* Você deixou cair seu jornal!

O homem se vira, intrigado.

— Hã? Isso não é...

Tift-tift.

Dois tiros da arma com silenciador escondida no jornal, um no peito e outro na cabeça. O homem não esperava. Ele cai, e Walker o pega de imediato. Ela começa a arrastar o corpo para o espaço escuro entre dois carros.

Eu a ajudo com telecinesia, aparecendo a alguns metros de distância. Ela leva um susto, aponta a arma para mim, em seguida a abaixa depressa e finge que não ficou surpresa.

— John.

— Karen. Espero que tenha uma boa razão para isso.

— Eu tenho — responde ela.

Walker abre a mala do morto e joga para o lado uma pilha de roupas. Revira as coisas dele até encontrar um exemplar da Bíblia

com a capa meio amassada. Quando abre o livro, revela que há um buraco aberto bem no meio, para esconder algo.

Ali há três frascos do óleo negro. Minha pele se arrepia ao ver.

— Quanto disso ainda há por aí? — pergunto.

— Não sei — diz Walker. — Mas, para mim, qualquer quantidade já é demais.

Walker pega um frasco no casaco. Pelo cheiro de ovo podre, acho que é ácido sulfúrico. Com cuidado, ela coloca um pouco em cada frasco mogadoriano, destruindo o conteúdo.

— Quem era esse homem? — pergunto.

— Só um nome em uma lista — responde ela, olhando nos meus olhos. — Uma lista bem longa. Sabe, uma ajuda seria bem-vinda.

Pego minha caixa de charutos e abro.

— Podemos falar sobre isso em breve.



Ver aquela gosma me faz reviver a última batalha com Setrákus Ra. Tudo o que aconteceu depois que fiquei preso com ele é como um sonho. Lembro que meu corpo estava todo quebrado, destruído, e me lembro de uma visão de Sarah, uma alucinação curvando-se para me beijar, para me fazer persistir.

Lembro-me de voar. Para o alto, para fora, deixando aquele calor para trás, escapando daquele cheiro de morte. Lembro-me do pelo macio de Bernie Kosar junto ao meu rosto abatido.

Lembro-me de ouvir alguém chorando, e me lembro de pararmos de repente, ainda na montanha. Lembro-me de abrir os olhos apenas o suficiente para ver uma criatura de pelo cinzento — parte lobo, mas com pernas de aranha, coberta de sangue seco, imóvel. Um Chimæra congelado em sua última forma.

E me lembro de Adam se aninhando em Poeira, chorando no pelo do seu pescoço.

— Ele me puxou... Ele me salvou... — disse Adam, delirante, para Seis, ele mesmo quase morto.

Em seguida, fechei os olhos por um bom tempo. Não podia suportar ver mais nada.

Só depois eu saberia o que aconteceu. Que Poeira mergulhou atrás de Adam, assumiu uma forma que lhe permitiria sair do abismo e o arrastou o máximo que pôde para tirá-lo das cavernas. Ele teve que morder Adam para carregá-lo até um lugar seguro, e, após sua morte, uma de suas presas ficou cravada no ombro dele.

Adam usa a presa em volta do pescoço, amarrada a uma corrente de couro. É um dos poucos confortos que lhe permitem, aqui no Alasca.

Quando o encontro, Adam está de pé na frente de uma pequena fogueira, as mãos enfiadas em um casaco puído de inverno. Está congelando. O cabelo escuro, maior do que antes, sai por baixo de uma touca de lã. Mesmo agasalhado, ele treme. A neve sopra. É o meio da tarde, e não há nenhuma luz do sol. Esta parte do Alasca — oitenta quilômetros ao norte da cidade mais próxima — não recebe muita luz nesta época do ano.

Este campo de prisioneiros foi especialmente construído pela ONU para receber os mogadorianos que se renderam. Os que foram capturados. Os mogs nascidos artificialmente lutaram até o fim; não sabiam o que mais fazer. Alguns dos nascidos naturalmente, no entanto, foram tomados por um instinto de autopreservação, ainda mais depois que Setrákus Ra foi morto.

Uma dúzia de barracos com aquecimento irregular, comida despejada de aviões que sobrevoam o local e nada mais. Uma aldeia de mogadorianos no meio do nada — vigiada por soldados da ONU em número nunca menor do que vinte vezes a quantidade de mogs sobreviventes. Há mísseis voltados para lá o

tempo todo. Drones projetados para suportar as intempéries voam no alto.

Falou-se sobre executar todos eles. Ainda se fala nisso, às vezes. Por enquanto, os mogs capturados vivem ali e esperam.

— Eu renuncio aos ensinamentos do Grande Mentiroso! — grita um mog com cicatrizes na cabeça calva, deixadas pelas tatuagens removidas.

Ele atira uma cópia do Grande Livro na fogueira, e um pequeno grupo de mogs, Adam e Rex entre eles, aproxima-se para abraçá-lo e parabenizá-lo.

Talvez haja esperança de reabilitação.

Outro grupo de mogs, bem maior, observa aqueles que queimam os livros. Não há nada além de malícia em seus olhos. Um deles se destaca. É uma garota de cabelos escuros, alguns anos mais jovem do que Adam, com as mesmas feições marcantes. Parece que o que essa garota e seu grupo mais querem é matar os seguidores de Adam, e, a julgar pelos arranhões e hematomas nos rostos de alguns dos que estão do lado do meu amigo, já houve tentativas.

Adam olha de volta para os mogs descontentes que o observam, o queixo erguido em desafio.

Uma sirene dispara. Um aviso de que os mogs precisam se dispersar. Uma das regras aqui é que eles não podem se reunir em grandes grupos.

Quando os mogs punidos começam a voltar para suas beliches, flutuo até Adam.

— Acho que não seria bom eu ser visto aqui, né? — sussurro para ele, sem ficar visível.

A sirene está alta o suficiente para encobrir minha voz.

Adam fica com o corpo tenso, cerra os punhos e, por um instante, acho que vai tentar me acertar. Ele está estressado e com medo de ser pego desprevenido.

— Calma — digo. — Sou eu.

Adam logo recupera a compostura. Ele se ajoelha na neve e finge amarrar a bota. Os outros mogs do grupo caminham cabisbaixos para o barraco, nos dando espaço para conversar.

— John — diz Adam em voz baixa, a sombra de um sorriso no rosto. — É bom ver... ou melhor, é bom ouvir sua voz.

Colo a mão no ombro de Adam sem deixá-lo invisível também. Acendo um pouco meu Lúmen, irradiando algum calor.

— Você vai me deixar mal-acostumado — comenta ele com um suspiro.

— Eu poderia tirar você daqui agora — fala. — Ninguém saberia.

— Meu povo notaria quando não houvesse ninguém aqui para defendê-lo — responde ele com tristeza. — Além disso, tecnicamente, posso sair a qualquer momento.

É verdade. Devido ao seu papel na luta contra a invasão mogadoriana, Adam recebeu o perdão do próprio general Lawson. Mas optou por não usá-lo. Quando os mogs capturados começaram a ser enviados para o Alasca, Adam estava esperando por eles.

— Vi uma garota no meio da multidão que se parecia com você — digo de um jeito meio tímido, sem saber se devia me intrometer.

— Minha irmã — responde Adam, em tom melancólico. — Ela amava o nosso pai. Acho que me odeia agora, mas talvez um dia...

— E sua mãe? — pergunto.

Adam balança a cabeça.

— Desapareceu. Talvez tenha morrido na invasão, talvez esteja escondida. Parte de mim espera que ela apareça aqui algum dia, e outra parte, que não.

— Você não quer que ela tenha que morar aqui — digo.

— Fico mais preocupado por não saber que lado ela escolheria — explica Adam. — É desolador, John, mas este é meu dever agora. Estou sendo mais útil aqui do que seria em qualquer outro lugar.

Tento digerir a informação. Odeio ver meu amigo ali, amontoado com o restante deles, então não quero concordar. Mas ele pode estar certo.

Pego a mão de Adam e coloco nela um objeto de minha caixa de madeira. Ele olha para baixo, assustado com o brilho azul-cobalto que irradia. Rapidamente, esconde o que lhe dei embaixo da camisa.

— Para quando você estiver pronto.



Já me desviei muito, visitando o Alasca antes de meu próximo destino. É a última parada na América do Norte. Eu já a adiei por muito tempo.

Não voltei a Paradise desde que Sam e eu entramos escondidos na cidade para procurar o abrigo secreto do pai dele. Quase fui morto naquela noite, mas tinha que tentar ver Sarah.

Começo a suar frio assim que a cidadezinha surge no meu campo de visão. Meus olhos são atraídos para a casa dos James. O telhado cedeu, as laterais ainda estão pretas e queimadas. Eles não a reconstruíram após o incêndio na festa de Mark, quando fui pego pulando da janela.

Nunca me dei bem com Mark. Nós nunca gostamos um do outro. Mas ele fez o máximo para nos ajudar e não merecia morrer

de uma forma tão horrível. Em todas as retrospectivas que mostram na televisão, ninguém fala de Mark James.

Acho que eu gostaria de encontrar o pai dele algum dia. Fiz uma pesquisa rápida na internet, mas só descobri que ele deixou o trabalho de xerife e foi embora de Paradise. Eu gostaria de contar o que aconteceu com Mark e o que fez por nós antes de morrer, mesmo que talvez ele não queira ouvir.

Há certas coisas para as quais não estou preparado. Essa é uma delas. A outra está aqui também.

Aterrisso no quintal da família Goode, feliz por ver Malcolm trabalhando no jardim. Levo um minuto para perceber por que o pedaço de terra que ele está cuidando parece tão estranho — é onde seu abrigo ficava. Parece que Malcolm e a Sra. Goode decidiram destruir o velho poço que levava até a câmara secreta. No solo fresco, plantaram flores de todas as cores imagináveis. Imagino que o corpo de Pittacus Lore ainda esteja enterrado lá embaixo, e creio que ele ficaria satisfeito em ter aquele lugar para seu repouso final.

Malcolm me dá um longo abraço quando o surpreendo. Meus olhos se enchem de lágrimas. É o lugar. Não posso deixar de pensar em tudo o que aconteceu aqui. Não posso deixar de imaginar, por apenas um segundo, que Malcolm é Henri.

Depois de receber o mesmo presente que dei aos outros, Malcolm tenta me fazer ficar para jantar.

— Não posso — digo a ele. — Ainda tenho muito a fazer.

Ele balança a cabeça, triste.

— Ainda salvando o mundo por aí, não é?

— Nada tão sério — respondo. — Vou visitar Sam.

— Diga para ele ligar para a mãe! — pede Malcolm, balançando a cabeça. — E diga que uma hora ele precisa voltar

para casa e terminar o ensino médio ou nunca vai entrar para uma boa faculdade. Um jovem não pode ficar de férias para sempre, não importa quantos planetas tenha ajudado a salvar.

Rindo, prometo dizer tudo isso a Sam. Então, saio voando do quintal de Malcolm, volto a ficar invisível e aterrisso algumas casas depois.

A casa de Sarah Hart.

Fico parado na calçada, sem me tornar visível, sem me mover. É exatamente como eu lembrava. Lembro que corria até a entrada e tocava a campainha, animado para vê-la, o coração acelerado. Ela me convidava para entrar, e sua casa tinha um cheiro incrível, como sempre, e nós...

Não há nenhum movimento pelas janelas. A casa está escura. Há uma placa de VENDE-SE no jardim.

Imaginei isso centenas de vezes ao longo do último ano. Que eu iria até ali e tocaria a campainha, como nos velhos tempos. Que veria os pais de Sarah e lhes diria como amava sua filha, quanto ela significava para mim, quanto ela representou para o mundo, mesmo que poucas pessoas soubessem, e como eu me arrependia por tê-la arrastado para tudo o que aconteceu. Eu diria que sinto falta dela todos os dias. E pediria o perdão deles.

Imaginei isso muitas vezes, mas não consigo fazer. Não posso subir aqueles degraus.

Estou com muito medo. Não quero olhar nos olhos deles. Não quero ver a dor que causei.

Talvez um dia eu esteja pronto.

Hoje, não.



De passeio pela Europa, Seis e Sam estão em Montenegro quando os encontro. Estão acampados em uma parte isolada da praia de Jaz. Mesmo à noite, a água é reluzente como cristal, as

elevações arroxeadas das colinas ao redor fazendo um contraste impressionante. Estou feliz por eles — a forma como viajam, quanta coisa já viram em um ano — e, ao mesmo tempo, meu coração dói porque não sou eu.

Na praia, encontro a fogueira e a barraca, mas não Seis ou Sam. Não, para isso preciso seguir a trilha de roupas em direção à água. Eu os vejo ao longe, silhuetas ao luar, entrelaçados na água.

Rio baixinho e desvio o olhar.

Não vou segurar vela, mesmo que sinta muita saudade deles. Também ainda não falei com Seis desde... bem, desde que ela salvou minha vida. Uma vida que eu estava mais do que disposto a jogar fora. Como com a família de Sarah, não sei bem o que dizer a ela. Por enquanto, é melhor não falar nada.

Da minha caixa de madeira, tiro dois pingentes. Foram esculpido em pedra de loralite que eu retirei da rocha principal, no Himalaia. Esculpido nos dois está o símbolo lórico de Unidade. Deixo os pingentes nos sacos de dormir e procuro um pedaço de papel para deixar um bilhete. Explico como os pingentes funcionam, que eles só precisam visualizar o Himalaia e serão levados até a câmara que montei, aquela de onde apaguei o passado e que preparei para o futuro.

Escrevo que espero vê-los em breve. E falo sério.



Marina é a mais difícil de encontrar. Se não fosse por seus telefonemas esporádicos para Ella ao longo dos últimos meses, eu poderia ter levado semanas para localizá-la. Quando eu perguntava sobre Marina, Ella sempre ficava quieta. E dizia que Marina não parecia ela mesma. Que parecia paranoica. Irritada.

Eu a encontro em uma lancha entre ilhas desertas no sul do Pacífico. Seu rosto está bronzeado; o cabelo ondulado, crespo pelo acúmulo de água salgada; e há olheiras profundas sob os olhos.

Tenho a sensação de que está sozinha há algum tempo — reconheço os sinais; já os vi em mim mesmo. Seus lábios se movem quando ela não está falando, as mãos tremem, os olhos nem sempre permanecem focados.

Fomos criados para a guerra, e agora... estamos livres. E cada um está lidando com isso de uma forma.

Quando apareço, ela não se assusta tanto quanto os outros.

— Você está mesmo aí, ou eu enlouqueci de vez? — pergunta ela.

— Estou aqui, Marina.

Ela abre aquele sorriso gentil e paciente. Fico feliz em vê-lo.

— Graças a Deus — diz ela. — Você apareceu em boa hora.

Não pergunto aonde estamos indo. Ela pilota o barco decidida, como se já tivesse feito aquela viagem antes. Eu me reclino e deixo a água que espirra fazer cócegas no meu rosto, sentindo o sol nos ombros e no pescoço.

Uma hora, Marina me entrega um telefone celular. Nossos dedos se tocam, e noto que ela está gelada.

— Vi isso na internet, e eu... não podia deixar pra lá — conta ela.

Ela dá play em um vídeo que baixou do YouTube. Claro que eu reconheço o lugar. É a montanha em West Virginia, ou o que sobrou dela: uma cratera cheia de escombros carbonizados, o resultado do nosso bombardeio àquele lugar hediondo. O vídeo foi feito uma semana depois da última batalha, quando várias agências governamentais começaram a examinar as ruínas.

Quando uma equipe afasta parte das rochas, algo os lança para trás. Um vulto sai voando dos detritos como um míssil e desaparece no céu. A câmera tenta segui-lo, mas não é rápida o bastante.

— Aquela quarta cicatriz nunca apareceu, John — fala Marina, a voz um pouco trêmula.

— Talvez o encantamento tenha sido quebrado — sugiro.

— Foi o que pensei por um tempo. Tentei me convencer... — Ela balança a cabeça. — Conheço os lugares de que ele gosta. Lembro quando... ele nos falou sobre si mesmo. Quentes e tropicais. Isolados.

— E?

— Eu o encontrei semana passada.

Marina desliga o motor do barco quando nos aproximamos de uma pequena ilha. É provável que em menos de uma hora dê para percorrer todo o perímetro. Só areias brancas e algumas palmeiras. Nós nos aproximamos, as ondas nos puxando para perto.

O cara que está na praia com uma vara de pescar de madeira nas mãos parece assustadoramente magro. De onde estamos, vejo o contorno das costelas e da coluna. Vejo a pele flácida dos braços e da barriga de quem perdeu peso muito rápido. Mais desconcertante do que isso são as manchas escuras na pele, como tumores, como obsidiana endurecida, que fazem do corpo uma colcha de retalhos. Talvez tenha sido o efeito de se afogar no lago de lodo de Setrákus Ra. Outra desfiguração permanente, além da falta do olho.

Com certeza é Cinco parado ali. É impossível que ele não tenha nos visto. Não há nenhum outro barco até onde a vista alcança. Ele deve ter nos ouvido chegar a quilômetros de distância.

— Quando o vi morrer, John, eu só pensava em como aquilo era horrível. Morrer daquela forma... — Marina começa, hesitante, olhando para Cinco além das águas rasas. — Mas também senti... e não tenho orgulho em admitir... também senti que houve justiça. Que ele tinha enfim recebido o que merecia.

Marina abraça a si mesma. Mesmo sob o sol, uma fina camada de gelo se forma em sua pele.

— Eu tenho orado, John. Tenho... tentado superar, como muitos dos outros já fizeram. Mas as mortes me assombram. Não só a de Oito, mas as de Sarah e Mark, de Adelina e Crayton, de todas aquelas pessoas que vimos na montanha, dos milhões de mortos nos bombardeios. E eu penso... como se pode apenas seguir em frente? Como? Se ainda existem pessoas como ele no mundo? Se não há *justiça*?

Engulo em seco.

— Eu não sei, Marina.

— Tenho vindo aqui há uma semana. Fico sentada observando. Ele sabe que estamos aqui, é óbvio, mesmo que não diga nada. É como... se ele estivesse me desafiando. Ou me pedindo. Ele quer que eu acabe com seu sofrimento.

Olhando para a água, Cinco parece mesmo estar bem mal. Deixado ali à própria sorte, não sei bem por quanto tempo mais ele vai durar.

— Você me disse, John, que caberia a mim o que aconteceria com ele. *Depois*, você disse. Mas não quero essa responsabilidade. Não quero continuar carregando esse fardo... ele, a guerra, tudo isso. É demais para suportar sozinha.

Abraço Marina. Ela está fria ao toque, então acendo meu Lúmen, neutralizando o frio. Ela chora, soluça, depois cobre a boca com a mão. Marina tenta se controlar, sabendo que Cinco talvez ouça.

— Vamos sair daqui — digo, pegando o último dos pingentes.
— Deixe-me levá-la para um lugar onde podemos descobrir o que fazer. Juntos.

Marina hesita, olhando para Cinco.

— E quanto a ele?

— Ele é um fantasma — respondo. — Nós, não.



Marina volta para o Himalaia comigo. Quando vê o que eu fiz com a caverna, com a caverna de Oito, ela passa as mãos pelos lugares onde as profecias estavam gravadas, sentindo como a pedra está lisa, pensando nas possibilidades de uma tela em branco. Por fim, se permite chorar.

Depois, Marina fica bem na minha frente. Estende os braços e segura meu rosto.

— Obrigada, John — diz, a voz calma.

As lágrimas ainda não secaram nas bochechas. Eu limpo uma delas.

Ela me beija. Eu não sei o que isso significa.

Talvez nada.

Marina fica vermelha, sorri para mim e se afasta devagar. Eu sorrio de volta. Aquela caverna no Himalaia de repente me parece bem mais confortável.

Talvez signifique algo.

No meio da caverna, puxo a lona para mostrar a Marina meu trabalho do último ano: uma mesa com base de pedra de loralite, esculpida de árvores que derrubei da encosta da montanha. É enorme e circular, e foi modelada a partir das minhas lembranças da mesa no centro do Conselho dos Anciões em Lorien. Como com os pingentes, usei meu Lúmen para gravar na madeira o símbolo lórico de Unidade.

Uma hora, os outros virão. Alguns apenas para uma visita, outros para uma estadia mais prolongada. Um dia, espero que este se torne um lugar onde grandes ideias serão trocadas. Um lugar mantido a salvo da corrupção e da mesquinha dos governos.

Onde a segurança da Terra e a felicidade do seu povo estejam asseguradas.

Este planeta ainda enfrentará ameaças — que exigirão uma frente unida de lorienos, humanos e até mesmo mogs. Nós nos reuniremos aqui para resolver esses problemas: nós, a Garde, nossos velhos aliados e alguns que ainda não conhecemos.

Nesse meio-tempo, temos muitas coisas para tentar entender, juntos e separados. Encontrar nossos lugares neste novo mundo, fazer as pazes com aqueles que ferimos, aproveitar nosso potencial ao máximo... essas são as coisas que me assustam de verdade.

Há uma diferença entre a mesa que eu construí e aquela usada pelos Anciões. Não esculpi nove espaços específicos na madeira. Não há um lugar para Lorigas ou Setrákus ou Pittacus. Não há sequer nove cadeiras. Haverá tantas quantas precisarmos; espaço mais do que suficiente. E, se ficar muito cheio, podemos nos espremer.

Estou farto de números.

SOBRE O AUTOR



© Howard Huang

Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorientos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br